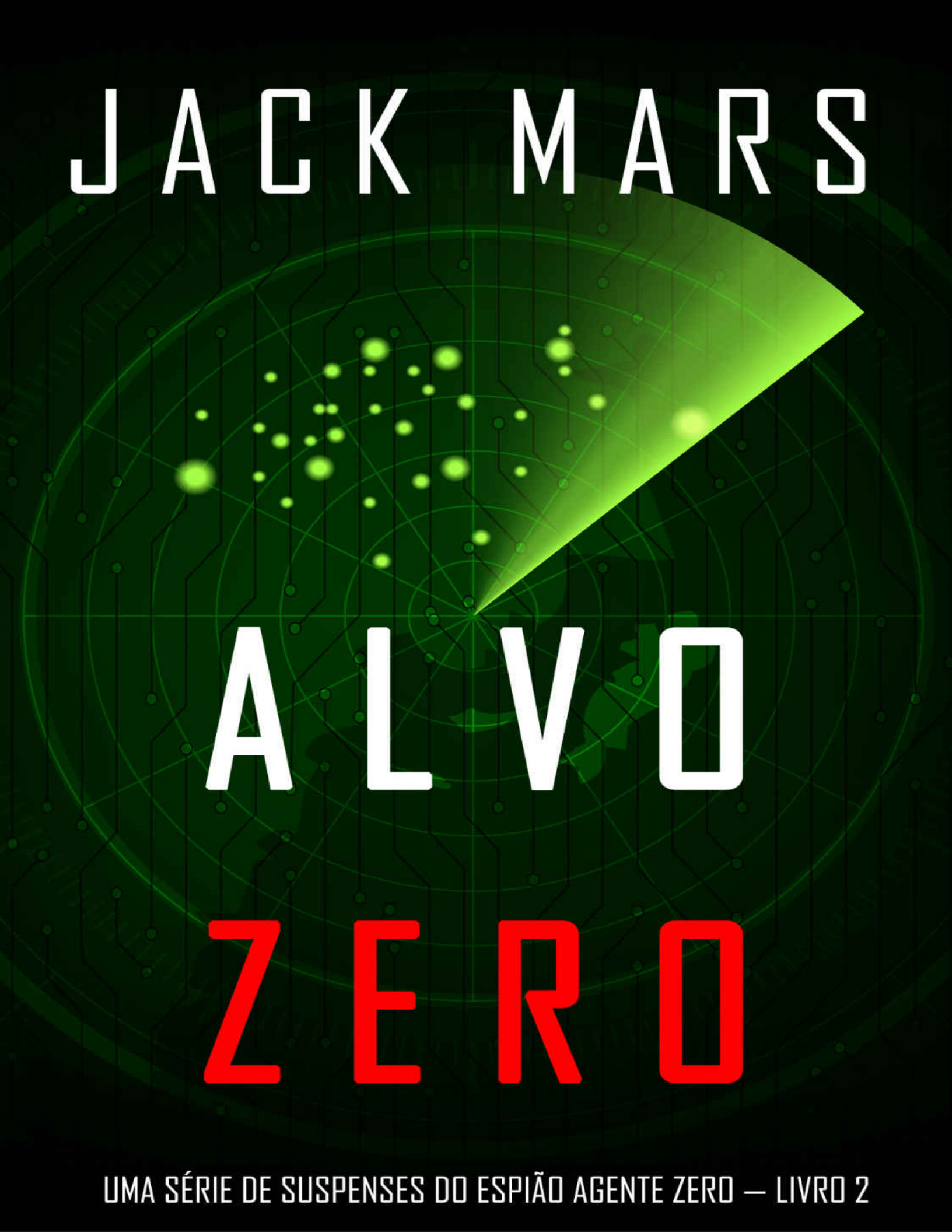




JACK MARS

ALVO

ZERO

UMA SÉRIE DE SUSPENSES DO ESPÃO AGENTE ZERO — LIVRO 2

ALVO ZERO

(UMA SÉRIE DE SUSPENSES DO ESPIÃO AGENTE ZERO —
LIVRO 2)

JACK MARS

Jack Mars

Jack Mars é o autor da série best-seller LUKE STONE, que inclui sete livros (com outros a caminho). Ele também é o autor do novo livro FORGING OF LUKE STONE, e da série de suspenses do espião AGENTE ZERO.

Jack adora ouvir seus leitores, por favor, fique à vontade para visitar o site www.jackmarsauthor.com. Entre na lista de e-mails e receba amostras grátis, conecte-se no Facebook e no Twitter para manter contato!

Direitos Autorais © 2018 por Jack Mars. Todos os direitos reservados. Exceto conforme o permitido sob as Leis Americanas de Direitos Autorais (U. S. Copyright Act, 1976), nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada em um sistema de banco de dados ou de recuperação, sem a prévia autorização do autor. Este e-book é licenciado apenas para seu prazer pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou distribuído para outras pessoas. Se você gostaria de compartilhar este livro com outra pessoa, adquira uma cópia adicional para cada destinatário. Se você está lendo este livro e não o comprou, ou não foi comprado apenas para o seu uso, então, por favor, devolva o livro e compre a sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho duro deste autor. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, locais, eventos e incidentes são um produto da imaginação do autor ou são usados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

LIVROS DE JACK MARS

UM THRILLER DE LUKE STONE

ALERTA VERMELHO: CONFRONTO LETAL (Livro #1)

O PREÇO DA LIBERDADE (Livro #2)

GABINETE DE CRISE (Livro #3)

UMA SÉRIE DE SUSPENSES DO ESPIÃO AGENTE ZERO

INFILTRADO (Livro #1)

ALVO ZERO (Livro #2)

CAÇADOR ZERO (Livro #3)

Agente Zero - Resumo do Livro 1

Um professor universitário e pai de dois filhos redescobre seu passado esquecido como Agente de campo da CIA. Ele viaja por toda a Europa lutando para encontrar a resposta de por que sua memória foi suprimida enquanto desvendava uma conspiração terrorista para matar dezenas de líderes mundiais.

Agente Zero: o professor Reid Lawson foi sequestrado e um supressor experimental de memória foi arrancado de sua cabeça, permitindo que suas memórias esquecidas o fizessem retornar como Agente da CIA, Kent Steele, também conhecido em todo o mundo como Agente Zero.

Maya e Sara Lawson: as duas filhas adolescentes de Reid, de 16 e 14 anos, respectivamente, desconhecem o passado de seu pai como Agente da CIA.

Kate Lawson: esposa de Reid e mãe de suas duas filhas que faleceu de repente, dois anos antes, devido a um acidente vascular cerebral isquêmico.

Agente Alan Reidigger: melhor amigo e companheiro de campo de Kent Steele, Reidigger ajudou-o a instalar o supressor de memória durante um ímpeto de fúria mortal de Steele para rastrear um assassino perigoso.

Agente Maria Johansson: uma ex-Agente de campo e antigo amor de Kent Steele depois da morte da esposa, Johansson provou ser uma aliada improvável, mas bem-vinda, enquanto ele recuperava a memória e desvendava a conspiração terrorista.

Amun: a organização terrorista Amun é um amálgama de várias facções terroristas de todo o mundo. O golpe de mestre de bombardear o Fórum Econômico Mundial em Davos, enquanto as autoridades eram distraídas pelas Olimpíadas de Inverno, foi frustrado pelo Agente Zero.

Rais: um americano expatriado que se tornou um assassino pertencente ao grupo Amun, Rais acredita que é seu destino matar o Agente Zero. Na luta nas Olimpíadas de Inverno em Sion, Suíça, Rais foi fatalmente ferido, tendo ficado às portas da morte.

Agente Vicente Baraf: Baraf, um Agente italiano da Interpol, foi fundamental para ajudar os Agentes Zero e Johansson a impedir a trama de Amun de bombardear Davos.

Agente John Watson: um inabalável e profissional Agente da CIA, Watson resgatou as meninas de Reid das mãos de terroristas em um píer de Nova Jersey.

ÍNDICE

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO QUATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZESSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZENOVE](#)

[CAPÍTULO VINTE](#)

[CAPÍTULO VINTE E UM](#)

[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)

[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)

[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)

[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)

[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)

[CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)

[CAPÍTULO TRINTA](#)

[CAPÍTULO TRINTA E UM](#)

[CAPÍTULO TRINTA E DOIS](#)

[CAPÍTULO TRINTA E TRÊS](#)

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

CAPÍTULO TRINTA E SETE

CAPÍTULO TRINTA E OITO

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

PRÓLOGO

“Diga-me, Renault,” disse o homem mais velho. Seus olhos brilhavam enquanto observava a bolha de café na tampa do coador. “Por que você veio aqui?”

O Dr. Cícero era um homem gentil, jovial, do tipo que gostava de se descrever como um cinquentão *sarado*. A barba tinha ficado grisalha no final dos trinta anos e branca aos quarenta, embora geralmente bem aparada, estava rala e indisciplinada por causa do tempo que passara na tundra. Usava uma parca laranja brilhante, mas pouco fazia para silenciar a luz jovem em seus olhos azuis.

O jovem francês ficou ligeiramente surpreso com a pergunta, mas soube imediatamente a resposta, depois de repeti-la em sua cabeça várias vezes.

“A OMS contatou a universidade para assistentes de pesquisa. Eles, por sua vez, me ofereceram o cargo,” explicou ele em inglês. Cícero era grego e Renault era proveniente da costa sul da França, então conversavam em uma língua compartilhada. “Para ser honesto, foi dada a oportunidade a outros dois antes de mim. Ambos recusaram. No entanto, eu encarei como uma grande oportunidade para...”

“Bah!” interveio o homem mais velho com uma careta. “Eu não estou perguntando sobre acadêmicos, Renault. Eu li sua transcrição, assim como sua tese sobre a mutação prevista para influenza B. Era muito boa, devo dizer. Não me parece que o pudesse ter feito melhor.”

“Obrigado, senhor.”

Cícero riu.

“Guarda o seu 'senhor' para reuniões de diretoria e arrecadação de fundos. Aqui, somos iguais. Me chame de Cícero. Quantos anos você tem, Renault?”

“Vinte e seis, senhor. Ai, Cícero.”

“Vinte e seis,” disse o velho pensativo. Aqueceu as mãos sobre o calor do fogão do acampamento. “E já quase terminou o seu doutorado? Isso é muito impressionante. Mas o que eu quero saber é, por que você está *aqui*? Como eu disse, revi o seu arquivo. Você é jovem, inteligente, reconhecidamente bonito...” Cícero riu. “Você poderia ter conseguido um estágio em qualquer lugar do mundo, imagino. Mas nesses quatro dias que você esteve conosco, eu não o ouvi falar de você mesmo. Por quê aqui, dentre tantos lugares?”

Cícero acenou com a mão, como se quisesse demonstrar seu argumento, mas era totalmente desnecessário. A tundra siberiana se estendia em todas as direções até onde a vista alcançava, cinza e branca e totalmente vazia, exceto no nordeste, onde montanhas baixas se estendiam preguiçosamente, cobertas de branco.

As bochechas de Renault ficaram levemente rosadas.

“Bem, para ser honesto, doutor, vim aqui para estudar ao seu lado,” admitiu. “Sou um admirador seu. Seu trabalho para impedir o surto do vírus Zika foi realmente inspirador.”

“Bem!” disse Cícero calorosamente. “A bajulação levará você a todos os lugares - ou pelo menos a um bom assado belga.” Ele puxou uma luva grossa sobre a mão direita, ergueu o coador do fogão do acampamento movido a butano e despejou em duas canecas plásticas um café fumegante e rico. Era um dos poucos luxos que tinham no deserto siberiano.

Lar, nos últimos vinte e sete dias da vida do Dr. Cícero, fora o pequeno acampamento estabelecido a cerca de cento e cinquenta metros da margem do rio Kolyma. O assentamento era composto de quatro tendas de neoprene abobadadas, uma cobertura de lona fechada de um lado para proteger do vento e um cômodo limpo e semi-permanente feito de Kevlar. Era sob a cobertura de lona que os dois homens estavam fazendo café em um fogão de duas bocas em meio às mesas dobráveis que continham microscópios,

amostras de *pergelissolo*, equipamentos de arqueologia, dois computadores resistentes a todos os tipos de clima e uma centrífuga.

“Beba,” disse Cícero. “Está quase na hora do nosso turno.” ele sugou o café com os olhos fechados e um suave gemido de prazer escapou de seus lábios.

“Lembra-me de casa,” disse suavemente.

“Você tem alguém esperando por você, Renault?”

“Tenho,” respondeu o jovem. “Minha Claudette.”

“Claudette,” repetiu Cícero. “Um nome adorável. Casado?”

“Não,” disse Renault simplesmente.

“É importante ter algo duradouro, em nossa linha de trabalho,” disse Cícero melancolicamente. “Isso lhe dá uma perspectiva em meio ao distanciamento que muitas vezes é necessário. Por trinta e três anos chamo Phoebe de minha esposa. Meu trabalho me levou para todo canto desta terra, mas ela está sempre lá quando eu volto. Enquanto estou longe, enfraqueço, mas vale a pena; toda vez que chego em casa é como se me apaixonasse de novo. Como dizem, a ausência faz o coração ficar mais afeiçoado.”

Renault sorriu.

“Eu não teria associado um virologista a um romântico,” refletiu.

“Não são mutuamente exclusivos, meu jovem.” o médico franziu a testa ligeiramente. “E ainda assim... Eu não acredito que seja Claudette que assombre a sua mente. Você é um jovem pensativo, Renault. Mais de uma vez, notei você olhando para o topo da montanha como se estivesse procurando respostas.”

“Eu acho que você pode ter perdido sua verdadeira vocação, doutor, disse Renault. Você deveria ter sido um sociólogo.” O sorriso se dissipou de seus lábios quando acrescentou, “Você está certo, no entanto. Aceitei essa tarefa não apenas pela oportunidade de trabalhar ao seu lado, mas também porque me dediquei a uma causa... uma causa baseada na crença. No entanto, tenho medo de onde essa crença pode me levar.”

Cícero assentiu com conhecimento de causa.

“Como eu disse, o desapego é frequentemente necessário em nossa linha de trabalho. É preciso aprender a ser desapegado.” Ele pôs a mão no ombro do jovem. “Ouça de alguém com alguns anos a mais. A crença é uma motivação poderosa com certeza, mas às vezes as emoções têm a tendência de obscurecer nosso julgamento, entorpecer nossas mentes.”

“Serei cauteloso. Obrigado, senhor.” Renault sorriu timidamente.

“Obrigado,” disse Cícero.

De repente, o walkie-talkie apitou intrusivamente da mesa ao lado deles, quebrando o silêncio introspectivo da tenda.

“Dr. Cícero,” disse uma voz feminina com um sotaque irlandês. Era a Dra. Bradlee, ligando do local de escavação próximo. “Nós descobrimos algo. Você vai querer ver isso. Traga a caixa.”

“Nós estaremos aí em breve,” disse Cícero pelo rádio.

“Terminado.” sorriu paternalmente para Renault. “Parece que estamos sendo chamados cedo. Nós devemos nos arrumar.”

Os dois homens largaram as canecas ainda fumegantes e correram para o cômodo de Kevlar, entrando na primeira antecâmara para vestirem os trajes amarelos de descontaminação que a Organização Mundial de Saúde fornecia. Luvas e botas de plástico foram as primeiras, seladas nos pulsos e tornozelos, antes do macacão de corpo inteiro, capuz e, finalmente, máscara e respirador.

Vestiram-se rapidamente, mas em silêncio, quase com reverência, usando o breve intervalo como não apenas uma transformação física, mas também mental, desde a brincadeira agradável e casual até a mentalidade sombria exigida para a linha de trabalho deles.

Renault não gostava dos trajes de descontaminação. Eles tornavam os movimentos lentos e o trabalho tedioso. Mas eram absolutamente necessários para conduzir suas pesquisas: localizar e verificar um dos organismos mais perigosos conhecidos pela humanidade.

Ele e Cícero saíram da antecâmara e se dirigiram para a margem do Kolyma, o rio gelado e lento que corria para o sul das montanhas e levemente para leste, em direção ao oceano.

“A caixa,” disse Renault de repente. “Vou buscá-la.” Correu de volta para a tenda para recuperar o recipiente de amostra, uma caixa de aço inoxidável fechada com quatro fechos, um símbolo de risco biológico estampado em cada um dos seus seis lados. Correu de volta para Cícero e os dois retomaram a rápida caminhada até o local da escavação.

“Você sabe o que ocorreu não muito longe daqui, não é?” Cícero perguntou através de seu respirador enquanto caminhavam.

“Sei.” Renault tinha lido o relatório. Cinco meses atrás, um menino de doze anos de uma aldeia local adoecera pouco depois de buscar água no Kolyma. A princípio, pensava-se que o rio estava contaminado, mas à medida que os sintomas se manifestavam, a situação ficou mais clara. Pesquisadores da OMS foram mobilizados imediatamente após terem conhecimento da doença e uma investigação foi lançada.

O menino contraiu varíola. Mais especificamente, adoecera com uma deformação nunca antes vista pelo homem moderno.

A investigação acabou levando à carcaça de um caribu perto das margens do rio. Após testes completos, a hipótese foi confirmada: o

caribu havia morrido mais de duzentos anos antes e seu corpo havia se tornado parte do pergelissolo. A doença que detinha congelou, permanecendo dormente - até cinco meses atrás.

“É uma reação em cadeia simples,” disse Cícero. “Quando os glaciares derretem, o nível da água e a temperatura do rio aumentam. Isso, por sua vez, derrete o pergelissolo. Quem sabe que doenças podem se esconder nesse gelo? Coisas antigas que nunca vimos antes... é perfeitamente possível que algumas possam até mesmo preceder a humanidade.” havia uma tensão na voz do médico que não era apenas preocupação, mas uma ponta de excitação. Afinal de contas, era seu modo de vida.

“Eu li que em 2016 encontraram antraz em um suprimento de água, causado por uma calota de gelo derretida,” comentou Renault.

“É verdade. Eu fui chamado para esse caso. Assim como a gripe espanhola encontrada no Alasca.”

“O que aconteceu com o menino?” perguntou o jovem francês. “O caso da varíola de cinco meses atrás.” Ele soubera que o menino, junto com outras quinze pessoas em sua aldeia, estava em quarentena, mas foi aí que o relatório terminou.

“Ele morreu,” disse Cícero. Não havia emoção em sua voz; não como quando falou de sua esposa, Phoebe. Depois de décadas em sua linha de trabalho, Cícero aprendera a arte sutil do desapego. “Junto com outros quatro. Mas a partir daí veio uma vacina adequada para a doença, por isso suas mortes não foram em vão.”
“Ainda assim,” disse Renault calmamente, “uma pena.”

Bem perto da margem do rio ficava o local de escavação, um trecho de vinte metros quadrados de tundra, cercado por estacas de metal e fita amarela brilhante. Era o quarto local que a equipe de pesquisa criara para a investigação até ao momento.

Quatro outros pesquisadores em trajes de descontaminação estavam dentro do quadrado isolado, todos debruçados sobre um pequeno pedaço de terra perto do centro. Um deles viu os dois homens chegando e se apressou.

Era a Dra. Bradlee, uma arqueóloga vinda da Universidade de Dublin.

“Cícero,” ela disse, “encontramos algo.”

“O que é isso?” perguntou ele, agachando-se e esgueirando-se sob a fita. Renault o seguiu.

“Um braço.”

“Como?” Renault disparou.

“Mostre-me,” disse Cícero.

Bradlee liderou o caminho para o trecho do pergelissolo escavado. Cavar no pergelissolo, e fazer isso com cuidado, não era tarefa fácil, Renault sabia. As camadas mais altas de terra congelada comumente descongelavam no verão, mas as camadas mais profundas eram chamadas assim porque estavam permanentemente congeladas nas regiões polares. O buraco que Bradlee e sua equipe haviam cavado tinha quase dois metros de profundidade e largura suficiente para que um homem adulto se deitasse.

Não muito diferente de um túmulo, pensou Renault sombriamente.

E tal como dissera, os restos congelados de um braço humano parcialmente decomposto eram visíveis no fundo do buraco, retorcido, quase esquelético e enegrecido pelo tempo e pelo solo.

“Meu Deus,” disse Cícero em um quase sussurro.

“Você sabe o que é isto, Renault?”

“Um corpo?” ele se aventurou. Pelo menos esperava que o braço estivesse ligado a algo mais.

Cícero falou rapidamente, gesticulando com as mãos.

“Na década de 1880, existia um pequeno povoado não muito longe daqui, bem às margens do Kolyma. Os colonos originais eram nômades, mas à medida que cresciam, pretendiam construir uma aldeia aqui. Então, o impensável aconteceu. Uma epidemia de varíola *varreu* o local, matando quarenta por cento do povo em questão de dias. Eles acreditavam que o rio estava amaldiçoado e os sobreviventes desocuparam o lugar rapidamente. Mas antes disso, enterraram seus mortos bem aqui, em uma vala comum às margens do rio Kolyma.” apontou para o buraco, para o braço. “As águas da enchente estão corroendo a margem. O derretimento do pergelissolo logo descobriria esses corpos e tudo o que seria necessário depois disso seria uma fauna local para atacá-los e se tornarem portadores antes mesmo que pudéssemos enfrentar uma *nova epidemia*.”

Renault esqueceu de respirar por um momento enquanto observava um dos pesquisadores vestidos de amarelo, no buraco, raspar amostras do braço em decomposição. A descoberta foi bastante emocionante; até cinco meses atrás, o último surto natural conhecido de varíola ocorrera na Somália, em 1977.

A Organização Mundial de Saúde havia declarado a doença erradicada em 1980. No entanto, agora estavam à beira de um tumulto conhecido por estar infectado com um vírus perigoso que poderia dizimar a população de uma grande cidade em dias e seu trabalho era escavá-lo, verificá-lo e enviar amostras à OMS.

“Genebra terá que confirmar isso,” disse Cícero em voz baixa, “mas se minha especulação estiver correta, acabamos de desenterrar uma variante de varíola de oito mil anos.”

“Oito mil?” perguntou Renault. “Eu pensei que você tinha dito que o povoado era do final do século XIX.”

“Ah, eu disse isso!” falou Cícero. “Mas a questão então se torna como eles - uma tribo nômade isolada – contraíram a doença? De uma maneira similar, eu imagino. Cavando o chão e tropeçando em algo há muito congelado. O que foi encontrado na carcaça de caribu descongelada há cinco meses datava do começo da época do

Holoceno.” O virologista mais velho não conseguia tirar os olhos do braço que se projetava da terra congelada.

“Renault, pegue a caixa, por favor.”

Renault recuperou a caixa de amostras de aço e colocou-a na terra congelada perto da borda do buraco. Ele abriu os quatro fechos que a selavam e levantou a tampa. Lá dentro, havia guardado antes um MAB PA-15. Era uma pistola antiga, mas não pesada, pesando cerca de um quilo, totalmente carregada com quinze balas e uma na câmara.

A arma pertencera a seu tio, um veterano do exército francês que lutara no Magrebe e na Somália. O jovem francês, no entanto, não gostava de armas; eram muito diretas, seletivas demais e muito artificiais para o seu gosto. Não como um vírus - a máquina perfeita da natureza, capaz de aniquilar espécies inteiras, sistemática e acrítica ao mesmo tempo. Sem emoção, inflexível e súbito; tudo o que ele precisava ser no momento.

Enfiou a mão na caixa de aço e passou a mão ao redor da arma, mas oscilou um pouco. Não queria usar a arma. Na verdade, gostava muito do otimismo contagiante de Cícero e do brilho no olho do homem mais velho.

Mas todas as coisas devem chegar ao fim, pensou. A próxima experiência me aguarda.

Renault ficou com a pistola na palma da mão. Ele a acionou e atirou desapaixonadamente nos dois pesquisadores de ambos os lados do buraco à queima-roupa no peito.

A Dra. Bradlee soltou um grito de surpresa ao repentino e dissonante vislumbre da arma. Ela recuou, dando dois passos antes de Renault disparar duas vezes contra ela. O médico inglês Scott fez uma débil tentativa de sair do buraco antes que o francês conseguisse chegar ao túmulo dando um único tiro no topo de sua cabeça.

Os tiros eram altos, ensurdecedores, mas não havia ninguém por perto por cem quilômetros para ouvi-los. Quase ninguém.

Cícero estava parado no local, paralisado de choque e medo. Renault levou apenas sete segundos para aniquilar quatro vidas, apenas sete segundos para a expedição de pesquisa se tornar um assassinato em massa.

Os lábios do médico mais velho tremiam atrás do respirador enquanto tentava falar. Por fim, gaguejou uma única palavra, “Porquê?”

O olhar gelado de Renault era estoico, tão distante quanto qualquer virologista teria que ser.

“Doutor,” disse suavemente, “você está hiperventilando. Remova o seu respirador antes de desmaiar.”

A respiração de Cícero ficou rouca e rápida, superando a capacidade do respirador. Seu olhar voou da arma na mão de Renault, segurada casualmente a seu lado, para o buraco no qual o Dr. Scott agora jazia morto.

“Eu... eu não posso,” Cicero gaguejou. Remover seu respirador seria se sujeitar à doença. “Renault, por favor...”

“Meu nome não é Renault,” disse o jovem. “É Cheval, Adrian Cheval. Havia um Renault, um estudante universitário que recebeu este estágio. Ele está morto agora. Foi o trabalho dele e o artigo dele que você leu.”

Os olhos injetados de sangue de Cicero se arregalaram ainda mais. As bordas de sua visão ficaram confusas e escuras com a ameaça de perder a consciência. “Eu não... eu não entendo... porquê?”

“Dr. Cicero, por favor. Remova o respirador. Se você vai morrer, não prefere fazer isso com alguma dignidade? Encarando a luz do sol, em vez de atrás de uma máscara? Se você perder a consciência, asseguro-lhe que nunca acordará.”

Com os dedos trêmulos, Cícero estendeu a mão lentamente e puxou o capuz amarelo apertado de seus cabelos brancos. Então agarrou o respirador e a máscara e puxou-o. O suor que tinha frisado na testa gelou instantaneamente e congelou.

“Quero que você saiba,” disse o francês Cheval “que eu realmente respeito você e seu trabalho, Cícero. Não tenho prazer nisso.”

“Renault ou Cheval, quem quer que você seja, ouça a razão.” Com o respirador desligado, Cícero recuperou o suficiente de suas faculdades para fazer um apelo. Poderia haver apenas uma motivação para o jovem diante dele cometer tal atrocidade. “O que quer que você esteja planejando fazer com isso, por favor, reconsidere. É extremamente perigoso...”

Cheval suspirou.

“Estou ciente, Doutor. Sabe, eu era de fato um estudante na Universidade de Estocolmo e realmente estava buscando meu doutorado. No ano passado, no entanto, cometi um erro. Eu forjei assinaturas da faculdade em um formulário de solicitação para obter amostras de um enterovírus raro. Descobriram. Fui expulso.”

“Então... então deixe-me ajudá-lo,” implorou Cícero. “Eu, eu posso assinar tal pedido. Eu posso ajudá-lo com sua pesquisa. Qualquer coisa menos isso...”

“Pesquisa,” Cheval pensou calmamente. “Não, doutor. Não estou atrás de uma pesquisa. Meu povo está esperando e eles não são homens pacientes.”

Os olhos de Cícero se encheram de lágrimas.

“Nada de bom virá disso. Você sabe.”

“Você está errado,” disse o jovem. “Muitos vão morrer, sim. Mas vão morrer nobremente, abrindo caminho para um futuro muito melhor.” Cheval desviou o olhar. Não queria atirar no velho médico gentil. “Você estava certo sobre uma coisa, no entanto. Minha Claudette, ela é real. E a ausência realmente faz o coração ficar

mais afeiçoado. Preciso ir agora, Cícero e você também. Mas eu respeito você e estou disposto a conceder um pedido final. Há algo que você gostaria de dizer para sua Phoebe? Você tem minha palavra, eu entregarei a mensagem.”

Cícero balançou a cabeça devagar.

“Não há nada tão importante para dizer a ela que me fizesse enviar um monstro como você em seu caminho.”

“Muito bem. Adeus, Doutor.” Cheval levantou a PA-15 e disparou uma única vez na testa de Cícero. A ferida espumou quando o médico mais velho cambaleou e desabou sobre a tundra.

No atordoante silêncio que se seguiu, Cheval deu um tempo, ajoelhando-se, murmurou uma breve oração. Então começou a trabalhar.

Limpou as impressões digitais e o pó da pistola e atirou-a no rio gelado de Kolyma. Em seguida, rolou os quatro corpos para o buraco para se juntarem ao Dr. Scott. Com uma pá e uma picareta, passou noventa minutos cobrindo-os e ao braço exposto e em decomposição com terra parcialmente congelada. Desmontou o local da escavação, retirando as estacas e arrancando a fita.

Demorou, trabalhando meticulosamente, ninguém tentaria entrar em contato com a equipe de pesquisa por mais oito a doze horas e seria pelo menos um total de vinte e quatro antes que a OMS mandasse alguém para o local. Uma investigação certamente acharia os corpos enterrados, mas Cheval não estava disposto a facilitar as coisas para eles.

Por fim, pegou os frascos de vidro contendo as amostras do braço em decomposição e cuidadosamente os deslizou, um por um, nos tubos de espuma seguros da caixa de aço inoxidável, o tempo todo ciente de que qualquer um deles tinha o poder de ser incrivelmente mortal. Depois selou os quatro fechos e levou as amostras de volta ao acampamento.

No cômodo improvisado, Cheval entrou no chuveiro portátil de descontaminação. Seis bocais o pulverizaram de todos os ângulos com água quente fumegante e um emulsificador embutido. Uma vez terminado, cuidadosa e metodicamente tirou o traje de proteção amarelo, deixando-o no chão da tenda. Era possível que seus cabelos ou saliva, fatores de identificação, pudessem estar no traje, mas tinha uma última ação para executar.

Na parte de trás do jipe de Cícero, havia duas latas de gasolina vermelhas e retangulares. Seria necessário apenas uma para ele alcançar a civilização novamente. A outra ele jogou no cômodo, nas quatro tendas de neoprene e na cobertura de lona.

Então acendeu o fogo. O fogo subiu rápida e instantaneamente, enviando fumaça preta e oleosa para o céu. Cheval entrou no jipe com a caixa de amostras de aço e foi embora. Não acelerou e não olhou no espelho retrovisor para assistir o lugar queimar. Deu tempo ao tempo.

Imam Khalil estaria esperando. Mas o jovem francês ainda tinha muito o que fazer antes que o vírus estivesse pronto.

CAPÍTULO UM

Reid Lawson espiou pelas persianas de seu escritório em casa pela décima vez em menos de dois minutos. Estava ficando ansioso; o ônibus deveria ter chegado.

Seu escritório ficava no segundo andar, o menor dos três cômodos de sua nova casa na rua Spruce, em Alexandria, Virgínia. Era um contraste bem-vindo em relação ao apertado e quadrado design do escritório que tinha no Bronx. Metade de suas coisas foram descompactadas; o resto ainda estava em caixas espalhadas pela sala. Suas estantes foram montadas, mas seus livros estavam empilhados em ordem alfabética no chão. As únicas coisas que tinha tido tempo para montar e organizar completamente eram sua escrivaninha e o computador.

Reid dissera a si mesmo que hoje seria o dia em que finalmente, quase um mês inteiro depois de se mudar, terminaria de desempacotar as coisas do escritório.

Ele chegou a abrir uma caixa. Foi o começo.

O ônibus nunca atrasa, pensou. Está sempre aqui entre três e vinte e três e três e vinte e cinco. São três e trinta e um.

Vou ligar para elas.

Pegou o celular da mesa e discou o número de Maya. Enquanto o celular tocava ele andava de um lado para o outro, tentando não pensar em todas as coisas terríveis que poderiam ter acontecido com suas garotas entre a escola e casa.

A chamada foi desviada para o correio de voz.

Reid desceu as escadas correndo para o vestíbulo e vestiu um casaco leve; março na Virgínia era consideravelmente mais agradável do que em Nova York, mas ainda um pouco frio. Com as chaves do carro na mão, digitou o código de segurança de quatro dígitos no painel de parede para armar o sistema de alarme para o modo “ausente”. Sabia a rota precisa que o ônibus fazia; poderia voltar até o colégio se precisasse, e...

Assim que abriu a porta da frente, o brilhante ônibus amarelo chiou até parar no final de sua rua.

“Apanhado,” Reid murmurou. Não podia voltar para a casa. Sem dúvida havia sido visto. Suas duas adolescentes saíram do ônibus e desceram pelo passeio, parando a poucos passos da porta que ele bloqueava enquanto o ônibus se afastava de novo.

“Oi, meninas,” disse tão alegremente quanto possível. “Como correu a escola?”

A mais velha, Maya, lançou-lhe um olhar desconfiado quando cruzou os braços sobre o peito.

“Aonde você vai?”

“Um... pegar a correspondência,” disse a ela.

“Com as chaves do seu carro?” gesticulou para o punho dele, que de fato estava segurando as chaves de sua SUV prateada.

“Tente novamente.”

Sim, pensou. *Apanhado*. “O ônibus estava atrasado. E eu já disse, se você vai se atrasar, tem que ligar. E por que não atendeu o seu telefone? Eu tentei ligar.”

“Seis minutos, pai.” Maya balançou a cabeça. “Seis minutos não é um atraso. Seis minutos de trânsito. Houve uma batida na Vine.”

Ele se afastou quando entraram na casa. Sua filha mais nova, Sara, deu-lhe um breve abraço e um murmúrio de “Oi, papai”.

“Oi, querida.” Reid fechou a porta atrás deles, trancou-a e digitou o código no sistema de alarme novamente antes de se voltar para Maya. “Com trânsito ou não, eu quero que você me avise quando for se atrasar.”

“Você é neurótico,” ela murmurou.

“Como é?” Reid piscou surpreso. “Você parece estar confundindo neurose com preocupação.”

“Ah, por favor,” respondeu Maya. “Você está *de olho* na gente há semanas. Desde que você voltou.”

Ela estava, como de costume, certa. Reid sempre fora um pai protetor e isso cresceu ainda mais quando sua esposa e mãe das meninas, Kate, morrera dois anos atrás. Mas nas últimas quatro

semanas, havia se tornado um verdadeiro pai vigilante, olhando tudo e (se estivesse sendo honesto), talvez sendo um pouco autoritário.

Mas não iria admitir isso.

“Minha querida e doce filha,” ele a repreendeu, “enquanto você floresce para a idade adulta, terá que aprender uma verdade muito difícil, que às vezes você está errada. E agora, você está errada.” sorriu, mas ela não. Era da sua natureza tentar diluir a tensão com suas filhas usando o humor, mas Maya não estava fazendo o mesmo.

“Não importa.” ela marchou pelo vestíbulo e entrou na cozinha. Tinha dezesseis anos e era incrivelmente inteligente para sua idade - às vezes, parecia inteligente até demais. Tinha o cabelo escuro como Reid e propensão para um discurso dramático, mas ultimamente parecia ter uma tendência para a angústia adolescente ou pelo menos para o mau humor... provavelmente causado por uma combinação da ociosidade constante e óbvia desinformação de Reid sobre os eventos ocorridos no mês anterior.

Sara, a mais nova, subiu as escadas.

“Vou começar minha lição de casa,” ela disse calmamente.

Deixado sozinho no foyer, Reid suspirou e encostou-se a uma parede branca. Seu coração se partiu por suas garotas. Sara tinha quatorze anos e era geralmente vibrante e doce, mas sempre que o assunto surgia do que acontecera em fevereiro, ela saía rapidamente.

Ela simplesmente não queria falar sobre isso. Apenas alguns dias antes, Reid tentou convencê-la para ir a uma terapeuta, uma terceira pessoa neutra com quem pudesse conversar. (Claro, teria que ser alguém afiliado à CIA.) Sara recusou com um simples e sucinto “não, obrigada” e correu antes que Reid conseguisse dizer mais alguma coisa.

Odiava esconder a verdade de suas filhas, mas era necessário. Fora da Agência e da Interpol, ninguém poderia saber a verdade - que pouco mais de um mês atrás ele havia recuperado uma parte de sua memória como Agente da CIA sob o pseudônimo de Kent Steele, também conhecido por seus colegas e inimigos como Agente Zero. Um supressor de memória experimental em sua cabeça fizera com que ele esquecesse tudo sobre Kent Steele e seu trabalho como Agente por quase dois anos, até que o dispositivo foi arrancado de seu crânio.

A maioria de suas memórias como Kent ainda estavam perdidas. Estavam lá, trancadas em algum lugar nos recessos de seu cérebro, mas escorriam como uma torneira pingando, geralmente quando um aviso visual ou verbal as abalava. A remoção selvagem do supressor de memória fizera algo em seu sistema límbico que impedia que as lembranças voltassem de uma só vez - e Reid ficava, de certa forma, contente por isso.

Baseado no pouco que sabia sobre sua vida como Agente Zero, não tinha certeza se queria tudo de volta. Seu maior receio era lembrar de algo que não gostaria de ser lembrado, algum arrependimento doloroso ou ato terrível que nunca permitiria que Reid Lawson continuasse a viver tranquilo caso soubesse.

Além disso, estava extremamente ocupado desde as atividades em fevereiro. A CIA ajudou-o a mudar sua família; em seu retorno aos EUA, ele e suas filhas foram enviados a Alexandria, na Virgínia, a uma curta distância de carro de Washington, DC. A CIA ajudou a garantir-lhe um cargo como professor adjunto na Universidade de Georgetown.

Desde então, tinham ocorrido um turbilhão de atividades: fazer com que as meninas se matriculassem em uma nova escola, acostumarem-se a seu novo emprego e mudança para a casa na Virgínia. Mas Reid tinha desempenhado um papel importante em manter-se distraído, criando muito trabalho para si mesmo. Pintou

os quartos. Atualizou aparelhos. Comprou novos móveis e novas roupas para as meninas irem para a escola.

Podia dar-se a esse luxo; a CIA lhe concedera uma soma considerável por seu envolvimento em deter a organização terrorista chamada Amun. Era mais do que ele costumava ganhar anualmente como professor. Pagavam em parcelas mensais para evitar uma fiscalização. Os cheques caíram na sua conta bancária como uma taxa de consultoria de uma editora falsa que afirmava estar criando uma futura série de livros didáticos de história.

Entre o dinheiro e sua copiosa quantidade de tempo livre - estava fazendo apenas algumas palestras por semana no momento - Reid manteve-se ocupado ao máximo. Porque parar por alguns momentos significava pensar e pensar significava refletir, não apenas sobre sua memória fraturada, mas sobre outras coisas igualmente desagradáveis.

Como os nove nomes que ele havia memorizado. Os nove rostos que examinara. As nove vidas que foram perdidas por causa de seu fracasso.

“Não,” murmurou baixinho, sozinho no foyer de sua nova casa. “Não faça isso a si mesmo.” Não queria lembrar disso agora. Em vez disso, foi para a cozinha onde Maya estava mexendo na geladeira para comer alguma coisa.

“Acho que vou pedir uma pizza,” anunciou ele. Quando ela não disse nada, ele acrescentou, “O que você acha?”

Ela fechou a geladeira com um suspiro e se inclinou contra ela. “Tudo bem,” disse simplesmente. Então olhou ao redor e disse: “A cozinha é melhor. Eu gosto da claraboia. O quintal também é maior.”

Reid sorriu.

“Eu perguntei sobre a pizza.”

“Eu sei,” ela respondeu com um encolher de ombros. “Parece que prefere evitar o assunto em questão ultimamente, então imaginei fazer o mesmo.”

Recuou novamente perante sua brusquidão. Em mais de uma ocasião, ela o pressionara em busca de informações sobre o que havia acontecido quando ele desapareceu, mas a conversa sempre terminava nele insistindo que sua história era a verdade e ela ficando irritada porque sabia que estava mentindo. Então ela deixaria pra lá por uma semana ou mais antes do ciclo vicioso começar de novo.

“Não há necessidade desse tipo de atitude, Maya,” disse ele.

“Eu vou procurar a Sara.” Maya girou nos calcanhares e saiu da cozinha. Um momento depois, ele ouviu os pés dela subindo as escadas.

Ele beliscou a ponte do nariz em frustração. Era em momentos assim que ele mais sentia saudades de Kate. Ela sempre sabia o que dizer. Ela saberia como lidar com adolescentes que passaram pelo que suas filhas haviam passado.

Sua força de vontade para continuar com a mentira estava enfraquecendo. Não conseguia recitar a história de fachada mais uma vez, a que a CIA lhe forneceu para contar para a sua família e colegas por ter desaparecido por uma semana. A história era que Agentes federais tinham ido a sua casa, exigindo ajuda em um caso importante.

Como professor da Ivy League, Reid estava em uma posição única para ajudá-los na pesquisa. Até onde as garotas sabiam, passara a maior parte daquela semana em uma sala de reuniões, debruçado sobre livros e olhando para uma tela de computador. Isso era tudo o que podia dizer e não podia compartilhar detalhes com elas.

Certamente não poderia contar a elas sobre seu passado clandestino como Agente Zero ou que ajudara a impedir que Amun bombardeasse o Fórum Econômico Mundial em Davos, na Suíça. Não podia dizer que havia matado sozinho mais de uma dúzia de pessoas em apenas alguns dias, e que cada um deles era um terrorista conhecido.

Teve que manter sua história vaga, não apenas por causa da CIA, mas por causa da segurança das meninas. Enquanto estava viajando por toda a Europa, suas duas filhas foram forçadas a fugir de Nova York, passando vários dias sozinhas antes de serem levadas pela CIA para uma casa segura.

Elas quase haviam sido sequestradas por dois radicais Amun - um pensamento que ainda fazia os pelos do pescoço de Reid se arrepiarem, porque significava que o grupo terrorista tinha membros nos Estados Unidos. Certamente que não contribuía para acalmar sua natureza superprotetora ultimamente.

As garotas foram informadas de que os dois homens que tentaram abordá-las eram membros de uma gangue local que estava sequestrando crianças na área. Sara parecia um pouco cética em relação à história, mas aceitou, alegando que seu pai não mentiria para ela (o que, é claro, fez com que Reid se sentisse ainda mais horrível). Isso, além de sua total aversão ao tema, ajudou-o a contornar o problema e seguir em frente com a vida.

Maya, por outro lado, estava francamente duvidosa. Ela não apenas era esperta o suficiente para saber que havia algo mais, mas também estivera em contato com Reid via Skype durante aquela fase e aparentemente reunira informações suficientes para fazer algumas suposições. Ela mesma havia testemunhado em primeira mão as mortes dos dois radicais na mão do Agente Watson e não era mais a mesma desde então.

Reid estava completamente perdido sobre o que fazer, além de tentar continuar com a vida com o máximo de normalidade possível.

Reid pegou o celular e ligou para a pizzaria da rua, encomendou duas pizzas médias, uma com queijo extra (a favorita de Sara) e outra com salsicha e pimentão verde (a favorita de Maya).

Quando desligou, ouviu passos na escada. Maya voltara para a cozinha.

“Sara está tirando uma soneca.”

“De novo?” parecia que Sara estava dormido muito durante o dia ultimamente.

“Ela não está dormindo à noite?”

Maya encolheu os ombros.

“Eu não sei. Talvez você devesse perguntar a ela.”

“Eu tentei. Ela não me diz nada.”

“Talvez seja porque ela não entende o que aconteceu,” sugeriu Maya.

“Eu contei a vocês o que aconteceu.” *Não me faça contar de novo*, pensou desesperadamente. *Por favor, não me faça mentir olhando para o seu rosto novamente.*

“Talvez esteja com medo,” Maya continuou. “Talvez porque sabe que seu pai, em quem ela deveria confiar, está *mentindo* para ela.”

“Maya Joanne,” Reid advertiu, “é bom que você escolha as suas próximas palavras com cuidado...”

“Talvez ela não seja a única!” Maya não parecia estar recuando. Não dessa vez. “Talvez eu esteja com medo também.”

“Estamos seguros aqui,” Reid disse a ela com firmeza, tentando soar convincente, mesmo que não acreditasse em si mesmo. Uma dor de cabeça estava se formando na frente de seu crânio. Pegou um copo do armário e encheu-o com água fria da torneira.

“Sim, e nós *pensamos* que estávamos seguros em Nova York,” retrucou Maya. “Talvez se soubéssemos o que estava acontecendo, o que você realmente estava fazendo, isso facilitaria as coisas. Mas não.”

Seja por sua incapacidade de deixá-las sozinhas por vinte minutos ou por suas suspeitas sobre o que acontecera, não importava. Ela queria respostas.

“Você sabe muito bem o que passamos. Mas não temos ideia do que aconteceu com você!” ela quase gritava agora.

“Onde você estava, o que você fez, como você se machucou?”

“Maya, eu juro...” Reid colocou o copo no balcão e apontou um dedo de aviso em sua direção.

“Jura o quê? Falar a verdade? Então apenas me diga!”

“Eu *não* posso te dizer a verdade!” gritou. E jogou os braços para os lados. Uma mão varreu o copo de água da bancada.

Reid não teve tempo para pensar ou ponderar. Seus instintos se chocaram e, num gesto rápido e suave, abaixou-se nos joelhos e arrancou o copo do ar antes que caísse no chão.

Ele imediatamente suspirou arrependido enquanto apenas uma gota de água se derramara.

Maya olhou com os olhos arregalados, embora não soubesse se a surpresa dela era por suas palavras ou ações. Foi a primeira vez que o vira se mover daquele jeito - e a primeira vez que reconheceu, em voz alta, que o que disse poderia não ter sido o que havia acontecido. Não importava se ela sabia ou apenas suspeitava disso. Ele havia deixado escapar e não havia como voltar atrás agora.

“Por pouco,” disse rapidamente.

Maya lentamente cruzou os braços sobre o peito, com uma sobancelha levantada e os lábios franzidos. Conhecia aquele brilho; era um olhar acusatório que herdara de sua mãe.

“Você pode enganar Sara e tia Linda, mas eu não acredito nessa história, nem por um segundo.”

Reid fechou os olhos e suspirou. Ela não ia deixá-lo escapar, então ele baixou o tom e falou com cuidado.

“Maya, escute. Você é muito inteligente - definitivamente o suficiente para fazer certas suposições sobre o que aconteceu,” disse ele. “A coisa mais importante é entender que saber certas coisas pode ser perigoso. O perigo potencial pelo qual você passou

naquela semana, você poderia passar por isso todo o tempo se soubesse de tudo. Eu não posso dizer se você está certa ou errada. Eu não confirmo ou nego nada. Por enquanto, digamos que você pode acreditar em quaisquer suposições que tenha feito, desde que tenha o cuidado de guardá-las para si mesma.”

Maya assentiu devagar. Ela deu uma olhada pelo corredor para se certificar de que Sara não estava lá antes de dizer:

“Você não é apenas um professor. Você está trabalhando para alguém, do governo - FBI, talvez, ou CIA...”

“Jesus, Maya, eu disse guarde para você!” Reid gemeu.

“A coisa com as Olimpíadas de Inverno e o fórum em Davos,” ela prosseguiu. “Você teve algo a ver com isso.”

“Eu te disse, não vou confirmar ou negar nada.”

“E esse grupo terrorista de que continuam falando nas notícias, Amun. Você ajudou a pará-los?”

Reid se virou, olhando pela pequena janela que dava para o quintal deles. Já era tarde demais. Não precisava confirmar ou negar nada. Ela podia ver no rosto dele.

“Isso não é um jogo, Maya. É sério e se o tipo errado de pessoa soubesse...”

“Mamãe sabia?”

De todas as perguntas que ela poderia ter feito, aquela foi a mais traiçoeira. Ficou em silêncio por um longo momento. Mais uma vez, a sua filha mais velha provou ser muito esperta, talvez até demais.

“Eu acho que não,” disse calmamente.

“E todas as viagens que você fez antes,” disse Maya. “Não eram conferências e palestras, eram?”

“Não. Não eram.”

“Então você parou por um tempo. Você desistiu depois... depois da mamãe...?”

“Sim. Mas então precisavam de mim de volta.” Isso era uma verdade parcial o bastante para não se sentir como se estivesse

mentindo - e esperançosamente o suficiente para saciar a curiosidade de Maya.

Ele se voltou para ela. Ela olhou para o chão de azulejos com o rosto fechado. Havia, claramente, mais coisas que ela queria perguntar. Ele esperava que ela parasse por ali.

“Mais uma pergunta.” sua voz era quase um sussurro.

“Essas coisas têm alguma coisa a ver com... com a morte da mamãe?”

“Ah, Deus. Não, Maya. Claro que não.” Ele atravessou o cômodo rapidamente e colocou os braços ao redor dela com força. “Não pense assim. O que aconteceu com sua mãe foi algo médico. Isso poderia ter acontecido com qualquer pessoa. Não foi... não teve nada a ver com isso.”

“Eu acho que já sabia disso,” disse calmamente. “Tive que perguntar...”

“Tudo bem.” Essa era a última coisa que queria que ela pensasse, que a morte de Kate estava de alguma forma ligada à vida secreta em que estivera envolvido.

Algo passou pela mente dele - uma visão. Uma lembrança do passado.

Uma cozinha familiar. Sua casa na Virgínia, antes de se mudar para Nova York. Antes dela morrer. Kate está diante de você, tão linda quanto você se lembra - mas sua testa está franzida, seu olhar é duro. Ela está zangada. Gritando. Gesticulando com as mãos em direção a algo na mesa...

Reid recuou, liberando o abraço de Maya enquanto a vaga lembrança lançava uma dor de cabeça na sua testa. Às vezes, seu cérebro tentava lembrar certas coisas de seu passado que ainda estavam trancadas e a recuperação forçada o deixava com uma leve enxaqueca na frente de seu crânio. Mas desta vez foi diferente,

estranho; a memória claramente era de Kate, algum tipo de discussão que não conseguia lembrar.

“Papai, você está bem?” Maya perguntou.

A campainha tocou de repente, assustando os dois.

“Ah, sim,” murmurou. “Estou bem. Deve ser a pizza.” Olhou para o relógio e franziu a testa. “Foi muito rápido. Eu já volto.” Atravessou o vestibulo e olhou pelo olho mágico. Do lado de fora havia um rapaz de barba escura com um olhar meio vago, usando uma camisa polo vermelha com o logotipo da pizzeria.

Mesmo assim, Reid verificou por cima do ombro para se certificar de que Maya não estava assistindo e então colocou uma mão no casaco marrom escuro que estava pendurado em um gancho perto da porta. No bolso interno havia uma Glock 22 carregada. Desligou o sistema de segurança e enfiou-a na parte de trás da calça antes de abrir a porta.

“Entrega para Lawson,” disse o cara da pizza, monótono.

“Sim, sou eu. Quanto?”

O cara equilibrou as duas caixas com um braço enquanto alcançava o bolso de trás. Reid instintivamente também fez o mesmo.

Ele viu o movimento pelo canto do olho e seu olhar foi para a esquerda. Um homem com um corte militar estava atravessando o gramado da frente com pressa - mas o mais importante, estava claramente usando uma arma no coldre no quadril e sua mão direita estava no cabo da arma.

CAPÍTULO DOIS

Reid ergueu o braço como um guarda de trânsito a parar o tráfego.

“Tudo bem, senhor Thompson,” ele gritou. “É apenas a pizza.”

O homem mais velho em seu gramado da frente, com seu corte militar e barriga pequena, parou no caminho. O cara da pizza olhou por cima do ombro e, pela primeira vez, mostrou alguma emoção - seus olhos se arregalaram em choque quando viu a arma e a mão repousando sobre ela.

“Tem certeza, Reid?” o Sr. Thompson olhou para o cara da pizza com desconfiança.

“Tenho certeza.”

O entregador retirou lentamente um recibo do bolso.

“Ah, são dezoito,” disse, perplexo.

Reid deu a ele vinte e mais dez e pegou as caixas.

“Fique com o troco.”

O cara da pizza não precisou ser avisado duas vezes. Correu de volta para o carro que o estava esperando, pulou lá para dentro e foi embora. O Sr. Thompson observou-o ir embora com os olhos estreitados.

“Obrigado, senhor Thompson,” disse Reid. “Mas é apenas pizza.”

“Eu não gostei da aparência daquele cara,” rosnou. Reid gostava muito daquele homem mais velho - embora pensasse que Thompson levava seu novo papel de ficar atento à família Lawson demasiado a sério. Mesmo assim, Reid decididamente preferia ter alguém um pouco mais zeloso do que alguém relaxado.

“Nunca é demais,” acrescentou Thompson. “Como estão as meninas?”

“Elas estão bem.” Reid sorriu agradavelmente. “Mas, ... você tem que carregar isso na cintura, assim, o tempo todo?” gesticulou para a Smith & Wesson no quadril de Thompson.

O homem mais velho parecia confuso.

“Bem, sim. Meu CHP expirou e a Virginia é um estado de porte legalizado.”

“...Certo.” Reid forçou outro sorriso. “Claro. Mais uma vez obrigado, senhor Thompson. Eu vou deixar você saber se precisar de alguma coisa.”

Thompson assentiu e depois saiu pelo gramado até a casa dele. O Subdiretor Cartwright assegurou a Reid que aquele senhor estava em boa forma; Thompson era um Agente aposentado da CIA e, embora estivesse fora de campo por mais de duas décadas, estava claramente feliz - se não um pouco ansioso - por ser útil novamente.

Reid suspirou e fechou a porta atrás dele. Trancou e ativou o alarme de segurança novamente (que estava se tornando um ritual toda vez que abria ou fechava a porta), e então se virou para encontrar Maya em pé atrás dele no foyer.

“O que foi *aquilo*?” ela perguntou.

“Ah nada. O Sr. Thompson só queria dizer oi.”

Maya cruzou os braços novamente.

“E eu que pensei que estávamos fazendo progressos.”

“Não seja ridícula.” Reid zombou dela. “Thompson é apenas um idoso inofensivo...”

“Inofensivo? Ele carrega uma arma aonde quer que vá” protestou Maya. “E não pense que eu não o vejo nos observando de sua janela. É como se ele estivesse espionando...” Sua boca se abriu um pouco. “Ah meu deus, ele sabe sobre você? O Sr. Thompson é um espião também?”

“Chhh, Maya, eu não sou um espião.”

Na verdade, pensou, é exatamente o que você é...

“Eu não acredito nisso!” exclamou. “É por isso que ele é nossa *babá* quando você sai?”

“Sim,” admitiu em voz baixa. Não tinha que dizer a ela as verdades não solicitadas, mas não havia muito sentido em esconder as coisas dela já que faria estimativas tão precisas, de qualquer maneira.

Esperava que ficasse irritada e começasse a lançar acusações novamente, mas em vez disso ela balançou a cabeça e murmurou:

“Irreal. Meu pai é espião e o maluco da porta ao lado é o guarda-costas.” então, para sua surpresa, ela o abraçou pelo pescoço, quase derrubando as caixas de pizza da mão dele.

“Eu sei que você não pode me dizer tudo. Tudo que eu queria era alguma verdade.”

“Sim, sim,” ele murmurou. “Arriscando a segurança internacional para ser um bom pai. Agora vá acordar sua irmã antes que a pizza fique fria. E Maya? Nem uma palavra disso para Sara.”

Foi até a cozinha e pegou alguns pratos e guardanapos e serviu três copos de refrigerante. Alguns momentos depois, Sara se arrastou para a cozinha, esfregando seus olhos de sono.

“Oi, papai,” ela murmurou.

“Ei, querida. Sente-se. Você tem dormindo bem?”

“Mm,” murmurou vagamente. Sara pegou um pedaço de pizza e mordeu a ponta, mastigando em círculos lentos e preguiçosos.

Estava preocupado com ela, mas tentou não deixar transparecer. Em vez disso, pegou uma fatia da pizza de linguiça e pimenta. Estava a meio caminho de sua boca quando Maya interveio, arrancando-a de sua mão.

“O que você acha que está fazendo?” Ela exigiu.

“...Comendo? Ou tentando.”

“Hum, não. Você tem um encontro, lembra?”

“O quê? Não, isso é amanhã...” Parou, incerto. “Ah, Deus, é hoje à noite, não é?” Quase bateu na própria testa.

“Claro que sim,” disse Maya com uma boca cheia de pizza.

“Além disso, não é um encontro. É um jantar com uma amiga.”

Maya encolheu os ombros. “Bem. Mas se você não se preparar, vai se atrasar para o jantar com uma amiga’.”

Olhou para o relógio. Estava certa; ele deveria encontrar Maria às cinco.

“Vá. Se troque.” ela o conduziu para fora da cozinha e correu para o andar de cima.

Com tudo acontecendo e suas contínuas tentativas de iludir seus próprios pensamentos, quase esqueceu a promessa de se encontrar com Maria. Houve várias tentativas malucas nas últimas quatro semanas, sempre com algo atrapalhando de um lado ou de outro - embora, se ele estivesse sendo honesto consigo mesmo, geralmente, ele dava desculpas. Maria parecia finalmente cansar-se disso e não só planejava o passeio, como também escolhera um lugar entre Alexandria e Baltimore, onde ela morava, se ele promettesse vê-la.

Ele sentia falta dela. Sentia falta de estar perto dela. Eles não eram apenas parceiros na Agência; havia uma história, mas Reid não conseguia se lembrar da maior parte. De quase nada, na verdade. Tudo o que sabia era que, quando estava perto dela, havia um sentimento distinto de que estava na companhia de alguém que se importava com ele - uma amiga, alguém em quem ele podia confiar, e talvez até mais do que isso.

Dirigiu-se ao seu armário e tirou um conjunto que achava que iria funcionar bem para a ocasião. Era fã de um estilo clássico, embora soubesse que seu guarda-roupa, provavelmente, era de pelo menos uma década atrás. Vestiu um par de calças cáqui plissadas, uma camisa xadrez e um casaco de tweed com remendos de couro nos cotovelos.

“É isso que você vai vestir?” Maya perguntou, assustando-o. Estava encostada no batente da porta do quarto dele, mastigando casualmente uma borda de pizza.

“O que há de errado?”

“O que há de errado é que você parece que acabou de sair de uma sala de aula. Venha.” ela o levou pelo braço de volta para o armário e começou a revirar as roupas dele. “Nossa, papai, você se veste como se tivesse oitenta anos...”

“O que foi?”

“Nada!” ela lhe disse. “Ah. Aqui.” tirou um casaco esportivo preto - o único que ele possuía. “Use isso, com algo cinza em baixo. Ou branco. Uma camiseta ou uma polo. Livre-se das calças de papai e coloque um jeans. Escuros. Justinhos.”

A pedido de sua filha, mudou de roupa enquanto ela o esperava no corredor. Ele supunha que deveria se acostumar com essa estranha inversão de papéis, pensou. Um momento era o pai superprotetor; no outro estava desmoronando diante de sua desafiadora e astuta filha.

“Muito melhor,” disse Maya quando ele se apresentou novamente. “Você quase parece estar pronto para um encontro.”

“Obrigado,” ele disse, “e isso não é um encontro.”

“Você continua dizendo isso. Mas você vai jantar e beber com uma mulher misteriosa que diz ser uma velha amiga, mesmo que nunca tenha mencionado ela e nunca a tenhamos conhecido...”

“Ela é uma velha amiga...”

“E, devo acrescentar,” Maya disse atropelando-o, “ela é bastante atraente. Nós a vimos sair do avião em Dulles. Então, se algum de vocês está procurando algo mais do que ser ‘velhos amigos’ isto é um encontro.”

“Deus, você e eu *não* vamos falar sobre isso.” Reid estremeceu. Mas em sua mente, estava entrando em pânico ligeiramente. *Ela está certa. É um encontro.* Ele vinha fazendo tanta ginástica mental ultimamente que não parou o suficiente para considerar o que “jantar e beber” significava para um casal de adultos solteiros. “Tudo bem,” admitiu “vamos dizer que é um encontro. Hum... o que eu faço?”

“Você está me perguntando? Eu não sou exatamente uma especialista.” Maya sorriu. “Fale com ela. Conheça-a melhor. E por favor, tente ao máximo ser interessante.”

Reid zombou e balançou a cabeça. “Devo dizer que sou muito interessante. Quantas pessoas você conhece que podem falar da

história inteira da Rebelião Bulavin?”

“Apenas uma.” Maya revirou os olhos. “E *não* fale para essa mulher toda a história da Rebelião Bulavin.”

Reid riu e abraçou a filha.

“Vai correr tudo bem,” ela assegurou.

“Com você também,” disse ele. “Eu vou ligar para o Sr. Thompson para vir...”

“Papai, não!” Maya se afastou de seu abraço. “Por favor. Eu tenho dezesseis anos. Eu posso tomar conta da Sara por algumas horas.”

“Maya, você sabe o quanto é importante para mim que vocês duas não estejam sozinhas...”

“Papai, ele cheira a óleo de motor e só quer falar nos ‘bons e velhos tempos’ com os fuzileiros,” disse ela exasperada. “Nada vai acontecer. Nós vamos comer pizza e assistir a um filme. Sara vai estar na cama antes de você voltar. Nós ficaremos bem.”

“Eu ainda acho que o Sr. Thompson deveria vir.”

“Ele pode espiar pela janela como costuma fazer. Nós ficaremos bem. Eu prometo. Temos um ótimo sistema de segurança e trancas em todas as portas, e eu sei da arma perto da porta da frente...”

“Maya!” Reid exclamou. Como ela sabia disso? “Não mexa nisso, entendeu?”

“Eu não vou tocar nela,” disse. “Estou apenas dizendo. Eu sei que está ali. Por favor. Deixe-me provar que posso fazer isso.”

Reid não gostou da ideia de as meninas estarem sozinhas em casa, de maneira alguma, mas ela estava praticamente implorando. “Diga-me o plano de fuga,” disse ele.

“Tudinho?!” protestou.

“Tudinho.”

“Tudo bem.” Ela virou o cabelo por cima do ombro, como sempre fazia quando estava irritada. Seus olhos rolaram para o teto

enquanto recitava, monótona, o plano que Reid tinha feito logo após a sua chegada na nova casa. “Se alguém vier até a porta da frente, devo primeiro certificar-me de que o alarme está acionado e que a fechadura e a trava estão ligadas. Então eu vejo no olho mágico para ver se é alguém que eu conheço. Se não for, eu ligo para o Sr. Thompson e peço que ele investigue primeiro.”

“E se for?” perguntou.

“Se for alguém que eu conheço,” Maya continuou, “verifico a janela lateral - cuidadosamente - para ver se há mais alguém com a pessoa. Se houver, eu chamo o Sr. Thompson para vir e investigar.”

“E se alguém tentar forçar a porta?”

“Então, vamos para o porão e entramos na sala de ginástica,” ela falou. Uma das primeiras reformas que Reid fez ao mudar-se para ali foi ter a porta da pequena sala no porão substituída por outra de aço por dentro. Tinha três fechaduras pesadas e dobradiças de liga de alumínio. Era à prova de balas e à prova de fogo, e a equipe de tecnologia da CIA que a instalara alegava que precisaria de uma dúzia de aríetes da SWAT para derrubá-la. Isso efetivamente transformou a pequena academia em uma sala de segurança.

“E então?” perguntou.

“Nós chamamos o Sr. Thompson primeiro,” disse ela. “E depois ligamos o 911. Se nos esquecermos de nossos celulares ou não conseguirmos acessá-los, há um telefone fixo no porão pré-programado com o número dele.”

“E se alguém entrar e você não puder chegar ao porão?”

“Então, vamos para a saída mais próxima disponível,” Maya disparou. “Uma vez lá fora, fazemos o máximo de barulho possível.”

Thompson tinha um monte de limitações, mas dificuldade de ouvir não era uma delas. Certa noite, Reid e as garotas estavam com a TV muito alta enquanto assistiam a um filme de ação e Thompson veio correndo ao som do que achava que poderiam ter sido tiros.

“Mas devemos sempre ter nossos telefones conosco, no caso de precisarmos fazer uma ligação assim que estivermos em algum

lugar seguro.”

Reid assentiu. Ela recitou todo o plano - exceto uma parte pequena, mas crucial.

“Você esqueceu algo.”

“Não, não esqueci.” ela franziu a testa.

“Quando estiver em algum lugar seguro, e depois de ligar para Thompson e as autoridades...?”

“Ah, certo. Então ligamos para você imediatamente e informamos o que aconteceu.”

“OK.”

“Ok?” Maya levantou uma sobrancelha. “Ok, como, você vai nos deixar sozinhas desta vez?”

Ele ainda não gostava da ideia. Mas seria só por algumas horas e Thompson estaria bem ao lado.

“Sim,” disse ele, finalmente.

Maya soltou um suspiro de alívio.

“Obrigada. Nós ficaremos bem, eu juro.” ela o abraçou novamente. Virou a cabeça para baixo, mas depois pensou em outra coisa.

“Posso fazer apenas mais uma pergunta?”

“Claro. Mas não posso prometer que vá responder.”

“Você vai começar a... viajar, de novo?”

“Ah.” mais uma vez a pergunta dela o pegou de surpresa. A CIA lhe ofereceu o emprego de volta - na verdade, o próprio diretor da Inteligência Nacional havia exigido que Kent Steele fosse reintegrado, mas Reid ainda não tinha dado uma resposta e a Agência ainda não havia exigido uma. Na maioria dos dias ele evitava completamente pensar nisso.

“Eu... gostaria de dizer não. Mas a verdade é que não sei. Ainda não me decidi.” fez uma pausa antes de perguntar:

“O que você pensaria se eu voltasse?”

“Você quer minha opinião?” ela perguntou surpresa.

“Sim quero. Você é honestamente uma das pessoas mais inteligentes que conheço e sua opinião é muito importante para mim.”

“Quero dizer... por um lado, é bem legal, saber o que eu sei agora.”

“Saber o que você *acha* que sabe,” Reid corrigiu.

“Mas também é bem assustador. Eu sei que há uma chance muito real de você se machucar, ou... ou algo pior.” Maya ficou quieta por um tempo.

“Você gosta disso? Trabalhar para eles?”

Reid não respondeu diretamente a ela. Estava certa; a provação pela qual ele passara tinha sido aterrorizante e ameaçara sua vida mais de uma vez, assim como a vida de ambas as garotas. Não suportaria se algo acontecesse com elas. Mas a dura verdade - e uma das maiores razões pelas quais ele se mantinha tão ocupado ultimamente - era que gostava disso e sentia falta disso. Kent Steele ansiava pela caçada.

Houve um tempo, quando tudo isso começou, que ele reconhecia essa parte dele como se fosse uma pessoa diferente, mas isso não era verdade. Kent Steele era um pseudônimo. *Ele* ansiava por isso. Sentia falta disso. Era uma parte dele, tanto quanto ensinar e criar duas garotas. Embora suas lembranças fossem confusas, era parte de seu eu maior, sua identidade, e não fazer aquilo era como uma estrela do esporte sofrer uma lesão que acabasse com a sua carreira: e então surgia a pergunta: *Quem sou eu, se não for ele?*

Não precisou responder à pergunta dela. Maya podia ver a resposta em seu olhar.

“Qual é o nome dela de novo?” perguntou de repente, mudando de assunto.

Reid sorriu timidamente. “Maria”

“Maria,” disse ela pensativa. “Certo. Aproveite o seu encontro.” Maya desceu as escadas.

Antes de seguir, Reid teve uma pequena reflexão tardia. Abriu a gaveta de cima da cômoda e remexeu na parte de trás até encontrar o que estava procurando - uma garrafa velha de colônia cara, que não usava há dois anos. Era a favorita de Kate. Ele cheirou o difusor e sentiu um arrepio percorrer sua espinha. Era um aroma familiar e almiscarado que carregava consigo uma enxurrada de boas lembranças.

Ele borrifou algumas vezes o perfume no pulso e passou em cada lado do pescoço. O cheiro era mais forte do que ele lembrava, mas agradável.

Então, outra memória o assolou.

A cozinha na Virgínia. Kate está zangada, apontando para alguma coisa na mesa. Não apenas zangada, ela está com medo. Por que você tem isso, Reid? Ela pergunta acusadoramente. E se uma das meninas tivesse encontrado? Me responda!

Ele afastou a visão antes que a inevitável enxaqueca aparecesse, mas isso não tornou a experiência menos perturbadora. Não conseguia se lembrar de quando ou por que essa briga acontecera; ele e Kate raramente discutiam, e na memória ela parecia assustada - ou com medo do que quer que eles estivessem discutindo, ou possivelmente com medo *dele*. Nunca lhe dera uma razão para se amedrontar. Pelo menos não que pudesse se lembrar...

Suas mãos tremiam quando uma nova percepção o atingiu. Não conseguia se lembrar da memória, o que significava que poderia ter sido suprimida pelo implante. Mas por que quaisquer memórias de Kate teriam sido apagadas com o Agente Zero?

“Papai!” Maya o chamou do fundo das escadas. “Você vai se atrasar!”

“Sim, murmurou. “Estou indo.” Ele teria que encarar a realidade de que ou ele procurava uma solução para seu problema, ou as lembranças ocasionais que ressurgiam continuariam a se arrastar, confusas e dissonantes.

Mas enfrentaria essa realidade mais tarde. Agora tinha uma promessa a cumprir.

Desceu as escadas, beijou cada uma de suas filhas no topo da cabeça e saiu para o carro. Antes de caminhar pela calçada, ele se certificou de que Maya havia acionado o alarme e então entrou na SUV prateada que havia comprado algumas semanas antes.

Mesmo que estivesse muito nervoso e certamente excitado em ver Maria de novo, ele ainda não conseguia sacudir a bola de medo em seu estômago. Não podia deixar de sentir que deixar as meninas sozinhas, mesmo que por pouco tempo, era uma péssima ideia. Se os eventos do mês anterior lhe tinham ensinado alguma coisa, era que não faltavam ameaças para vê-lo sofrer.

CAPÍTULO TRÊS

“Como você está se sentindo esta noite, senhor?” a enfermeira da noite perguntou educadamente quando entrou em seu quarto de hospital. O nome dela era Elena, ele sabia, e era suíça, embora falasse com ele em inglês com um sotaque acentuado. Ela era baixinha e jovem, a maioria diria bonita, e bem alegre.

Rais não disse nada em resposta. Ele nunca respondia. Apenas olhou quando ela colocou um copo de isopor em sua mesa de cabeceira e começou a inspecionar cuidadosamente suas feridas. Sabia que sua alegria era supercompensação por seu medo. Sabia que não gostava de estar no quarto com ele, apesar da dupla de guardas armados atrás dela, observando cada movimento seu. Ela não gostava de tratá-lo, nem de falar com ele.

Ninguém gostava.

A enfermeira, Elena, inspecionou suas feridas com cautela. Ele percebeu que ela estava nervosa perto dele. Sabiam o que tinha feito; que havia matado em nome de Amun.

Ficariam com muito mais medo se soubessem quantos, pensou ironicamente.

“Você está se curando muito bem,” ela disse. “Mais rápido do que o esperado.” Ela dizia aquilo a ele todas as noites, o que para ele significava *espero que você vá embora daqui em breve*.

Isso não era uma boa notícia para Rais, porque quando estivesse finalmente bem o suficiente para sair, provavelmente seria enviado para um buraco horrível no chão, um local escuro da CIA no deserto, para ganhar mais ferimentos enquanto o torturavam por informações.

Como *Amun, nós aguentamos*. Esse tinha sido seu mantra por mais de uma década, mas esse não era mais o caso. Amun não existia mais, pelo que Rais sabia; sua ação em Davos havia fracassado, seus líderes tinham sido detidos ou mortos, e todas as

Agências de segurança do mundo sabiam deles, o glifo de Amun que seus membros tinham queimando na pele.

Rais não tinha permissão para assistir televisão, mas recebeu notícias de seus guardas policiais armados, que falavam com frequência (e com bastante afinco, muitas vezes para o aborrecimento de Rais).

Ele próprio tirou a marca de sua pele antes de ser levado ao hospital em Sion, mas acabou sendo em vão; eles sabiam quem era e pelo menos um pouco do que tinha feito. Mesmo assim, a cicatriz irregular e manchada de rosa, onde a marca já estivera em seu braço, era um lembrete diário de que Amun não existia mais, e assim parecia apropriado que seu mantra mudasse.

Eu aguento.

Elena pegou o copo de isopor, cheio de água gelada e um canudo.

“Você gostaria de algo para beber?”

Rais não disse nada, mas ele se inclinou para a frente e separou os lábios. Ela guiou o canudo na direção dele com cautela, com os braços totalmente estendidos e travados nos cotovelos, o corpo reclinado em ângulo. Estava com medo; quatro dias antes, Rais tentara morder o Dr. Gerber. Seus dentes tinham raspado o pescoço do médico, nem mesmo rasgou a pele, mas ainda assim, justificou um soco no queixo vindo de um de seus guardas.

Rais não tentou nada dessa vez. Tomou goles longos e lentos através do canudo, aproveitando o medo da mulher e a ansiedade tensa dos dois policiais que o observavam atrás dela. Quando terminou, ele se inclinou para trás novamente. Ela suspirou audivelmente de alívio.

Eu suporto.

Ele havia sofrido bastante nas últimas quatro semanas. Havia sofrido uma nefrectomia para remover seu rim perfurado. Havia sofrido uma segunda cirurgia para extrair uma parte de seu fígado

dilacerado. Havia sofrido um terceiro procedimento para garantir que nenhum de seus outros órgãos vitais tivesse sido danificado.

Passou vários dias na UTI antes de ser transferido para uma unidade médico-cirúrgica, mas nunca saiu da cama onde estava algemado pelos dois pulsos. As enfermeiras o viraram e mudaram sua arrastadeira e o mantiveram tão confortável quanto puderam, mas ele nunca teve permissão para se levantar, ficar de pé, para se movimentar por vontade própria.

As sete facadas em suas costas e uma em seu peito foram suturadas e, como a enfermeira noturna, Elena, continuamente lhe lembrava, estava curando bem. Ainda assim, havia pouco que os médicos pudessem fazer sobre os danos nos nervos. Às vezes, suas costas inteiras ficavam dormentes, até os ombros e ocasionalmente até os bíceps. Não sentia nada, como se aquelas partes de seu corpo pertencessem a outra pessoa.

Outras vezes acordava de um sono sólido com um grito na garganta enquanto uma dor lancinante rasgava através dele como uma tempestade de raios furiosa. Nunca durou muito, mas era aguda, intensa e vinha de forma irregular. Os médicos os chamavam de “ferrões”, um efeito colateral visto às vezes naqueles com danos nos nervos tão extensos quanto os dele. Eles asseguraram-lhe que esses ferrões frequentemente desapareciam e paravam por completo, mas não podiam dizer quando isso aconteceria. Em vez disso, disseram que tinha sorte de não haver danos na medula espinhal. Eles disseram que tivera sorte de ter sobrevivido aos ferimentos.

Sim, sorte, pensou amargamente. Sorte que estava se recuperando apenas para ser empurrado para os braços de um lugar escuro da CIA. Sorte de todo o seu trabalho ter sido destruído em um único dia. Sorte de ter sido vencido não uma, mas duas vezes por Kent Steele, um homem que odiava, detestava, com todas as forças possíveis de seu ser.

Eu aguento.

Antes de sair do quarto, Elena agradeceu aos dois policiais em alemão e prometeu levar-lhes café quando voltasse mais tarde. Depois que foi embora, retomaram o posto do lado de fora de sua porta, que estava sempre aberta, e retomaram a conversa, algo sobre um recente jogo de futebol.

Rais era bastante versado em alemão, mas as particularidades do dialeto suíço-alemão e a velocidade com que falavam tornava o entendimento confuso, às vezes. Os oficiais do turno diurno geralmente conversavam em inglês, e foi assim que ele recebeu muitas de suas notícias sobre os acontecimentos do lado de fora do seu quarto de hospital.

Ambos eram membros do Escritório Federal de Polícia da Suíça, que exigia que ele tivesse dois guardas em seu quarto o tempo todo, vinte e quatro horas por dia. Eles revezavam em turnos de oito horas, com uma dupla totalmente diferente de guardas às sextas-feiras e ao fim de semana.

Sempre havia dois, sempre; se um policial tivesse que usar o banheiro ou comer alguma coisa, primeiro teria que ligar para chamar um dos guardas de segurança do hospital e aguardar a chegada dele. A maioria dos pacientes em sua condição e com esta recuperação provavelmente teria sido transferida para um centro de trauma de nível inferior, mas Rais permaneceu no hospital. Era uma instalação mais segura, com suas unidades trancadas e guardas armados.

Sempre havia dois. Sempre. E Rais havia determinado que isso poderia funcionar a seu favor.

Teve muito tempo para planejar sua fuga, especialmente nos últimos dias, quando os níveis de medicação diminuíram e ele pôde pensar com lucidez. Pensou em vários cenários, vezes sem conta. Memorizou horários e interceptou conversas. Não demoraria muito para que o dispensassem - uma questão de dias, no máximo.

Tinha que agir e decidiu que faria isso hoje à noite.

Seus guardas se tornaram complacentes ao longo das semanas de sentinela do lado de fora de sua porta. Eles o chamavam de “terrorista” e sabiam que era um assassino, mas além do incidente com o Dr. Gerber alguns dias antes, Rais não tinha feito nada além de ficar em silêncio, quase imóvel, e permitir que a equipe cumprisse suas obrigações. Se ninguém estava na sala com ele, os guardas mal prestavam atenção, a não ser ocasionalmente olharem para ele.

Não tentou morder o médico por maldade ou malícia, mas por necessidade. Gerber estivera debruçado sobre ele, inspecionando a ferida em seu braço, onde cortara a marca de Amun - e o bolso do jaleco branco do médico roçara os dedos da mão algemada de Rais. Ele pulou, estalando as mandíbulas e o médico deu um pulo para trás assustado quando os dentes roçaram seu pescoço.

E uma caneta-tinteiro permaneceu firme no punho de Rais.

Um dos oficiais de plantão lhe dera um duro soco no rosto e, no momento em que o golpe o acertou, Rais enfiou a caneta sob os lençóis, colocando-a sob a coxa esquerda. Ali ficou por três dias, escondida sob os lençóis, até a noite anterior. Ele havia tirado o objeto enquanto os guardas conversavam no corredor.

Com uma das mãos, incapaz de ver o que estava fazendo, separou as duas metades da caneta e retirou o cartucho, trabalhando devagar e com firmeza para que a tinta não se derramasse. A caneta era de ponta de ouro de estilo clássico. Ele colocou a metade de volta sob o lençol. A metade de trás tinha um clipe de bolso de ouro, que ele cuidadosamente ergueu e afastou com o polegar até que se soltasse.

A algema em seu pulso esquerdo permitia um pouco menos de 30 centímetros de mobilidade para seu braço, mas se esticasse a mão até o limite, poderia alcançar os primeiros centímetros do suporte da cabeceira. A mesa era simples, de tábuas de madeira lisa, mas a parte de baixo era áspera como uma lixa.

No decorrer das exaustivas e dolorosas quatro horas na noite anterior, Rais gentilmente esfregou o clipe da caneta para frente e para trás ao longo da parte inferior da mesa, tomando cuidado para não fazer muito barulho. Com cada movimento, ele temia que o clipe escorregasse de seus dedos ou que os guardas notassem o movimento, mas seu quarto estava escuro e estavam em profunda conversa. Ele trabalhou e trabalhou até afiar o clipe como uma agulha. Então, o clipe desapareceu sob os lençóis também, ao lado da outra parte.

Sabia, por meio de trechos de conversas, que haveria três enfermeiras noturnas na unidade, Elena, com outras duas de plantão, se necessário. Elas, além de seus guardas, significavam pelo menos cinco pessoas com quem ele teria que lidar, e no máximo sete.

Ninguém dentre a equipe médica gostava de atendê-lo, sabendo quem era, então eles verificavam o quarto com uma baixíssima frequência. Agora que Elena tinha feito o que precisava fazer, Rais sabia que teria algo entre sessenta e noventa minutos antes que ela pudesse voltar.

Seu braço esquerdo estava preso por uma contenção padrão do hospital, o que os profissionais às vezes chamavam de “quatro ponteiros”. Era uma algema azul macia que ficava em volta do pulso com uma cinta de nylon branca justa em volta, a outra extremidade ficava firmemente presa no corrimão de aço da cama dele. Por causa da gravidade de seus crimes, seu pulso direito estava algemado.

Os dois guardas do lado de fora conversavam em alemão. Rais ouviu atentamente; o da esquerda, Luca, parecia estar reclamando que sua esposa estava engordando. Rais quase zombou; Luca estava longe de ser magro. O outro, um homem chamado Elias, era mais jovem e atlético, mas tomava café em doses que deveriam ser letais para a maioria dos humanos.

Todas as noites, entre noventa minutos e duas horas em seu turno, Elias telefonava para o guarda noturno para que pudesse se aliviar. Enquanto estava fora, Elias saía para fumar um cigarro, de modo que, com o intervalo do banheiro, significava que geralmente gastaria de oito a onze minutos. Rais passara as últimas várias noites contando em silêncio os segundos das ausências de Elias.

Era uma janela de oportunidade muito estreita, mas para a qual estava preparado.

Ele alcançou sob seus lençóis o clipe afiado e segurou-o nas pontas dos dedos de sua mão esquerda. Então, cuidadosamente, jogou-o em um movimento de arco sobre seu corpo. O clipe aterrissou com destreza na palma da mão direita.

Em seguida, viria a parte mais difícil do seu plano. Ele puxou o pulso para que a corrente da algema estivesse esticada e, enquanto a segurava dessa maneira, torceu a mão e passou a ponta afiada do clipe para dentro do buraco da fechadura ao redor do corrimão de aço.

Era um movimento difícil e desajeitado, mas havia escapado de algemas antes; sabia que o mecanismo de captura era projetado de modo que uma chave universal pudesse abrir praticamente qualquer algema, e conhecer o funcionamento interno de uma fechadura significava simplesmente fazer os ajustes certos para acionar os pinos lá dentro. Ele teve que manter a corrente esticada, no entanto, para evitar que a braçadeira batesse contra o corrimão e alertasse seus guardas.

Levou quase vinte minutos, virando-se, fazendo pequenas pausas para aliviar seus dedos doloridos e tentando de novo, mas finalmente a fechadura estalou e a algema se abriu. Rais retirou-a cuidadosamente do corrimão.

Uma mão estava livre.

Estendeu a mão e apressadamente soltou a parte esquerda.

Ambas as mãos estavam livres.

Ele guardou o clipe sob os lençóis e retirou a metade superior da caneta, segurando-a na palma da mão de modo que apenas a ponta afiada estivesse exposta.

Do lado de fora de sua porta, o oficial mais jovem se levantou de repente. Rais segurou o fôlego e fingiu estar dormindo quando Elias olhou para ele.

“Ligue para Francis, certo?” disse Elias em alemão. “Eu tenho que mijar.”

“Claro,” disse Luca com um bocejo. Ligou para o guarda noturno do hospital, que normalmente estava atrás da recepção no primeiro andar. Rais havia visto Francis muitas vezes; era um homem mais velho, com mais ou menos cinquenta anos, talvez com sessenta e poucos anos, com um corpo magro. Carregava uma arma, mas seus movimentos eram lentos.

Era exatamente o que Rais esperava. Não queria lutar contra o policial mais novo em seu estado ainda em recuperação.

Três minutos depois, Francis apareceu de uniforme branco e gravata preta e Elias correu para o banheiro. Os dois homens do lado de fora trocaram gentilezas enquanto Francis pegava o assento de plástico de Elias com um suspiro pesado.

Era hora de agir.

Rais cuidadosamente deslizou para o final da cama e colocou os pés descalços no azulejo frio. Já fazia algum tempo desde que usara as pernas, mas estava confiante de que seus músculos não haviam atrofiado a ponto de *deixá-lo na mão*.

Ficou de pé com cuidado, em silêncio, e então seus joelhos se dobraram. Agarrou a beira da cama em busca de apoio e lançou um olhar para a porta. Ninguém veio; as vozes continuaram. Os dois homens não ouviram nada.

Rais ficou trêmulo, ofegante e deu alguns passos silenciosos. Suas pernas estavam fracas, com certeza, mas ele sempre fora

forte quando necessário e precisava ser forte agora. Sua roupa de hospital fluiu ao redor dele, aberta na parte de trás. A roupa só o atrapalharia, então ele a puxou, ficando descaradamente nu no quarto do hospital.

Com a outra parte da caneta em seu punho, ele tomou uma posição logo atrás da porta aberta, e soltou um assobio baixo.

Os dois homens ouviram, aparente pela repentina raspagem das pernas das cadeiras quando se levantaram de seus assentos. A silhueta de Luca encheu a porta enquanto ele olhava para o quarto escuro.

“*Mein Gott!*” murmurou quando entrou apressadamente, notando a cama vazia.

Francis seguiu com sua mão no coldre da arma.

Assim que o guarda mais velho passou, Rais saltou para a frente. Enfiou o objeto na garganta de Luca e torceu, rasgando sua carótida. O sangue espirrou generosamente da ferida aberta e parte dele espirrou na parede oposta.

Ele soltou o objeto e correu para Francis, que estava lutando para sacar sua arma. *Sacar, engatilhar e mirar* - a reação do guarda mais velho foi lenta, custando-lhe vários segundos preciosos que ele simplesmente não tinha.

Rais deu dois golpes, o primeiro para cima logo abaixo do umbigo, imediatamente seguido de um golpe para baixo no plexo solar. Um deles forçava a entrada de ar nos pulmões, enquanto o outro forçava o ar a sair, e o súbito e dissonante efeito que provocava em um corpo confuso era, em geral, visão embaçada e, às vezes, perda de consciência.

Francis cambaleou, incapaz de respirar, e caiu de joelhos. Rais girou atrás dele e, com um movimento preciso, quebrou o pescoço do guarda.

Luca agarrou sua garganta com as duas mãos enquanto sangrava, murmúrios e leves suspiros subindo em sua garganta. Rais observou e contou os onze segundos até o homem perder a

consciência. Sem parar o fluxo sanguíneo, estaria morto em menos de um minuto.

Ele rapidamente pegou as armas dos dois guardas e as colocou na cama. A próxima fase do seu plano não seria fácil; teria que se esgueirar pelo corredor, sem ser visto, até o armário de suprimentos onde haveria roupas de reposição. Não podia deixar o hospital no uniforme reconhecível de Francis ou no agora ensanguentado uniforme de Luca.

Ouviu uma voz masculina no corredor e congelou.

Era o outro policial, Elias. Tão cedo? A ansiedade subiu no peito de Rais. Então ouviu uma segunda voz - a enfermeira da noite, Elena. Aparentemente, Elias tinha pulado o intervalo do cigarro para conversar com a bela jovem enfermeira e agora ambos estavam indo pelo corredor em direção ao seu quarto. Passariam por ele por um breve momento.

Ele preferiria não ter que matar Elena. Mas se fosse uma escolha entre ele e ela, ela morreria.

Rais pegou uma das armas da cama. Era uma Sig P220, toda preta, calibre .45. Pegou-a com a mão esquerda. O peso parecia agradável e familiar, como uma velha chama. Com a direita ele segurou a metade aberta das algemas. E então esperou.

As vozes no corredor ficaram em silêncio.

“Luca?” Elias chamou. “Francis?” o jovem policial soltou a alça do coldre e segurou a pistola enquanto entrava no quarto escuro. Elena rastejou atrás dele.

Os olhos de Elias se arregalaram de horror ao ver os dois homens mortos.

Rais bateu o gancho da algaema aberta na lateral do pescoço do jovem e depois puxou o braço para trás.

O metal bateu em seu pulso e as feridas em suas costas queimaram, mas ignorou a dor quando rasgou a garganta do jovem. Uma quantidade substancial de sangue respingou e correu pelo braço do assassino.

Com a mão esquerda, pressionou a Sig contra a testa de Elena. “Não grite,” disse ele rapidamente. “Não chame ninguém. Fique em silêncio e viva. Faça um som e morra. Você entendeu?”

Um pequeno grito irrompeu dos lábios de Elena quando ela sufocou o soluço subindo. Ela assentiu, mesmo com lágrimas nos olhos. Mesmo quando Elias caiu para a frente, de cara no chão de azulejos.

Ele a olhou de cima a baixo. Era delicada, mas suas roupas eram um pouco folgadas e o cós elástico.

“Tire suas roupas,” disse a ela.

A boca de Elena se abriu em horror.

Rais zombou. Ele podia entender a confusão, no entanto; afinal, ele ainda estava nu. “Eu não sou esse tipo de monstro,” assegurou. “Eu preciso de roupas. Não vou pedir de novo.”

Tremendo, a jovem tirou a blusa e tirou as calças, tirando-as sobre os tênis brancos, enquanto estava na poça do sangue de Elias.

Rais pegou-as e vestiu-as um pouco desajeitadamente com uma mão enquanto mantinha o Sig na garota. As roupas estavam justas e as calças um pouco curtas, mas seriam boas o bastante. Enfiou a pistola na parte de trás da calça e pegou a outra da cama.

Elena estava de calcinha, abraçando os braços sobre a barriga. Rais notou; ele pegou seu vestido de hospital e estendeu a mão para ela. “Cubra-se. Agora suba na cama.” Quando ela fez o que ele pediu, ele encontrou chaves no cinto de Luca e destrancou a outra algema. Então enrolou a corrente em torno de uma das grades de aço e algemou as mãos de Elena.

Ele colocou as chaves na extremidade da mesa de cabeceira, fora de seu alcance.

“Alguém virá e libertará você depois que eu for embora,” disse a ela. “Mas primeiro tenho perguntas. Eu preciso que você seja

honestas, porque se você não for, eu voltarei e te matarei.
Entendeu?”

Ela assentiu freneticamente, as lágrimas rolando sobre suas bochechas.

“Quantos outros enfermeiros estão nesta unidade esta noite?”

“P-por favor, não os machuque,” ela gaguejou.

“Elena. Quantos outros enfermeiros estão nesta unidade esta noite?” repetiu ele.

“D-dois...” ela fungou. “Thomas e Mia. Mas Tom está no intervalo. Estaria lá em baixo.”

“Ok.” o crachá preso ao peito era do tamanho de um cartão de crédito. Tinha uma pequena foto de Elena, e no verso, uma faixa preta.

“Esta unidade fica trancada à noite? Seu crachá é a chave?”

Ela assentiu e fungou novamente.

“Bom.” ele enfiou a segunda arma no cós da calça e se ajoelhou ao lado do corpo de Elias. Então tirou os dois sapatos e mexeu os pés neles. Estavam um pouco apertados, mas eram bons o suficiente para fugir.

“Uma última pergunta. Você sabe o que Francis dirige? O guarda noturno?” gesticulou para o homem morto com o uniforme branco.

“Eu não tenho certeza. Um... um caminhão, eu acho.”

Rais procurou nos bolsos de Francis e saiu com um molho de chaves. Havia uma chave eletrônica; isso ajudaria a localizar o veículo.

“Obrigado por sua honestidade,” disse a ela. Então rasgou uma tira da borda do lençol e enfiou na boca dela.

O corredor estava vazio e bem iluminado. Rais segurou a Sig pelo cabo, mas manteve-a escondida atrás das costas enquanto se arrastava pelo corredor. O lugar abria-se para um andar mais amplo com uma estação de enfermeiros em forma de U e, além disso,

havia a saída da unidade. Uma mulher de óculos redondos, com um cabelo escuro que parecia cacheado artificialmente estava atrás de um computador, de costas para ele.

“Vire-se, por favor,” disse a ela.

A mulher assustada virou-se para encontrar seu paciente/prisioneiro em uniforme, com um braço ensanguentado, apontando uma arma para ela. Ela perdeu o fôlego e seus olhos se arregalaram.

“Você deve ser Mia,” disse Rais. A mulher teria cerca de quarenta anos, com olheiras sob os olhos arregalados.

“Mãos ao alto.”

Ela obedeceu.

“O que aconteceu com Francis?” ela perguntou baixinho.

“Francis está morto,” disse Rais desapaixonadamente. “Se você quiser se juntar a ele, faça algo errado. Se você quer viver, ouça atentamente. Eu vou sair por aquela porta. Uma vez que se feche atrás de mim, você vai contar lentamente até trinta. Então vai para o meu quarto. Elena está viva, mas precisa da sua ajuda. Depois disso, você pode fazer tudo o que treinou fazer em uma situação como essa. Você entendeu?”

A enfermeira assentiu com firmeza uma vez.

“Eu tenho a sua palavra que seguirá essas instruções? Prefiro não matar mulheres quando possível.”

Ela assentiu novamente, mais devagar.

“Bom.” ele circulou em torno da estação, puxando o crachá e passou-o através do terminal à direita da porta. Uma pequena luz mudou do vermelho para o verde e a fechadura clicou. Rais abriu a porta, lançou mais um olhar para Mia, que não se moveu, e depois observou a porta se fechar atrás dele.

E então, correu.

Correu pelo corredor, colocando a Sig em suas calças. Desceu as escadas para o primeiro andar, dois degraus por vez, abriu uma

porta lateral e entrou na noite suíça. O ar frio tomou conta dele como um banho purificador e parou um momento para respirar livremente.

Suas pernas tremeram e ameaçaram falhar de novo. A adrenalina de sua fuga estava desaparecendo rapidamente e seus músculos ainda estavam bastante fracos. Ele puxou o chaveiro de Francis do bolso e apertou o botão vermelho de alerta. O alarme em uma SUV guinchou, os faróis piscaram. Ele rapidamente o desligou e correu para lá.

Estariam procurando por este carro, sabia, mas não estaria lá por muito tempo. Ele logo teria que abandoná-lo, encontrar roupas novas e, na manhã seguinte, iria para o Hauptpost, onde tinha tudo de que precisava para escapar da Suíça com uma identidade falsa.

E assim que fosse possível, encontraria e mataria Kent Steele.

CAPÍTULO QUATRO

Reid mal saíra da garagem para encontrar-se com Maria quando ligara para Thompson e pedir-lhe que vigiasse a casa dos Lawson.

“Eu decidi dar às meninas um pouco de independência esta noite,” explicou ele. “Não vou demorar muito. Mas mesmo assim, fique de olho.”

“Claro,” o velho concordou.

“E, se houver algum motivo para agir, é claro, siga em frente.”

“Sim, Reid.”

“Você sabe, se não as vir ou algo assim, você pode bater na porta ou ligar para o telefone fixo...”

Thompson riu.

“Não se preocupe, eu entendi. E elas também. São adolescentes. Precisam de alguma privacidade de vez em quando. Aproveite o encontro.”

Com o olhar atento de Thompson e a determinação de Maya para provar ser responsável, Reid pensou que poderia ficar tranquilo sabendo que as garotas estariam seguras. Claro, parte dele sabia que era apenas mais um exemplo de sua ginástica mental. Estaria pensando sobre isso a noite toda.

Teve que trazer o mapa do GPS em seu telefone para encontrar o lugar. Ele ainda não estava familiarizado com Alexandria, embora Maria estivesse, graças à sua proximidade com Langley e a sede da CIA. Mesmo assim, ela havia escolhido um lugar que nunca tinha ido antes, provavelmente como uma maneira de nivelar o campo de jogo, por assim dizer.

Na viagem, perdeu duas conversões, apesar da voz do GPS dizer-lhe para onde ir e quando. Estava pensando no estranho flashback que tivera duas vezes - primeiro quando Maya perguntou se Kate sabia sobre ele e novamente quando cheirara a colônia que sua falecida esposa adorava. Estava o incomodando tanto que,

mesmo quando tentou prestar atenção às instruções, rapidamente se distraía novamente.

A razão pela qual era tão bizarro era que todas as outras lembranças de Kate eram tão vívidas em sua mente. Ao contrário de Kent Steele, ela nunca o abandonara; ele se lembrava de encontrá-la. Ele se lembrava de namorar. Ele se lembrou de férias e de quando comprou sua primeira casa. Ele se lembrava do casamento e do nascimento de suas filhas. Ele até se lembrava das brigas - pelo menos achava que sim.

A noção de perder qualquer parte de Kate o perturbava. O supressor de memória já provara ter alguns efeitos colaterais, como a ocasional dor de cabeça rejeitada por uma lembrança teimosa - era um procedimento experimental e o método de remoção estava longe de ser cirúrgico.

E se algo mais do que apenas o meu passado como Agente Zero tivesse sido tirado de mim?

Não gostou do pensamento. Era um declive escorregadio; em pouco tempo estava considerando a possibilidade de que poderia ter perdido memórias de períodos com suas garotas também. E ainda pior era saber que não havia como ele saber a resposta para isso sem restaurar sua memória completamente.

É muito, e começou a sentir uma nova dor de cabeça chegando. Ligou o rádio na tentativa de se distrair.

O sol já estava se pondo quando entrou no estacionamento do restaurante, um gastropub chamado The Cellar Door. Estava alguns minutos atrasado. Ele rapidamente saiu do carro e correu para a frente do edifício.

Então, parou.

Maria Johansson era da terceira geração sueco-americana e sua identidade falsa para a CIA era a de uma contadora pública certificada de Baltimore - embora Reid pensasse que deveria ter

sido uma modelo ou capa de revista. Um pouco tímida nos seus 1,80m, longos cabelos lisos a caírem em seus ombros. Seus olhos eram cinza-ardósia, mas de alguma forma intensos. Ela estava do lado de fora, no clima de 12 graus, com um vestido azul-marinho simples, com um decote em V profundo e um xale branco sobre os ombros.

Ela o viu quando se aproximou e um sorriso cresceu em seus lábios.

“Ei. Há quanto tempo.”

“Eu... uau,” ele desabafou. “Quero dizer, ah... você está linda.” Ocorreu a ele que nunca tinha visto Maria com maquiagem antes. A sombra azul combinava com seu vestido e fazia seus olhos parecerem quase luminescentes.

“Você está bonito, também.” Ela assentiu aprovando sua escolha de roupas.

“Vamos entrar?”

Obrigado Maya, pensou.

“Sim. Claro.” Ele segurou a porta para ela e a abriu.

“Mas antes, tenho uma pergunta. O que diabos é um gastropub?”

Maria riu.

“Eu acho que é o que costumávamos chamar de botequim, mas com comida mais chique.”

“Entendi.”

O interior era aconchegante, embora um pouco pequeno, com paredes internas de tijolos e vigas de madeira expostas no teto. A iluminação ficava por conta das lâmpadas Edison que proporcionavam um ambiente caloroso e um pouco escuro.

Por que estou nervoso? pensou enquanto se sentavam. Ele conhecia essa mulher. Juntos, haviam impedido uma organização terrorista internacional de assassinar centenas, senão milhares, de pessoas. Mas isso era diferente; não era uma operação ou uma missão. Era prazer e de alguma forma isso fazia toda a diferença.

Conhecê-la, Maya havia dito. *Ser interessante.*

“Então, como anda o trabalho?” ele acabou perguntando. Gemeu perante sua tentativa frouxa.

Maria sorriu com metade da boca.

“Você deveria saber que eu não posso falar sobre isso.”

“Certo,” disse ele. “Claro.” Maria era uma Agente ativa na CIA. Mesmo que ele também fosse, ela não poderia compartilhar detalhes de uma operação, a menos que ele estivesse nela.

“E você?” ela perguntou.

“Como anda o novo trabalho?”

“Nada mal,” admitiu. “Sou adjunto, por isso trabalho meio período agora, algumas palestras por semana. Alguma classificação e sei lá. Mas não é muito interessante.”

“E as garotas? Como estão?”

“É... elas estão levando,” disse Reid. “Sara não fala sobre o que aconteceu. E Maya, na verdade, já...” parou antes de falar demais. Confiava em Maria, mas ao mesmo tempo não queria admitir que Maya havia adivinhado com precisão aquilo em que Reid estava envolvido. Suas bochechas ficaram rosadas quando disse:

“Ela me provocou. Sobre isto ser um encontro.”

“Não é?” Maria perguntou à queima-roupa.

Reid sentiu seu rosto corar de novo.

“Sim. Eu acho que é.”

Ela sorriu novamente. Parecia que estava gostando de sua falta de jeito. No campo, como Kent Steele, ele provara que podia ser confiante e capaz. Mas aqui, no mundo real, era tão desajeitado quanto qualquer um depois de quase dois anos de celibato.

“E você?” ela perguntou. “Como está indo?”

“Estou bem,” disse ele. “Tudo bem.” Assim que disse isso, ele se arrependeu. Será que não aprendera com sua filha que agir honestamente era a melhor política?

“Isso é mentira,” disse imediatamente. “Acho que não estou muito bem. Mantenho-me ocupado com todas essas tarefas desnecessárias e invento desculpas, porque se parar por tempo

suficiente para ficar sozinho com meus pensamentos, lembro-me de nomes. Eu vejo rostos, Maria. E não consigo parar de pensar que não posso fazer o suficiente para parar tudo isso.”

Ela sabia exatamente a que estava se referindo - nove pessoas que haviam sido mortas na única explosão bem-sucedida deflagrada por Amun em Davos. Maria estendeu a mão por cima da mesa e pegou a mão dele. Seu toque provocou um formigamento elétrico no braço dele e até pareceu acalmar seus nervos. Seus dedos quentes e macios contra os dele.

“Essa é a realidade que enfrentamos,” disse ela. “Não podemos salvar a todos. Eu sei que você não tem todas as suas memórias como Zero, mas se tivesse, saberia disso.”

“Talvez eu não queira saber,” disse baixinho.

“Entendi. Nós tentamos. Mas pensar que você pode manter o mundo a salvo do perigo vai deixá-lo louco. Nove vidas foram tiradas, Kent. Aconteceu e não há como voltar atrás. Mas poderiam ter sido centenas. Poderiam ter sido mil. É assim que você precisa olhar para isso.”

“E se eu não conseguir?”

“Então... encontre um bom passatempo, talvez? Eu tricoto.”

Não pôde deixar de rir.

“Você tricota?” não podia imaginar Maria tricotando. Usando agulhas de tricô como uma arma para aleijar um insurgente? Isso sim. Mas, na verdade, fazendo tricô?

Ela ergueu o queixo.

“Sim, eu tricoto. Não ria. Acabei de fazer um cobertor que é mais suave do que qualquer coisa que você já sentiu em toda a sua vida. Meu ponto é encontrar um hobby. Você precisa de algo para manter suas mãos e mente ocupadas. E a sua memória? Alguma melhora?”

Ele suspirou.

“Na verdade, não. Acho que não posso fazer muito quanto a isso. Ainda é meio confuso.” ele pôs o cardápio de lado e torceu as mãos

na mesa. “Embora, já que você mencionou... Eu fiz algo estranho acontecer hoje cedo. Um fragmento de algo voltou. Sobre Kate.”

“Ah?” Maria mordeu o lábio inferior.

“Sim.” Ficou quieto por um longo momento.

“Coisas sobre Kate e eu... antes da morte dela.”

“Eram lembranças boas, certo?”

Maria olhou diretamente para ele, seus olhos cinza-ardósicos perfurando os dele.

“Sim.”

“Pelo que eu sei, as coisas sempre foram ótimas entre vocês dois. Ela realmente amava você e você a amava também.”

Ele achou difícil olhar nos olhos dela.

“Sim. Claro.” ele zombou de si mesmo. Deus, olhe para mim. Na verdade, estou falando sobre minha falecida esposa em um encontro. Por favor, não conte para minha filha.”

“Ei”. seus dedos encontraram os dele novamente na mesa.

“Tudo bem, Kent. Entendi. Você é novo nisso e parece estranho. Eu não sou exatamente uma especialista nisso, então... vamos descobrir juntos.”

Seus dedos permaneceram nos dele. Era bom. Não, era mais que isso - parecia a coisa certa naquela hora. Ele riu nervosamente, mas seu sorriso se desvaneceu em uma expressão perplexa quando uma noção bizarra o atingiu; Maria ainda o chamava de Kent.

“O que foi?” ela perguntou.

“Nada. Estava apenas pensando... Eu nem sei se Maria Johansson é seu nome verdadeiro.”

Maria encolheu os ombros timidamente.

“Deve ser.”

“Isso não é justo,” ele protestou.

“Você conhece o meu.”

“Eu *não* estou dizendo que não é o meu nome verdadeiro.”
Estava gostando disso, brincando com ele.

“Você sempre pode me chamar de Agente Marigold, se preferir.”

Ele riu. Marigold era seu nome de código, com seu Zero. Era quase uma coisa boba para ele, usar nomes falsos quando se conheciam pessoalmente - mas, novamente, o nome Zero parecia causar medo em muitos que ele encontrara.

“Qual era o nome de código do Reidigger?” Reid perguntou baixinho. Alan Reidigger tinha sido o melhor amigo de Kent Steele - *não*, Reid pensou, *era meu melhor amigo* - um homem de lealdade aparentemente inflexível. O único problema era que Reid mal se lembrava dele. Todas as lembranças de Reidigger se foram com o implante supressor de memória.

“Você não se lembra?” Maria sorriu agradavelmente com o pensamento.

—“Alan te deu o nome Zero, você sabia? E você deu a ele o dele. Deus, há anos eu não lembrava daquela noite. Estávamos em Abu Dhabi, creio eu, bêbados, acabando de sair de algum barzinho de hotel. Ele chamou você de ‘Ground Zero’ - como o ponto de detonação de uma bomba, porque você costumava deixar uma bagunça por onde passava. Isso encurtou e virou Zero, e o apelido pegou. E você chamou ele de...”

Um telefone tocou, interrompendo sua história. Reid instintivamente olhou para o seu próprio celular, na mesa, esperando ver o número de casa ou do celular de Maya exibido na tela.

“Relaxe,” ela disse, “é o meu. Vou simplesmente ignorar...” Ela olhou para o telefone e franziu a testa perplexa. “Na verdade, é trabalho. Só um segundo.” ela atendeu. “Sim? Mm-hmm.” Seu olhar sombrio se levantou e encontrou o de Reid.. O que quer que estivesse sendo dito do outro lado da linha não era claramente uma boa notícia. “Compreendo. OK. Obrigada.” desligou.

“Você parece incomodada,” observou ele. “Eu sei, eu sei, você não pode falar sobre coisas de trabalho...”

“Ele fugiu,” ela murmurou. “O assassino de Sion, aquele no hospital? Kent, ele saiu, menos de uma hora atrás.”

“Rais?” Reid disse espantado. Um suor frio imediatamente jorrou em sua testa. “Como?”

“Eu não tenho detalhes,” disse ela apressadamente enquanto colocava o celular de volta na bolsa.

“Eu sinto muito, Kent, mas tenho que ir.”

“Sim,” ele murmurou. “Eu entendo.” na verdade, ele se sentia a cem milhas de distância de sua mesa aconchegante no pequeno restaurante. O assassino que Reid havia deixado morrer - não uma, mas duas vezes - ainda estava vivo e agora em liberdade.

Maria se levantou e, antes de sair, inclinou-se e apertou os lábios contra os dele.

“Nós vamos fazer isso de novo em breve, eu prometo. Mas agora, o dever me chama.”

“Claro,” disse ele. “Vá e encontre-o. E Maria? Seja cuidadosa. Ele é perigoso.”

“Eu também.” Ela piscou e saiu do restaurante apressadamente.

Reid ficou lá sozinho por um longo momento. Quando a garçonete se aproximou, ele nem ouviu as palavras dela; apenas acenou vagamente para indicar que estava bem. Mas estava longe de estar bem. Nem sentiu o formigamento elétrico nostálgico quando Maria o beijou. Tudo o que podia sentir era um nó de pavor se formando em seu estômago.

O homem que acreditava estar predestinado a matar Kent Steele havia escapado.

CAPÍTULO CINCO

Adrian Cheval ainda estava acordado apesar da hora tardia. Ele se sentou em um banquinho na cozinha, com o olhar embaçado e sem piscar olhou para a tela do laptop na frente dele, seus dedos digitavam freneticamente.

Parou tempo suficiente para ouvir Claudette descendo suavemente as escadas acarpetadas do sótão em seus pés descalços. O apartamento deles em Marselha era pequeno, mas aconchegante, no fim de uma rua tranquila, a uma curta caminhada de cinco minutos do mar.

Um momento depois, sua leve silhueta e seu cabelo de fogo apareceram. Ela colocou as mãos nos ombros dele, deslizando-as para cima e para baixo, descendo pelo peito dele, a cabeça pousando na parte superior de suas costas.

“*Mon chéri*,” ela ronronou. “Meu amor. Eu não consigo dormir.”

“Nem eu,” ele respondeu suavemente em francês. “Há muito a ser feito.”

Ela o mordeu gentilmente no lóbulo da orelha.

“Conte-me.”

Adrian apontou para a tela, que exibia a estrutura cíclica de RNA de fita dupla da *varíola major* - o vírus conhecido pela maioria como varíola.

“Esta linhagem da Sibéria é... é incrível. Eu nunca vi nada como isso. Pelos meus cálculos, a virulência seria espantosa. Estou convencido de que a única coisa que poderia tê-la impedido de erradicar a humanidade há milhares de anos foi o período glacial.”

“Um novo dilúvio.” Claudette gemeu um suspiro suave em seu ouvido. “Quanto tempo até que esteja pronto?”

“Eu preciso fazer modificações na variante, mantendo a estabilidade e a virilidade,” explicou ele. “Não é uma tarefa simples, mas é necessária. A OMS obteve amostras desse mesmo vírus cinco meses atrás; não há dúvida de que uma vacina está sendo

desenvolvida, se já não houver uma. Nossa variante deve ser única o suficiente para que suas vacinas sejam ineficazes.”

O processo era conhecido como mutagênese letal, manipulando o RNA das amostras que ele havia adquirido na Sibéria para aumentar a virulência e reduzir o período de incubação. Em seus cálculos, Adrian suspeitava que a taxa de mortalidade do vírus *variola major* mutante poderia chegar a setenta e oito por cento - quase três vezes a da varíola natural que havia sido erradicada pela Organização Mundial de Saúde em 1980.

Ao retornar da Sibéria, Adrian visitou Estocolmo e usou a identificação de Renault, o estudante falecido, para acessar suas instalações, onde garantiu que as amostras ficassem inativas enquanto ele trabalhava. Mas não podia permanecer sob a identidade de outra pessoa, então roubou o equipamento necessário e voltou para Marselha.

Ele montou seu laboratório no porão não utilizado de uma alfaiataria a três quartos do apartamento deles; o gentil alfaiate acreditava que Adrian era um geneticista, pesquisando DNA humano e nada mais, e Adrian mantinha a porta trancada com um cadeado quando não estava presente.

“Imam Khalil ficará satisfeito,” Claudette respirou em seu ouvido. “Sim,” Adrian concordou em voz baixa. “Ele ficará satisfeito.”

A maioria das mulheres provavelmente não estaria muito interessada em encontrar o parceiro trabalhando com uma substância tão volátil quanto uma variedade altamente virulenta de varíola - mas Claudette não fazia parte da maioria das mulheres. Ela era pequena, com apenas um metro e cinquenta e quatro em comparação com os cento e oitenta e dois centímetros de altura de Adrian. Seu cabelo era de um vermelho ardente e seus olhos eram verdes como a selva mais densa, sugerindo uma certa irascibilidade.

Haviam se conhecido no ano anterior, quando Adrian estava no fundo do poço. Ele acabara de ser expulso da Universidade de Estocolmo por tentar obter amostras de um enterovírus raro; o mesmo vírus que tirara a vida de sua mãe apenas algumas semanas antes. Na época, Adrian estava determinado a desenvolver uma cura - obcecado - para que ninguém mais sofresse como ela. Mas foi descoberto pelo corpo docente da universidade e sumariamente expulso.

Claudette encontrou-o em um beco, deitado em uma poça de sua própria desolação e vômito, meio inconsciente por causa da bebida. Ela levou-o para casa, limpou-o e deu-lhe água. Na manhã seguinte, Adrian acordou e encontrou uma mulher bonita sentada à sua cabeceira, sorrindo para ele enquanto dizia:

“Eu sei exatamente o que você precisa.”

Ele girou no banquinho da cozinha para encará-la e passou as mãos pelas costas dela. Mesmo sentado, estava quase na altura dela.

“É interessante você mencionar o Dilúvio,” observou ele. “Você sabe, há estudiosos que dizem que se um Grande Dilúvio realmente ocorreu, teria sido de aproximadamente sete a oito mil anos atrás... quase a mesma época desta variante. Talvez o Dilúvio tenha sido uma metáfora, e foi esse vírus que limpou o mundo de seus iníquos.”

Claudette riu dele.

“Seus esforços constantes para misturar ciência e espiritualidade ganham força comigo.” Ela tomou seu rosto suavemente em suas mãos e beijou sua testa.

“Mas você ainda não entende que às vezes a fé é tudo que você precisa.”

Fé é tudo que você precisa. Era o que ela lhe havia receitado para ele no ano anterior, quando acordou de seu estupor bêbado. Ela o levou e permitiu que ficasse em seu apartamento, o mesmo

que eles ainda ocupavam. Adrian não era um crente no amor à primeira vista antes de Claudette, mas ela passou a ter muita influência em seu modo de pensar.

Ao longo de alguns meses, ela o apresentou aos princípios do Imam Khalil, um santo islâmico da Síria. Khalil se considerava nem sunita nem xiita, mas simplesmente um devoto de Deus - até mesmo ao ponto de permitir que sua pequena seita de seguidores o chamasse pelo nome que escolhessem, pois Khalil acreditava que o relacionamento de cada indivíduo com seu criador era estritamente pessoal. Para Khalil, o nome desse deus era Allah.

“Eu quero que você venha para a cama,” disse Claudette, acariciando sua bochecha com as costas da mão. “Você precisa de descanso. Mas primeiro... você tem a amostra preparada?”

“A amostra.” Adrian assentiu. “Sim. Eu a tenho.”

Havia apenas um único e pequeno frasco, um pouco maior do que uma unha, do vírus ativo, hermeticamente fechado em vidro e aninhado entre dois cubos de espuma, dentro de um recipiente de risco biológico de aço inoxidável. A caixa em si estava bastante visível sobre a bancada de sua cozinha.

“Bom,” Claudette ronronou. “Porque estamos esperando visitas.”

“Hoje à noite?” as mãos de Adrian se soltaram das suas costas. Não esperava que isso acontecesse tão cedo. “A esta hora?” Eram quase duas horas da manhã.

“A qualquer momento,” ela disse. “Fizemos uma promessa, meu amor, e devemos mantê-la.”

“Sim,” Adrian murmurou. Estava certa, como sempre. Promessas não devem ser quebradas.

“Claro.”

Uma batida brusca e pesada na porta do apartamento assustou os dois.

Claudette foi rapidamente até a porta, soltando a corrente e abrindo apenas dois centímetros. Adrian seguiu, olhando por cima do ombro para ver o par de homens do outro lado. Nenhum parecia

amigável. Não sabia seus nomes e passou a pensar neles apenas como “os árabes” - embora, pelo que sabia, pudessem ser curdos ou até mesmo turcomenos.

Um deles falou rapidamente com Claudette em árabe. Adrian não entendeu; seu árabe era rudimentar, na melhor das hipóteses, limitado a um punhado de frases que Claudette lhe ensinara, mas ela acenou com a cabeça uma vez, deslizou a corrente para o lado e concedeu-lhes entrada.

Ambos eram razoavelmente jovens, com cerca de trinta e poucos anos, e exibiam pequenas barbas negras sobre as bochechas coradas. Usavam roupas europeias, jeans, camisetas e blusões contra o ar frio da noite; Imam Khalil não exigia qualquer vestimenta religiosa de seus seguidores, nem precisavam ficar cobertos. De fato, desde que se mudaram da Síria, preferiu que seu povo se misturasse sempre que possível - por razões que eram óbvias para Adrian, considerando o que os dois homens estavam procurando lá.

“Cheval.” um dos sírios assentiu para Adrian, quase com reverência. “Avançando? Diga-nos.” falou num francês extremamente pausado.

“Avançando?” Adrian repetiu, confuso.

“Ele quer perguntar sobre o seu progresso,” disse Claudette gentilmente.

Adrian sorriu.

“Seu francês é terrível.”

“Igual ao seu árabe,” Claudette respondeu.

Sensato, pensou Adrian.

“Diga a ele que o processo leva tempo. É meticuloso e requer paciência. Mas o trabalho está indo bem.”

Claudette transmitiu a mensagem em árabe e os dois árabes concordaram aprovadamente.

“Pequeno pedaço?” perguntou o segundo homem. Parecia que eles tinham a intenção de praticar o francês com ele.

“Eles vieram por causa da amostra,” Claudette disse a Adrian, embora ele tivesse entendido o contexto. “Você vai pegá-lo?” era claro para ele que Claudette não tinha interesse nenhum em tocar no recipiente de risco biológico, selado ou não.

Adrian assentiu, mas não se mexeu.

“Pergunte por que Khalil não veio.”

Claudette mordeu o lábio e tocou-o gentilmente no braço.

“Querido,” ela disse calmamente, “tenho certeza de que ele está ocupado em outro lugar...”

“O que poderia ser mais importante do que isso?” Adrian insistiu. Esperava que o imã aparecesse.

Claudette fez a pergunta em árabe. O par de sírios franziu a testa e olhou um para o outro antes de responder.

“Eles me dizem que ele está visitando enfermos hoje à noite,” Claudette disse a Adrian em francês, “está orando por sua libertação deste mundo físico.”

A mente de Adrian alcançou rapidamente uma memória de sua mãe, poucos dias antes de sua morte, deitada na cama com os olhos abertos, mas inconsciente. Estava quase inconsciente da medicação; sem isso ela estaria em constante tormento, mas com a medicação estava praticamente em coma. Nas semanas que antecederam a sua partida, ela não tinha noção do mundo ao seu redor. Ele orara muitas vezes por sua recuperação, ali ao lado de sua cama, embora, quando ela se aproximava do fim, suas orações mudaram e ele se viu desejando a ela apenas uma morte rápida e indolor.

“O que ele vai fazer com isso?” Adrian perguntou. “A amostra.”

“Ele vai garantir que sua mutação funcione,” disse Claudette simplesmente. “Você sabe disso.”

“Sim, mas...” Adrian fez uma pausa. Sabia que não lhe competia questionar a intenção do imã, mas de repente teve um forte desejo de saber.

“Ele vai testá-la? Algum lugar remoto? É importante não mostrar tudo cedo demais. O resto do lote não está pronto...”

Claudette disse alguma coisa rapidamente para os dois homens sírios e então pegou Adrian pela mão e o levou para a cozinha.

“Meu amor,” ela disse calmamente, “você tem dúvidas. Conte-me.”

Adrian suspirou.

“Sim,” ele admitiu. “Esta é apenas uma amostra muito pequena, não tão estável quanto as outras. E se isso não funcionar?”

“Vai funcionar.” Claudette envolveu seus braços ao redor dele. “Eu tenho toda a confiança em você, assim como o Imam Khalil. Você foi presenteado com esta oportunidade. Você é abençoado, Adrian.”

Você é abençoado. Essas eram as mesmas palavras que Khalil usara quando se conheceram. Três meses antes, Claudette levava Adrian para uma viagem à Grécia. Khalil, como muitos sírios, era um refugiado - mas não político, nem um subproduto da nação dilacerada pela guerra. Era um refugiado religioso, perseguido tanto por sunitas quanto por xiitas por suas noções idealistas. O tipo de espiritualidade de Khalil era uma fusão de princípios islâmicos e algumas das influências filosóficas esotéricas de drusos, como a veracidade e a transmigração da alma.

Adrian conhecera o homem santo num hotel em Atenas. Imam Khalil era um homem gentil com um sorriso agradável, vestindo um terno marrom com seus cabelos escuros e barba penteados e arrumados. O jovem francês ficou ligeiramente surpreso quando, ao se encontrar pela primeira vez, o imã pediu a Adrian que orasse com ele. Juntos, eles se sentaram em um tapete, de frente para Meca, e rezaram silenciosamente. Havia uma calma que pairava no ar ao redor do Imam e como uma aura, uma placidez que Adrian não

havia experimentado desde que era um menino nos braços da mãe, quando ela era saudável.

Depois da oração, os dois homens fumaram em um cachimbo de vidro e beberam chá enquanto Khalil falava de sua ideologia. Eles discutiram a importância de ser verdadeiro consigo mesmo; Khalil acreditava que o único caminho para a humanidade absolver seus pecados era a veracidade absoluta, que permitiria à alma reencarnar como um ser puro. Ele fez muitas perguntas a Adrian sobre ciência e espiritualidade. Perguntou sobre a mãe de Adrian, e prometeu que em algum lugar na terra ela nasceria de novo, pura, bonita e saudável. O jovem francês sentiu grande consolo nisso.

Khalil então falou do Imam Mahdi, o Redentor e o último dos Imams, os homens santos. Mahdi seria aquele que traria o *Dia do Juízo Final* e livraria o mundo do mal. Khalil acreditava que isso ocorreria muito em breve, e após a redenção do Mahdi viria a utopia; cada ser do universo seria perfeito, genuíno e imaculado.

Por várias horas, os dois homens sentaram-se juntos, bem na noite e quando a cabeça de Adrian estava tão nebulosa quanto o ar denso e esfumaçado que girava em torno deles, ele finalmente fez a pergunta que estava em sua mente.

“É você, Khalil?” ele perguntou ao homem santo. “Você é o Mahdi?”

Imam Kahlil sorriu largamente. Ele pegou a mão de Adrian e disse gentilmente:

“Não, meu filho. É você. Você é abençoado. Eu posso ver isso tão claramente quanto vejo seu rosto.”

Eu sou abençoado. Na cozinha do apartamento deles em Marselha, Adrian pressionou os lábios na testa de Claudette. Estava certa; eles tinham feito uma promessa a Khalil e ela devia ser mantida. Ele retirou a caixa de aço de risco biológico da bancada e levou-a para os árabes que esperavam. Soltou a tampa e levantou a

metade superior do cubo de espuma para mostrar-lhes o minúsculo frasco de vidro hermeticamente fechado.

Não parecia haver nada no frasco - o que fazia parte da natureza dele ser uma das substâncias mais perigosas do mundo.

“Querida,” disse Adrian quando substituiu a espuma e apertou a tampa com firmeza novamente. “Eu preciso que você diga a eles, em termos inequívocos, que sob nenhuma circunstância eles devem tocar neste frasco. Deve ser tratado com o máximo cuidado.”

Claudette retransmitiu a mensagem em árabe. De repente, o homem sírio que segurava a caixa parecia muito menos confortável do que um momento antes. O outro homem fez um gesto de agradecimento a Adrian e murmurou uma frase em árabe, uma que Adrian entendeu.

“Alá está com você, que a paz esteja com você.”

E sem outra palavra, os dois homens saíram do apartamento.

Uma vez que se foram, Claudette girou a trava e colocou a corrente de volta, e então se virou para seu amado com uma expressão sonhadora e satisfeita em seus lábios.

Adrian, no entanto, estava congelado no local, com uma expressão sisuda.

“Meu amor?” ela disse cautelosamente.

“O que eu acabei de fazer? murmurou. Ele já sabia a resposta; colocara um vírus mortal nas mãos de duas pessoas que não eram Imam Khalil, mas sim dois estranhos. E se eles não entregarem? E se eles derrubarem, abrirem ou...

“Meu amor.” Claudette deslizou os braços ao redor de sua cintura e pressionou a cabeça contra o peito dele. “Eles são seguidores do Imam. Eles vão ter cautela e levarão a amostra até onde ela precisa chegar. Tenha fé. Você deu o primeiro passo para mudar o mundo. Você é o Mahdi. Não esqueça isto.”

“Sim,” disse suavemente. “Claro. Você está certa, como sempre. E devo finalizar isso.”

Se sua mutação não funcionasse como deveria, ou se não produzisse o lote completo, não tinha dúvidas de que seria um fracasso não apenas aos olhos de Khalil, mas também de Claudette. Sem ela Cheval desmoronaria. Precisava dela como precisava de ar, comida ou luz solar.

Mesmo assim, não pôde deixar de se perguntar o que fariam com a amostra - se o imã Khalil a testasse em particular, em um local remoto ou se seria divulgada publicamente.

Mas ele descobriria em breve.

CAPÍTULO SEIS

“Papai, você não precisa me acompanhar até a porta toda vez,” Maya gritou enquanto cruzavam Dahlgren Quad em direção a Healy Hall no campus de Georgetown.

“Eu sei que não preciso,” disse Reid. “Eu *quero*. Você tem vergonha de ser vista com seu pai?”

“Não é isso,” Maya murmurou. A viagem tinha sido tranquila, Maya olhava pensativa pela janela, enquanto Reid tentava pensar em algo para falar, mas não conseguia.

Maya estava se aproximando do final de seu primeiro ano do ensino médio, mas já havia feito o teste de suas aulas de AP e começara a fazer alguns cursos por semana no campus de Georgetown. Foi um bom salto em direção ao crédito universitário e foi ótimo para a aplicação - especialmente porque Georgetown era sua melhor escolha no momento. Reid insistiu não só em levar Maya para a faculdade, mas também em levá-la para a sala de aula.

Na noite anterior, quando Maria fora obrigada a interromper o encontro de repente, Reid correu para suas meninas. Ficou extremamente perturbado com a notícia da fuga de Rais - seus dedos tremiam contra o volante de seu carro -, mas se forçou para permanecer calmo e tentou pensar logicamente. A CIA já estava no seu encalço e provavelmente também a Interpol. Ele conhecia o protocolo; todos os aeroportos seriam vigiados e bloqueios seriam estabelecidos nas principais vias de comunicação de Sion. E Rais não tinha aliados a quem recorrer.

Além disso, o assassino havia escapado na Suíça, a mais de seis mil quilômetros de distância. Meio continente e um oceano se interpunham entre ele e Kent Steele.

Mesmo assim, sabia que se sentiria muito melhor quando recebesse a notícia de que Rais havia sido detido novamente. Estava confiante na capacidade de Maria, mas desejou ter tido a perspicácia de pedir a ela para mantê-lo atualizado da melhor maneira possível.

Ele e Maya chegaram à entrada de Healy Hall e Reid parou.

“Tudo bem, vou te ver depois da aula?”

Ela olhou para ele desconfiada.

“Você não vai me acompanhar?”

“Não hoje.” Tinha a sensação de que sabia por que Maya estava tão quieta naquela manhã. Ele lhe dera um pedacinho de independência na noite anterior, mas hoje estava de volta aos seus receios habituais. Tinha que se lembrar que ela não era mais uma garotinha.

“Olha, eu sei que tenho ficado um pouco em cima de você ultimamente...”

“Um pouco?” Maya zombou.

“... E sinto muito por isso. Você é uma jovem muito capaz, perspicaz e inteligente. E só quer independência. Eu reconheço isso. Minha natureza superprotetora é um problema meu, não seu. Não é culpa sua.”

Maya tentou esconder o sorriso no rosto.

“Você acabou de usar a fala 'não é você, sou eu'?”

Ele assentiu.

“Usei, porque é verdade. Eu não seria capaz de me perdoar se algo acontecesse com você e eu não estivesse lá para evitar.”

“Mas você nem sempre vai estar lá,” ela disse, “não importa o quanto você tente. E preciso ser capaz de cuidar de meus problemas.”

“Você está certa. Vou tentar recuar um pouco.”

Ela arqueou uma sobrancelha.

“Você promete?”

“Eu prometo.”

“Ok.” ela se esticou na ponta dos pés e beijou sua bochecha.
“Vejo você depois das aulas.” ela se dirigiu para a porta, mas depois teve outro pensamento:

“Sabe, talvez eu devesse aprender a atirar, por via das dúvidas...”

Ele apontou um dedo severo em sua direção.

“Não me provoque.”

Ela sorriu e desapareceu no corredor. Reid ficou parado por alguns minutos. Deus, as meninas estavam crescendo rápido demais. Em dois curtos anos, Maya seria uma adulta, legalmente falando. Em breve haveria carros, aulas na faculdade e... e, mais cedo ou mais tarde, garotos. Felizmente, isso ainda não havia acontecido.

Ele se distraiu admirando a arquitetura do campus enquanto se dirigia para o Copley Hall. Não tinha certeza se ficaria cansado de andar pela universidade, apreciando as estruturas dos séculos XVIII e XIX, muitas construídas no estilo Românico Flamengo que floresceu na Idade Média europeia. Claro que eram bons os meados de março na Virgínia. Pois acontecia um ponto de virada na estação. A temperatura subia e descia dos dez aos quinze graus em dias mais agradáveis.

No seu papel como adjunto estava tipicamente assumindo turmas menores, de vinte e cinco a trinta alunos e principalmente de pós-graduação. Ele se especializou em lições de guerra e muitas vezes substituíra o professor Hildebrandt, que era titular e viajava frequentemente por causa de um livro que estava escrevendo.

Ou talvez ele esteja secretamente na CIA, refletiu Reid.

“Bom dia,” disse em voz alta quando entrou na sala de aula. A maioria de seus alunos já estava lá quando chegou, então correu para a frente, colocou sua bolsa de viagem na mesa e tirou o casaco de tweed.

“Estou alguns minutos atrasado, então vamos direto ao ponto.”

Era bom estar na sala de aula novamente. Esse era o elemento dele - pelo menos um deles. “Tenho certeza de que alguém aqui pode me dizer: qual foi o evento mais devastador, pelo número de mortes, na história europeia?”

“Segunda Guerra Mundial,” alguém falou imediatamente.

“Foi um dos piores em todo o mundo, com certeza,” respondeu Reid, “mas a Rússia se saiu muito pior do que a Europa, pelos números. O que mais?”

“A conquista mongol,” disse uma menina morena com um rabo de cavalo.

“Outro bom palpite, mas vocês estão pensando em conflitos armados. O que estou pensando é menos antropogênico; mais biológico.”

“Peste Negra,” murmurou um garoto loiro na primeira fila.

“Sim, senhor...?”

“Wright,” o garoto respondeu.

Reid sorriu.

“Sr. Wright? Aposto que você usa esse sobrenome para paquerar as garotas.”

O garoto sorriu timidamente e balançou a cabeça.

“Sim, o Sr. Wright está certo - a Peste Negra. A pandemia da peste bubônica começou na Ásia Central, viajou pela Rota da Seda, foi levada para a Europa por ratos em navios mercantes e, no século XIV, matou uma estimativa de setenta e cinco a duzentos *milhões* de pessoas.” parou por um momento para enfatizar seu discurso.

“Isso é uma enorme disparidade, não é? Como esses números podiam ser altos assim?”

A morena na terceira fileira levantou a mão ligeiramente.

“Porque eles não tinham uma Agência de recenseamento há setecentos anos atrás?”

Reid e alguns outros estudantes riram.

“Bem, claro, tem isso. Mas também é por causa da rapidez com que a peste se espalhou. Quer dizer, estamos falando de mais de um terço da população da Europa morta em dois anos. Para colocar isso em perspectiva, seria como se toda a costa leste e a Califórnia tivessem desaparecido.” ele se encostou na mesa e cruzou os braços. “Agora eu sei o que vocês estão pensando. *‘Professor Lawson, você não é o cara que entra e fala sobre guerra?’* Sim, e estou falando disso agora.”

“Alguém mencionou a conquista mongol. Genghis Khan teve o maior império contíguo da história por um breve período e suas forças marcharam na Europa Oriental durante os anos da praga na Ásia. Khan é tido como um dos primeiros a usar o que hoje classificamos como guerra biológica; se uma cidade não cedesse a ele, seu exército catapultaria os corpos infectados pela peste sobre suas muralhas, e então... teriam que esperar um pouco.”

O Sr. Wright, o garoto loiro na fila da frente, franziu o nariz em desgosto.

“Isso não pode ser real.”

“É real, asseguro-lhe. Cerco a Kafa, no que hoje é a Crimeia, 1346. Vejam, queremos pensar que algo como a guerra biológica é um conceito novo, mas não é. Antes de termos tanques, drones, mísseis ou até mesmo armas no sentido moderno, nós, ã... eles, ã...”

“Por que você tem isso, Reid?” ela pergunta acusadoramente. Seus olhos estão mais com medo do que zangados.

Ao mencionar a palavra “armas”, uma lembrança repentinamente passou por sua mente - a mesma memória de antes, mas mais clara agora. Na cozinha de sua antiga casa na Virgínia. Kate encontrara alguma coisa enquanto limpava a poeira de um dos dutos do ar condicionado.

Uma arma na mesa - uma pequena, uma LC9 de nove milímetros e prateada. Kate gesticula para ela como um objeto amaldiçoado.

“Por que você tem isso, Reid”

“É... só por proteção”, você mente.

“Proteção? Você ao menos sabe como usá-la? E se uma das meninas tivesse encontrado?”

“Elas não...”

“Você sabe o quão curiosa Maya é. Jesus, eu nem quero saber como você conseguiu isso. Eu não quero isso em nossa casa. Por favor, livre-se disso.”

“Claro. Me desculpe, Katie.” Katie - o nome que você usa quando ela está zangada.

Você cuidadosamente pega a arma da mesa, como se não tivesse certeza de como lidar com ela. Depois que ela sair para o trabalho, você terá que pegar as outras onze escondidas em toda a casa. Encontre pontos melhores para escondê-las.

“Professor?” o garoto loiro, Wright, olha para Reid com preocupação. “Você está bem?”

“Oi... sim.” Reid se endireitou e limpou a garganta. Seus dedos doíam; agarrou a borda da mesa com força quando a memória o atingiu. “Sim, desculpe-me.”

Não havia dúvida agora. Tinha certeza de que perdera pelo menos uma lembrança de Kate.

“Hum... desculpe, pessoal, mas de repente eu não estou me sentindo bem,” disse à turma. “Foi repentino. Estão dispensados por hoje. Vou passar algumas leituras e trabalharemos com elas na segunda-feira.”

Suas mãos tremiam quando recitou os números das páginas. O suor se arrepiou em sua testa enquanto os alunos saíam. A menina morena da terceira fila parou em sua mesa.

“Você não parece bem, professor Lawson. Quer que a gente ligue para alguém?”

Uma enxaqueca estava se formando na frente de seu crânio, mas ele forçou um sorriso que esperava que fosse agradável.

“Não, obrigado. Eu vou ficar bem. Só preciso de um pouco de descanso.”

“OK. Fique melhor, professor.” ela também saiu da sala de aula.

Assim que ficou sozinho, abriu a gaveta da escrivaninha, encontrou uma aspirina e engoliu-a com água de uma garrafa da sua bolsa.

Sentou-se na cadeira e esperou que seu batimento cardíaco diminuísse. A memória não tinha apenas um impacto mental ou emocional sobre ele - também tinha um efeito físico muito real. O pensamento de perder qualquer parte de Kate de sua memória, quando ela já havia sido tirada de sua vida, era nauseante.

Depois de alguns minutos, a sensação de náusea começou a diminuir, mas não os pensamentos rodando em sua mente. Não havia mais desculpas; tinha que tomar uma decisão. Ele teria que determinar o que faria.

De volta a casa, em uma caixa em seu escritório, pegou a carta que lhe dizia onde poderia procurar ajuda - um médico suíço chamado Guyer, o neurocirurgião que instalara o supressor de memória em sua cabeça. Se alguém pudesse ajudar a restaurar suas memórias, seria ele. Reid passou o último mês vacilando sobre se deveria ou não pelo menos tentar recuperar sua memória completamente.

Mas partes de sua esposa haviam desaparecido e não tinha como saber o que mais poderia ter sido eliminado com o supressor. Agora estava pronto.

CAPÍTULO SETE

“Olhe para mim,” disse o imã Khalil em árabe. “Por favor.”

Ele pegou o menino pelos ombros, um gesto paternal, e se ajoelhou um pouco, de modo que ficou cara a cara com ele. “Olhe para mim,” disse novamente. Não era uma exigência, mas um pedido gentil.

Omar teve dificuldade em olhar Khalil nos olhos. Em vez disso, olhou para o queixo, para a barba preta aparada, raspada delicadamente até o pescoço. Olhou para as lapelas de seu terno marrom escuro, de modo algum caro, porém mais fino do que qualquer roupa que Omar já tivesse usado.

O homem mais velho tinha um cheiro agradável e falava com o rapaz como se fossem iguais, com um respeito diferente de qualquer outro que já tivessem mostrado a ele antes. Por todas essas razões, Omar não conseguiu olhar Khalil nos olhos.

“Omar, você sabe o que é um mártir?” perguntou ele. Sua voz era clara, mas não ruidosa. O garoto nunca ouvira o imã gritar.

Omar sacudiu a cabeça.

“Não, Imam Khalil.”

“Um mártir é um tipo de herói. Mas é mais que isso; é um herói que se entrega completamente a uma causa. Um mártir é lembrado. Um mártir é celebrado. Você, Omar, será celebrado. Você será lembrado. Você será amado para sempre. Você sabe porquê?”

Omar assentiu levemente, mas não falou. Ele acreditava nos ensinamentos do Imam, se apegara a eles como um salva-vidas, ainda mais depois do bombardeio que matou sua família. Mesmo depois de ser forçado a sair de sua terra natal na Síria por dissidentes. Teve alguns problemas, no entanto, continuava acreditando no que o Imam Khalil havia dito a ele há poucos dias.

“Você é abençoado,” disse Khalil. —“Olhe para mim, Omar.” com muita dificuldade, Omar ergueu o olhar para encontrar os olhos

castanhos de Khalil, suaves e amigáveis, mas de alguma forma intensos.

“Você é o Mahdi, o último dos Imam. O Redentor que livrará o mundo de seus pecadores. Você é um salvador, Omar. Você entende?”

“Sim, Imam.”

“E você acredita, Omar?”

O menino não tinha certeza. Não se sentia especial, importante, ou abençoado por Alá, mas ainda assim respondeu:

“Sim, Imam. Eu acredito nisso.”

“Alá falou comigo,” disse Khalil suavemente, “e ele me disse o que devemos fazer. Você se lembra do que deve fazer?”

Omar assentiu. Sua missão era bem simples, embora Khalil tivesse se assegurado de que o menino não tivesse dúvidas sobre o que isso significaria para ele.

“Bom. Bom.” Khalil sorriu largamente. Seus dentes eram perfeitamente brancos e brilhavam ao sol radiante.

“Antes de nos separar, Omar, você me faria a honra de orar comigo por um momento?”

Khalil estendeu a mão e Omar a pegou. Era quente e suave. O Imam fechou os olhos e seus lábios se moveram com palavras silenciosas.

“Imam?” Disse Omar em um quase sussurro. “Não deveríamos enfrentar Meca?”

Mais uma vez Khalil sorriu amplamente.

“Não hoje, Omar. O único Deus verdadeiro me concede um pedido; hoje estou com você.”

Os dois homens ficaram ali por um longo momento, rezando silenciosamente e se encarando um ao outro. Omar sentiu o sol quente em seu rosto e, pelo minuto silencioso que se seguiu, pensou ter sentido algo, como se os dedos invisíveis de Deus lhe acariciassem a face.

Khalil se ajoelhou um pouco enquanto permaneciam à sombra de um pequeno avião branco. No avião poderiam caber apenas quatro pessoas e tinha hélices sobre as asas. Era o mais próximo que Omar já estiver deles - além da viagem da Grécia para a Espanha, que foi a única vez em que Omar também estivera em um avião.

“Obrigado por isso.” Khalil tirou a mão do menino. “Preciso ir agora e você também deve. Alá está com você, Omar, a paz esteja com Ele, e a paz esteja com você.” o homem mais velho sorriu mais uma vez para ele e então se virou e subiu a rampa curta no avião.

Os motores começaram ganindo a princípio e depois subindo a um rugido. Omar deu vários passos para trás enquanto o avião avançava pela pequena pista de pouso. Observou a velocidade, cada vez mais rápida, até que subiu no ar e finalmente desapareceu.

Sozinho, Omar olhou para cima, apreciando a luz do sol em seu rosto. Era um dia quente, mais quente que a maioria da época do ano. Então começou a caminhada de seis quilômetros que o levaria a Barcelona. Enquanto caminhava, enfiou a mão no bolso, os dedos gentilmente, mas protetoramente, envolvendo o pequeno frasco de vidro que estava ali.

Omar não pôde deixar de se perguntar por que Alá não tinha vindo diretamente a ele. Em vez disso, sua mensagem foi passada pelo Imam. *Eu teria acreditado?* Omar pensou. *Ou eu teria pensado que era apenas um sonho?* Imam Khalil era santo e sábio, e reconheceu os sinais quando se apresentaram.

Omar era um garoto jovem e ingênuo, de apenas dezesseis anos, que conhecia pouco do mundo, particularmente do Ocidente. Talvez não estivesse em condições de ouvir a voz de Deus.

Khalil havia lhe dado um punhado de euros para levar com ele para Barcelona.

“Faça tudo no seu tempo,” o homem mais velho tinha dito.
“Desfrute de uma boa refeição. Você merece isso.”

Omar não falava espanhol, apenas algumas frases rudimentares em inglês. Além disso, não estava com fome, então ao invés de comer quando chegou na cidade, encontrou um banco com vista para a cidade. Ele sentou-se sobre ele, perguntando por quê ali, de todos os lugares.

Tenha fé, o Imam Khalil diria. Omar decidiu que teria fé.

À sua esquerda estava o Hotel Barceló Raval, um estranho prédio redondo adornado de luzes roxas e vermelhas, com jovens bem vestidos indo e vindo de suas portas. Não o conhecia pelo nome; sabia apenas que parecia um farol, atraindo pecadores opulentos como uma chama atraía mariposas. Deu-lhe força para se sentar diante dele, reforçando sua crença para que pudesse fazer o que viria a seguir.

Omar cuidadosamente pegou o frasco de vidro do bolso. Não parecia que havia algo dentro dele, ou talvez o que estivesse nele fosse invisível, como ar ou gás. Não importava. Sabia bem o que deveria fazer com isso. O primeiro passo foi concluído: entrar na cidade. O segundo passo realizou no banco abaixo de uma sombra no Raval.

Ele beliscou a ponta do vidro cônico do frasco entre dois dedos e, em um movimento pequeno, mas rápido, quebrou-a.

Um pequeno pedaço de vidro ficou preso no dedo dele. Ele observou quando uma gota de sangue se formou, mas resistiu ao impulso de enfiar o dedo em sua boca. Em vez disso, fez o que lhe mandaram fazer - colocou o frasco em uma narina e inalou profundamente.

Assim que inalou, um nó de pânico agarrou seu intestino. Khalil não lhe dissera nada específico sobre o que esperar depois disso. Simplesmente disse para esperar um pouco, então ele esperou e fez o seu melhor para permanecer calmo. Observou mais pessoas entrarem e saírem do hotel, cada uma vestida com roupas

extravagantes e ostensivas. Estava muito ciente de seu humilde traje; o suéter surrado, as bochechas irregulares, o cabelo que cresceu por muito tempo indisciplinado. Lembrou a si mesmo que a vaidade era um pecado.

Omar sentou-se e esperou que algo acontecesse, para sentir que trabalhava dentro dele, o que quer que fosse *aquilo*.

Não sentiu nada. Não houve diferença.

Passou-se uma hora inteira no banco e, por fim, ele se levantou e caminhou vagarosamente para noroeste, para longe do hotel cilíndrico púrpura e para a cidade propriamente dita. Ele desceu as escadas até a primeira estação de metrô que encontrou. Certamente não sabia ler em espanhol, mas não precisava saber para onde estava indo.

Comprou um ingresso usando os euros que Khalil lhe dera e ficou parado na plataforma à toa até chegar um trem. Ainda assim, não se sentiu diferente. Talvez tivesse julgado mal a natureza da entrega. Ainda assim, havia uma última coisa para fazer.

As portas se abriram e ele entrou, movendo-se com dificuldade entre a multidão. O metrô estava bastante movimentado; todos os assentos estavam ocupados, então Omar ficou em pé e segurou uma das barras de metal que corriam paralelamente pelo comprimento do trem, logo acima da sua cabeça.

Sua instrução final foi a mais simples de todas, embora também a mais confusa para ele. Khalil havia dito a ele para embarcar em um trem e “andar nele até que você não possa mais”. Isso foi tudo.

Na época, Omar não tinha certeza do que isso significava. Mas quando sua cabeça começou a formigar com o suor, a temperatura do corpo aumentou e a náusea subiu em seu estômago, ele começou a ter uma suspeita.

Enquanto os minutos passavam e o trem balançava e balançava sobre os trilhos, seus sintomas pioraram. Sentiu vontade de vomitar. O trem parou na próxima estação e, enquanto as pessoas subiam a bordo ou desembarcavam, Omar se sacudia violentamente. Passageiros se afastaram dele com repulsa.

Seu estômago parecia ter se amarrado em um doloroso nó. Na metade da próxima estação ele tossiu em sua mão. Quando a puxou para longe, seus dedos trêmulos estavam úmidos de sangue escuro e pegajoso.

Uma mulher ao lado dele notou. Ela disse algo rapidamente em espanhol, falando rapidamente, os olhos arregalados em choque. Ela apontou para as portas e tagarelou. Sua voz ficou distante quando um gemido estridente começou nos ouvidos de Omar, percebeu que ela exigia que ele saísse do trem.

Quando as portas se abriram mais uma vez, Omar saiu cambaleando, quase caindo na plataforma.

Ar. Ele precisava de ar fresco.

Alá me ajude, pensou desesperadamente enquanto cambaleava em direção às escadas que levavam ao nível da rua. Sua visão ficou embaçada com lágrimas, seus olhos inundando involuntariamente.

Seu interior gritando de dor, sangue pegajoso em seus dedos, Omar finalmente entendeu seu papel como Mahdi. Ele deveria libertar pestilências neste mundo – e o começo era eliminar seus próprios pecados.

*

“¡Perdón!”

Marta Medellín zombou quando o jovem esbarrou nela bruscamente. Ele parecia ter pouca ou nenhuma consideração pelos outros na rua. Quando ele se aproximou, com os olhos mortos e arrastando os pés, seu ombro esquerdo mergulhou e colidiu com o dela, e ela sussurrou um duro: *Desculpe-me!* em espanhol. No entanto, não lhe deu atenção e continuou.

Depois de ter criado dois filhos, Marta tornou-se familiar a comportamentos rudes. A maneira como esse garoto cambaleou sugeriu que poderia estar bêbado e, no entanto, mal parecia um adulto! *Vergonhoso*, pensou.

Normalmente, ela não daria uma segunda olhada no jovem rude - não merecia a atenção dela, esbarrando nela assim e não se desculpando - mas então ela ouviu uma tosse; um profundo chocalhar no peito, uma tosse que, para alguém em sua posição, chamava a atenção de forma imediata.

Marta virou-se ao ouvir o som a tempo de ver as pernas dele vacilarem. Ele desabou na calçada enquanto os transeuntes gritavam de surpresa ou saltavam para trás. Ela, por outro lado, correu e se ajoelhou ao lado do menino.

“Señor, ¿puedes escucharme?” Senhor, você pode me ouvir? Sua respiração era superficial, vindo rapidamente pela boca aberta. Seu rosto estava pálido e seus olhos semicerrados. Ela checou suas pupilas - totalmente dilatadas. Sua testa estava queimando; sua temperatura devia ser pelo menos uns trinta e nove, talvez mais.

Várias pessoas haviam parado em um semicírculo para ver o que estava acontecendo. *“Alguém chame uma ambulância!”* exigiu Marta em espanhol. O Hospital de l'Esperança estava muito perto. Sabia que os paramédicos poderiam estar lá em menos de dois minutos. Ela tirou o casaco fino de lã, enrolou-o e colocou-o sob os pés do menino para promover a circulação e impedir o choque.

“Senhor,” ela disse novamente, “você pode me ouvir?”

Não disse nada. Era mais jovem do que ela imaginara, um adolescente na melhor das hipóteses, magro demais, praticamente boiando em um suéter enorme. Mas não parecia fraco o suficiente para ser incapacitado por uma doença comum. *Pode ser a gripe*, ela

pensou. É mais difícil em alguns do que em outros, mesmo em homens e mulheres saudáveis.

Ela colocou a mão na dele. Parecia úmida e fria.

“Por favor, aperte minha mão se você me entende.” em resposta, o menino virou a cabeça para o lado e soltou outra tosse violenta e torturante.

“Senhor, eu preciso saber se tem alguma condição preexistente ou se está tomando algum medicamento,” disse ela tão claramente quanto podia. Ao mesmo tempo, checkou seus pulsos e pescoço à procura de um bracelete ou colar médico e não encontrou nenhum.

Ele murmurou algo baixinho, algo que Marta não pôde ouvir. Ela se inclinou, perto de sua boca, quando disse de novo.

“Imam...” disse o menino em pouco mais de um sussurro. “Imam Mahdi...”

“Me desculpe, eu não entendo,” ela disse. “Esse é o seu nome? Você fala espanhol?”

Sirenes gritaram pelo quarteirão e o tráfego se abriu quando a ambulância se aproximou. Marta ficou parada quando dois homens saltaram do veículo. Um deles preparou uma maca enquanto o outro corria, aparentemente surpreso ao vê-la.

“Marta?” disse. “Você fez a ligação?”

“Ele caiu ao meu lado na rua, Ernesto. Ele está queimando de febre, mal responde. Precisamos levá-lo ao pronto-socorro.” O paramédico Ernesto ajoelhou-se ao lado do menino e checkou seus sinais vitais.

“O BPM está em torno de um para dez,” Marta disse a ele. “Vias aéreas desobstruídas. Pupilas dilatadas, a temperatura é de pelo menos trinta e nove graus.”

Ernesto tentou obter uma resposta do jovem, mas também não teve sucesso. Ele e o jovem técnico, Nicolás, amarraram-no à maca e prenderam-no na traseira da ambulância que o aguardava.

“Marta, precisa de uma carona?” Nicolás perguntou quando se dirigiu para o assento do motorista.

“Obrigada.” Ela subiu na parte de trás com Ernesto. Normalmente, isso seria desaprovado, mas, como enfermeira do pronto-socorro, estava em posição de ajudar, se necessário.

“Vamos atendê-lo imediatamente. Você tem antivirais à mão?”

Ernesto lhe lançou um sorriso enquanto preparava uma linha IV.

“Você queria fazer isso, não queria?”

Ela sorriu de volta para ele.

“Eu sinto muito. É um hábito. Por favor, vá em frente.”

As sirenes tornaram-se vivas novamente, gritando o alerta de emergência enquanto rugiam em direção à entrada do pronto-socorro do Hospital de l'Esperança. Ernesto deu medicamentos ao garoto enquanto Marta espiava o rosto do menino. Seja o que for, aquilo fazia seu rosto ficar contorcido, cada linha e ruga aparecendo - um sinal de dor. Quando seus músculos se afrouxaram e seu rosto se suavizou, ficou ainda mais claro que era apenas uma criança.

“O que você acha?” perguntou Ernesto.

Ela balançou a cabeça.

“No começo eu pensei que era a gripe, mas agora... pode ter sido ignorado e progrediu para pneumonia. Estava tossindo antes, uma tosse profunda e terrível. Certamente há algum fluido em seus pulmões...”

De repente, o menino tossiu de novo, um único som agudo que espirrou saliva no rosto de Marta. Sua mão instintivamente chegou a limpá-la.

Manchas vermelhas mancharam as pontas dos seus dedos.

“*Dios mio*,” ela murmurou. “Ele tem sangue em seus pulmões. Ligue antes, avise-os.”

A ambulância guinchou até o lado de fora do pronto-socorro e as portas traseiras foram imediatamente abertas por um par de enfermeiras, ambas surpresas ao ver Marta saindo.

“Leve-o, eu estarei lá.” Ela se afastou e deixou o pessoal trabalhar; regras eram regras, e ela ainda não estava no seu expediente.

Ela pegou o casaco de lã e limpou o rosto completamente. Era vacinada contra tudo, obrigatoriamente. Então duvidava que precisasse se preocupar. Mesmo assim, não faria mal receber um reforço quando a doença do menino fosse identificada.

Marta franziu a testa. O estacionamento parecia mais movimentado do que o habitual, mais ativo. À sua esquerda, um homem de meia-idade se aproximava, apoiando uma mulher que parecia mal conseguir andar. Seu rosto estava pálido, seus olhos mal abertos. O homem, presumivelmente o marido dela, avistou Marta ali, de uniforme e distintivo, e chamou-a.

“*Ayudame*,” ele implorou. “*Por favor. Ajude-me. Por favor.*”

Ela correu na direção dele e então deu um pulo para trás com um grito quando um carro que se aproximava passou rápido, guinchando até parar ao lado da ambulância estacionada.

O que está acontecendo? Pensou desesperadamente.

Ela ouviu outro guincho de pneus e, em seguida, um barulho alto e surpreendente - um carro entrando no estacionamento atingiu outro, batendo no para-choque traseiro enquanto os dois corriam em direção ao hospital.

Marta fez uma pausa e examinou o estacionamento. Carros estavam entrando. As pessoas se arrastavam pela calçada, tossindo e gemendo de dor. Um homem idoso, a menos de vinte metros dela, limpou o sangue de seus lábios.

“Meu Deus,” ela disse novamente. Seus dedos distraidamente tocaram seu rosto. Estava limpo do sangue do menino, mas essa era a menor das suas preocupações agora. Sabia o que era aquilo. Era um surto.

CAPÍTULO OITO

O vice-diretor Shawn Cartwright olhou para o relógio de pulso enquanto caminhava rapidamente pelo corredor acarpetado da Ala Oeste. Era pouco depois das cinco horas; menos de vinte minutos antes, estava sentado à sua mesa em Langley, terminando alguns papéis e esperando conseguir chegar em casa a tempo para o jantar.

Então, recebeu a ligação urgente, e depois veio a escolta policial e depois a Casa Branca.

Caminhando à sua frente estava o diretor Mullen, chefe da Agência Central de Inteligência. Mullen tinha cinquenta e seis anos, a cabeça careca brilhante, cercada por uma mecha de cabelos grisalhos. Normalmente, o diretor era muito bom em camuflar seu humor, mas esta tarde ele parecia ansioso demais para perder tempo com fingimentos. Sua postura era rígida e seu passo mais rápido do que Cartwright podia imaginar.

Os saltos altos negros batendo contra o chão atrás dele pertenciam à diretora adjunta Ashleigh Riker, uma ex-oficial da inteligência que havia subido na hierarquia. Mullen a levou junto porque estava sendo avaliada para o cargo de vice-diretora, especificamente para chefiar o Grupo de Operações Especiais - uma ideia que Cartwright estava muito interessado em promulgar, pois o grupo fora temporariamente absorvido em sua jurisdição, Divisão de Atividades Especiais desde que o ex-vice-diretor, Steve Bolton, se revelara um traidor. Ele também estava desaparecido há um mês. Cartwright presumia - não, ele *esperava* - que Bolton estivesse morto. Não merecia nada menos pelo que fizera.

Cartwright não fazia ideia do que era essa reunião de emergência, mas era esperto o bastante para não perguntar. Sabia que não lhe seria dito nada fora da Sala de Circunstâncias.

Os três superiores da CIA pararam do lado de fora de um par de portas duplas de carvalho, guardadas por dois membros do Serviço

Secreto de óculos escuros que checaram suas credenciais antes de lhes conceder acesso.

Enquanto o faziam, Cartwright se inclinou para Riker e disse em um sussurro:

“Boca fechada e orelhas abertas. Você está prestes a conhecer muitas pessoas importantes.”

Ela assentiu enquanto Mullen liderava o caminho para a Sala de Conferências John F. Kennedy, um centro de comando e inteligência de cinco mil metros quadrados no porão da Ala Oeste da Casa Branca, conhecida mais comumente como a Situation Room.

Sentados ao redor da mesa de reuniões para doze pessoas havia vários rostos familiares a Cartwright - o chefe de gabinete da Casa Branca, Peter Holmes, a secretária de imprensa Christine Cleary, o secretário de Defesa Quentin Rigby e o diretor de inteligência nacional John Hillis. Havia alguns outros que Cartwright não reconheceu imediatamente, provavelmente membros do Conselho de Segurança Nacional. Independentemente disso, a própria presença daqueles que ele conhecia dava a gravidade potencial da situação prestes a ser contada.

Na cabeceira da comprida e escura mesa havia um homem que Cartwright conhecera em algumas ocasiões antes, e nenhuma delas fora agradável. Aos quarenta e seis anos de idade, o Presidente dos Estados Unidos Eli Pierson era bastante jovem para o cargo, com um cabelo castanho espesso que ainda não tinha sido acinzentado ou raleado por seus três anos no cargo. O Presidente Pierson não era um político de carreira, mas sim um magnata de negócios que havia sido eleito em uma plataforma de significativa reforma comercial e um plano viável para sustentar os recursos não renováveis dos Estados Unidos.

“Sr. Presidente.” Mullen apertou brevemente a mão de Pierson, que não se levantou da cadeira.

“Senhor.” Cartwright cumprimentou-o, por sua vez, assim como Riker.

“Sentem-se,” disse o Presidente. “Obrigado a todos por terem vindo tão rápido. Como esse é um assunto urgente, concederei a falar diretamente ao diretor Hillis.”

“Obrigado, senhor.” DNI Hillis se levantou e abotoou o botão de cima de seu paletó azul escuro. Era um homem mais velho, com sessenta e poucos anos e Cartwright definitivamente notou que seus olhos geralmente perspicazes pareciam cansados. Hillis apertou um botão em um pequeno controle remoto preto e o monitor *widescreen* montado na parede mais distante da Sala ganhou vida, mostrando um escritório em outro lugar com dois homens sentados lado a lado para a transmissão via satélite. Na parede atrás deles estava o logotipo azul e branco do CCPD, os Centros de Controle e Prevenção de Doenças, em Atlanta, na Geórgia.

Um ligeiro arrepio percorreu a espinha de Cartwright. O envolvimento do CCPD podia significar apenas uma coisa - um agente biológico. *Mas onde? Eu não ouvi nada.*

“Senhoras e senhores,” Hillis começou, “aproximadamente às duas horas locais, um surto viral ocorreu em Barcelona, na Espanha, e está em andamento enquanto falamos. A Organização Mundial da Saúde está no local e trabalhando para conter o surto. O primeiro caso conhecido, ou o que o CCPD chamaria de ‘paciente zero’, foi admitido no Hospital de l'Esperança a cerca de” olhou para o relógio de pulso “três horas e quinze minutos atrás. Há cerca de vinte minutos, toda a cidade foi bloqueada. Todos os aeroportos estão fechados; todas as estradas estão sendo bloqueadas. A aplicação da lei federal na Espanha está sob pressão da União Europeia para fechar temporariamente suas fronteiras.”

“Este é um evento isolado?” perguntou o Presidente Pierson.

“Até agora, sim senhor,” respondeu Hillis. “Nenhum outro relato chegou de qualquer lugar, exceto Barcelona.”

O general Rigby limpou a garganta.

“Isso foi um ataque?” Cartwright não tinha dúvidas de que essa era a pergunta que estava na mente de todos. Estava certamente na dele também.

“Os detalhes não estão claros no momento,” Hillis disse. Ele hesitou por um momento antes de continuar:

“No entanto, a velocidade com que a infecção se espalhou e a concentração em uma grande área metropolitana sugere que isso não é uma ocorrência natural.”

Cartwright estava começando a ver qual seria o envolvimento da CIA no assunto.

“Senhor?” Riker levantou a mão. “Diretora Assistente Ashleigh Riker, CIA. Nós sabemos o que é isso?”

Cartwright estreitou os olhos para ela. Não disse a ela para ficar de boca fechada? Era, com certeza, o degrau mais baixo na escada. Riker tinha a reputação de ser inteligente demais e de não se preocupar com que iriam pensar, a última característica ela aperfeiçoou em virtude de ser uma mulher em um ambiente tradicionalmente masculino - o que Cartwright respeitava, e ele falava muito dela sempre que tinha a oportunidade, mas este não era o momento.

“Vou deixar que nossos amigos do CCPD respondam isso, Srta. Riker.” Hillis apontou para o monitor e os dois homens sintonizando via satélite de Atlanta.

O mais velho do par usava um terno escuro sob o cabelo grisalho.

—“ara aqueles que não sabem, sou o Dr. Thomas Fitzgerald, diretor do CCPD. Comigo está o Dr. Edwin Barnard, nosso principal virologista e especialista em toxicologia.”

O Dr. Barnard assentiu uma vez. Usava um terno bege e seu cabelo preto era longo, penteado para trás sobre a cabeça e amarrado nas costas em um rabo de cavalo curto. Sobre o nariz dele havia um par de óculos redondos de aro prateado e Cartwright achava que ele precisava desesperadamente de um barbeador.

O Dr. Barnard ajeitou os óculos e limpou a garganta.

“Vou começar com a única boa notícia que temos. A OMS acredita que pode conter o surto. Estão organizando hospitais improvisados para qualquer um que tenha sintomas da doença. A partir do último relatório, pouco antes desta reunião, temos cento e sessenta e sete casos confirmados.”

“O laboratório em Esperança fez algumas imagens e as enviou para a OMS, com quem temos mantido contato constante. Eu mesmo tive a oportunidade de revisá-las completamente, bem como de alguns vídeos sobre os efeitos do vírus. Aqui, dê uma olhada.” O Dr. Barnard digitou algumas teclas, e sua perspectiva passou dos dois homens do escritório para um vídeo granulado e instável que parecia ter sido feito com um telefone celular.

No vídeo, os médicos cuidavam de um homem deitado em uma maca, a palidez tomando conta de seu rosto enquanto sofria com uma convulsão. Quando seus membros ficaram imóveis e os médicos afrouxaram as amarras, o paciente virou a cabeça para o lado e vomitou uma quantidade generosa de sangue escuro no chão.

A secretária de imprensa ofegou em choque. O próprio estômago de Cartwright revirou. *Jesus*, pensou. *Ele poderia ter nos avisado.*

“Desculpas pela natureza das imagens,” Barnard disse categoricamente enquanto desligava o vídeo. Mas tenho poucas dúvidas sobre o que estamos vendo aqui. Os sintomas e imagens superficiais estão alinhados com o de uma cadeia mutante de *varíola major*.”

“Varíola,” murmurou Riker.

Cartwright levantou uma sobrancelha. *Como ela sabia?*

“Houve alguma morte até agora, doutor?” perguntou o Presidente Pierson.

“Apenas uma, Sr. Presidente. Nosso paciente zero, um adolescente.”

“Então o vírus é fatal?” perguntou o secretário de Defesa.

“Receio que não seja tão *preto no branco*, general.” Barnard empurrou os óculos para o alto do nariz. “É muito cedo para saber o nível de letalidade, mas podemos dizer definitivamente que a virulência é muito maior do que a da varíola comum.”

“Mas a varíola foi erradicada.” Peter Holmes, o chefe da equipe, finalmente falou. Cartwright sempre pensou nele como alguém suave em comparação com as táticas sem sentido e as filmagens diretas de Pierson.

“Não foi? Como poliomielite ou gripe espanhola.”

“Sim, Sr. Holmes, a OMS declarou a varíola erradicada em 1980,” explicou Barnard. “Desde então, tem havido alguns casos naturais, mas nada que consideremos como nível de surto... até hoje.”

“E as vacinas?” perguntou Holmes. “Certamente deve haver alguma medida preventiva.”

“As vacinas modernas seriam completamente ineficazes contra essa variante,” interrompeu Barnard. “Isso é diferente de tudo que já vimos antes. O que nos leva ao cerne da questão: Como mencionei, essa linhagem sofreu uma mutação - não pela natureza, mas por mãos humanas. É um processo conhecido como mutagênese, no qual a sequência de RNA do vírus é propositalmente alterada como um meio para um fim desejado. Neste caso, estamos olhando para algo que é muito mais virulento do que a varíola comum, com efeitos que refletem a varíola hemorrágica mais severa - que, naturalmente, é bastante rara, apenas cerca de dois por cento dos casos.”

Uma dor de cabeça estava começando a se formar no crânio de Cartwright. Se o que o Dr. Barnard estava dizendo fosse correto, alguém havia feito isso de propósito - não apenas mutado o vírus, mas também liberado aquilo propositalmente, o que significava que o vice-diretor logo estaria despachando Agentes em busca de uma arma biológica.

O celular do General Rigby tocou e ele atendeu, falando em voz baixa.

“Até agora ninguém se apresentou para reivindicar a responsabilidade por isso,” disse Hillis. “Dr. Barnard, Dr. Fitzgerald - devemos assumir que os criminosos têm mais desse vírus?”

Os dois médicos trocaram um olhar desconfortável. Dr. Fitzgerald, o chefe do CCPD, limpou a garganta.

“Sim,” disse hesitante. “As amostras foram roubadas de um local de escavação da OMS na Sibéria. Temos que supor que podem ter *muito* mais.”

“Uma vacina pode ser desenvolvida?” perguntou o Presidente Pierson.

O Dr. Fitzgerald ajustou a gravata nervosamente.

“Bem... sim, senhor Presidente. Mas isso levaria algum tempo e exigiria amostras do vírus. Mas, embora isso seja inteiramente possível, a produção em massa e a disseminação para todo o mundo desenvolvido seria um empreendimento enorme. Levou anos para a OMS erradicar a varíola. Eu não acredito que tenhamos esse tempo.”

Cartwright entendeu imediatamente o que o médico estava sugerindo. Se quem fizesse isso tivesse mais, então Barcelona era apenas o começo, e sem mais informações eles não poderiam começar a adivinhar onde poderiam atacar em seguida. *Varíola como ataque, pensou. Que maldito pesadelo.*

O general Rigby terminou sua ligação e se virou para o Presidente.

“Senhor, acabei de receber a notícia de que a Espanha está impedindo todas as viagens internacionais, sob as ordens da UE. França, Andorra, Portugal e Marrocos estão temporariamente fechando suas fronteiras. A Comissão Europeia está atualmente se reunindo para decidir se o surto garante o fechamento de todos os aeroportos e portos marítimos.”

O Secretário de Defesa fez uma pausa por um breve momento antes de acrescentar:

“Até sabermos mais, eu sugeriria que fizéssemos o mesmo.”

“Jesus,” murmurou o chefe de gabinete. “Não podemos incitar o pânico.”

“E não podemos nos dar ao luxo de assumir que os EUA *não* são um alvo,” interveio o DNI Hillis. “Barcelona pode ser uma ação evasiva e temos muito pouca informação.”

“Você tem alguma ideia de quanto o comércio internacional e as viagens de encerramento nos custariam, mesmo que por um dia?” Holmes retrucou. “Já estamos oscilando em outra recessão. Devemos esperar até termos mais informações antes de tomarmos uma decisão tão ousada...”

“Sr. Holmes, acho que você está confundindo a audácia com cautela” disse Hillis acaloradamente. “Se algo como o que estamos vendo em Barcelona ocorrer em qualquer grande cidade dos Estados Unidos, a economia ficaria relativamente baixa na lista de preocupações...”

“*Cavalheiros.*” o Presidente Pierson se levantou e os homens que estavam brigando ficaram em silêncio. Cartwright tinha que admitir, embora não se importasse muito com a política de Pierson, o homem sabia comandar.

“Temos que ter em mente que, como potência mundial, a decisão que tomarmos agora afetará outras nações. Estaremos dando um exemplo que os outros provavelmente imitarão.” esfregou o queixo enquanto pensava por um momento.

“Por enquanto, seguimos o exemplo do decreto da União Europeia. Feche viagens da Espanha e de todos os países vizinhos. Se a situação se agravar e a UE decidir fechar todos os portos internacionais de entrada... nós também o faremos.” o Presidente dirigiu seu último comentário diretamente ao seu chefe de gabinete.

Holmes cruzou os braços, mas não disse nada.

“Dr. Fitzpatrick.” Pierson dirigiu-se à tela na extremidade da sala em frente a ele.

“O CCPD tem planos preparados para situações como essa. Que medidas podemos tomar para minimizar a interrupção do comércio internacional e das viagens?”

“Ah, bem.” o médico limpou a garganta. “Podemos trabalhar com a OMS para estabelecer triagens de saída de todos os passageiros com destino aos EUA. Avaliação aprimorada de riscos em todos os portos de entrada, maior segurança e material educativo para TSA, policiais e serviços de emergência.”

“Bom,” Pierson respondeu com um único aceno de cabeça. “Vá em frente.”

“Senhor, talvez devêssemos usar o NTAS...” Hillis sugeriu.

“Não,” Pierson disse bruscamente. O Sistema Nacional de Aconselhamento Terrorista, Cartwright sabia, era o substituto da Segurança Interna para os antigos níveis de alertas de terror codificados por cores.

“Eu não quero que a palavra 'terror' seja mencionada, em qualquer lugar. Todos entendem isso?” o Presidente deu uma olhada ao redor da sala, encarando cada par de olhos quando murmúrios de assentimento aumentaram.

“No que diz respeito ao público americano, um perigoso surto viral ocorreu na Europa e estamos simplesmente protegendo nossa nação da exposição potencial,” continuou o Presidente. Ele se virou para o secretário de imprensa Cleary. “Christine, suba no pódio e diga à imprensa exatamente isso. Se algum rumor começar, você o anula. Se algum relatório sair da Europa sobre este ser um ataque, nossa posição é que não temos informações suficientes para confirmar isso.”

“Sim senhor.” ela assentiu.

“Vamos colocar a Guarda Nacional de prontidão,” ofereceu o general Rigby.

“E envie um boletim para a equipe médica, a polícia e os serviços de emergência. Deixe-os saber como reconhecer os sintomas e o

que fazer no caso de se acreditar que alguém esteja infectado.”

“Parece que estaríamos convidando mil casos de Munchausen,” resmungou o chefe da equipe de funcionários, Holmes.

“Talvez sim,” respondeu o general, “mas precisamos considerar a possibilidade de que o vírus já esteja aqui.”

“Rigby está certo,” Pierson concordou. “Dr. Fitzgerald?”

“A única solução no momento seria a quarentena imediata,” disse o chefe do CCPD sem hesitar, “junto com qualquer um com quem eles possam ter entrado em contato.”

“E um plano de contenção?”

“O CCPD está trabalhando ativamente em um,” respondeu Fitzgerald. “Mas eu devo aconselhá-lo, Sr. Presidente, que se uma grande área metropolitana for atingida, como Nova York ou Boston, eu simplesmente não sei como fazer isso...”

Pierson ergueu uma mão bruscamente e silenciou o médico.

“Eu realmente não quero ouvir as palavras *não sei* novamente nesta conversa. Nós precisamos de respostas. Descubra.” Finalmente, ele se virou para os três membros da CIA sentados à sua esquerda.

“Diretor Mullen, eu acho que não preciso lhe dizer qual é o seu papel nisso.”

“Se isso foi um ataque, vamos encontrá-los,” confirmou Mullen.

“Antes que aconteça de novo,” acrescentou o Presidente com firmeza.

“Precisamos que isso seja mantido, silencioso e rápido,” disse o general Rigby. “A Interpol já está envolvida, assim como a Polícia Nacional da Espanha, mas não podemos assumir o sucesso deles e temos que proteger os interesses americanos. Você tem pessoas prontas para isso?”

Mullen virou-se para Cartwright com expectativa; como chefe da Divisão de Atividades Especiais, estava na posição direta de designar Agentes para operações internacionais encobertas. Mas antes que o vice-diretor pudesse dizer qualquer coisa, Riker falou.

“Nós faremos isso,” disse ela claramente. “Nós temos um especialista.”

Cartwright lançou-lhe um olhar. Não só não era seu papel sugerir alguém para este caso, mas sabia precisamente quem ela sugeriria assim que disse isso. Mas Riker não voltou seu olhar.

“Diretor Mullen” falou o Dr. Fitzgerald, “dada a natureza extremamente sensível do vírus e da mutação, o CCPD gostaria de solicitar que o Dr. Barnard acompanhasse seus Agentes. Sua experiência inclui não apenas vírus, mas também armas biológicas.”

“Com todo o respeito, Dr. Fitzgerald, acho que seria imprudente mandar um civil junto nesta operação,” disse Mullen.

“Tenho experiência de campo”, interveio Barnard. “Passei dois anos ajudando as Forças Especiais dos EUA na identificação de Agentes de bioterrorismo no Afeganistão e no Irã.”

Cartwright quase zombou. Tinha dificuldade em acreditar que Barnard, de cabelo comprido, tinha muito do que alguém chamaria de *experiência de campo*. Ele lançou um olhar duvidoso para Mullen, mas o diretor o ignorou.

“Tudo bem,” concordou Mullen. “Se você acredita que pode puxar seu próprio peso, pegue o primeiro avião para Dulles. Vamos mandar um carro.”

O Presidente Pierson se levantou e abotoou o paletó.

“Tudo bem, então. Sabemos nossa posição e sabemos o que precisamos fazer. Façam. Dispensados.”

Assim que Cartwright se encontrou no corredor da Ala Oeste, do lado de fora da Situation Room, ele virou-se para Riker.

“Estranho,” disse calmamente, “estou bastante certo de que os Agentes da Divisão de Atividades Especiais são o *meu* pessoal.”

“Você sabe que não há ninguém melhor para isso,” ela disparou de volta. “Precisamos de alguém inteligente o suficiente para lidar com isso corretamente, descarado o suficiente para fazer o trabalho... e imprudente o suficiente para levar isso às últimas consequências.”

“Já faz um mês e não nos deu uma resposta sobre a sua reintegração. Eu não acho que ele tenha qualquer intenção de voltar.”

“Bem, então, disse Riker, talvez seja a hora de darmos a ele um ultimato.

“Boa sorte,” comentou Cartwright. “Ele tem um histórico de ser um pouco obstinado.”

“Pelo que entendi,” disse Riker, “não sabe muito sobre sua própria história...”

“Basta vocês dois,” disse o diretor Mullen com firmeza, vindo de trás de Riker. “Nós não estávamos na mesma sala? Você entende o que está acontecendo lá fora, o que poderia acontecer aqui?”

“Sim senhor,” murmurou Cartwright.

“Riker, considere este seu campo de provas,” disse o diretor. “Você trabalhará diretamente com o Cartwright para supervisionar a operação.”

“Mullen.” o Diretor da Inteligência Nacional, Hillis foi até junto do trio.

“Fomos informados de que a Interpol estabeleceu um centro de comando temporário perto de Barcelona. Eles estão trabalhando com a OMS para tentar rastrear o vírus para achar uma fonte. Faça com que seus Agentes se encontrem lá; espero que até lá eles tenham boas notícias para nós.”

“Sim senhor.” Mullen voltou-se para Cartwright.

“Faça as chamadas. Nos encontramos em Langley o mais humanamente rápido possível.”

O vice-diretor assentiu. Não queria admitir isso em voz alta, mas Riker tinha razão; não havia ninguém melhor para o trabalho, mas

não estava ansioso para fazer a ligação.

Mas chegara o momento e era hora de forçar o Agente Zero a tomar uma decisão.

CAPÍTULO NOVE

Após o ataque de ansiedade durante sua palestra, Reid viu que o dia estava apenas começando. Mandou uma mensagem para Maya dizendo que não estava se sentindo bem e tinha voltado para casa; ela respondeu que iria para a biblioteca depois que as aulas terminassem. Não estava longe do campus, então poderia pegá-la quando estivesse pronta. Sara foi para um clube de artes depois da escola, então naquele momento ele estava sozinho em casa, no andar de cima em seu escritório, e sentado no chão com uma caixa diante dele.

Sozinho com seus pensamentos e uma caixa de papelão, Reid deixou sua mente retornar à pergunta que Maya havia lhe feito antes. “*Mamãe sabia?*”

A memória anteriormente reprimida da raiva de Kate e a arma descoberta o fizeram duvidar de sua resposta. *E se ela sabia?* pensou. E se Kate tivesse encontrado a arma e a briga em sua memória fosse o catalisador de sua eventual confissão de sua verdadeira vocação?

Por outro lado, porém, tinha dificuldades para acreditar que Kate estaria bem com esse tipo de revelação. Ele se lembrou dela até o momento de sua morte; estavam felizes e apaixonados, criando suas duas filhas juntos. Ele duvidava que tivesse sido tão fácil se ela soubesse a verdade, que seu marido e o pai de suas filhas tinha escondido um segredo tão perigoso.

Não conseguia se lembrar e aqueles a quem podia perguntar pela verdade estava morto.

Reid abriu a caixa que estava na frente dele no chão. Dentro dessa caixa havia um envelope e dentro dele havia uma foto e uma carta. A foto era dele com Alan Reidigger, em pé diante da Fontana delle Tartarughe em Roma, Itália. O braço dele estava em volta dos ombros de Alan e os dois sorriam, talvez um momento antes de desatarem a rir.

Claro, não se lembrava de ter tirado essa foto. Não se lembrava de ter rido com Alan Reidigger, o homem que havia sido enviado pela CIA para matá-lo, seu melhor amigo. Em vez disso, Reidigger procurara uma solução, um supressor de memória experimental que a CIA estivera desenvolvendo secretamente.

A carta que o acompanhava fora escrita à mão com a letra caprichosa e clara de Alan. Reid não precisou ler de novo. Mesmo que não a visse há três semanas, estava quase memorizado. Suas palavras cruzavam sua mente com frequência, sempre que deixava de fazer qualquer coisa por mais de alguns minutos e se permitia refletir sobre sua situação.

Na carta, Alan revelava o nome do neurocirurgião que havia implantado o supressor de memória, Dr. Guyer, em Zurique, na Suíça. Alan acreditava que o médico poderia trazer de volta tudo, todas as memórias de Reid, se ele quisesse.

Muitas vezes, mais vezes do que podia recordar ou mesmo contar, havia pensado sobre esse misterioso Guyer. Reidigger escolheu o próprio médico - obviamente, era alguém em quem Alan confiava para abrir a cabeça de Reid e mexer dentro dela. Não poderia ser difícil de encontrar; até mesmo uma pesquisa simples na Internet provavelmente produziria algum resultado, um número de telefone ou um endereço de e-mail. Mas esse foi apenas o primeiro passo de muitos e mesmo dar o primeiro passo parecia um salto no vazio. Não haveria volta.

Seu celular tocou, assustando-o no escritório silencioso. Ele riu de si mesmo por seu nervosismo e checkou a tela. O chamador era desconhecido. Deixou ir para o correio de voz.

Um momento depois, seu telefone tocou com uma mensagem de texto. Mais uma vez, era um remetente desconhecido. A mensagem dizia simplesmente: *Atenda o telefone, Zero.*

Reid gemeu. Sabia exatamente quem seria quando o telefone tocasse pela segunda vez. Parecia que alguém se cansara de

esperar por sua resposta.

“Olá, Cartwright,” disse categoricamente enquanto atendia a chamada.

“Zero,” disse o vice-diretor como meio de saudação. Sua voz era baixa, sem qualquer senso de jovialidade. “Você está no viva-voz. Estou aqui com Ashleigh Riker, diretora assistente. Ela vai liderar o Grupo de Operações Especiais.”

“Parabéns.” Reid ficou imediatamente desconfiado. Seria diferente se Cartwright estivesse ligando só para saber sua resposta. Era uma história diferente com outro diretor na linha. Esperou pelo que ali vinha.

“Obrigada,” disse Riker. “Embora eu gostasse que tivéssemos sendo apresentados em melhores circunstâncias.”

Reid segurou um gemido audível. Algo estava definitivamente errado.

“O que quer?”

“Direto ao assunto,” disse Cartwright. “Bom e velho Zero.” ele suspirou. “Há uma situação crítica. Venha para Langley. Vamos conversar.”

“Podemos conversar agora,” disse Reid. Ele sabia que ir ao quartel-general da CIA significaria dar-lhes vantagem para convencê-lo a fazer o que quer que fosse que lhe pedissem.

“Eu prefiro não fazer isso por telefone,” disse Cartwright. “Há coisas que você deve ver.”

“Que tipo de coisas?” Reid perguntou. “Que tipo de situação?”

“Agente, você sabe que não teríamos ligado se isso não fosse importante,” disse Riker. “Nós entendemos sua posição e sua situação...”

“Entendem?” Reid disse amargamente. “Eu não tenho certeza se você conhece muito bem a minha 'situação', Diretora Assistente.”

“... E é por isso que ainda não o incomodamos para obter uma resposta,” concluiu Riker. Mas já faz um mês. Então precisamos que

você entre agora ou nos diga que não vai voltar mais.”

“Olha, Kent, pessoas vão morrer,” disse Cartwright sombriamente. “Se você não acredita em mim, fique on-line e veja o que está acontecendo em Barcelona. Temos razões para acreditar que pode ser apenas a ponta do *iceberg*.”

Reid franziu a testa. Não estivera na frente de um computador o dia todo; não tinha ideia do que estava acontecendo na Espanha. Teria havido algum tipo de ataque?

“Tudo bem,” disse ele finalmente. “Eu irei. Eu vou escutar. Mas eu não estou fazendo nenhuma promessa.”

“É tudo o que estou pedindo,” disse Cartwright. “Esteja aqui assim que puder. Nos reuniremos em quarenta e cinco minutos.” desligou.

Reid suspirou derrotado. Langley estava a apenas a trinta minutos de carro; teve algum tempo para investigar o que estava acontecendo em Barcelona e...

Olhou para cima e piscou surpreso ao ver sua filha mais velha parada na porta.

“Maya! Quando você chegou em casa?”

Ela olhou para o chão, evitando o olhar dele.

“Poucos minutos atrás,” disse ela. “Eu terminei cedo e peguei um ônibus.”

“Mas Maya, você deveria ter me deixado ir buscá-la.”

“Eram eles, não eram?” ela interrompeu.

Ele franziu a testa.

“O que você ouviu?”

“O suficiente.”

“Isso não foi nada,” disse ele rapidamente. “Foi só...” *Sem mais mentiras*, lembrou a si mesmo. Não daria informações, mas se ela perguntasse, não iria mais mentir.

“Sim,” admitiu em voz baixa. “Eram eles.”

“Você vai, não vai?”

“Apenas vou para Langley. Isso não significa que estou assumindo uma tarefa.”

“Mas você irá. Você não é o tipo de pessoa que fica de braços cruzados se puder ajudar.”

Reid não sabia o que dizer sobre isso. Ele se levantou e a abraçou com força, e ela o apertou, e embora não olhasse para ele, poderia jurar que a ouviu fungar uma vez. Sabia que estava com medo por ele, mesmo que achasse que tinha que ser forte e não demonstrar isso.

Quando ele a soltou, Maya enxugou os olhos antes que ele pudesse ver se havia lágrimas neles ou não.

“Isso tem alguma coisa a ver com o que está acontecendo na Espanha?” perguntou ela.

Reid ficou surpresa ao saber que ela estava mais informada do que ele - mas, novamente, ela era filha da geração de tecnologia.

“O que está acontecendo lá?”

“Não se sabe ao certo ainda,” ela disse. “Ou eles não querem dizer. Eu ouvi algumas crianças na biblioteca falando sobre isso. Aqui, dê uma olhada.” ela pegou o celular e mostrou um vídeo. “Isso foi gravado há menos de duas horas.”

Maya segurou o telefone de lado enquanto um noticiário passava. O som foi silenciado quando uma repórter ficou na frente do que parecia ser um hospital. Atrás dela, uma pequena multidão se reuniu na entrada. Pessoas em fatos hazmat amarelos brilhantes correram, algumas delas controlando as multidões, enquanto outras erigiam algum tipo de tenda médica no estacionamento.

Enquanto Reid observava, um membro da multidão cambaleou e caiu, ficando ali do lado de fora do hospital. Dois trabalhadores vestidos de amarelo correram e colocaram o homem em uma maca com rodas, enquanto outros pacientes seriam empurrados por eles, tentando entrar no pronto-socorro.

A boca de Reid se abriu ligeiramente. *Parece uma zona de guerra.* O noticiário parecia algo saído de um filme, algo horrível

demais para ser realidade.

No vídeo, os olhos da repórter de repente se arregalaram em choque quando ela apontou para algo exterior à imagem da câmara. O cinegrafista fez uma panorâmica a tempo de ver um sedã bater na van do jornal, espalhando vidros quebrados em todas as direções.

“Ah meu deus,” Reid murmurou. “O que é isso?”

“É algum tipo de surto viral,” disse Maya. “Mas não parece que alguém sabe o que é ainda.” ela olhou para ele. “Você não me respondeu. É para isso que precisam de você?”

Reid mal ouviu sua pergunta. *Uma arma biológica*, pensou. *Espalhando-se rapidamente em uma população civil*. Nenhuma doença natural iria atacar uma grande cidade como aquela e seria muita coincidência que o telefonema de Cartwright viesse poucas horas depois do início da infecção.

Além disso, sabia que sua filha estava certa. Antes mesmo de chegar a Langley - antes mesmo de entrar em seu carro - ele já sabia que, se sua ajuda fosse necessária, não seria capaz de ficar de braços cruzados, mesmo que isso significasse colocar-se diretamente em perigo.

CAPÍTULO DEZ

Reid entrou no Centro de Inteligência George Bush, a sede da CIA na comunidade não-incorporada de Langley, Virgínia, e parou por um momento no chão de mármore. Sob seus pés havia um grande emblema circular, um escudo e uma águia em cinza e branco, cercados pelas palavras 'Agência Central de Inteligência, Estados Unidos da América'.

Nenhuma memória específica se manifestou, mas tinha um agudo sentimento de familiaridade. Estivera aqui muitas vezes antes. Seus pés pareciam saber exatamente aonde ir por vontade própria, mesmo que seu cérebro não tivesse a menor ideia.

Ele nem precisava da sensação confortável e familiar para saber que já tinha estado ali. Quando parou no portão, o oficial de segurança deu uma olhada para ele, acenou com a cabeça e concedeu-lhe acesso. Sem crachá, sem identificação necessária.

"Obrigado, Mel," Reid disse instintivamente quando o guarda tocou em seu chapéu. Reid se surpreendeu; sabia o nome do guarda, apesar de não se lembrar de tê-lo conhecido antes.

No semicírculo de arco de uma recepção, um jovem de terno azul estava sentado atendendo telefones e checando crachás. *Brent*, disse o cérebro de Reid. *Vinte e cinco anos de idade. Quer ser um Agente de campo, mas sofre de dislexia e daltonismo.*

"Bom dia, Brent," disse Reid, testando sua memória em recuperação. Além da lembrança bizarra da briga com Kate, não tinha recuperado muita coisa nos últimos tempos.

"Agente Steele!" o jovem sorriu largamente, parecendo genuinamente feliz em vê-lo. "Vá em frente. Estão lhe esperando."

"Obrigado." Reid assentiu e passou pela mesa. Quanto mais avançava, mais lembranças regressavam - encontros, reuniões, dias agradáveis e tempos sombrios. Percebeu de repente que não tinha ideia de por quanto tempo tinha sido Agente da CIA. Anos, parecia, mas não tinha noção definitiva. Ele se perguntou novamente se Kate

sabia sobre seu passado. Estava corroendo-o não conhecer sua própria realidade.

Reid virou uma esquina e parou abruptamente. O mesmo aconteceu com o outro homem que se aproximava na direção oposta ao mesmo tempo.

Shawn Cartwright sorriu com um dos lados da boca.

“Tenho que ser honesto,” ele disse, “eu não tinha certeza se você realmente viria.” estendeu a mão e Reid a apertou.

Cartwright era jovem para a sua posição, apenas quarenta e quatro anos, embora seu cabelo estivesse ficando cinza nas têmporas. Mesmo assim, tinha um sorriso e comportamento que seria tão adequado para a política quanto para a espionagem, embora Reid suspeitasse que a diplomacia fosse certamente parte da descrição do cargo de vice-diretor.

“Eu perguntaria sobre as crianças, mas temos que pular as formalidades habituais,” disse Cartwright. “Estão esperando e nós não temos muito tempo.” liderou o caminho apressadamente pelo corredor em direção a uma sala de conferências. Reid não se incomodou em perguntar quem o estava esperando. Ele iria descobrir logo.

“Eu vi o que está acontecendo em Barcelona,” Reid disse em vez disso, enquanto andavam. “Nós sabemos o que é, não sabemos?”

“Nós,” repetiu Cartwright, pensativo. “Parece que você já está colocando sua mão nisso, Zero.”

“Isso não responde à minha pergunta.”

Cartwright encolheu os ombros.

“Eu sei.”

Os dois homens entraram em uma pequena sala de reuniões com uma mesa oval de oito lugares. A primeira coisa que Reid notou, com certo desalento, foi que Maria não estava presente. Assumiu que ela estava na trilha de Rais - esperançosamente se aproximando dele, se já não tivesse pego o cara.

Dos presentes, apenas um era um rosto familiar. O Agente Watson era um alto Agente de campo afro-americano com quem Reid compartilhara pouquíssimas palavras, mas por quem tinha grande respeito. Em fevereiro, foi Watson quem resgatou suas garotas de um par de terroristas em um calçadão de Nova Jersey.

Havia duas pessoas que não conhecia, mas Cartwright rapidamente fez as apresentações.

“Kent, esta é Ashleigh Riker, chefe interina da Operações Especiais.” A mulher se levantou de sua cadeira e apertou sua mão. Reid olhou para ela, notando os detalhes - *quarenta e poucos anos, morena natural, 1,76 (1,72 sem os saltos). Casada; há uma leve descoloração no dedo anelar, embora ela não o use para trabalhar. Ela é uma mulher de poder e quer que as pessoas saibam disso. Não usa perfume.*

Reid quase sorriu. Nem há cinco minutos na sede da CIA e já estava se acomodando no modo Kent Steele. Então percebeu que ela estava fazendo o mesmo - avaliando-o, notando detalhes. Ele se perguntou se ela teria sido uma Agente de campo anteriormente.

Cartwright apontou para o outro desconhecido na sala.

“E este é o Doutor...”

O homem levantou-se rapidamente, interrompendo Cartwright.

“Dr. Edwin Barnard, virologista e especialista em bioterrorismo do CCPD,” disse o homem. Apertou a mão de Reid e não sorriu. O médico tinha a cara de quem não saía do laboratório com frequência.

Seus cabelos negros estavam puxados para fora da testa e recolhidos em um rabo de cavalo fino na parte de trás de sua cabeça. Usava óculos prateados redondos e seu queixo tinha uma barba escura por fazer. Mas o detalhe mais importante que Reid notou foi que o médico claramente parecia estar com pressa.

Virologista e especialista em bioterrorismo, Reid pensou. A posição de Barnard confirmou o que ele já havia compreendido; os

eventos que ocorreram em Barcelona tinham sido um ataque.

“Tudo bem,” disse Cartwright, “todos vocês já viram o que está acontecendo na Espanha, então vocês sabem por que estamos aqui. Doutor, você quer nos dar um rápido resumo?”

“Certamente.” Barnard ficou de pé e limpou a garganta enquanto Reid se sentava ao lado de Watson, acenando para o outro Agente. “Os dois Agentes são os únicos que não estão totalmente conscientes da situação atual, por isso vou tentar fazer isso o mais breve possível.”

Respirou fundo e disse:

“Um perpetrador desconhecido se infiltrou em uma expedição de pesquisa na Sibéria, assassinou quatro cientistas e fugiu com uma amostra de uma variante muito antiga de varíola desenterrada na tundra. Essa pessoa, potencialmente com a ajuda de coortes, transformou o vírus para que tenha uma virulência surpreendentemente alta e agora o lançou sobre a cidade de Barcelona.”

Reid piscou em choque. Qualquer parte da declaração do Dr. Barnard era chocante o suficiente, mas juntar tudo em um discurso tão rápido e constrangedor era francamente desconcertante. Se o Agente Watson estava pensando o mesmo, não demonstrou. Ele apenas se sentou, olhando diretamente para a mesa, com as mãos no colo.

“Peço desculpa,” disse Reid. “Mas você disse varíola? Isso é o que está infectando as pessoas em Barcelona?”

Barnard assentiu.

“De fato, bem, de certa forma. Os sintomas iniciais são semelhantes, mas se manifestam muito mais rapidamente.”

Reid hesitou. Estava bem ciente de quão aterrorizante era uma varíola nos dias em que a população nativa de Amung estava crescendo. Durante a Guerra Franco-Prussiana, em 1870, soldados franceses desencadearam uma epidemia de cinco anos que custou

quase meio milhão de vidas na Alemanha e em outras partes da Europa. Não queria imaginar o que uma variante mutante e mais rápida poderia fazer.

“Temos razões para acreditar que alguém tem mais vírus,” anunciou Cartwright, “e até sabermos quem é, temos que assumir que o próximo alvo pode estar em qualquer lugar - até mesmo no solo americano. Esta é uma situação real de emergência. A Interpol já está no caso na Europa. O FBI está trabalhando internamente. As viagens internacionais de e para as nações afetadas estão sendo organizadas enquanto falamos, e todas as Agências federais de aplicação da lei no mundo desenvolvido estão recebendo as informações que já temos. Mas temos o dever de proteger não apenas a nós mesmos, mas quem mais pudermos, e corremos contra o tempo. Estamos mantendo a discrição, nos mantemos firmes e agilizamos as coisas.”

“O que temos que fazer?” Reid perguntou. “Pistas, informação...?”
“Você vai ser informado no avião.” Cartwright evitou o olhar de Reid. “Gostaríamos de ter você em ação em trinta minutos.”
“Trinta minutos?” Reid deixou escapar. Ele sentiu um nó familiar de medo apertar em seu estômago.

Era exatamente por isso que temia vir aqui, uma vez que o tivessem em uma sala, o cercariam. Mas, ao mesmo tempo, já sabia que não conseguiria dizer não e logo teria que explicar às garotas que estava saindo novamente.

“Dê-nos licença por um momento,” disse Cartwright aos outros três presentes.

“O tempo é de grande importância aqui,” rebateu Riker. “Não podemos nos dar ao luxo de uma indecisão agora.”

“Nosso avião mais rápido ainda levará cinco horas para levá-los para a Europa,” interrompeu Cartwright. “Eu acho que pode nos dar um minuto.”

As narinas de Riker queimaram, mas ela não discutiu. Em vez disso, ela se levantou decidida e saiu da sala, batendo os calcanhares no chão. Watson e o Dr. Barnard a seguiram.

“Jesus, Cartwright,” Reid gemeu assim que ficaram sozinhos. “Faz um mês e agora você me dá trinta minutos?”

“Não, Zero.” Cartwright cruzou os braços, em pé do outro lado da mesa. “Eu não estou lhe dando trinta minutos. Preciso de uma resposta *agora*, porque um avião está saindo em trinta minutos, esteja você nele ou não. Você viu o que está acontecendo em Barcelona. As pessoas estão morrendo. E se Nova York for a próxima? Ou DC? Pode ser se não fizermos nada. Você quer ir embora, vá em frente. Você não tem obrigação ficar aqui.”

Reid zombou dele. Cartwright estava lhe provocando. O vice-diretor sabia muito bem que o Agente Zero não conseguiria se afastar disso.

“Eu preciso de você, Kent. Esta é uma situação urgente, e você é o cara. Ninguém cabe melhor nesta expressão do que você. Isto não será como da última vez. Você não estará correndo por toda a Europa sozinho. Você terá o apoio total da CIA e seus recursos. Você terá uma linha direta para falar comigo e Riker. Se precisar de algo, ligue. E terá o Agente Watson.”

“Onde está Johansson?” Reid perguntou. Não queria que ele soubesse da operação de Maria ou da fuga de Rais.

“Nós achamos um assassino de Amun na Eslovênia. Ela está na trilha dele. Mas vamos buscá-la rápido se você precisar de cobertura. E Thompson cuidará de suas garotas. Vou ligar e avisá-lo. Ele pode dizer a elas que...”

“Você fala com o Thompson. Eu vou falar com minhas garotas,” Reid disse rapidamente. Não queria desaparecer e ter terceiros sendo os únicos a dizer-lhes que ele de repente viajou novamente.

“Bem. Mas nós precisamos de você. Se esse médico do CCPD estiver certo, muitas pessoas podem morrer e não temos ideia de onde isso pode acontecer a seguir.”

Reid passou as mãos pelos cabelos e suspirou.

“Nós dois sabemos que não posso dizer não para algo assim. Mas eu não quero que isso signifique que estou de volta. Ainda precisamos conversar sobre isso.”

“Claro,” concordou Cartwright. Ele começou a se virar para a porta, mas depois pensou em alguma coisa. “Ah, e o médico, Barnard, ele vai com você.”

Reid piscou. Uma coisa era ter um Agente treinado da CIA ao seu lado, mas envolver um cientista parecia muito perigoso.

“Você realmente acha isso sensato?”

“Não é negociável,” disse Cartwright simplesmente. “Ele se diz especialista, então use sua perícia. Agora pegue Watson e vá ver Bixby.”

“Quem é Bixby?”

“Certo, eu acho que você não o viu desde a coisa da memória.” Cartwright sorriu. “Parece que você vai encontrar todo tipo de gente nova hoje.” O vice-diretor abriu a porta e deixou-o na sala de conferências sozinho.

Reid soltou um suspiro. Naquela manhã estivera dando uma aula sobre guerra biológica e agora estava de volta ao serviço da CIA, correndo contra o tempo para encontrar uma pessoa completamente desconhecida ou pessoas que possuíssem uma arma biológica de potencial destruição em massa.

CAPÍTULO ONZE

Imediatamente após a pequena conferência, Reid rapidamente seguiu o Agente Watson até uma zona de elevadores. O Dr. Barnard concordou em encontrá-los no avião; tinha que pegar o equipamento de pesquisa. Uma vez no elevador, Watson pegou seu crachá e apertou a seta para baixo.

Estranho, pensou Reid. Estamos no primeiro andar.

Watson estava extremamente calado na viagem descendente. O Agente alto e estoico mal havia dito duas palavras para ele desde que chegara.

Reid pigarreou.

“Então. Parece que seremos só você e eu.”

“Mm-hmm.” Watson olhou para a frente, as mãos entrelaçadas na frente dele.

“Você e eu já fizemos uma operação juntos?”

Watson balançou a cabeça devagar.

“Não diretamente.”

Reid franziu a testa; isso não era realmente uma resposta. O elevador apitou e as portas se abriram para um corredor com paredes de concreto cinza, sem janelas e iluminadas por lâmpadas fluorescentes. Definitivamente uma passagem subterrânea. Watson liderou o caminho.

“Ei,” disse Reid, “eu ainda não tive a chance de agradecer devidamente, pessoalmente, pelo que você fez pelas minhas garotas.”

“Só fiz meu trabalho.” Watson sorriu, mas de alguma forma conseguiu fazer aquele sorriso parecer seco e vazio; não foi sarcástico, mas também não foi exatamente agradável.

Reid ficou intrigado. Tinha feito algo errado com o Agente Watson no passado? Algo que não conseguia lembrar, talvez? O homem não estava sendo hostil, mas ao mesmo tempo não estava fazendo nenhum esforço para ser amigável.

Reid podia ouvir máquinas zumbindo de algum lugar próximo enquanto os dois Agentes caminhavam rapidamente pelo corredor. *Broca pneumática*, seu cérebro lhe disse. *Você conhece esse som. Isso significa que alguém está trabalhando.*

Watson parou em uma porta de aço e novamente deslizou seu crachá para obter acesso. A porta se abriu para dentro e ele fez um gesto para que Reid entrasse primeiro.

“No que diz respeito à maioria, isso é Pesquisa e Desenvolvimento,” disse Watson quando a porta se fechou atrás deles. “Mas por aqui nós apenas chamamos de ‘laboratório’.”

Reid soltou um suspiro quando entrou no ‘laboratório’, sentindo-se como se tivesse acabado de entrar em um set de filmagem. As paredes e o chão eram totalmente brancos, brilhando como se tivessem sido recentemente polidos. Poderosas lâmpadas de halogéneo brilhavam como a luz do dia.

Matrizes de maquinário estavam dispostas simetricamente na sala comprida, quase do tamanho de um depósito, no padrão de um enorme H. Reid admitia que não era o mais habilidoso em tecnologia, mas não tinha dúvidas de que o que seus olhos viam não era para olhos públicos, máquinas que nunca tinha visto: drones pretos camuflados, braços robóticos alimentados por inteligência artificial que soldam partes em computadores, no canto mais distante, dois engenheiros trabalhavam no que parecia ser uma bomba super avançada. Havia um robô.

Enquanto Reid olhava ao redor, absorvendo tudo, teve a mesma sensação familiar que sentiu quando entrou no quartel da CIA, ele estivera aqui antes, muitas vezes. Os lugares e aromas eram como retornar a uma sala de aula do ensino fundamental; ele mal conseguia lembrar, mas de alguma forma conhecia aquilo e até mesmo se sentia à vontade lá.

“Bixby?” gritou Watson. “Você está aqui em baixo?”

“Bem-vindos, Agentes!” disse uma voz masculina alegre.
“Cartwright ligou há apenas alguns minutos atrás, disse que era urgente, duas roupas, equipamentos para três, e, uh...”

O homem parou quando virou a esquina de uma sala de ramificação, secando as mãos em um pano de microfibra. Era mais velho, com mais de sessenta, mas parecia saudável para sua idade. Seu cabelo grisalho estava entreaberto e ele usava óculos pretos de aro de chifre. Estava bem vestido com uma camisa branca, colete cinza e uma gravata vermelha amarrada em sua garganta. Suas mangas estavam enroladas até os cotovelos e seus antebraços estavam pontilhados de marcas de graxa.

“Bem.” seu rosto se abriu em um largo sorriso quando seu olhar se fixou em Reid. “Meu Deus. Eu ouvi os rumores, mas...”

Caminhou até ele e bateu a mão em seu ombro.

“É muito bom ver você, Zero.”

Uma breve lembrança passou pela cabeça de Reid.

Este homem, Bixby, fica ao seu lado enquanto você se prepara para uma operação. Uma série de equipamentos está na mesa à sua frente. Ele conta uma piada enquanto você verifica uma pistola.

Um cara entra em um posto de gasolina coberto de sangue. Ele paga seu combustível e começa a sair. O atendente desconcertado grita: ‘Ei cara, você está bem?’

O cara sorri. ‘Ah sim, estou bem. O sangue não é meu.’

Bixby me contou essa piada, Reid pensou. Ele conhecia esse homem; era um técnico da CIA, um dos melhores e mais inteligentes. Vocês dois costumavam contar piadas um para o outro.

“É... bom vê-lo,” disse Reid.

“Eu sinto muito. Eu não me lembro de tudo...”

“Certo. Sim, claro.” Bixby sorriu agradavelmente. “O supressor de memória.”

Reid ficou surpreso ao ouvir o técnico falar tão descontraidamente sobre isso.

“Como você sabe sobre isso?”

“Ah. Bem. Eu ajudei a criá-lo.” Bixby mexeu na gravata.

Reid piscou espantado.

“Você?”

“Ah sim. Quero dizer, foi um esforço da equipe. Nós nunca fizemos testes em humanos, mas então eu ouvi o que aconteceu com você e, eu tenho que dizer...” Bixby riu.

“É muito emocionante.”

“Emocionante.” Reid zombou. *Eu mal sei quem eu sou boa parte do tempo.*

O homem mais velho tirou uma lanterna de LED do bolso do colete e a ligou.

“Sabe, eu realmente adoraria dar uma olhada na ferida de saída, se você não se importa...” ele se inclinou, brilhando a luz branca na cicatriz irregular no pescoço de Reid.

A reação de Reid foi instintiva. Recuou com o pé esquerdo enquanto a mão subia e, em um único movimento rápido, tirou a lanterna da mão de Bixby.

“Eu me importo,” Reid disse.

“Ok. Desculpe.” Bixby levantou as duas mãos defensivamente.

O Agente Watson aproveitou a oportunidade para intervir.

“Estamos com uma agenda apertada.”

“É claro,” Bixby voltou a falar. “Estou juntando alguns equipamentos para você. Só um momento. Por que vocês dois não se vestem? Fazem as malas?”

Watson assentiu e gesticulou para Reid segui-lo.

“Ele é um pouco excêntrico,” disse Watson, uma vez que estavam fora do alcance dos ouvidos de Bixby. “Mas é o melhor engenheiro que a Agência já conheceu.”

“Claro.” Reid não pretendia criar um confronto; tinha sido inteiramente instintivo, mas não gostou do jeito que Bixby, um dos criadores do supressor, falou sobre isso como se fosse *excitante*.

“O que ele quis dizer, fazer uma mala?”

“Eu vou lhe mostrar.” Watson rapidamente o levou através do laboratório – *Uma estação espacial deve se parecer com esse lugar*, Reid pensou - e através de uma porta que se abria para outra câmara. As lâmpadas de halogéneo se desligaram assim que entraram. Dentro havia o tamanho da sala de Reid, mas parecia mais um armário gigante.

“Uau.” Reid ficou impressionado. As paredes eram forradas com prateleiras e prateleiras de roupas, de roupas civis a uniformes militares de todos os países, equipamentos para o clima frio e roupas de mergulho, casacos, botas e chapéus, roupas masculinas e femininas em vários tamanhos. “Tem... tem tudo aqui.”

“Você vai gostar deste lado aqui.” Watson apontou para a parede leste. Roupas civis, todas reforçadas. “Você veste tamanho médio? Quarenta e quatro?”

“Quarenta e dois.” Reid arrancou uma camisa do armário, xadrez com uma gola, e esfregou o material entre os dedos. Parecia uma camisa comum.

“Reforçada com o quê? Kevlar?”

Watson sorriu.

“Não usamos Kevlar há anos. Não, isso é grafeno.”

“Grafeno, repetiu Reid. *Malha de fibra de carbono composto, a largura de cem átomos. Imperceptível, mas mais forte que o aço. Poderia parar um tiro à queima-roupa. O impacto vai doer como o inferno - talvez até quebrar uma costela ou duas - mas não vai penetrar.* Assim que falou em voz alta, a informação chegou repentinamente, como se estivesse esperando atrás de uma porta que acabara de ser aberta.

Os dois trocaram de roupas rápida e silenciosamente. Watson escolheu uma camiseta preta, uma jaqueta de couro em um tom marrom escuro e jeans, enquanto Reid optou por uma pólo cinza e um casaco de camurça leve. Em seguida, cada um deles enfiou em uma mochila preta algumas trocas de roupa. Foi um processo

silencioso e Reid aproveitou para digerir tudo o que havia acontecido nos últimos quinze minutos.

Estava saindo novamente, desta vez para caçar um terrorista que poderia ser o portador de um vírus tremendamente mortal. Tudo aconteceu tão rapidamente que parecia surreal. Não podia deixar de se perguntar se era assim que sua vida era antes; recebendo um telefonema, saindo a qualquer momento para rastrear e apreender alguma ameaça à nação ou mesmo ao mundo.

Definitivamente parecia familiar, por mais estranho que parecesse quando ele parava para refletir a esse respeito.

Uma coisa era certa. Não se importava muito com a maneira como Cartwright e esta nova mulher, Riker, estavam tão seguros de que ele voltaria. Eles conheciam bem Kent Steele ou pelo menos sua mentalidade; não pareciam ter qualquer dúvida de que poderiam pegá-lo nesta operação.

Quanto mais pensava sobre isso, mais se sentia como uma propriedade.

Depois de fazerem as malas, voltaram para o andar do laboratório, onde Bixby havia separado uma série de implementos para eles.

“Muito bem, senhores,” disse ele, batendo palmas uma vez. “Entendo que há pouquíssimo tempo, então vamos ver o que temos aqui.”

“Primeiro: telefones celulares.” Entregou a cada um deles o que parecia ser um smartphone retangular comum.

“Estes estão fora da rede; em vez de passar pela torre de celular, são vinculados diretamente aos satélites dos EUA. Você pode fazer uma ligação ou receber uma ligação de qualquer lugar, a qualquer hora, para qualquer pessoa.”

À menção de uma ligação, Reid pensou em suas garotas em casa, e sobre como ele precisava ligar para avisá-las antes de sair. Esperava que Thompson ainda não tivesse sido alertado e ido para sua casa. Queria dar a notícia ele mesmo.

—“s baterias de íons de lítio estão totalmente carregadas, então você não precisa se preocupar, a menos que esteja ausente por mais de uma semana,” continuou Bixby.

“Ambos são pré-programados com números para Langley, Zurique e seus colegas de campo, e equipados com o necessário - ligações, mensagens de texto, câmera, GPS e internet.

Há uma unidade de armazenamento em nuvem segura que está sendo carregada com todas as informações sobre o caso enquanto falamos. Ah, e rádio. Falando nisso, aqui.” ele levantou algo pequeno, apertando-o entre o dedo indicador e o polegar. Era quase transparente e do tamanho de um feijão.

“Fone de ouvido,” explicou ele. “Totalmente plástico e quase invisível. Tem links para os telefones - a frequência já está configurada, você só precisa ligá-lo. Você terá um raio de três quilômetros, para que os três possam se comunicar livremente.” franziu a testa.

“Se não houver uma montanha no caminho ou algo assim.”

Reid pegou um dos fones de ouvido na palma da mão e gentilmente o colocou no ouvido. Foi um pouco desconfortável no começo, mas mais uma vez teve a sensação de que não era a primeira vez dele com um pedaço de plástico no ouvido.

“Agora, esses,” disse Bixby, “são muito legais.” abriu uma caixa oval preta e tirou um par de óculos escuros de armação preta.

“Lembram-se de alguns anos atrás, quando as empresas de tecnologia estavam empurrando para nós os óculos *smart*? Nunca fez sucesso com o público, mas nós continuamos com eles. Têm links para o telefone via Bluetooth, contanto que você esteja a seis metros do seu celular, você pode usá-los para gravar vídeos, fotos e até enviar mensagens, tudo com as mãos livres.” limpou a garganta e acrescentou:

“Também são óculos de sol.”

Reid enfiou a caixa de óculos no bolso interno da jaqueta. Era estranho, ser equipado assim em um porão da CIA por um excêntrico homem mais velho que o conhecia melhor do que ele próprio. Ele se perguntou quantas vezes havia feito isso antes.

“Agora vamos falar sério sobre hardware,” disse Bixby. “Zero, eu sei que você gosta da LC9, completa com coldre de tornozelo.” entregou para Reid a arma, uma pequena pistola preta em um coldre de náilon com uma tira elástica. O peso dela parecia bom em sua mão.

“Está totalmente carregada e tem munição extra ao lado.”

As palavras de Kate de sua memória recente surgiram de repente em sua cabeça:

“Por que você tem isso, Reid? E se uma das garotas a tivesse encontrado?”

De repente, percebeu que era a arma que Kate havia encontrado atrás do respiradouro, uma Ruger LC9.

Eu contei a ela? Ela sabia de tudo?

Sacudiu a memória de sua cabeça enquanto Watson amarrava um coldre no próprio tornozelo.

“Temos que nos mexer,” disse ele a Bixby.

“Sim, é claro.” Reid teve a nítida impressão de que Bixby não estava a par dos detalhes de sua operação; duvidava que o engenheiro fosse tão casual e agradável se tivesse alguma ideia de para onde estavam indo.

“Esta é a *pièce de résistance*, por assim dizer.” Bixby levantou um tablet digital e apresentou a Reid. “Pressione seu polegar direito no centro.”

Reid levantou uma sobrancelha, mas fez como Bixby pediu, pressionando a ponta do polegar contra a tela do tablet. Quando retirou o dedo, sua impressão digital permaneceu, brilhando em azul.

“Ótimo. E o esquerdo também, por via das dúvidas. Maravilhoso. Só um momento...” Os dedos de Bixby voaram através do tablet.

“*Et voilà*. Perfeito. Aqui está.” entregou a Reid uma segunda pistola - uma Glock preta com um escorregador prateado.

“Eu sei que você está acostumado com a Glock 22, mas estamos mudando para a 19. Maior e um pouco mais durável. É a nova arma dos SEALs da Marinha, se você ainda não sabe. Além disso, tem esse recurso bacana.”

Ele apontou para um bloco retangular pequeno e liso em cada lado da pistola.

“Reconhecimento biométrico de impressões digitais. Não há trava de segurança nesta arma; o gatilho é bloqueado a menos que um dos seus polegares esteja posicionado no lugar devido. Não se preocupe muito com o posicionamento. Vai pegar uma impressão parcial.”

Reid ficou impressionado.

“Eu nem sabia que esse tipo de coisa existia.”

“Ah, faz um par de anos,” disse Bixby.

“Não fui eu que inventei. Um jovem de dezenove anos de Detroit o inventou. Apenas mais uma daquelas coisas que nunca deu certo com o público geral. Uma vergonha, também; pense no que poderia fazer pela segurança das armas...”

“Bixby,” cutucou Watson.

“Vamos encerrar isso.”

“Certo, certo. Desculpa. Destaco que com esta arma, se você a perder, eles não podem usá-la.” sorriu.

Depois que Watson passou pelo mesmo processo de impressão digital, carregaram seus equipamentos e pegaram suas malas.

“Ah, só mais uma coisa!” Bixby chamou.

Watson gemeu. Reid teve a sensação de que esta era uma rotina normal com a tecnologia excêntrica.

“Tome isso.” Bixby entregou a Reid um pequeno e fino objeto preto, do tamanho de uma bateria AA.

“Eu chamo de granada sônica. Ainda não foi testada em campo, então estou ansioso para ver como funciona.”

Reid virou-a em suas mãos.

“O que isso faz?”

“Guarde-a no bolso e, se você se encontrar em risco, aperte os botões em cada extremidade do cilindro,” explicou Bixby. “Esprema duramente; ela não abre facilmente. Emite uma combinação de altas frequências que causam náusea imediata e perda de equilíbrio em qualquer pessoa dentro de um raio de cinco metros - exceto você, desde que esteja perto. Guarde-a com você.”

“Impressionante. *Se funcionar*, Reid pensou. Reid examinou o pequeno cilindro preto.

“Como isso é possível?”

“Ah, nós temos feito uma tonelada de pesquisas com ondas sonoras, efeito Doppler, cones de pressão... quero dizer, eu poderia explicar, mas duvido que os ajude...”

“Bixby,” disse Watson bruscamente. “Estamos indo.”

“Certo. Claro.” Bixby sorriu enquanto saíam do laboratório.

“Boa sorte, rapazes.”

Os dois caminharam rapidamente pelo corredor em direção aos elevadores novamente. Watson ficou em silêncio e andou a passos largos à frente. Reid não pôde deixar de se perguntar se era assim que o Agente Watson estava o tempo todo, ou se havia algum tipo de história entre eles. Certamente parecia que havia uma tensão, mas poderia ter sido apenas uma criação de sua cabeça.

A meio caminho do elevador, Bixby chamou-os.

“Ei, Zero, desculpe, será bem rápido antes de você ir.” Reid fez uma pausa enquanto o homem corria até ele.

“Escute, quando você voltar, eu realmente gostaria de fazer alguns testes em você.”

“Testes?”

“Sabe, na cabeça, MRIs, talvez alguma retenção de contraste gadolínio... tudo não-invasivo, eu prometo,” Bixby assegurou. “Mas acho que com algumas análises, na melhor das hipóteses, eu possa ajudar a restaurar parte de sua memória.”

“Temos que ir, Zero,” Watson murmurou.

“Eu sei. Apenas um segundo.” Reid entendeu completamente a gravidade de sua situação, mas se ele tivesse a oportunidade de saber mais sobre o que estava acontecendo em sua cabeça, estava interessado.

“Você realmente acha que pode recuperar alguma coisa?” perguntou a Bixby.

“Possivelmente. Quero dizer, ajudaria muito se eu pudesse falar com a pessoa que realmente que o implantou.” Bixby levantou uma sobrancelha esperançosa.

Reid sacudiu a cabeça.

“Desculpe-me, eu não sei.” não estava prestes a incriminar o médico suíço, Guyer; mas por outro lado, não sabia nada sobre o homem além de seu nome, e além disso, Bixby não podia fazer promessas. Guyer ainda poderia acabar sendo a única esperança de Reid de recuperar sua memória completa.

“Bem... pense um pouco, ok? Venha me ver de novo quando estiver de volta.”

“Virei.” Reid assentiu. Entrou no elevador, onde Watson já estava o esperando e os dois seguiram em silêncio até o nível do solo. Eles tiveram que encontrar Barnard na pista de pouso para depois perseguir os responsáveis pela mortal mutação da varíola.

CAPÍTULO DOZE

Era meia-noite e meia antes de Adrian retornar ao apartamento. Estava trabalhando incansavelmente o dia inteiro para completar a reestruturação do RNA para preparar o resto das amostras principais de varíola, e agora ele se arrastou pela porta, arrastando os pés. O lote estava quase pronto, mas a exaustão e a fome haviam se instalado. Ele se assegurou de que terminaria amanhã.

Claudette ainda não estava em casa; ela trabalhava em um bar local, muitas vezes até tarde. Adrian casualmente ligou a televisão e foi até a cozinha para servir uma taça de vinho.

Ele ouviu o noticiário antes de vê-lo. A mera menção de um surto mortal mandou-o correndo de volta para a sala, de meias quase tropeçando e derrapando até parar no tapete.

Prendeu a respiração enquanto assistia à transmissão espanhola, dublada em francês pela rede de TV. Na tela, um repórter em uma máscara de respirador estava do lado de fora de uma enorme tenda amarela enquanto os trabalhadores da OMS estavam atrás dele, todos idênticos com roupas de descontaminação amarelas empurravam pacientes em macas.

Um surto viral em Barcelona custou mais de cinquenta e cinco vidas ao longo de um único dia. Cento e noventa e cinco estavam em estado crítico.

O Imam liberou a amostra do vírus publicamente.

Enquanto observava, o repórter se aproximou da tenda, a câmera apontada para o hospital improvisado. Fileiras e mais fileiras de corpos jaziam sobre as macas, alguns com espasmos, tossindo, sangrando pelos lábios. Outros não estavam se mexendo.

Perto da entrada do hospital da OMS havia uma criança de oito ou nove anos de idade, deitada prostrada de costas. Estava imóvel, mas seus olhos estavam bem abertos.

“Mon Dieu,” disse Adrian sem fôlego. Meu Deus. O puro horror apertou-o com força como uma mão fechada. Ele colocou a mão sobre a boca e respirou profundamente pelo nariz, sufocando a vontade de vomitar.

Isto não era o que deveria acontecer. Em todo o seu fervor para completar o vírus, nunca considerara que as crianças pudessem ser seus alvos. Claro que isso era ingênuo da parte dele; um vírus era indiscriminado, inabalável e não seletivo. No entanto, o imã enchera sua mente com coisas sobre demônios do Ocidente, aqueles movidos apenas pela ganância e pela avareza.

Além disso, Barcelona não foi um dos alvos que Khalil compartilhou. Ficava a apenas quinhentos quilômetros de sua própria casa, pelo amor de Deus.

Isso era um pesadelo. E ele, Adrian Cheval, o criara.

Saiu pela porta um instante depois, deixando-a bem aberta enquanto descia a calçada só com meias. O porão do alfaiate, do qual ele acabara de chegar, não ficava longe. A exaustão e a fome de apenas alguns momentos haviam se dissipado, foram substituídas por pânico, medo e determinação.

A entrada do porão do alfaiate ficava de frente para um beco, uma antiga porta de madeira encravada numa escadaria de concreto que descia até o porão com cheiro de terra, onde ele guardava o equipamento roubado, a roupa de descontaminação e as amostras de varíola. Ele se atrapalhou com as chaves e quase as deixou cair enquanto destravava o cadeado de aço, seus dedos estavam tremendo. Finalmente, felizmente, a fechadura se abriu.

Quando ele a soltou, uma suave voz feminina chegou aos seus ouvidos.

“Meu amor.”

Ele girou rapidamente, quase ofegando, para encontrar Claudette de pé no beco atrás dele. Ela usava uma camisa preta e ainda tinha um avental branco amarrado em volta da cintura por cima de uma

saia jeans; ela devia ter vindo diretamente do bar. Seu cabelo vermelho flamejante estava puxado para cima em um coque bagunçado. No entanto, era a melhor das visões.

Correu para os braços dela, segurando-a por um longo momento. Ela retornou o abraço, acariciando delicadamente a parte de trás do pescoço dele, dando-lhe um momento para se recompor. Seus ombros se moviam com a ameaça de um soluço, mas ele o segurou.

“Dizer que cometi um grave erro é o eufemismo da minha vida,” disse ele por fim. Ele falou baixinho, pouco acima de um sussurro.

“Querido, não.” Claudette pressionou a cabeça na curva de seu pescoço. “Não, você fez tudo maravilhosamente bem.”

Ele recuou, afastando-se dela, seu rosto era uma máscara de confusão e pavor.

“Como você pode dizer isso? Claudette, eu cometi um erro em algum ponto no sequenciamento do RNA, um erro que deveria ter inutilizado o vírus, mas por alguma coincidência infinitesimal... isso tornou-se o pior.” As palavras se soltaram dele como uma represa que se rompe.

“A letalidade é maior do que deveria e a virulência está fora dos limites. O período de incubação é de poucas horas...”

Estava tremendo quando terminou.

“Se você visse o que eu acabei de testemunhar, você entenderia.”

Claudette mordeu o lábio. Ela parecia compreender a situação dele enquanto acariciava seu rosto, mas suas palavras sugeriam o contrário.

“Querido,” ela disse suavemente, “você fez exatamente o que deveria fazer.”

Ele empurrou a mão dela. Como poderia fazê-la compreender?

“Crianças, Claudette! Havia crianças infectadas. Elas são inocentes...”

“Inocentes!” Claudette zombou.

“Adrian, você não vê? Ninguém é inocente! Nem você, nem eu, nem mesmo o imã. Somos *todos* pecadores.”

Ele franziu a testa e piscou várias vezes, totalmente confuso.

“O que você está dizendo? Khalil tinha seus alvos no ocidente, foi o que ele disse. Mas ele lançou a amostra em Barcelona. Se não puder ser contida, ela se espalhará como fogo. Chegará à França, chegará *aqui*...”

Ela balançou a cabeça lentamente, como uma professora paciente estimulando um estudante a uma epifania.

“Sim, Adrian. Claro que vai.”

Deu um passo para trás, seu coração ameaçando pular de seu peito. Seu amor, sua Claudette, estava assustando-o. Ele havia se deixado manipular pelo Imam - não, isso não estava certo.

Ele só aceitou os ensinamentos de Khalil porque se permitiu ser manipulado por *ela*. Ela o aceitara quando não tinha ninguém e ele se permitiu ser moldado ao seu gosto.

“Adrian,” ela disse gentilmente, “por favor, não olhe para mim assim. Eu te amo. E você é o Mahdi, o Redentor, e para redimir...”

“Para o inferno com o Mahdi!” rosnou desdenhosamente. Dessa vez ela deu um passo para trás, tão chocada como se ele tivesse lhe dado um tapa.

“Khalil mentiu para mim. Ele me usou, Claudette. Você não vê isso? Não é uma jihad! Isso é... isso é genocídio!”

Ela estreitou os olhos.

“Eu entendo que suas emoções estão a flor da pele. Você não sabe o que está dizendo. Mas Alá está escutando, Adrian. E é tarde demais para uma mudança repentina...”

“Você está errada.” ele girou com raiva e puxou o cadeado da porta.

“Eu não posso desfazer o que foi feito, e se Deus quiser, a OMS irá contê-lo. Mas devo consertar o que fiz.” ele puxou a velha porta

de madeira. Às vezes, ficava presa no batente, depois de ter ficado deformada por anos de desuso, mas naquela noite estava sendo particularmente teimosa.

“Adrian! O que você vai fazer?”

“Destruir aquilo,” ele disse simplesmente. Puxou a porta novamente, com mais força, mas não se soltou.

“E então nós partiremos, esta noite, e nunca olharemos para trás. Não haverá mais Imam, não haverá jihad, não haverá mais vírus, e passarei o resto de minha vida reparando o que fiz - *oomph!*”

Adrian tropeçou para trás, quase caindo quando a porta finalmente se soltou. Quando se recuperou, sentiu uma mão no ombro dele, puxando-o e, quando se virou para ela, Claudette lhe deu um tapa na boca com a palma da mão.

Ele engasgou em choque. Seus lábios ardiam com o golpe e quando ele os tocou, seus dedos estavam manchados de sangue.

“Como você se atreve.” sua voz estava perigosamente suave.

“Você abandonaria tudo? Isto não é sobre você ou eu ou até mesmo o Imam. Isso é sobre um propósito maior! Isso é sobre a melhoria do mundo.”

Adrian lambeu seu lábio sangrento enquanto sacudia a cabeça. Não sabia o que dizer para fazê-la ver.

“Claudette, eu te amo mais do que você imagine. Mais que a vida, mais que o ar que eu respiro. Mas você deve entender que este *não* é o caminho.”

Em resposta, ela cruzou os braços e empurrou o peito dele desafiadoramente, uma carranca estava em seus lábios.

“Destrua tudo, Adrian, e você nunca mais vai me ver,” ela avisou. “Eu vou embora hoje à noite. Eu prometo a você, isso não é um blefe.”

Olhou para o beco sujo sob seus pés. Não sabia quem ele era mais sem Claudette. Não acreditava que pudesse sobreviver sem ela. Mas o que ela pedia era mais do que ele era capaz. Pensou novamente na criança na maca do noticiário. Imóvel, os olhos bem abertos. Não era mais velha do que sua própria sobrinha, Alice,

morando em Bordeaux com sua irmã mais velha. *E se fosse Alice naquela maca?*

“Então, vá embora,” ele disse a Claudette em voz baixa, pouco acima de um sussurro.

“Eu farei o que deve ser feito...”

O rugido de um motor interrompeu a conversa dos dois. Ambos levantaram o olhar instintivamente para ver a SUV próxima do beco. Então, um instante depois, os freios guincharam e a SUV voltou, ao contrário. Ele virou no beco e os dois ficaram completamente cobertos pela luz dos faróis de halogênio.

Era tarde demais. Eles tinham vindo. Mesmo que Adrian ignorasse o processo de descontaminação e fizesse uma corrida para pegar as amostras, arriscaria não chegar até elas antes que os árabes o alcançassem - ou pior, ele poderia se arriscar e espalhar acidentalmente o vírus em Marselha.

Os faróis se apagaram e dois homens saíram da SUV preta. O motorista era familiar, um dos dois sírios que visitaram o apartamento para obter a amostra. Mas, em vez de seu camarada costumeiro, tinha com ele um homem de rosto esguio, magro e com uma carranca constante.

Os dois árabes acenaram para Adrian com um sorriso fino nos lábios. Ele reconheceu isso como um aceno de validação. *Meu deus*, pensou. *Esses monstros aprovam o que foi feito.*

O magro sírio estendeu o celular.

“*Patron*,” disse em francês. Patrão.

Adrian pegou o telefone e colocou no viva-voz.

“Khalil?”

“Adrian.” A voz suave e mais velha do homem veio através do telefone, cantando.

“Você fez um trabalho *excelente*, meu brilhante jovem amigo.” O francês do Imam era quase perfeito.

“Porquê a Espanha?” perguntou. “Você tinha seus alvos, você me prometeu.”

“Tivemos que garantir que o vírus funcionava,” disse Khalil simplesmente. “E liberá-lo em nossos alvos verdadeiros poderia ser arriscado agora. Barcelona era apenas um campo de testes, Adrian.”

“Crianças, Khalil.” Adrian quase engasgou com as palavras. Crianças morreram...”

“E muitas outras morrerão antes que isso seja feito.” O Imam falou desapaixonadamente, como se estivesse discutindo o massacre de formigas e não seres humanos.

“Não se preocupe. Elas estão com Alá agora, terão um glorioso futuro.”

Adrian engoliu o nó na garganta. Mesmo antes de fazer seu pedido, já sabia muito bem que não haveria como mudar a mente do imã.

“Por favor, me escute com cuidado,” disse ele lentamente.

“Eu cometi um erro. O vírus é muito rápido. O período de incubação é muito curto. Existe a possibilidade de instabilidade e mutação adicional. Isso vai piorar...”

“Um erro?” perguntou Khalil.

“Adrian, o que você fez aqui superou minhas expectativas! Você, Monsieur Cheval, é um artista e esta é sua obra-prima.”

“Obra-prima!” Adrian zombou. “O que eu criei é um horror incompreensível! Khalil, se isso for para além da contenção da OMS, as consequências serão catastróficas. Estaríamos enfrentando uma endemia sem precedentes...”

“Sim, sim, Adrian, estou ciente.” Não podia acreditar em seus ouvidos; Khalil quase parecia entediado com a conversa.

“É exatamente o que eu esperava de você.”

Uma onda de pânico tomou conta dele. Ele tinha que destruir aquilo. Não havia outra opção. Sua própria vida não valia o potencial do que havia criado acidentalmente.

Khalil suspirou pelo telefone.

“Você perdeu a fé, Adrian?”

Adrian olhou para Claudette. Seus olhos eram grandes ao luar, esperançosos de que sua resposta fosse o que tanto o Imam quanto ela desejavam ouvir.

“Eu não tenho certeza se tive fé,” admitiu baixinho. “Eu tinha amor e, no meu desespero, agarrei-me a ele. Eu me permiti ser influenciado. Mas isso... isso foi longe demais, Khalil. Eu não posso permitir isso. Eu não posso ser seu Mahdi.”

“Estava com medo de que algo assim pudesse acontecer,” disse o imã. “Veja, Adrian, na fé, como na vida, as coisas raramente são *preto no branco*. Às vezes, para alcançar nossos objetivos, devemos fazer o que parece ser a antítese moral do que deveríamos. Por isso...”

Deu uma ordem em árabe. O motorista sírio avançou de repente e apertou a mão em torno do bíceps de Claudette. Os dedos da outra mão agarraram-na pelo cabelo, puxando a cabeça dela para trás.

Ela gritou. Adrian deu um passo à frente em defesa dela, mas o árabe magro tirou uma pistola prateada e enfiou-a no rosto do jovem francês, pressionando o cano contra o nariz dele. Adrian largou o telefone enquanto colocava as duas mãos para cima. O aparelho caiu no beco, mas a voz de Khalil ainda ressoava.

“Você deve cumprir com a sua palavra, Adrian. Claudette ficará com um deles. O outro vai seguir você para o seu laboratório no porão. Presumo que você tenha uma vestimenta de proteção para ele.” Khalil riu.

“Se você tentar destruir as amostras ou alterá-las de uma forma que diminua sua eficácia, meu pessoal matará Claudette na sua frente. Sabe este homem que aponta uma arma para você nesse momento? Eu o mandei porque ele é uma espécie de especialista. Ele gosta de começar com os olhos. É horrível.”

Claudette se contorceu no aperto do sírio, o pescoço em um ângulo estranho e doloroso. Adrian manteve seu olhar no dela, seus olhos arregalados e aterrorizados. Não suportaria se fizessem alguma coisa com ela. Mesmo com seu fanatismo, sua insistência, sua fé cega, ele ainda a amava profundamente. Estava vagamente ciente de que o Imam continuara a falar, mas não ouviu nada. Estava petrificado com o pensamento deles matando-a diante de seus olhos.

“Adrian? Eu fui claro?”

“Ajude-me,” Claudette implorou, sua voz era um gemido.

“Por favor, Adrian.”

Adrian mordeu o lábio por um momento.

“Sim,” ele disse finalmente. “Você foi claro. Farei o que você pedir.” *Vou encontrar uma maneira de sair disso*, disse a si mesmo desesperadamente. Mas no momento não tinha escolha a não ser cumprir a exigência do imã. Ele foi derrotado, incapaz de aceitar um destino tão terrível para Claudette.

“Obrigado,” disse Khalil gentilmente. “Quando?”

“Eu vou ter que trabalhar a noite toda,” disse Adrian.

“Finalize isso.” O Imam Khalil terminou a ligação.

O sírio puxou o cabelo de Claudette. Ela gritou de dor quando ele a arrastou para a escura SUV. O bandido magro empurrou o cano de sua pistola de prata no rosto de Adrian e gritou,

“Vá!” Em francês.

A última coisa que ele viu antes de ser forçado a descer na escuridão do porão foi a sua expressão desesperada enquanto o outro sírio a puxava para o carro.

“Eu vou libertá-la,” prometeu. “Farei tudo certo.” ele encontraria uma maneira de evitar colocar o vírus ativo nas mãos do imã maníaco e salvaria Claudette, mesmo que isso significasse a sua própria morte.

Assim que a porta do porão da alfaiataria foi fechada novamente, Claudette sacudiu os cabelos e estremeceu.

“Isso dói,” ela repreendeu agudamente em árabe.

“Sinto muito.” o homem sírio, Abad, parecia genuinamente arrependido. “Você acha que ele acreditou?”

“Sim,” ela disse.

“Tenho certeza de que fará o que for necessário para impedir que eu sofra.” Ela teve a sensação de que Adrian perderia a fé quando visse os efeitos do vírus. Era mole demais, não totalmente doutrinado; sua paixão era muito mais por ela do que pelos ensinamentos do Imam. Foi por isso que ela ligou para Khalil e fez com que seus homens os ameaçassem. *Embora*, ela pensou, *talvez Adrian estivesse certo em perder a fé*. Afinal de contas, Imam Khalil havia dito a ela: Adrian não era o Mahdi. Era ela quem traria redenção ao mundo.

CAPÍTULO TREZE

Imediatamente após seu encontro com Bixby, Reid foi conduzido da sede da CIA em Langley diretamente para um sedã preto à espera de Watson e do Dr. Barnard. Um policial estadual da Virgínia abriu caminho, com as luzes e sirenes ligadas enquanto o Agente e o virologista se dirigiam para a pista de pouso onde estava um jato à sua espera.

Estava estranhamente silencioso no carro, apesar do som estridente da sirene à frente deles. Reid notou que o Dr. Barnard, sentado no banco do passageiro da frente, parecia pensativo e inquieto; sabia mais sobre a situação do que os outros dois e Reid não gostou da postura agitada do médico. Ao lado de Reid na traseira do carro, Watson sentou-se estoicamente, o que Reid reconheceu como seu aparente estado natural.

Reid passou a curta viagem de carro de Langley até Dulles, familiarizando-se com os detalhes do caso, revendo a unidade criptografada em seu telefone para a qual Bixby havia enviado todos os dados relevantes. Ele rapidamente leu os detalhes da expedição de pesquisa siberiana, liderada por um virologista grego chamado Dr. Konstantin Cicero.

Ele e sua equipe foram encontrados mortos, todos os cinco mortos por tiros. Seu acampamento foi queimado. Quatro dias antes, um estudante de graduação da Universidade de Estocolmo chamado Bastien Renault havia se juntado à expedição como estagiário. O verdadeiro Renault foi encontrado morto em seu apartamento perto da universidade.

As autoridades levaram uma semana para encontrar o estudante morto. Todos que ele conhecia supunham que estivesse na Sibéria.

A Universidade de Estocolmo também confirmou que alguém usou a identificação de Bastien Renault para obter acesso ao seu laboratório de virologia e vários equipamentos foram roubados. As

câmeras de vídeo fora do laboratório haviam sido desativadas e, por isso, não conseguiram identificar a pessoa.

Reid estremeceu. Quem quer que tenha feito isso foi minucioso. Era algo planejado com cuidado e inteligência. Mesmo assim, havia pelo menos algumas pequenas coisas que poderia supor. Se eram ou não falhas no plano arquitetado, ainda não sabia.

O carro chegou ao asfalto e desacelerou quando se aproximou do avião. A pequena pista de pouso privada ficava nos arredores de Dulles, de propriedade do governo e mantida segura para o uso de políticos, dignitários e situações como essa. Um Gulfstream G650 branco esperava por eles, com a rampa abaixada. Assim que saíram do carro, os motores lentamente começaram a funcionar.

Reid não tivera um único momento sozinho desde que entrara pela primeira vez na sala de conferências com Cartwright; tinha ido direto de lá para o laboratório de Bixby e para a parte de trás do carro que o aguardava, então usou o breve intervalo da sedan para o avião para retirar seu telefone - o que Bixby lhe dera, pois precisava deixar o civil para trás. Discou o número de Maya.

“Olá?” ela atendeu com cautela.

“Maya, é o papai.”

“Papai? Por que você está ligando de um número bloqueado? E o que é esse barulho no fundo?”

“Querida, escute, eu só tenho um minuto e preciso te dizer...”

“Ah Deus, você está em um avião, não é?” ela o interrompeu.

“...Quase. Sim.” Não sabia se a CIA estaria ouvindo suas ligações ou não, então escolheu suas palavras cuidadosamente.

“Eu... fui e fiz exatamente a coisa que você me disse que eu faria.”

Maya ficou em silêncio por um longo momento.

“Quanto tempo?”

“Alguns dias na pior das hipóteses. Não será como da última vez,” prometeu. Depois de outra longa pausa, perguntou:

“Como está sua irmã?”

“Ela está bem,” Maya disse categoricamente. “Adormeceu na frente da TV. Devo acordá-la?”

“Não, não. Deixe-a dormir.”

“O que devo dizer a ela, então?” Maya perguntou.

“Diga a ela, uh...” ele nem sequer teve tempo para pensar em um bom álibi.

“Eu vou dizer a ela que você deu uma escapadela de fim de semana de última hora com Maria. Ela acreditará nisso. Ela gosta da ideia de você sair com alguém novamente.”

Reid sorriu. Ficou grato porque Maya pôde pensar em uma boa desculpa na hora, contanto que ela não tentasse algo assim com ele.

“Perfeito. Obrigado. O Sr. Thompson vai ficar de olho em você, ok?”

Esperava uma discussão, mas Maya simplesmente disse:

“Tudo bem. Como posso falar com você se eu precisar?”

“Eu não posso te dar esse número, mas posso enviar uma mensagem para você,” disse. O mais provável era que a CIA não estivesse monitorando as chamadas, mas monitorasse a atividade - mas que se *dane*. Ele falaria com suas garotas se elas precisassem dele.

“Aparecerá como 'desconhecido', mas pelo menos você pode me enviar uma mensagem.”

“Bom,” ela disse. Então, mais calma, perguntou:

“Você tomará cuidado, certo?”

“Claro.”

O Agente Watson pendurou a cabeça para fora da porta do Gulfstream.

“Zero,” ele gritou, “vamos embora em um minuto.”

Reid assentiu. Para Maya, ele disse:

“Eu tenho um, uh, amigo comum que está comigo.” ele sabia que ela entenderia a quem ele se referia. Maya e Sara haviam passado

alguns dias em uma casa segura sob o olhar atento do Agente Watson.

“Fique seguro,” ela disse a ele.

“Eu te amo.”

“Também te amo, querida.” Terminou a ligação, levantou sua bolsa preta e embarcou no Gulfstream. Sentou-se ao lado de Watson, do outro lado do corredor, na aeronave de oito lugares e sessenta e cinco milhões de dólares. Tinha uma velocidade máxima de quase setecentas milhas por hora, o que os colocaria na Europa em menos de cinco horas. Quando o avião começou a se movimentar, pegou o telefone novamente e mandou uma mensagem para o número de Maya: *responda aqui se precisar entrar em contato comigo.*

Dois minutos depois, o pequeno jato rugiu para o céu.

Watson se virou no seu lugar para se dirigir aos companheiros.

“Nosso primeiro destino é Barcelona,” disse ele.

“A Interpol estabeleceu uma presença temporária em uma zona de quarentena. Eles acreditam que os perpetradores ainda podem estar no país; é litorâneo e, com as viagens internacionais fechadas, precisariam de uma maneira de remover o vírus da Espanha. Vamos nos encontrar com a Interpol e, com um pouco de sorte, ganhar uma vantagem com as informações deles.”

Reid sacudiu a cabeça.

“Eu não acho que é o melhor jeito de fazer isso.” algo sobre o ataque em Barcelona pareceu estranho para ele; o alvo em si era aparentemente aleatório, a menos que as pessoas responsáveis tivessem algum tipo de *vendeta*. Mas, como ninguém havia reivindicado a responsabilidade pelo ataque, não pôde deixar de pensar que a Espanha poderia muito bem ser uma pista falsa.

“Bem, essas são as nossas ordens, direto do Secretário de Defesa,” retrucou Watson.

Barnard, sentado atrás de Reid, inclinou-se para a frente com interesse.

“O que faz você dizer isso, Agente Steele?”

Reid pensou por um momento antes de dizer:

“Os pesquisadores na Sibéria estavam esperando uma pessoa específica.” Ele abriu a unidade de armazenamento em nuvem em seu telefone e puxou o perfil do estudante de graduação. “Bastien Renault, vinte e cinco anos, de estatura média, de nacionalidade francesa. Além disso, a arma usada no local da expedição era um MAB PA-15... um revólver francês que não está em produção desde 1982. Acredito que o criminoso, a pessoa que assumiu o lugar da Renault, provavelmente seja um francês de vinte e poucos anos. Ele obviamente sabe o suficiente sobre virologia para se disfarçar de estagiário por quatro dias, independentemente de ter ou não realizado a verdadeira mutação.”

Barnard assentiu lentamente, as sobrancelhas erguidas - ele quase parecia impressionado. “Tudo bem, Agente, digamos que estamos procurando um jovem francês de 20 e poucos anos, com o conhecimento e as habilidades para obter uma mutação da *variola major*. Embora esse seja certamente um perfil, ainda é uma agulha no palheiro.”

“Além disso,” acrescentou Watson, “não há nenhuma pista para alcançarmos o virologista. A polícia sueca já entregou todas as cartas - a universidade, o apartamento do estudante morto, tudo isso. Eles não têm nada, o que significa que não temos nada. Barcelona é onde começou; Barcelona é para onde estamos indo. Se fizermos nosso trabalho corretamente e coordenarmos nossos esforços com a Interpol, a trilha nos levará de volta ao virologista.”

Reid suspirou. Pensou na mesma manhã, que já parecia há vários dias, na sala de aula em Georgetown. De repente ele se endireitou, sua mente acelerada.

“O que faz você pensar que o nosso cara já esteve em Barcelona?” perguntou. “Por que ele arriscaria o próprio pescoço para liberar o vírus?”

“Quem diabos estaria disposto a fazer isso por ele?” perguntou Watson.

“Isso eu não sei.” *Cerco a Kafa*, pensou. Tinha acabado de palestrar sobre um assunto similar.

“Sabe, Genghis Khan foi um dos primeiros a adotar armas biológicas - a peste bubônica. Era conhecido por enviar soldados infectados para populações nativas que se recusavam a ceder, a fim de espalhar sua doença e diminuir a população.”

O Dr. Barnard examinou Reid.

“Isso é verdade. E às vezes ele catapultava seus corpos infectados. É muito interessante, mas o que as táticas de conquista mongol do século XIII têm a ver com as armas biológicas modernas?”

“Meu ponto de vista é que se eu fosse o virologista, assumindo que ele é o cérebro por trás de tudo isso, estaria o mais longe possível da Espanha. E com base no que sabemos, eu estaria disposto a apostar que não está na França também,” explicou Reid. “Se eu fosse ele, estaria escondido. Eu teria enviado outra pessoa para liberar o vírus, seja intencionalmente ou não.”

Barnard acariciou o queixo.

“Envia um soldado infectado,” disse ele lentamente “para espalhar a doença. É plausível, particularmente com a taxa de infecção que estamos vendo.”

“Você mencionou a velocidade dessa contaminação algumas vezes agora,” observou Watson. “Com que rapidez estamos falando?”

“A OMS ainda está trabalhando para completar um perfil definitivo do vírus, mas...” o médico parou para tirar os óculos e limpá-los em

sua camisa. “Pelo que eles podem dizer até agora, a incubação da infecção inicial ao sintomático é entre uma e duas horas. Os primeiros sintomas a manifestar são dor de cabeça, febre e náusea leve, exponencialmente ao longo do ciclo de vida muito breve do vírus. As temperaturas internas sobem cerca de um grau por hora. Então a tosse aguda começa ou tosse de líquidos nos pulmões. Todo o sangramento é interno; não há feridas externas, como visto nos casos de varíola tradicional e varíola menor.”

“Pelo que eles estão vendo na Espanha, normalmente são os pulmões que sangram primeiro, dificultando a respiração. Isso, em conjunto com febre alta, tem causado inconsciência ou, pelo menos, desorientação. O sangramento de outras regiões internas acontece em sequência, geralmente na cavidade abdominal e, eventualmente, a hemorragia interna até a morte.”

Reid fechou os olhos enquanto o médico falava. Não desejava ver nada disso, não depois da descrição e vendo as feições abatidas de Barnard.

“Quanto tempo leva?”

“O atual perfil da OMS do vírus é uma média de sete a oito horas, da infecção à morte.”

O estômago de Reid se agoniou com o pensamento. Não imaginava como seria horrível adoecer de manhã e morrer antes do pôr-do-sol, sem qualquer esperança de cura.

Todos os três telefones tocaram simultaneamente. Watson verificou o dele.

“Uma atualização,” anunciou ele.

“A diretora assistente Riker diz que a Interpol tem alguma coisa. Seja o que for, deve ser sensível. Eles não vão enviá-la para nós por medo de um vazamento, mas estão dizendo que é urgente.”

Reid quase zombou. Não conseguia afastar a sensação de que a Espanha parecia uma manobra, uma maneira de afastar as autoridades, mas isso não importava agora; Barcelona era para

onde estavam indo. E mesmo que achasse que poderia ser uma perda de tempo, tempo que seria útil para rastrear o virologista, estava curioso sobre o que a Interpol havia descoberto.

O Dr. Barnard suspirou profundamente, tentando conter a ansiedade que estava claramente estampada em seu rosto e testa.

“Alvo zero,” ele murmurou. “Vamos esperar e orar para que não tenhamos um dia que dizer: foi lá onde tudo começou.”

CAPÍTULO QUATORZE

Reid olhou pela janela quando o Gulfstream desceu sobre o aeroporto de El Prat em Barcelona. Na hora local eram seis e meia da manhã. O sol estava começando a nascer, lançando uma luz púrpura sobre o céu em transição.

Foi uma visão estranha. El Prat estava fechado, sem vida. Nenhum avião chegou ou partiu, e a pista estava silenciosa e vazia. Quando pousaram, Reid pôde ver que a maioria das luzes dentro do aeroporto estavam ligadas, mas através das grandes janelas de vidro, o lugar era uma cidade fantasma.

Watson abriu a porta e baixou a escada quando o G650 parou. Na pista o tempo estava frio e uma leve brisa soprava. Pássaros cantavam nas proximidades, aninhando-se no topo do terminal de vidro.

Estranho, Reid pensou. Eu nunca vi um aeroporto silencioso antes. É assim que o fim do mundo seria.

Um único homem correu até eles. Ele usava um terno cinza-escuro e mocassins, e tinha um bigode fino como um traço de lápis no rosto bronzeado. Apesar da situação atual, Reid não pôde deixar de sorrir ferozmente quando o homem se aproximou. Ele estendeu a mão para cumprimentar o Agente da Interpol que o ajudara a ele e Maria, a interromper o plano de Amun na Suíça.

“Baraf,” disse Reid. “É bom ver você novamente.”

O Agente Vicente Baraf devolveu calorosamente o sorriso.

“Igualmente, Agente Steele. Embora eu desejasse que as circunstâncias fossem melhores.”

“Concordo,” disse Reid.

“Este é o Agente Watson, da CIA e o Dr. Barnard do CCPD.”

“Sim, seu diretor me disse que estavam vindo. Por favor, sigam-me.” Baraf liderou o caminho enquanto os quatro homens

caminhavam apressadamente em direção ao terminal.

“A Interpol está trabalhando com a OMS para conter o surto e usar o aeroporto como uma base temporária de operações enquanto está desativado,” explicou ele. “El Prat fica a cerca de doze milhas do centro da cidade, por isso estamos fora do raio de infecção conhecido. A OMS estabeleceu uma área de quarentena no estacionamento do outro lado do prédio...”

“Eu gostaria de ver isso,” disse Barnard de repente.

“Não há tempo,” Watson respondeu com a mesma rapidez.

“Estamos aqui para obter informações e é tudo.”

“O que eu gostaria de mostrar é extremamente sensível,” continuou Baraf. “Não podemos nos arriscar e deixar isso chegar ao público.”

Reid entendeu imediatamente o que isso significava - a Interpol havia encontrado alguma evidência sólida de que isso era um ataque biológico. Se o público soubesse, poderia incitar um pânico em massa. *E espero, pensou, que inclua uma pista.*

Baraf levou-os a um dos salões das companhias aéreas, que a Interpol transformou em um centro de comando improvisado. Quase todas as superfícies horizontais disponíveis eram ocupadas por computadores, rádios e equipamentos de comunicação. Uma dúzia ou mais de Agentes da Interpol correram ou sentaram-se em estações de trabalho temporárias, trabalhando febrilmente em suas tarefas designadas.

“Sawyer,” disse Baraf, “esses são os Agentes Steele e Watson, da CIA. Agentes, o Sr. Sawyer é o melhor analista técnico à disposição da Interpol.”

Sawyer piscou para eles. Seus olhos estavam vermelhos e com olheiras; o homem tinha estado claramente acordado a noite toda.

“Agentes,” ele balançou a cabeça, sua voz grossa com um sotaque de Londres. “Eu gostaria de poder dizer que é um prazer.”

“Mostre a eles o que você e sua equipe encontraram” Baraf disse.

“Certo, claro.” Sawyer esfregou os olhos turvos. “Como sabem, a primeira leva de pacientes chegou ao Hospital de l'Esperanca ontem à noite. A equipe médica entrevistou-os da melhor maneira possível. Eventualmente, surgiu algo em comum: muitos deles haviam andado de metrô no início do dia. Não apenas no mesmo metrô, mas na mesma *linha*.”

Ele mudou para outra guia em seu computador e o monitor do lado esquerdo passou da filmagem de segurança para um mapa do sistema de metrô de Barcelona.

“Esta linha aqui, a linha vermelha. Minha equipe e eu passamos horas examinando as imagens das câmeras das estações de metrô e, finalmente, encontramos isso.”

Sawyer trocou o monitor direito para outro vídeo. Na tela, uma pequena multidão de cidadãos esperou que o trem que se aproximava parasse e então subiu a bordo enquanto as portas se abriam. O analista de tecnologia fez uma pausa na imagem.

“Bem aqui,” disse ele. Apontou para um jovem que os imitava, pouco mais do que uma criança, parecia. Ele parecia um pouco abandonado; seu cabelo era comprido, subindo por suas orelhas e suas bochechas estavam cobertas pelos cabelos escuros desgrenhados. Usava um suéter fino e, reconhecidamente, parecia fora do padrão dos cidadãos espanhóis.

“Para quem estamos olhando?” perguntou Watson.

“Este,” respondeu Sawyer, “é o primeiro caso relatado de infecção, assim como a primeira fatalidade do surto.”

“Nosso paciente zero,” Barnard murmurou.

“Agora, aqui está,” Sawyer continuou. “Ele entra no trem por um tempo. Então ele sai cambaleando do trem, obviamente doente. Consegue chegar à rua antes de desmaiar e uma enfermeira do pronto-socorro a caminho do trabalho o ajuda no hospital.”

Reid assentiu gravemente.

“Então o primeiro infectado, esse garoto, carregou o vírus para a cidade. Ele andou de metrô de propósito para infectar os passageiros. Seu palpite estava certo.”

“Precisamente” disse Baraf em voz baixa.

“A OMS já recebeu relatos de infecção fora da cidade, em Manresa, Tarragona e até mesmo um alegado caso em Carcassonne.”

Reid replicou.

“Chegou à França?”

“Não sabemos sobre isso.” Barnard insistiu.

“Aconteceu na última hora, enquanto você estava no ar,” explicou Baraf. “A OMS está fazendo tudo o que está ao seu alcance para impedir a disseminação do vírus, mas seus recursos estão se esgotando. Desde que você saiu dos EUA, todos os aeroportos da UE foram desativados. Viagens internacionais são atualmente proibidas e qualquer pessoa que apresente sintomas está passando por quarentena imediata.”

“Você estava certo, Agente,” murmurou o Dr. Barnard para Reid. “Nosso autor enviou um infectado para a cidade, assim como os mongóis.”

Reid não estava disposto a soltar um “eu te avisei”. Não podia imaginar quais seriam as potenciais ramificações se uma doença tão mortal fosse liberada nos Estados Unidos, especialmente na Costa Leste. Ela se espalharia como um incêndio.

“Watson,” ele disse baixinho, “informe a Cartwright e Riker de tudo isso. Eles vão querer saber o que está acontecendo.”

Watson assentiu e pediu licença para fazer a ligação.

“Agente Steele,” disse Baraf, “temo que haja mais para lhe mostrar.”

“Sawyer, por favor.”

O técnico da Interpol mudou o feed de seu monitor direito para um vídeo em preto-e-branco. Ele reconheceu a cena imediatamente

como o interior de um hospital, com quatro médicos e enfermeiras amontoados em volta de uma cama enquanto trabalhavam em um paciente.

Quando um dos médicos se afastou, Reid viu o rosto do paciente - era o menino, o primeiro infectado. Eles haviam cortado seu suéter fino. Seu peito parecia oco, quase esquelético, e subia e descia rapidamente. Estava lutando para respirar.

“Esta é uma filmagem de segurança da sala de emergência do Hospital de l'Esperanca,” explicou Baraf. O Agente da Interpol pegou um par de fones de ouvido da mesa de Sawyer e os estendeu para Reid.

“Por favor.”

Reid colocou os fones de ouvido sobre as orelhas e imediatamente ouviu os gritos e demandas dos médicos que emitiam ordens em espanhol. O menino se debateu no vídeo, tossindo violentamente, com o corpo cheio de espasmos.

Então ele ouviu outra coisa, pouco acima de um murmúrio ainda audível, vindo do menino na cama. Reid franziu a testa. Soava como um gemido suave, uma série de sons monossilábicos de ‘*mm*’.

“Aumente,” pediu a Sawyer. O técnico aumentou o volume ao ponto de ser quase ensurdecedor. A qualidade de áudio da gravação de segurança era fraca e um ruído guinchou desafiadoramente em seus ouvidos, mas Reid ainda conseguia entender o que o garoto poderia estar dizendo.

“*Im..*”. ouviu. “*Im... Imam... ma...*”

Reid franziu a testa. Parecia que, em seu delírio febril, o menino murmurava ‘Imam’ - estava chamando por seu líder espiritual, talvez o chefe de sua mesquita ou um pilar de sua comunidade. Entendeu imediatamente por que Baraf não queria que o vídeo vazasse; qualquer um que ouvisse o garoto falando árabe assumiria automaticamente o pior.

No entanto, enquanto ouvia, havia outra coisa, outra palavra que o menino estava tentando dizer. Reid mal conseguia distinguir um som consoante enquanto o menino tentava dizer: “Ma... Ima... dee...”

“Volte,” ele exigiu. O técnico inglês começou o vídeo e Reid fechou os olhos, concentrando-se nos murmúrios vindos do menino.

Mahdi, Reid discerniu. *Imam Mahdi*.

Seus olhos se arregalaram em choque quando a percepção o atingiu. Ele puxou os fones de ouvido e os empurrou para as mãos de Barnard. Precisava de confirmação ou, no mínimo, uma segunda opinião.

“O que isso soa para você? O que o garoto está dizendo?”

Barnard ouviu atentamente o áudio enquanto Sawyer tocava de volta, seus olhos semicerrados focados em nada enquanto tentava entender as palavras. Então ele também puxou os fones de ouvido.

“Ele disse...?” o médico não pareceu querer dizer isso primeiro.

“Imam Mahdi,” Reid confirmou.

“O que isso significa?” Baraf perguntou.

“Isso significa que podemos assumir o pior,” disse Reid calmamente. Incontáveis guerras foram travadas em nome da religião, por isso Reid havia se educado bastante sobre as principais religiões do mundo. Ele sabia bem o que o Mahdi era - e o que isso significava.

“Em algumas seitas islâmicas, o Imam Mahdi é uma figura redentora,” explicou Barnard. “Dizem que será o último dos homens santos muçulmanos e trará o Dia do Julgamento...”

“O fim do mundo,” Reid terminou. “A purificação da terra do pecado.”

Baraf soltou um suspiro.

“Estamos lidando com militantes islâmicos.”

“Há pouca dúvida,” Reid murmurou. Pensou no comentário de Barnard no avião. *Um vírus é desapaixonado. Não tem como alvo soldados ou políticos inimigos ou pessoas de interesse.* Se esse menino tivesse sido doutrinado em um grupo insurgente, então ele de fato levaria o vírus de bom grado para a cidade... o que significava que aquilo era uma jihad, pura e simples.

“O que você acha, Agente?” perguntou Barnard.

“ISIS? Alguma facção do Daesh?”

“Não é o seu MO,” respondeu Reid. Os ‘suspeitos do costume’ dos subversivos islâmicos tendem a ser muito diretos em seus ataques, se aproximando para reivindicá-los e indo até filmar o evento para o mundo ver. Isso pareceu diferente para Reid; quieto, secreto, bem planejado. E pior, o fato de que eles ficaram quietos após o ataque a Barcelona, indicava que tinham mais espaço para atacar o mundo.

“Ainda estamos perdendo o vínculo entre esse garoto e o virologista,” disse Reid, frustrado. “Precisamos de algo mais para continuar.” Ele se virou ansiosamente para Barnard. “Você é o especialista em bioterrorismo aqui. O que não estamos vendo?”

O Dr. Barnard estava ocupado percorrendo rapidamente o telefone, os olhos esvoaçando por trás dos óculos como uma coruja.

“Barnard...” não parecia que o médico estava ouvindo.

De repente, ele levantou os olhos do telefone.

“Agente Baraf, você tem um relatório médico sobre o garoto do Hospital de l'Esperança?”

“Ah, sim, nós temos.” Baraf vasculhou apressadamente através de uma pilha de papéis ao lado do computador de Sawyer.

“Eles nos enviaram por fax uma cópia impressa na noite passada... Aqui.” ele puxou um maço de páginas coladas e as entregou a Barnard.

Reid olhou por cima do ombro do médico. O relatório estava em espanhol, mas Reid não ficou surpreso ao saber que ele poderia facilmente lê-lo assim como falava inglês. Ele já havia aprendido que podia falar árabe, russo e francês, tudo havia retornado a ele simplesmente ao ser exposto à língua.

Aparentemente, o médico do CCPD também conseguia ler. “Bem aqui.” apontou para um parágrafo descrevendo o estado físico do garoto ao chegar no pronto-socorro. “Este menino, ele morreu em menos de três horas de internação,” Barnard disse rapidamente.

“Acrescente a isso as observações do Sr. Sawyer do trem, e ainda são menos de cinco horas no total; muito mais rápido do que qualquer outro paciente infectado. Mas por quê? Se você olhar aqui, o médico admitiu que uma ressonância magnética mostrou cicatrizes em seus pulmões.”

“Um menino falando árabe com cicatrizes em seus pulmões,” Reid pensou em voz alta. “O mais provável é o produto de respirar algo... uma toxina e mais do que apenas poluição...”

“Seria algo forte o suficiente para enfraquecer o sistema respiratório e permitir que o vírus se agarrasse muito mais rápido,” acrescentou Barnard.

Reid respirou fundo quando percebeu o que o médico estava sugerindo.

“Gás sarin. Você acha que esse garoto sobreviveu a um ataque de sarin.”

Barnard assentiu.

“Agentes, eu não acredito que esse garoto foi escolhido na multidão. Ele foi escolhido por um motivo - um sistema comprometido que disseminaria o vírus mais rapidamente do que um adulto comum. E se sarin é o culpado, há uma boa chance de que ele seja...”

“Sírio,” Baraf terminou.

“Baraf, cada país da UE mantém um registro de refugiados sírios, certo?”

O Agente italiano acenou para Reid.

“Sim, mas não temos nenhum conhecimento sobre esse menino, nenhum nome para procurar.”

“Nós temos,” Reid respondeu. “Mahdi. M-A-H-D-I. Isso foi cuidadosamente planejado, e quem quer que seja o elo perdido entre o menino e o virologista provavelmente não desejaria que sua identidade fosse conhecida. Pesquise nos registros por qualquer pessoa que tenha entrado na Europa pela Síria com esse nome. Comece na Espanha e vá até o leste - França, Itália, Grécia, qualquer país que abra suas fronteiras para os refugiados.”

“Você pode?” Baraf perguntou ao técnico.

Sawyer esfregou os olhos turvos.

“Levará algum tempo... mas sim. Seria mais rápido se tivéssemos um nome completo.”

Barnard e Reid trocaram um olhar. Ele poderia dizer que estavam pensando a mesma coisa.

“Muhammad,” Reid disse. Barnard assentiu em concordância.

“Muhammad Mahdi.”

Os dedos de Sawyer voaram pelo teclado. Reid se viu mastigando ansiosamente uma unha do polegar. Era uma tentativa, ele sabia; ou talvez o perpetrador não tenha assumido Barnard e Reid Lawson estariam em sua trilha. Olhou para o médico e percebeu que também estava emocionalmente envolvido.

“O registro só vai nos dizer onde ele entrou na Europa,” disse Barnard, com a voz abafada por trás de um punho fechado sobre a boca.

“Ele pode não estar lá.”

“Talvez não,” respondeu Reid, “mas se ele ainda estiver usando o pseudônimo, poderemos rastrear seu último paradeiro conhecido. E

com as viagens internacionais canceladas, eles já teriam que estar no próximo lugar onde planejam liberar o vírus...”

“Ou,” Barnard sugeriu, “em algum lugar longe, longe disso.”

Reid não respondeu, mas o médico estava certo. Encontrar esse alegado Mahdi não significava necessariamente encontrar o vírus - mas tudo o que eles precisavam era alguém com informações. Kent Steele havia provado ter táticas para extrair isso.

O rápido estalido do teclado parou subitamente quando os dedos da tecnologia inglesa congelaram.

“Encontrei algo,” disse Sawyer, parecendo um pouco surpreso.

“Um Muhammad al-Mahdi entrou no registro de refugiados em Atenas, na Grécia, por meio da Turquia, há 14 meses. De acordo com isso, não houve nenhum movimento desde então, nenhum registrado.”

Atenas. Isso faria sentido, Reid raciocinou. Uma cidade costeira, perto de um aeroporto e uma importante rota comercial através do Mediterrâneo. Esse al-Mahdi deve ser o elo, tinha certeza disso.

“Obrigado pela sua ajuda,” disse ele a Baraf. “Nós temos que ir. Barnard, vamos embora.”

Os dois começaram a atravessar o salão da companhia aérea, mas Baraf correu atrás deles. “Agente, espere! Espere um momento. Onde você vai? Você nem tem um local preciso.”

Reid fez uma pausa.

“Estamos indo para a Grécia. É uma viagem de avião de duas horas daqui; a CIA começará a vasculhar os bancos de dados em Atenas para saber o paradeiro de al-Mahdi. Você deve pedir para o seu pessoal fazer o mesmo - documentos habitacionais, hotéis, escrituras de propriedade, qualquer coisa que você possa encontrar com o nome dele. Espero que tenhamos algo sólido quando chegarmos.”

“Devo enviar Agentes,” insistiu Baraf, “e devemos alertar as autoridades gregas. Se o vírus estiver em Atenas...”

“Ainda não sabemos,” argumentou Reid. “Isso é tudo especulação até que haja evidências.”

“Agente Steele, temos a obrigação de torná-los cientes!” Disse Baraf em voz alta. Outros Agentes da Interpol no salão ergueram os olhos do trabalho, surpresos com o desabafo.

Reid baixou a voz.

“Baraf, você se lembra de Davos. Levamos apenas três de nós para derrubar aquele bombardeiro. Se tivéssemos mais, poderíamos tê-lo assustado, feito com que ele agisse mais cedo. Bem, aqui é Davos de novo. Não podemos nem ter certeza de que o vírus está em Atenas; se eu fosse al-Mahdi, eu iria querer isso longe de mim. Mas se encontrarmos o homem, podemos encontrar o vírus. Se formos lá com policiais e Agentes e ele tiver o vírus, poderemos ter problemas muito maiores.”

Baraf fungou, mas também baixou a voz.

“Então você sugere que eu permita que dois Agentes da CIA e um médico lidem com isso sozinhos?” ele balançou a cabeça.

“Isso não apenas seria flagrantemente ignorante, mas iria contra todos os códigos pelos quais a Interpol se rege.”

Reid pensou por um momento. Baraf era virtuoso demais para ver isso por qualquer outro ângulo - mas talvez sua perspectiva pudesse ser defendida com a mesma tática.

“Você mesmo disse,” Reid disse a ele. “Não sabemos um local preciso. Não temos tecnicamente uma pista para seguir. A CIA está em total cooperação com o seu escritório, portanto, assim que soubermos alguma coisa, você também saberá. Então você pode notificar a Grécia e enviar seus Agentes.”

Baraf levantou uma sobrancelha.

“Você está sugerindo que eu te dê uma vantagem.”

“Estou sugerindo que você adie a redução de seus recursos até que tenha algo concreto.” *O que é apenas uma brecha para nos dar uma vantagem inicial*, Reid pensou.

“Se eu puder,” Barnard interveio. “Um compromisso potencial: a preocupação do Agente Baraf é que o vírus ativo esteja na Grécia. Podemos alertar a OMS para a potencial ameaça da varíola em Atenas e ter uma equipe em prontidão em caso de infecção.”

Baraf claramente não gostou muito, mas assentiu firmemente uma vez.

“Fique tranquilo, Agente Steele, assim que tivermos um local marcado para este al-Mahdi, meus Agentes estarão lá e as autoridades gregas saberão disso.”

“Claro. Obrigado, Baraf. Espero que da próxima vez nos encontremos em melhores condições.” Deu um breve aperto de mão com o Agente da Interpol, e então ele e Barnard saíram correndo do saguão da companhia aérea.

“Parece que você tem um talento especial para a diplomacia, Dr. Barnard,” refletiu Reid.

“Parece que sim” concordou Barnard. “E a propósito, parece que você e seu amigo da Interpol estão quebrando uma meia dúzia de leis internacionais.”

“Sim,” Reid murmurou. “Aparentemente eu tenho talento para isso. Vamos encontrar Watson e voar o mais rápido possível.” ele se perguntou aonde Watson tinha ido. A atualização de Cartwright e Riker deveria levar apenas alguns minutos.

Não precisou se perguntar por muito tempo. Quando abandonaram a sala e saíram para o assustador terminal vazio, foram recebidos por três pessoas - Watson e dois recém-chegados, embora ambos fossem rostos familiares. Um deles era um homem alto, com feições angulares ostentando um boné de beisebol azul e um casaco marrom; agente Carver, ex-parceiro de Watson e o outro homem que ajudou a salvar as filhas de Reid das mãos de Amun no mês anterior.

O outro rosto era muito bem-vindo, com olhos cinza-ardósia e cabelos loiros. Vê-la era o suficiente para se sentir bem. Mesmo

com o cabelo despenteado, sem maquiagem, um suéter branco e jeans com uma bolsa preta pendurada no ombro, ela estava linda.

“Kent,” disse ela. Maria deu um passo em direção a ele, e nesse momento ele esperou que ela corresse para ele, mas seu olhar voou para os outros Agentes presentes e ela se conteve.

“O que você está fazendo aqui?” ele perguntou. Sabia que sua presença poderia significar apenas uma de duas coisas, e ele esperava que as notícias fossem boas.

“Riker nos quer com você aqui,” ela disse. “Esta operação é prioridade máxima agora.”

Ele assentiu; ficou feliz com a assistência, embora tivesse algumas perguntas ardentes.

“Seu timing é perfeito. Estamos indo para Atenas.”

Watson franziu a testa.

“O que há em Atenas?”

“Se tivermos sorte? O homem que sabe onde está o vírus, quem o fez, a quantidade e onde vai ser lançado,” disse Reid simplesmente.

Aparentemente, essa era a explicação que o novo parceiro precisava.

“Vamos.” Watson abriu o caminho apressadamente pelo terminal, dando a Carver os detalhes da operação. Barnard veio em seguida, enquanto Reid desacelerou o passo para caminhar ao lado de Maria.

Ao fazê-lo, notou que havia uma pequena linha de sangue na manga direita do suéter.

“O que aconteceu?” perguntou baixinho.

Ela balançou a cabeça. “Nada bom. Nós temos uma pista sobre Rais indo para o leste, para a Eslovênia. A trilha terminou em um esconderijo de Amun que nós não conhecíamos. Nós fomos

surpreendidos por dois membros.” ela gesticulou em direção ao sangue em sua manga.

“Um deles me magoou, mas estou bem.”

“E Rais?”

Maria suspirou.

“A pista se desvaneceu. Me desculpe, Kent. Eu teria continuado, você sabe disso. Mas Riker nos contatou e nos informou sobre o que vocês estavam fazendo.”

“Eu não posso acreditar que eles puxaram você de volta para isso.”

“Eu meio que me ofereci,” disse Reid, mesmo que não fosse bem a verdade.

“Mais alguma coisa sobre Rais?” apesar de sua situação - perseguir os portadores de um vírus cujo objetivo poderia muito bem ser acabar com a humanidade - ele ainda se achava irracionalmente preocupado com o assassino.

“A Inteligência sugere que ele está indo para a Rússia. Nós simplesmente não conseguíamos alcançá-lo.” seus dedos tocaram os dele enquanto andavam, embora ela não segurasse a mão dele.

“Ei. Isso significa que ele está indo para longe de você e da sua família. Então vamos deixar isso de lado por enquanto, porque temos coisas mais importantes para nos preocupar.”

Ela estava certa. Precisava permanecer focado na tarefa em mãos, para parar esse al-Mahdi antes que ele fizesse o que estivesse planejando fazer. Ele só podia esperar que encontrassem respostas na Grécia.

CAPÍTULO QUINZE

Rais teve o cuidado de manter o limite legal de velocidade enquanto dirigia a SUV para o sul em uma avenida suíça vazia. Ele manteve os olhos abertos e alerta e ouviu atentamente o som das sirenes, que esperava começar seu grito revelador na noite a qualquer momento.

A primeira coisa que fez depois de escapar, depois de matar os dois policiais suíços e o guarda do hospital, foi pegar o caminhão do guarda. Sabia que não conseguiria mantê-lo por muito tempo, mas também sabia que as autoridades esperariam que ele entrasse na estrada imediatamente e se afastasse de Sion. Em vez disso, subiu a rua do hospital até encontrar um posto de gasolina que ainda estava aberto àquela hora tardia.

Olhou para a estação do outro lado da rua antes de entrar. Havia câmeras nas bombas; ele viu duas na frente, uma em direção à entrada e outra na traseira. No entanto, a fachada voltada para o oeste, uma parede de tijolos sem ponto de saída, não tinha câmeras nem luzes.

Rais segurou o cinto de segurança e dirigiu o caminhão para bater na muralha, a quarenta e cinco quilômetros por hora.

O impacto não foi suficiente para sequer acionar os airbags, mas a trituração de aço no tijolo foi o suficiente para alertar o atendente, que veio correndo um instante depois.

“Senhor!” Ele disse freneticamente em alemão enquanto contornava o caminhão. “Você está bem? Devo chamar uma ambulância?”

Rais apontou a arma, a Sig, do banco do motorista.

“Coloque as mãos para cima,” disse ele em alemão, “e dê um passo para trás.”

O atendente aterrorizado fez o que lhe foi dito, embora não parecesse ser a primeira vez que era mantido sob a mira de uma

arma. Rais saiu do caminhão. Ele notou com algum desânimo que até o menor impacto contra a parede de tijolos o deixara dolorido. Precisava lembrar a si mesmo que não estava totalmente recuperado; não poderia agir de forma demasiado ousada.

O funcionário era um par de centímetros mais alto e mais robusto do que Rais, mas seria melhor do que o uniforme fino e desajeitado que ele tirara da enfermeira suíça Elena.

“Tire suas roupas.”

“Como assim?” disse o atendente desnorteado.

Rais suspirou irritado. Não era um pedido difícil, mas muitos pareciam ter dificuldade em entendê-lo.

“Tire seu casaco, sua camisa e suas calças, ou eu vou te matar.”

Ameaças conseguem tudo, Rais pensou com pouca satisfação quando o atendente, percebendo que poderia ser assassinado naquela noite, arrancou o casaco, a camisa cinza escura e o jeans. Ficou parado, tremendo de botas e cuecas brancas.

Rais virou a Sig na mão e a derrubou na cabeça do atendente com um poderoso golpe. O homem caiu inconsciente e sangrando de um corte na testa. Sua cabeça provavelmente estava rachada e ele precisaria de pontos, mas estava vivo. Provavelmente.

Rais se vestiu rapidamente, puxando a calça jeans por cima da calça (ainda estava frio na Suíça em março, e as camadas de roupa seriam úteis) e depois a camisa e o casaco. Nos bolsos das calças encontrou um celular, um isqueiro descartável, uma carteira e chaves. Ele manteve o isqueiro. Não havia dinheiro na carteira, então jogou-a no corpo inconsciente do homem. O telefone esmagou-o debaixo de um salto da bota. O anel de chaves levou-o a uma caminhonete estacionada atrás do posto de gasolina.

À distância, as sirenes começaram a gritar. Estavam aumentando cada vez mais. A polícia estaria procurando o carro roubado do guarda.

Ele puxou o caminhão para fora do estacionamento, atravessou a rua e desceu uma rua lateral que levava a um bairro residencial. Dirigindo devagar, olhou para a esquerda e para a direita até encontrar o que procurava - uma casa com uma longa entrada e dois outros carros estacionados nela. Rais apagou os faróis e parou o caminhão na entrada, ao lado dos outros dois carros.

Uma vez que a polícia descobrisse que a SUV tinha colidido ao lado do posto de gasolina - o que seria apenas uma questão de minutos - procurariam o carro roubado do atendente. Mas estariam procurando por estradas e rodovias, não estacionado na entrada de alguém. Já eram quase duas da manhã; com alguma sorte, levaria horas para os moradores acordarem e reportarem o estranho caminhão em sua propriedade.

Rais saiu a pé, caminhando pela estrada a um ritmo que não era muito rápido, mas o que ele esperava parecia com alguém simplesmente ansioso para chegar em casa. Sion não era uma cidade grande; duvidava que tivessem uma força policial considerável à sua disposição. Mesmo assim, era tarde e havia muito poucas pessoas nas ruas. Sempre que via faróis se aproximando, rapidamente se escondia até passarem.

Mesmo ele teve que admitir que Sion era uma cidade atraente, esparramada na base dos Alpes como se tivesse escorregado da encosta da montanha. De quase qualquer lugar da cidade ele podia olhar para cima e ver a Basílica de Valère, a catedral fortificada do século XII que ficava em uma colina com vista para o centro de Sion. Os turistas a consideravam um castelo.

A cidade propriamente dita era uma mistura de ruas estreitas e sinuosas, dispostas sem nenhum padrão perceptível, como se o planejador da cidade fosse uma criança com um lápis de cera no punho. Seria fácil para ele fugir das autoridades aqui, se necessário, mas estava ansioso para sair da rua. Ele se escondeu no pátio de um pequeno hotel e esperou até a manhã, entrando e saindo a cada quinze a vinte minutos.

Não percebeu como estava exausto até parar de se mover, se escondendo entre dois arbustos de costas para a fachada de tijolos do hotel. Seus membros doíam e suas feridas também. Se ele pudesse ter arriscado apenas mais alguns minutos durante a sua fuga no hospital, poderia ter pegado alguns narcóticos para amenizar sua dor.

Não, pensou. *Eu devo ficar alerta*. Ele precisava de sua mente aguçada se fosse sair de Sion.

Duas vezes durante as cinco horas que antecederam o nascer do sol, a dor nos nervos atingiu seu corpo, o que os médicos chamavam de ferrão.

A primeira vez foi quando estava cochilando e a dor era tão intensa que ele apertou as duas mãos sobre a boca para abafar o grito que saiu de sua garganta. A segunda vez estava acordado, mas não foi menos surpreendente. Ele mordeu o interior de sua bochecha, com força suficiente para sentir o gosto do sangue, até que a dor parou.

Por fim, o horizonte ficou rosado quando o sol começou a se levantar, assim como Rais, subindo com cuidado de sua posição e se espreguiçando à luz fraca da manhã. Não foi por acaso que escolhera aquele pequeno hotel para se esconder.

Na parede externa virada para o sul havia um tijolo solto, cerca de trinta centímetros acima do nível dos olhos. Ele trabalhou as pontas dos dedos nas fendas e puxou o tijolo para fora. Atrás havia uma única e pequena chave de ouro.

Um mês antes, quando a cidade de Sion sediou as Olimpíadas de Inverno, Rais planejou matar o Agente Kent Steele. Ele teria dado de bom grado sua vida para que sua missão fosse um sucesso

- mas, mesmo assim, planejara a contingência de sua sobrevivência, o que exigira os meios necessários para escapar sem aviso prévio. Suas circunstâncias podiam ter mudado, mas seu plano permaneceu viável.

Do outro lado da rua, do hotel, ficava a maior Agência de correios de Sion, com uma entrada de porta giratória e uma placa que dizia *Sion Hauptpost*. Abria às sete horas da manhã. Quatro minutos depois das sete, Rais atravessou a rua às pressas, entrou no prédio e caminhou diretamente para um banco de caixas de correio de porta de aço, logo depois do foyer. Evitou o contato visual com qualquer pessoa e resistiu ao impulso de olhar por cima do ombro. Isso só atrairia atenção.

Em vez disso, foi direto para sua caixa alugada, número 0276. Ele introduziu a chave, abriu-a, retirou o único item no seu interior - uma bolsa de couro marrom - e depois fechou a porta novamente. Entrou e saiu do Hauptpost em menos de dois minutos.

Ao atravessar a rua mais uma vez, puxou a alça da bolsa por cima do ombro. Então entrou no pequeno hotel para encontrar uma jovem funcionária na recepção.

“Hallo,” disse agradavelmente. “Peço desculpas; meu suíço-alemão não é bom. Estou fazendo check-in como convidado aqui hoje mais tarde. Por enquanto, posso usar seu banheiro?”

A jovem sorriu calorosamente.

“*Na sicher.*” Claro. Ela dirigiu-o pelo corredor e para a direita. Ele sorriu graciosamente e seguiu as instruções dela.

Assim que a porta do banheiro foi trancada atrás dele, ele largou a mochila e começou a trabalhar. Sabia mudar sua aparência; ficar irreconhecível era um requisito para alguém cujo trabalho era viajar frequentemente com o objetivo de cometer assassinatos. Tirou seus implementos, um a um, e os colocou na tampa do vaso.

Rais começou cortando o cabelo, primeiro com um pequeno par de tesouras de prata e, em seguida, ziguezagueando por cerdas curtas com um barbeador elétrico. Ele fez o mesmo com a barba. Em seguida, colocou lentes de contato marrons para esconder seus olhos verde esmeralda.

Em sua mochila havia um passaporte alemão - não falso, mas legítimo vendido de outro membro de Amun por um inescrupuloso cidadão de Hamburgo que precisava de mil euros para a fiança de seu irmão. O homem tinha porte e altura semelhantes às de Rais, mas o portador do passaporte era oito anos mais velho e tinha um aspecto facial muito diferente.

Rais só precisou se aproximar um pouco daquela aparência para ficar convincente.

Na foto do passaporte, o cabelo do homem era curto, como o de Rais agora era. Seus olhos eram castanhos e tinha uma barba considerável nas bochechas, e pendia cerca de dez centímetros. O aplique na mochila de Rais tinha um comprimento aproximado - convincentemente real, feito de pêlos de cavalo e fácil de encontrar na internet. A cor era um tom ou dois mais escuro do que o da foto, mas combinava com a cor natural do cabelo de Rais o suficiente para (esperançosamente) evitar o reconhecimento.

Ele usou goma de mascar para prender a barba em suas bochechas raspadas, aplicando-a com o máximo de cuidado e uniformidade possível. Ele usou a tesoura para aparar e desgastar as pontas - parecia perfeitamente esculpida, pensou ele - assim como suas próprias costeletas que se misturavam às bordas do aplique.

Rais olhou para a foto do passaporte novamente. A próxima parte seria difícil; a óbvia diferença de idade entre o rosto e a foto. Depois de estudá-lo por um momento, tirou um tubo de borracha da bolsa e apertou cuidadosamente na pele nos cantos dos olhos.

Ele espalhou uma espécie de cimento na fenda comprimida e segurou por alguns minutos. Sua pele queimava no início, mas ele a segurou rapidamente e a dor acabou por diminuir. Quando ele soltou aquilo permaneceu, efetivamente criando rugas ao redor dos olhos. Ele repetiu o processo duas vezes em cada lado.

Para efeito adicional, removeu o casaco e jeans, a camiseta e a blusa, e então colocou a camisa e o casaco de volta. O capuz enrolou e enfiou debaixo da camisa, parcialmente enfiada na bainha do jeans, alisando-o para criar uma pequena barriga.

Rais deu um passo para trás e inspecionou sua nova aparência no espelho. Ele mal parecia com ele mesmo. Embora, notasse com alguma preocupação que as falsas rugas ao redor dos olhos pareciam forçadas. Ele teria que desfocar o olhar como um leve estrabismo se quisesse ver um aspecto natural. Nenhuma tarefa fácil de manter por horas com certeza, mas ele era metódico.

No fundo da sacola havia uma carteira com uma identificação com foto (essa era uma farsa, criada usando a foto e as informações do passaporte) e alguns milhares de euros em dinheiro. Havia também um telefone gravador, a bateria provavelmente morta, mas não arriscaria tentar alcançar qualquer um de seus contatos em Amun de qualquer maneira. Eles provavelmente tinham sido detidos. Além disso, eles seriam de pouca ajuda no que planejava fazer. Estava sozinho agora e faria as coisas à sua maneira.

Eu aguento, pensou.

Ele puxou a bateria do telefone e jogou no lixo do banheiro.

Satisfeito com sua nova aparência, recolheu suas ferramentas, limpou o cabelo da melhor forma que pôde e jogou os restos no vaso sanitário. Ele podia fazer um sotaque alemão razoavelmente bom, mas ainda assim ficou na frente do espelho, apertando os olhos e murmurando frases para ter certeza de que ainda soava como deveria. Satisfeito, pendurou a bolsa por cima do ombro. Todo o processo levou menos de trinta minutos.

Ele saiu do banheiro e, em vez de voltar para a entrada principal, caminhou mais adiante pelo corredor até uma saída lateral. Não podia se arriscar a passar pela jovem da recepção. Sua aparência fora alterada, mas ainda estava usando as mesmas roupas.

De volta às ruas de Sion, o sol já estava alto e as pessoas estavam saindo de suas casas, a caminho de empregos ou o que quer que fosse que as pessoas comuns fizessem com suas vidas. Rais caminhou livremente, não autorizando um segundo olhar de ninguém.

Enquanto caminhava, deixou cair a chave da caixa postal em um ralo. Não precisaria mais disso. O telefone com gravador, sem bateria, jogou para uma lixeira de esquina três quadras adiante.

Como suspeitava, a polícia estava vigiando a estação de trem (os aeroportos e os terminais de ônibus e provavelmente montaria barreiras nas principais áreas de saída da cidade).

Primeiro entrou em um banheiro público. Ele se certificou de estar sozinho antes de abrir um dispensador de toalhas de papel e esconder a Sig P220 nele. Não estava feliz em deixá-la para trás - era uma arma excelente - mas não podia arriscar tentar passar pela segurança. Então entrou e deixou cair a segunda arma no cesto do banheiro. Com alguma sorte, demoraria alguns dias até ser encontrada.

Rais pegou um trem para Zurique sem incidentes. Não falou com ninguém; em vez disso, fingiu estar dormindo para não ser incomodado. Uma vez durante a viagem de trem, ele se levantou e foi ao banheiro verificar suas feridas. Estavam fechadas, mas alguns pontos permaneciam. Teria que cortá-los ele mesmo.

De Zurique, poderia pegar um avião para os EUA, mas primeiro precisava tomar algumas precauções para evitar chamar a atenção. Sua primeira parada foi em uma loja de artigos usados, onde encontrou uma mala velha e comprou peças de roupa suficientes

para parecer que estava viajando. Não poderia pegar um avião sem bagagem.

Em seguida, foi a uma farmácia e comprou um cartão de débito pré-pago. A carga máxima permitida era de dois mil euros, que era a maior parte do seu dinheiro, mas ele fez isso de qualquer maneira. Em uma loja de eletrônicos no mesmo quarteirão, pegou um novo telefone e pagou por alguns megabytes de dados.

A primeira coisa que fez foi verificar a internet. Com certeza, a Interpol tinha estabelecido uma linha direta para o público passar quaisquer potenciais pistas sobre o paradeiro de Rais. Não era mencionado pelo nome, mas sua conexão com Amun era um fato.

Em seguida, baixou um aplicativo chinês de chamadas que gerava números de telefone internacionais por uma pequena taxa. Criou duas contas, uma com um número de telefone italiano e a segunda com o esloveno.

Pagou por uma delas cinquenta euros para ligar para a linha telefônica da Interpol e informar, em inglês, que um homem com a descrição de Rais havia roubado seu carro perto de Bormio, perto da fronteira entre a Suíça e a Itália. Disse a eles que o “homem horrível” havia dito algo sobre Liubliana, a capital da Eslovênia.

Por fim, visitou um cybercafé e reservou seu voo usando o cartão de débito pré-pago. Pagar uma passagem aérea em dinheiro no balcão seria altamente suspeito - e ainda mais para alguém com um passaporte alemão para reservar viagens só de ida. Ele viu que um voo para o JFK em Nova York partia em menos de três horas, com uma conexão em Madrid, por pouco menos de seiscentos euros.

Ele reservou um voo de retorno para sete dias depois para Hamburgo, para dar a impressão de que viajara primeiro para a Suíça, depois para os Estados Unidos e depois para casa. Ele acabou gastando cerca de mil e duzentos euros no voo; a maior

parte de seu dinheiro desapareceu, mas valeria a pena se isso o levasse aonde precisava estar.

Claro que havia uma presença policial no aeroporto de Kloten, mas mais uma vez seu disfarce se mostrou valioso quando embarcou no avião sem incidentes.

O voo de Zurique para Madrid levou pouco menos de duas horas e meia. Enquanto esperava no terminal do aeroporto de Madrid-Barajas por seu voo de conexão, fez mais duas ligações.

A primeira foi para deixar uma mensagem na linha telefônica da Interpol. Ligou do número esloveno e usou seu falso sotaque alemão para informar que Rais estava indo para uma casa segura em Amun, a cerca de 80 quilômetros de Liubliana.

Até lhes deu o endereço.

Imediatamente após o término da ligação, fez outra para um número que havia dedicado à memória. Não tinha certeza se alguém atenderia, mas no terceiro toque atenderam. Ninguém disse nada.

“Como Amun, nós aguentamos,” Rais disse em inglês simples, em silêncio para que ninguém mais no terminal pudesse ouvi-lo.

“Quem é?” uma voz masculina sibilou. Seu sotaque parecia sérvio.

“Um irmão,” respondeu Rais. *Pelo menos era.*

“Os Agentes logo estarão a caminho de sua localização. Esteja preparado.”

“Como você...”

Rais desligou antes que o homem pudesse terminar sua pergunta. Se os membros de Amun estivessem escondidos na casa de segurança eslovena, teriam que desocupar ou tentar uma emboscada. Não importava; o importante era que a CIA e a Interpol acreditavam que estava indo para leste.

Ele apagou o aplicativo de chamadas do celular e puxou a bateria. No banheiro, quebrou o telefone em dois e descartou suas peças em três lugares diferentes.

*

Rais não parou quando saiu do segundo avião. Não hesitou e não demorou. Simplesmente acenou educadamente para a aeromoça na saída e seguiu a longa fila de passageiros cansados enquanto desembarcavam. Ele era, afinal de contas, incógnito, e nunca fora de muito sentimentalismo.

Mesmo assim, era a primeira vez que pisava em solo americano em quase dois anos.

Enquanto seguia em direção à alfândega, passou a mão pelo cabelo cortado, cortado próximo ao couro cabeludo. Acariciou casualmente a barba protética e escura, como se estivesse coçando-a, para garantir que continuava aderida com firmeza. Fez questão de manter um olhar onipresente (uma tarefa nada fácil de manter durante um voo de nove horas) para dar a aparência de ser vários anos mais velho.

Teve muita sorte, parecia. Enquanto se dirigia para a alfândega, ouviu os gemidos e reclamações coletivas de possíveis passageiros aguardando o voo deles. Viagens internacionais estavam sendo canceladas nos Estados Unidos. Comunicados e painéis digitais percorrendo linhas e filas de voos cancelados disseram a ele que algo estava definitivamente errado no mundo. Não sabia o quê e isso não importava. Havia chegado ao seu destino.

No voo de oito horas de Madrid para Nova York, Rais dormiu em um assento na janela ao lado de uma educada espanhola de meia-idade que, felizmente, tinha pouco interesse em conversar com ele. Entre momentos de sono, Rais conspirou. Não tinha recursos à sua disposição e apenas um pouco de dinheiro para chegar onde precisava. Mas tinha a sua inteligência e tinha o seu conhecimento, e seu corpo estava parecia estar recuperando bem.

Teria que ser o suficiente.

Assim como suas longas noites no hospital, Rais planejou todos os cenários que poderia conceber sobre como encontrar a residência de Kent Steele. Finalmente, teve uma ideia que, se realizada corretamente, estava confiante de que funcionaria.

No Aeroporto Internacional John F. Kennedy, seus ouvidos se encheram de reclamações e gritos de viajantes irados cujos voos para o exterior estavam sendo cancelados. No entanto, não estava curioso. Não lhe dizia respeito.

Na mesa da alfândega, um policial *blasé* inspecionou seu passaporte alemão e perguntou se Rais tinha algo a declarar. Ele disse ao homem que não.

Internamente, no entanto, tinha muito a declarar.

Eu aguento.

Eu vou encontrar Kent Steele.

E ele sofrerá de maneiras inimagináveis.

CAPÍTULO DEZESSEIS

O telefone de Reid soou quando o Gulfstream desceu do céu em direção a Atenas.

Era Langley.

“Você está muito perto,” respondeu Reid.

“Bem, não foi fácil de encontrar,” respondeu Cartwright sombriamente. Fora do registro de refugiados sírios, não havia uma única menção a um Muhammad al-Mahdi. O coração de Reid afundou por um momento, pensando que a Grécia era um beco sem saída, até que o vice-diretor acrescentou:

“Mas nós localizamos um M. Mahdi. Ele tem uma suíte reservada no Athens Grand há onze dias.”

Reid franziu a testa. *O Athens Grand é um hotel cinco estrelas*, seu cérebro lhe disse. Estivera lá; tinha uma lembrança súbita e apurada de pisos de mármore, tetos abobadados e colunas brancas. A maneira como sua memória estava voltando era interessante, diferente da última vez; enquanto antes de receber breves lampejos de memórias, como cenas cortadas de um filme, agora recebia nomes, imagens e recordações completas, como se as peças do quebra-cabeça estivessem se encaixando mais e ele conseguisse se recuperar.

“O Athens Grand parece uma espécie de lugar elegante para um sírio desalojado, não acha?” disse ele.

“É por isso que foi verificado por último, mas veja só. O hotel não está longe do aeroporto, então você deve ser capaz de chegar lá rapidamente.” Cartwright suspirou.

“Ouça, essa pista foi descoberta por nossos amigos da Interpol. Eles compartilharam conosco, mas você pode apostar que Agentes estão a caminho agora e que a polícia grega vai saber em minutos. Você tem uma janela muito estreita de oportunidades.”

“Não há nada que você possa fazer para mantê-los afastados?” Reid implorou.

“Nós devemos manter isso disfarçado. Se esse cara está aqui, eu não quero que ele fique assustado.”

“Nós já estamos arriscando o nosso pescoço,” respondeu Cartwright.

“Nossas mãos estão amarradas. Chegue rápido e veja o que é isso. E lembre-se, essa é uma daquelas situações que podem ser piores para você se estiver certo do que se estiver errado...”

“Então, vamos proceder com extrema cautela,” interrompeu Reid. Ele estava começando a se sentir como Kent novamente, do jeito que voltara em fevereiro. Uma excitação nervosa borbulhava dentro dele e, por mais que tentasse sufocá-la, tinha que admitir que gostava da emoção.

“Você deveria saber, Steele, o presidente ordenou que cessassem todas as viagens internacionais para os EUA” disse Cartwright.

“Como toda a UE, Marrocos e México. Relatos de infecção estão vindo do norte até a França central...”

A respiração de Reid ficou presa na garganta.

“Outro ataque?”

“Nós não pensamos assim; parece que ainda é uma consequência do surto de Barcelona. Mesmo assim, não é bom se a OMS não puder contê-lo. E os rumores estão começando a se espalhar. Há alguns na mídia que estão denunciando suspeitas de atividade terrorista.”

“Nós vamos conseguir,” prometeu Reid. Era mais uma promessa para si mesmo do que para a CIA.

“Volte a entrar em contato com uma atualização...”

“Espere, mais uma coisa,” disse Reid apressadamente. Ele saltou ligeiramente em seu assento enquanto as rodas do Gulfstream pousavam no asfalto de Atenas.

“Aquele assassino de Amun, Rais, ele ainda está a solta. Eu gostaria que minhas filhas se mudassem para uma casa segura até eu voltar.”

O vice-diretor ficou em silêncio por um momento.

“Kent, suas filhas estão seguras. Precisamos de você se concentrando aí...”

“Eu não vou conseguir me concentrar, a menos que eu saiba que estão bem,” interrompeu Reid. Saiu mais duro do que ele esperava. Duas fileiras à sua frente, o Dr. Barnard se virou em seu assento para lançar um olhar interrogativo para Reid.

Ele baixou a voz.

“Se alguma coisa acontecesse com elas...”

“Kent, me escute. Nossas últimas informações sugerem que ele está se movendo em direção à Rússia. Além disso, com os portos de entrada fechados, não há como ele entrar no país. Suas filhas estão bem. Assim que desligarmos, ligarei para Thompson.”

As narinas de Reid se alargaram. Não foi um pedido estranho, nem foi uma coisa difícil para Cartwright fazer. Mas também entendeu a gravidade de sua atual operação e imaginou que o vice-diretor, como ele, queria manter o foco na tarefa em mãos.

“Tudo bem,” disse ele finalmente.

“Mas se tivermos algum motivo para acreditar o contrário... Vamos mudá-las em um piscar de olhos,” prometeu Cartwright. “Eu vou lidar com isso sozinho. Estamos com um pouco de desvantagem agora, mas assim que tivermos um Agente disponível, vou enviá-las e recebê-las, certo? Agora verifique isso. Athens Grand, quarto 405. Rápido, silencioso e eficaz.” Cartwright desligou.

O avião diminuiu a velocidade e o Agente Watson baixou a rampa de saída.

“Temos um destino?”

“Athens Grand Hotel, quarto 405,” Reid disse. Sua equipe saiu do avião - Watson, Carver, Maria, Barnard e ele próprio. Havia uma SUV escura esperando por eles no asfalto, outro arranjo de Cartwright e Riker.

Ao entrarem, Carver perguntou:

“Temos alguma coisa em que nos basear? Uma descrição, uma idade, quaisquer características distintivas...?”

“Fora de ser sírio, não.” Reid entrou no banco de trás, Maria ao lado dele e Barnard na janela. Watson dirigiu com Carver no lado do passageiro.

“Então nosso alvo é quem está no quarto 405. Mantemos isso não letal. Nosso objetivo é deter, pesquisar e questionar.”

Watson colocou o Athens Grand no console de GPS do carro. Cartwright estava certo; o computador de bordo disse que era a apenas seis minutos de carro.

“Johansson, Carver, eu quero que vocês subam as escadas,” instruiu Reid. Era estranho para ele como a familiaridade de uma operação poderia trazer de volta sua natureza como Agente. Era quase como se ele nunca tivesse parado. “Watson e eu vamos esperar no saguão, para o caso de alguém tentar fugir. Façam contato quando estiverem em posição e nós vamos pegar o elevador.”

“O que devo fazer?” perguntou o Dr. Barnard.

“Você vai ficar no carro até que isso acabe,” disse Reid.

“O quê?” Barnard franziu a testa.

“Agente Steele, garanto que fui treinado com armas de fogo, intervenção rápida, protocolo de equipe de ataque...”

“Você é um Agente?” Reid interrompeu. “Ou você é um médico?” Barnard olhou para a frente, claramente infeliz, mas sem discutir.

Ao lado dele, os dedos de Maria encontraram sub-repticiamente Reid e deram um aperto reconfortante em sua mão.

“Você está pronto para voltar?” ela perguntou baixinho.

Ele assentiu.

“Sim. Estou.” e era verdade; seus músculos estavam tensos com a energia ansiosa, almejando uma emoção, uma perseguição, uma liberação de adrenalina e endorfinas. Deveria tê-lo assustado a forma como era fácil se acomodar em sua personalidade de Kent Steele.

Mas isso não aconteceu; isso o excitou. Não podia deixar de se perguntar como conseguia fazer isso antes, quando tinha todas as suas memórias. Como deixou de ser o professor Lawson, marido e pai, para ser o Agente da CIA Kent Steele? Foi como apertar um botão? Ele foi capaz de deixar o terror e o derramamento de sangue do lado de fora? Não conseguiu fazer isso depois de Davos; talvez a parte dele capaz de manter o subterfúgio com a família ainda estivesse trancada em sua mente.

“Rádios ligados,” disse Watson ao se aproximarem do hotel. “Mantenham a linha de comunicação aberta.” Ele movimentou a SUV para a rotatória que levava ao serviço de manobrista.

Os três primeiros andares do Athens Grand foram construídos para imitar a arquitetura grega antiga, com enormes colunas iônicas brancas sustentando o toldo de pedra da entrada principal do hotel. Além disso, outros doze andares se estendiam em direção ao céu em um simples arranha-céu cinza, uma mistura bizarra, mas bonita de contemporâneo e passado, situada à beira da cidade propriamente dita.

Watson estacionou a SUV logo depois do manobrista.

“Barnard, mantenha o motor ligado e não deixe ninguém mexer. Nós manteremos contato.”

O médico murmurou seu consentimento e os quatro Agentes saíram do carro. Um jovem atendente do estacionamento de colete vermelho tagarelava com eles em grego ininteligível - *acho que não sei grego*, refletiu Reid - mas o ignoraram e entraram apressadamente no espaçoso saguão branco do hotel.

“Escadas.” Maria apontou para uma porta branca à direita dos elevadores e Carver seguiu-a. Ela lançou um olhar por cima do ombro para Reid. “Vejo você em breve.” Ela e Carver foram para o quarto andar.

Watson e Reid ficaram na frente de um elevador, esperando que Maria e Carver alcançassem sua posição. Os dois se pareceriam

com um casal comum hospedado no hotel; os quatro juntos podiam assustar qualquer um que prestasse muita atenção.

Os pés de Reid saltaram contra o chão de mármore enquanto esperavam.

“Nervoso?” Watson perguntou casualmente.

“Ansioso,” respondeu Reid. “E... sim, talvez um pouco nervoso. Por tudo que sabemos, um suprimento potencial de varíola mutante poderá estar sobre nossas cabeças. Vamos nos certificar que agimos com cautela, tudo bem?”

Watson zombou de leve.

“Agente Zero está me dizendo para ser cauteloso?”

Reid franziu a testa.

“O que isso significa?”

“Nada.” Watson encolheu os ombros. “Apenas ‘cauteloso’ geralmente não é o seu jeito.”

Desta vez foi Reid a zombar. Era disso que se tratava, a atitude indiferente de Watson em relação a ele? Porque não se importava com o ‘jeito de Kent Steele’ de fazer as coisas?

“Devo lembrar você que mal me lembro do ‘meu jeito’,” Reid disse a ele. Embora, pensou, apesar de não ter suas memórias de Agente Zero, quando as coisas ficavam difíceis, seus instintos tendiam a emergir - muitas vezes com resultados muito ruins para a pessoa que estava por perto.

A voz de Maria veio de repente pelo rádio, diretamente em seu fone de ouvido. Ela falou baixinho, suas palavras emplumadas com uma ponta de ruído.

“Quarto andar,” ela confirmou. “Hall vazio. Acabamos de passar de quatro para cinco. A porta está fechada. Se alguém está lá, estão em silêncio. Há uma máquina de gelo ao virar a esquina, onde podemos manter os olhos nas escadas; nós vamos esperar por você.”

“Entendi. Esteja lá em um minuto.” Reid apertou o botão para subir e os dois Agentes observaram a tela vermelha acesa acima do elevador enquanto descia para o andar térreo.

As portas se abriram e Reid se afastou quando cinco pessoas saíram, se espalhando em diferentes direções. O Agente Watson deu um passo à frente, mas Reid parou, a testa franzida no centro em uma carranca profunda.

Duas das pessoas que desembarcaram do elevador eram homens, vestidos casualmente, caminhando lentamente em direção à saída. Sua pele era um tom de oliva que poderia ser grego. Não havia nada para sugerir imediatamente que havia algo de errado neles - exceto que estavam falando em árabe um com o outro, e Reid os entendia tão facilmente como se estivessem falando inglês.

“Está demorando demais,” o primeiro homem comentou com seu companheiro enquanto passavam por Reid. “Deveria estar pronto agora.”

“Kent, vamos,” Watson cutucou, segurando a porta do elevador.

Reid ergueu a mão bruscamente e deu alguns passos rápidos atrás dos homens, bem a tempo de escutar as palavras de um para o outro.

“Paciência,” disse o homem ao companheiro. “O Imam diz que hoje é o dia.”

O Imam.

“São eles,” Reid ligou para Watson.

“Os sírios!”

“O quê?” Watson saiu do elevador, claramente confuso. Os dois homens árabes o ouviram e giraram rapidamente. Reid de repente percebeu seu erro; ele estivera ouvindo uma conversa em árabe e gritara inconscientemente para Watson em árabe.

O par de sírios não perdeu tempo; correram em direção à saída do hotel. Reid os perseguiu, Watson não muito atrás dele. Um par de turistas britânicos entrou no caminho de Reid enquanto corria e

ele se jogou em um infeliz homem de meia-idade, fazendo-o se esparramar pelo chão.

“Desculpe,” Reid grunhiu. Watson alcançou-o e os dois Agentes irromperam pelas portas, bem a tempo de ver os sírios subindo em um carro esportivo prateado. Um jovem funcionário, o mesmo que gritara com eles na entrada, estava deitado de costas e segurava a testa ensanguentada.

Os pneus do carro esportivo estalaram ruidosamente e dispararam para a frente, a parte de trás revirando a rotatória e indo para a rua.

Eram eles. Não havia dúvida na mente de Reid quando ele pulou para a frente em direção à sua SUV.

CAPÍTULO DEZESSETE

Reid sentou no banco do motorista do carro ainda em funcionamento. Watson pulou ao lado dele.

“Eram eles?” gritou o Dr. Barnard no banco de trás. Ele havia testemunhado os dois homens atacarem o manobrista e roubarem o carro esportivo.

“Sim,” disse Reid sem fôlego. “Apertem os cintos.” ele acelerou e a SUV balançou para a frente para a rua da cidade, quase batendo em um carro que se aproximava.

“Jesus, Kent!” gritou Watson ao lado dele. “Como você sabe?”

Reid entrou habilmente dentro e fora do tráfego. As estradas nessa parte de Atenas eram estreitas, com duas faixas de largura e ladeadas por lojas e cafés.

“Estavam falando árabe,” ele disse calmamente. “Eles mencionaram o imã.”

“Imam pode significar muitas coisas,” Watson respondeu. Ele segurou a alça sobre a porta.

“Eles fugiram, Watson! Eles roubaram um carro!” Reid resistiu à vontade de atirar em seu parceiro um olhar de soslaio e se concentrou na estrada. Ele passou em um semáforo vermelho, ouvindo uma série de buzinas e palavrões gregos.

Onde eles estão? Não poderiam ter ido muito longe. O carro esportivo prateado que os sírios sequestraram certamente ultrapassaria a SUV na estrada aberta, mas nas ruas movimentadas de Atenas seria um campo de jogo nivelado e enganaria até o motorista mais experiente.

Reid manteve os olhos na estrada, sem piscar, as mãos habilmente manobrando o volante. Seu coração batia mais forte do que em um mês e sua mente pensava na possibilidade de perder os terroristas, mas suas mãos - suas mãos estavam firmes.

Você já fez isso antes. Muitas vezes. Novamente a sensação familiar penetrou em sua mente; assim como percebia que podia falar árabe ou carregar rapidamente uma pistola, Kent Steele lidava com a SUV como um motorista de carro de rali. E não ia permitir que eles escapassem.

Mais à frente, captou um lampejo prata enquanto o carro esportivo entrava e saía entre as pistas.

“Aí está você,” Reid murmurou. Empurrou o volante ligeiramente para a direita. Os pneus do lado do passageiro saltaram para a calçada enquanto ele contornava o tráfego. Os transeuntes gritavam e pulavam para o lado, embora ele fosse cuidadoso com os pedestres.

“Vá com calma, Kent!” Watson repreendeu do banco do passageiro. “Esta é uma área urbana!”

Reid não disse nada. O carro esportivo tinha uma boa vantagem sobre eles, mas a SUV tinha um motor melhor - um Hemi de 5.7 litros, ao que parecia. Se os sírios quisessem enganá-los, teriam que encontrar uma estrada ou um trecho de estrada sem tráfego.

“Kent?” a voz de Maria estalou em seu ouvido. “O que está acontecendo? Onde está você?”

Ele havia esquecido por um momento Maria e Carver, ainda no hotel e aguardando a chegada deles. Pressionou um dedo no fone de ouvido.

“Estamos em busca de um par de homens árabes que levaram um carro. Eles deviam estar descendo no elevador enquanto você subia as escadas.”

“Carver e eu vamos ver o que podemos encontrar no quarto.”

“Tenha cuidado,” Reid disse a ela. “Pode haver mais do que apenas dois.” surgiu apenas um assobio em seu ouvido.

“Maria?” nenhuma resposta; eles deviam ter excedido a capacidade de duas milhas do rádio.

Não mais de trinta metros à frente, Reid viu a extremidade traseira do esportivo prateado deslizando para o lado enquanto tentavam uma curva apertada à esquerda.

A luz estava mudando, então Reid pulou para quase sessenta.

“Segurem-se em alguma coisa!” não diminuiu a velocidade; em vez disso, puxou o freio de emergência quando puxou o volante. A SUV deslizou de lado na interseção e Reid dirigiu na contramão. Ele prendeu a respiração por um momento enquanto as rodas laterais do motorista saíam da estrada por um momento.

“Cristo, Kent!” gritou Watson.

Então ele endireitou o volante e os pneus encontraram o chão novamente. O cheiro de borracha queimada encheu suas narinas quando acelerou novamente para alcançar os sírios. Pedestres estavam espalhados; ele podia ouvir seus gritos de surpresa, mesmo através da janela fechada e com o rugido do motor.

Seu coração estava batendo desenfreadamente e adrenalina corria por suas veias. Reid teve que lutar para manter o sorriso em seus lábios. A caçada era o que ele mais sentia falta no campo. Este era o ponto alto, sua descarga de endorfina, a droga escolhida.

Duas vezes mais o carro esportivo virou descontroladamente, tentando enganá-los, mas o motorista árabe não era tão habilidoso. Os pneus do carro derraparam em protesto, diminuindo a velocidade e a condução experiente de Kent diminuiu a distância entre eles. Watson continuou a reclamar ao lado dele, mas Reid ignorou. Atrás deles, Barnard murmurou baixinho para si mesmo, embora pelo menos uma vez Reid pudesse jurar que ouviu a frase: “Por favor, Deus...”

Engraçado, pensou. Eu acho que todos nós ficamos um pouco religiosos quando pensamos que vamos morrer.

Eles bateram em uma linha reta com apenas becos apertados. Reid seguiu a linha aos sessenta e cinco, rezando para que ninguém saltasse das estreitas estradas secundárias. Os sírios teriam que tentar virar novamente; Reid tinha fechado a distância entre nove e doze metros do para-choque dianteiro ao para-choque traseiro deles.

“Bom, isso é perto o suficiente,” disse Watson sem fôlego. “Deixe-me pegar o número da placa e... O que diabos você está fazendo?!”

Reid enfiou a mão no casaco e tirou a Glock 19, mantendo o carro em alta velocidade e dirigindo com a mão direita. *Hora de ver se a biometria de Bixby funciona*, pensou enquanto abria a janela.

“Kent... espere um segundo...”

A qualquer momento... Ele passou a mão ao redor da Glock, com o polegar naturalmente posicionado sobre o bloco biométrico. Algo dentro da arma clicou; a trava do gatilho se abriu.

“Kent!” gritou Watson com raiva.

O carro esportivo prateado inclinou-se para o lado enquanto o motorista sírio tentava virar à esquerda. As rodas laterais do motorista saíram do chão um pouco. Estavam fazendo uma curva muito apertada e muito rápida. Reid nem tentou seguir em frente.

Em vez disso, apontou a arma para fora da janela, mirou e disparou dois tiros.

Barnard engasgou no banco de trás com o som agudo da Glock. O primeiro tiro ele errou, mas o segundo encontrou o pneu traseiro. Como borracha desfiada, o carro esportivo perdeu tração com o solo e rolou. O tempo pareceu desacelerar quando o veículo virou duas vezes de lado, cada impacto com a estrada emitindo um ruído repugnante ecoando no ar. O carro bateu na vitrine de uma delicatessen com um impacto estupendo. O vidro explodiu para fora.

As pessoas na rua gritavam e se dispersavam quando o carro esportivo parou repentinamente de cabeça para baixo.

Reid freou e a SUV derrapou para o lado. Watson respirou com dificuldade ao lado dele. Não tinha certeza se Barnard estava respirando. Com a arma na mão, saltou do carro e se dirigiu para o carro acidentado.

Dois gregos emergiram da lanchonete. Um olhar superficial lhe disse que eles tinham apenas pequenos cortes e arranhões.

“Vão,” ele disse em inglês. Eles entenderam claramente seu gesto, se não suas palavras e não precisaram ser ditas duas vezes.

Ele manteve a Glock apontada para o chão enquanto uma figura se arrastava dos destroços - o motorista, avançando de joelhos e com um cotovelo no chão. O sangue escorria pelo rosto de um corte na testa e o braço esquerdo estava certamente quebrado. Mesmo assim, ele conseguiu se livrar da batida e depois levantou-se com cuidado. Assim que se levantou, tropeçou e caiu de novo, chorando de dor por seu membro quebrado.

“Fique no chão,” disse Reid em árabe. “Não se levante.”

O sírio olhou para ele furiosamente, um grunhido nos lábios. Apesar do aviso, tentou se erguer novamente, embalando seu braço quebrado. Reid viu um brilho de metal quando o homem puxou uma pequena arma de seu casaco. Antes que Reid pudesse reagir, o sírio disparou dois tiros.

O homem estava desorientado, instável e os tiros disparados insanamente. Reid ergueu sua arma, mirando no ombro do sírio, mas outro tiro soou. Detrás dele.

O corpo do homem ficou rígido quando a bala atingiu o seu corpo. O sangue floresceu do peito do sírio enquanto seu coração se esvaziava e ele desmoronou no chão.

O Agente Watson ficou atrás de Reid, sua pistola nivelada. Watson tinha dado o tiro. Reid tinha o sírio morto para desarmar e

Watson o havia derrubado.

“Por que você fez isso?” ele exigiu com raiva. “Poderíamos ter obtido informações dele!”

“Você está fora de si?” Watson gritou de volta. “Ele quase pegou você!”

“Eu tinha ele...” Reid argumentou.

“Jesus, que parte da 'operação secreta' você não entende?”

Watson colocou sua Glock de volta no coldre de ombro sob o casaco. “E se você tivesse atingido um pedestre? E se um de seus tiros tivesse passado por uma janela e atingido uma criança?”

“O que eu deveria fazer?” Reid gritou de volta. “Deixá-los ir embora?”

“Não, Kent. Você deveria chegar perto o suficiente para eu conseguir um número de licença, uma marca e um modelo.” Watson baixou a voz. “Porque então poderíamos ligar e rastrear o veículo. É um carro novo o suficiente para provavelmente ter GPS. Nós poderíamos ter visto para onde eles iam e segui-los.”

Reid zombou.

“Não temos tempo para isso.”

“Bem, você pode não se lembrar disso, mas é o que uma Agência de inteligência faz, Kent. Nós reunimos informação e agimos de forma inteligente. Não... *isso*.” ele gesticulou para o homem morto na estrada, o carro esportivo derrubado e a loja destruída.

Reid não tinha uma boa resposta para isso. Ele simplesmente agiu por instinto e para ser honesto, pela emoção da perseguição também. Parar os sírios era a única coisa que importava no momento. E agora o fato de que não tinha uma resposta lógica à refutação de Watson só o deixou mais irritado.

“Então é isso,” disse ele. “Esse é o seu problema comigo, não é? Que eu faço as coisas um pouco diferente do que você está acostumado?”

“Um pouco diferente.” Watson riu amargamente. “Certo. Apenas um pouco diferente. Bom *Ground Zero*.” ele se aproximou de Reid e abaixou a voz para quase um sussurro. “E se eles tivessem o vírus neles, Kent? E aí?”

“Eles não tinham.” Nenhum dos sírios estava carregando nada do Athens Grand, tinha certeza disso.

“Tudo o que seria necessário seria um frasco,” disse o Dr. Barnard em voz baixa. Ele também havia saído da SUV, ainda tremendo um pouco por causa da perseguição em alta velocidade.

“A menor amostra pode causar danos incalculáveis.”

Reid olhou para o chão. *Jesus*, pensou, *ele está certo*. Estava tão empenhado em pegá-los que não havia pensado com clareza.

“Eu vou ver se alguém está ferido.” Watson suspirou. “Procure no corpo por alguma identificação ou pista.”

Watson correu para a loja quebrada quando Reid se aproximou do sírio morto. Rolou o homem e verificou seus bolsos, encontrando apenas um maço de euros e um celular. Sem vírus, felizmente. Ele pegou as descobertas, junto com a arma do homem e as colocou na SUV.

Voltou sua atenção para o carro esportivo e se ajoelhou ao lado do passageiro. Um rosto olhou para trás, os olhos arregalados e a boca ligeiramente aberta. Reid estremeceu; o segundo sírio parecia ter pouco mais de vinte anos e não usava o cinto de segurança quando chocaram. Seu corpo estava de cabeça para baixo, a cabeça em um ângulo estranho com o teto. O impacto havia quebrado o pescoço dele.

Watson conduziu mais duas pessoas para fora da delicatessen, uma mulher e um homem mais velho - o último dos quais era provavelmente o proprietário, já que usava um avental branco que estava ligeiramente salpicado de sangue. Ao ver civis saindo da delicatessen agora destruída, Reid sentiu uma profunda pontada de remorso e correu para se certificar de que estavam bem.

“Lesões superficiais, principalmente,” disse Watson. “Nada sério e ninguém morto. Felizmente.”

Embora Reid estivesse agradecido por isso, estava certo de que iria ouvir muito sobre isso.

Sirenes soaram à distância; era a polícia, a caminho do Hotel ou da localização deles. Talvez ambos.

“Vamos,” disse Watson. “Policiais e a Interpol estarão em todo o hotel a qualquer momento, se já não estiverem. Precisamos ver se Maria e Carver encontraram alguma coisa.”

Reid não discutiu, mesmo quando Watson subiu ao volante. Os três ficaram em silêncio enquanto voltavam para o Athens Grand. Uma vez que estavam dentro do alcance do rádio novamente, Reid tentou falar com Maria.

—“hansson? Ouve-me?”

“Estou aqui,” ela disse baixinho no rádio. “Assim como a Interpol e as autoridades gregas. Eles não estão felizes. Disseram que houve um acidente de carro...”

“De certa maneira. Estamos bem. Você encontrou algo?”

“Ah sim,” disse ela, mas sua voz soou firme e ansiosa.

“Encontramos uma coisa. Volte aqui o mais rápido que puder.”

CAPÍTULO DEZOITO

“Você já está quase terminando?” o sírio perguntou irritado. O homem magro - aquele que Khalil rotulara de ‘especialista’ - havia afiado uma faca de caça perversamente curvada nos últimos trinta minutos, esfregando a lâmina para a frente e para trás na borda da mesa de trabalho áspera, para irritação de Adrian.

“Quase,” Adrian disse. Os dois homens usavam roupas de descontaminação no porão da loja de alfaiate em Marselha, o laboratório improvisado de Adrian Cheval, enquanto ele completava as amostras de varíola necessárias.

“Você disse ao Imam Khalil que só precisaria de um tempo até a manhã. São quase dez da manhã. O que está demorando tanto?” o homem falava francês muito melhor que seu parceiro, aquele que mantinha Claudette como refém. Adrian se perguntou se ela teria sido levada para algum lugar, se estava bem nas mãos daquele monstro.

“Eu disse *pelo menos de manhã*,” Adrian respondeu bruscamente. “A impaciência é uma falha fatal na minha linha de trabalho.”

“E a inquietação é uma das minhas,” o homem grunhiu.

Adrian levantou os olhos do modelo de RNA exibido na tela do laptop. “Você deve saber que este não é o caminho. O que Khalil está planejando fazer com isso é uma abominação...”

“Não é da minha conta,” disse o homem bruscamente. “Contanto que eu seja pago.”

Adrian zombou.

“E o que acontece quando seus amigos e entes queridos começarem a morrer? Quando você se começar sentindo nauseado? Quando você tossir e vir sangue em suas mãos? O que seu dinheiro fará então para salvá-lo?”

O homem simplesmente encolheu os ombros.

“Isso me levará para Bornéu.”

“Bornéu. Você acha que estará a salvo lá?”

“Veremos.” o homem magro voltou sua atenção para sua faca. Adrian podia ver que não haveria como mudar a mente do homem. Não era a primeira ou a segunda vez durante a noite e a manhã que tentara, mas seria a última. Ele digitou no teclado do computador, tentando parecer ocupado, mas na verdade estava apenas fingindo fazer algum progresso.

As amostras estavam prontas há horas - na verdade, haviam sido preparadas antes mesmo de os homens do Imam Khalil retornarem e levarem ele e sua amada Claudette como reféns. Mas o guarda sádico não parecia ter ideia do que Adrian estava fazendo, então fingiu continuar no trabalho.

Estava perdendo tempo em um esforço para elaborar um plano. Quanto mais tempo eles permanecessem no laboratório, mais tempo Adrian teria que pensar e chegara a algumas conclusões que antes haviam sido confundidas por suas emoções e preocupação por seu amor equivocado.

A mais importante de suas conclusões também foi a mais simples. Não havia razão para que Khalil e seu povo mantivessem Adrian vivo quando terminasse.

Ele argumentou sobre o uso do vírus. Ele lhes dissera que a letalidade e a virulência não eram intencionais. Ele implorou a Khalil para não o usar. Tinha, efetivamente, condenado a si mesmo e provavelmente condenado Claudette. Ele se colocou no lugar dos sírios; se ele fosse um deles, temeria que, assim que saísse com o vírus, pudessem ligar para as autoridades, mesmo anonimamente, e denunciá-lo.

De qualquer maneira, em qualquer ângulo, ficava claro que sua utilidade acabaria assim que o vírus estivesse preparado. E Claudette, sua querida e doce Claudette, sabia demais.

E então Adrian demorou o máximo que pôde, fingindo trabalhar enquanto seu captor ficava cada vez mais impaciente. Logo, porém, teria que agir. O problema era que, embora soubesse que o vírus tinha que ser destruído, mesmo que isso significasse sua vida, ele se recusou a submeter Claudette ao mesmo destino.

Mas talvez eu não precise. O sádico sírio tinha uma faca e uma arma. A faca não tinha deixado as mãos dele desde que colocaram as roupas de descontaminação. A arma, a pistola de prata que havia colado no rosto de Adrian no beco, estava no limite da longa bancada de madeira, ao alcance do homem.

Se ele pudesse distrair o sírio tempo suficiente para pegar a arma, poderia atirar nele. Mas o barulho seria alto - alto o suficiente não apenas para alertar os que estavam no andar de cima, mas também o parceiro do sírio. Adrian não teria tempo suficiente para matar o homem e depois destruir o vírus; teria que ser o contrário.

Tinha uma possibilidade segura para destruir o vírus, se necessário, e como a maioria das coisas acontece, a resposta mais simples era geralmente a melhor. No alto de uma prateleira à direita da bancada de trabalho, havia uma garrafa de vidro cheia de um líquido amarelado - puro cloro na forma líquida. Ele mataria o vírus no instante em que fosse exposto ao produto químico tóxico, mas também seria incrivelmente perigoso; abrir a garrafa em um espaço fechado como o porão sem o auxílio do respirador causaria inconsciência em segundos, e a morte em menos de um minuto...

É isso, pensou Adrian. *O cloro.* Seria, como dizem, dois coelhos com uma cajadada só. Ele rapidamente formulou um novo plano em sua mente: Distrair o sírio. Abrir o cloro. Rasgar a máscara dele. Confirmar que está morto. Destruir o vírus. Pegar a arma. Matar o outro árabe e libertar Claudette.

Era extraordinariamente simples.

Mesmo assim, levou mais dez minutos para reunir coragem e lembrar a si mesmo que era capaz, inteligente e que tinha força de vontade.

“Preciso de ajuda,” disse ele ao sádico.

O homem levantou uma sobrancelha.

“Para fazer o quê?”

“Eu não posso manipular a amostra e observar a mutação adequada ao mesmo tempo,” disse Adrian. Essa era, naturalmente, uma mentira pseudocientífica, mas o sábio não sabia disso.

“Tudo que eu preciso que você faça é olhar pelo microscópio enquanto altero a sequência de RNA, e descrevo o que ocorre.”

O sádico gemeu irritado e levantou-se do banco.

“E então você terá acabado?”

Adrian assentiu.

“Sim.”

“Tudo bem.” o homem se inclinou e colocou o rosto na lente do microscópio. O que ele estava vendo era *variola major* inerte. Ele podia olhar por décadas e nada aconteceria.

“Isso é o que parece de perto?”

“Sim” confirmou Adrian “e quero que você observe a extremidade mais à esquerda, a extremidade em forma de bolha que parece ser uma barra. Você vê isso?”

O homem hesitou por um momento, mas assentiu.

“Eu vejo.”

“Bom.” Adrian digitou algumas teclas em seu computador, fingindo influenciar o vírus de alguma forma (e esperando que o homem não percebesse que um laptop não poderia, na verdade, transformar um vírus).

“Aconteceu qualquer coisa?” ele perguntou.

“Não,” disse o sábio. “Nada. O que vai fazer? Vai se mexer?”

“Você vai saber quando vir.” ele bateu mais algumas teclas. “Pode demorar um pouco... não tire os olhos dele.” assim que ele disse isso, torceu e estendeu a mão para a garrafa de cloro na prateleira à sua direita.

Havia uma coisa com que Adrian Cheval não contava. Normalmente, com o rosto pressionado contra as lentes do microscópio, todo o campo de visão do sírio teria sido obscurecido. Mas com a máscara do respirador sobre o rosto, tinha uma pequena margem de periferia e viu o movimento de Adrian.

Ao mesmo tempo em que Adrian procurava o gás venenoso que destruiria o vírus, o sírio se virou, longe do microscópio, com a faca de caça ainda firme no punho. Quando Adrian chegou, ele se ajoelhou e, em um movimento fluido, enfiou a faca na parte de trás da carne de Adrian e a tirou novamente.

Os dedos do francês roçaram a garrafa de vidro de cloro enquanto uma dor como mil vespas zangadas agarrava sua coxa. Ele gritou agudamente quando sua perna se encolheu em baixo dele e desmoronou no chão, sangrando muito.

Ambas as mãos seguraram desesperadamente ao redor da ferida com sangue entre seus dedos. Sua coxa cortada ardia agudamente, mas ainda mais preocupante era o buraco em seu traje de descontaminação. Desesperado, percebeu que não seria capaz de abrir os frascos de varíola hermeticamente fechados para destruí-los ou arriscaria se colocar em perigo.

O sádico sírio permaneceu sobre ele, a lâmina de sua faca molhada de sangue. Ele balançou a cabeça tristemente.

“O Imam estava certo,” disse ele em francês. “Você é brilhante. Mas essa é a falha de pessoas como você; você assume que todo mundo é idiota.” ele riu levemente. “Eu assumi que você faria um movimento. Mas, para fazê-lo de forma tão gritante, Adrian, é... bem, honestamente, é desrespeitoso.”

Adrian respirou fundo com os dentes cerrados, através da dor ardente na coxa. O sírio se ajoelhou ao lado dele.

“Mova sua mão. Deixe-me ver,” ele instruiu.

Adrian fez isso, deslizando uma mão apenas ligeiramente da ferida. Assim que se moveu, uma fina corrente de sangue jorrou. Ele engasgou e rapidamente a apertou novamente.

Ele sabia exatamente o que isso significava.

O sírio estalou a língua.

“Hmm. Parece que eu peguei sua artéria femoral. Isso não é um bom sinal. Um momento.” Ele se levantou e atravessou o porão, onde o alfaiate guardava roupas velhas com erros de costura e ternos que os clientes nunca haviam retornado para recuperar. Ele pegou uma camisa branca e rasgou a manga dela.

“Sorte sua,” disse o sírio, “sou ex-militar. Um médico de campo, acredite se quiser.” ele amarrou a manga ao redor da coxa sangrando em um torniquete. Adrian gritou quando ele puxou com força.

“Assim. Agora, isso vai reduzir a perda de sangue, mas não vai parar. Imagino que você tenha cerca de trinta minutos no máximo - provavelmente menos - para terminar seu trabalho. Se fizer isso, vou levá-lo ao hospital. Se você não fizer isso, vou deixar você morrer aqui.”

Adrian respirou com dificuldade. Suas mãos estavam pegajosas de sangue e sua perna latejava.

“Você não vai,” ele disse baixinho. “Você não vai me levar a lugar nenhum. Nós dois sabemos que eu morro aqui.”

O sírio assentiu.

“Como eu disse. Brilhante. Você está certo; você nunca mais verá a luz do dia. Você entendeu isso, mas deixe-me colocar de outra maneira. Se você não se levantar e terminar, então meu colega trará sua namorada para cá. Nós não temos uma roupa para ela, mas isso não importa, porque ela não vai viver muito de qualquer maneira. Vou tirar os dois olhos dela na sua frente.”

O lábio inferior de Adrian tremeu, o terror da morte de Claudette devastando-o novamente.

“E isso... ah, como se chama?” ele apontou vagamente para sua própria garganta. “A coisa que trava, eu esqueci... ah, úvula! A úvula. É completamente desnecessária, você sabia disso? Mas se você cortar, sangra e sangra. Claudette vai se afogar em seu próprio sangue. Quer que seja a última coisa que verá antes de morrer, Adrian?”

“Não,” gaguejou Adrian. “Não. Por favor, não faça isso.”

“Acalme-se agora,” disse o sírio.

“Um batimento cardíaco elevado só vai diminuir o tempo restante.” ele pegou Adrian pelo braço. “Essas amostras... estão acabadas, não estão?”

Adrian se apoiou na bancada, mantendo o peso da perna. *Ele fechou os olhos e não disse nada. Eu poderia arrancar este torniquete. Deixe-me sangrar até a morte. Seria mais rápido. Como adormecer.*

“Tudo bem, então. Eu buscarei Claudette.” o sírio se moveu para as escadas.

Adrian deu um passo à frente, pulando na perna boa e pegou a arma do homem. Ainda estava no final da bancada. Ele levantou-a com o punho trêmulo, manchando de sangue o punho enquanto a apontava e puxou o gatilho.

Clique.

Tentou novamente. Nada. Ele virou a arma na mão. Não havia munição. Não estava carregada.

O sírio sorriu largamente.

“Eu já esperava que você faria isso nas últimas nove horas.” ele se virou para as escadas.

“Não!” Adrian gritou. “Espera, espera. Sim. Estão prontas. O vírus está pronto.”

O sírio fez uma pausa.

“Bom.” ele se aproximou de Adrian, estendendo a mão com expectativa. Adrian devagar entregou a arma novamente. O sádico alcançou a bancada e puxou o clipe que tinha ejetado antes.

Ele empurrou-o na arma e armou-a.

“Estava blefando. Levaria muito tempo para sangrar desse corte.”
ele torceu um supressor na ponta da pistola.

Adrian fechou os olhos. Pensou em Claudette. Pensou na primeira manhã com ela, acordando em sua cama com o sol filtrado emoldurando seu rosto perfeito enquanto ela sorria para ele e lhe dizia:

“Eu sei exatamente o que você precisa.”

Vejo você na próxima vida, pensou, logo antes da bala entrar em sua testa.

CAPÍTULO DEZENOVE

Reid ficou surpreso ao encontrar o Athens Grand Hotel completamente barricado quando retornaram. Sua perseguição aos sírios não levara mais do que vinte minutos, mas naquela pequena janela de tempo o hotel cinco estrelas havia se transformado em um hospício absoluto.

As autoridades gregas apareceram, sem dúvida informadas pela Interpol sobre a suspeita de presença do vírus e dos terroristas sírios. Vários carros da polícia sufocaram a área de manobristas, luzes piscando. Uma unidade de contenção da OMS estava no local, vestindo roupas de contenção enquanto a polícia retirava hóspedes irritados do edifício e conduzia-os para o outro lado da rua.

“Bem,” disse o Dr. Barnard em voz baixa do banco de trás, “suponho que todos saibam agora.” Vários membros da mídia já haviam aparecido, relatando o incidente.

Watson estacionou em fila dupla a SUV e os três correram para a entrada para encontrá-lo cercado de corpos. Demorou três minutos para encontrar Maria e Carver, o primeiro dos quais parecia estar em uma discussão acalorada com um homem de terno azul. *Interpol*, Reid assumiu. Eles provavelmente não estavam felizes porque a CIA de alguma forma chegara ali primeiro.

“Eles apareceram há poucos minutos,” disse Carver quando se aproximaram. “A polícia logo depois deles.” As vozes dos hóspedes frustrados quase o sufocaram. Toda a Europa havia temporariamente parado as viagens internacionais e parecia haver muitas pessoas iradas se perguntando onde deveriam ir, se para a casa ou para um hotel de evacuação.

Maria foi até eles, obviamente irritada.

“Lá se foi a cooperação entre Agências,” ela murmurou. “A Interpol chegou aqui e controlou o lugar como se fôssemos

ninguém. Eu tentei dizer a eles que não encontramos evidências do vírus, mas insistem em verificar todo o hotel.”

“Estou apostando que eles não estão muito felizes com a gente agora,” disse Watson, olhando de relance para Reid.

Ele ignorou isso.

“Você entrou no quarto? O que achou?”

“Vamos sair daqui primeiro.” Maria foi em direção à SUV que os esperava.

“Então, você encontrou algo?” Reid pressionou.

“Digo para você no caminho.”

“E quanto a compartilhar o que sabemos com a Interpol?” perguntou Watson.

Maria fez uma pausa, aborrecida.

“Nós vamos compartilhar com Baraf. Nós o conhecemos e confiamos nele. Olhe a sua volta. Interpol aparece com a OMS em trajes de proteção! Não haverá equívocos sobre o que é ou o que poderia ser e eu não quero estar aqui quando este povo se tornar uma multidão.”

Reid correu atrás dela. Estava certa - e tinha que admitir, também estava Cartwright. Era por isso que ele queria manter a operação pequena e silenciosa. As pessoas tendiam a começar a fazer perguntas, se não entrassem em pânico, quando uma dúzia de Agentes aparecesse... sem falar na polícia e na OMS.

Watson dirigiu, com Barnard entre Reid e Carver na parte traseira.

“O que você achou?”

“Não havia mais ninguém no quarto,” disse Carver. “E eu verifiquei o registro de hóspedes na recepção; havia apenas duas pessoas registradas na suíte.”

“Os dois que perseguimos,” Reid adivinhou.

“E?” Carver perguntou.

“Eles estão mortos agora,” ele respondeu categoricamente.

Se Carver tinha alguma coisa a dizer sobre isso, guardou para si mesmo. Era o ex-parceiro de Watson, então Reid tinha poucas dúvidas de que poderiam compartilhar a mesma mentalidade.

“Mas eu tenho isso.” Reid tirou o telefone do sítio do bolso. Era um celular simples, sem conectividade com a internet ou GPS - provavelmente tinha um gravador, mas isso dificilmente seria um obstáculo. Ele abriu e navegou o menu com um polegar.

“Não há nada salvo aqui, nenhum contato ou nome ou mensagem... mas há um número. Apenas um e parece que estabeleceu ligação uma vez por dia nos últimos onze dias.”

“O estudante de Estocolmo, Renault, foi assassinado onze dias atrás,” observou Barnard.

“Exatamente.” Reid passou o telefone para Carver. “Envie esse número para Langley rastrear.” Se quem ligou também estivesse em um telefone, não conseguiriam um nome - mas poderiam rastrear a última chamada para um local enquanto o telefone estivesse ligado, eles poderiam encontrá-lo usando a torre de celular.

Reid quase sorriu. Normalmente mal conseguia descobrir como programar um novo contato em seu celular, mas um conhecimento prático de rastreamento de chamadas estava de repente lá quando precisava. *Curioso*, pensou. Ele teria que testar esse conhecimento quando tivesse um tempo. *Depois de encontrarmos o vírus e o jihadista por trás dele, é claro.*

“Então, temos dois sítios mortos e um número de celular.” Watson suspirou. “Não é muito, mas acho que é alguma coisa.”

“Nós também temos isso.” Maria pegou em uma folha de papel dobrada. “Nós olhamos o quarto antes que alguém chegasse lá. Não havia quase nada fora do comum - mas havia uma coisa que se destacava. Aqui, dê uma olhada.” passou-a para Reid.

A página estava dobrada em três, bem desgastada e enrugada como se tivesse sido aberta e fechada várias vezes. Barnard espiou

por cima do ombro de Reid quando ele desdobrou e examinou o papel.

Na página havia vários círculos negros desenhados, sem padrão ou ordem discernível. Não havia rótulos, palavras ou números; apenas pequenos círculos, desenhados à mão de tal maneira que parecia um jogo de pontos de conexão para Reid. Havia vinte e cinco ao todo, muitos dos círculos se aglomeravam juntos no canto inferior esquerdo da página, com vários outros espalhados ao longo do lado direito.

“O que é isso?” perguntou.

“Não faço ideia,” disse Maria. “Como eu disse, era a única coisa que parecia estranha, então nós a pegamos.”

“Você compartilhou isso com a Interpol?” Watson perguntou.

“Ainda não. Eu tirei uma foto; vou enviá-la para Baraf.” ela se contorceu um pouco em sua cadeira e acrescentou:

“Mas se descobrir o que é primeiro, isso seria muito útil.”

“Barnard?” Reid murmurou. “Qual é a sua opinião?”

“Posso dizer honestamente que estou perplexo, Agente.” o médico empurrou os óculos prateados no nariz. “Talvez os pontos se conectem para formar uma forma, um símbolo ou... ou um mapa?”

“Um mapa.” Reid olhou para a página até que seus olhos perderam o foco. “Pontos em um mapa. Como o Plano Manstein,” ele murmurou.

“Desculpa?”

“No início dos anos quarenta, os planos de guerra alemães foram transmitidos em pedaços,” explicou Reid rapidamente. “Se qualquer peça fosse interceptada, não faria qualquer sentido. Mas juntas, formavam um plano completo de ataque. Este poderia ser um pedaço do ataque deles, a jihad deles.” ele balançou a cabeça.

“Mas se este é um mapa, não é em qualquer lugar que eu reconheço. Quando estivermos no avião, poderemos tentar cobri-lo com mapas da Europa, começar pela Península Ibérica onde começou o primeiro surto e ver se conseguimos algo que faça sentido...”

“Meu Deus,” Barnard interrompeu de repente. Seus olhos se arregalaram por trás dos óculos de coruja. “Agente Steele...” ele pegou a página das mãos de Reid e virou-a. “O que isso parece para você agora?”

Reid perdeu o fôlego por um momento. De repente, o arranjo dos pontos fez muito mais sentido - mas não da maneira que esperava.

“É a metade ocidental do mundo,” ele disse baixinho.

Maria se torceu novamente em seu assento.

“O quê?”

“Aqui.” Reid traçou o dedo ao longo do aglomerado de pontos agora no canto superior direito. “Europa. Se este ponto é Barcelona, então seria Paris, Londres, Bruxelas, Berlim...” ele passou o dedo ao longo da página para o outro lado, agora à esquerda, sobre os pontos mais distantes.

“Os Estados Unidos.” a voz de Barnard era um pouco trêmula e por um bom motivo. Quatorze dos vinte e cinco pontos estavam focados no que seriam os EUA no mapa, de Miami até Nova York e vários outros na Costa Oeste.

A garganta de Reid ficou seca. Não sabia dizer se era coincidência ou de propósito, mas o maior dos pontos era inequivocamente onde estaria a capital do país. Washington, DC, era um alvo - e apenas a vinte minutos de carro de sua nova casa, logo perto de suas filhas. Não queria imaginar o horror que seria suas filhas ficarem doentes com um vírus tão fatal. Sua mente retrocedeu na descrição de Barnard dos sintomas - febre, náusea, hemorragia interna. *Ficar doente de manhã e morrer antes do pôr do sol.*

Se o vírus encontrasse o caminho para os Estados Unidos antes que pudesse pará-lo e fosse liberado em Washington, suas próprias filhas poderiam estar mortas antes mesmo de ele voltar.

“Maria, precisamos tirar uma foto para Langley e Baraf,” disse Reid de repente.

“Cada cidade neste mapa precisa estar ciente de que é um alvo.”
“Já farei isso.”

“Barnard, eu quero que você pegue o telefone para o CCPD e diga a eles o que encontramos.”

“Claro.” ele engoliu seco. “O que... o que devo dizer a eles? Não sabemos quando isso vai acontecer ou como...”

“Eu ouvi os dois sírios no hotel antes de fugirem,” explicou Reid. “Um deles mencionou o Imam e disse que 'hoje é o dia'. Agora eu não sei o que isso significa exatamente, mas temos que assumir o pior.”

“Outro ataque,” disse Watson.

“Certo. Então, só podemos transmitir o que sabemos e tentar estar prontos para qualquer coisa...”

“E agora temos um prazo para encontrar o nosso Mahdi,” acrescentou Maria com tristeza.

O telefone de Carver soou.

“Nós temos um local. A última ligação veio de Marselha.”

Reid piscou surpreso.

“Sul da França?” ele balançou a cabeça. “Não, isso não pode estar certo.”

Marselha ficava a pouco menos de trezentos quilômetros de Barcelona. Reid supusera que os criminosos ficariam o mais longe possível do vírus e que o virologista teria fugido da França há muito tempo. Ou ele estava errado ou era mais uma manobra de diversão, muito parecido com o que tinha acontecido em Barcelona. Este Mahdi era brilhante ou simplesmente um lunático?

Talvez ambos, pensou. Se fosse esse o caso, tinham poucas horas para localizar e interrogar um psicopata inteligente armado com vinte e quatro frascos de um vírus mortal que pretendia soltar em todo o mundo ocidental.

CAPÍTULO VINTE

Claudette voltou ao apartamento em Marselha para encontrar uma visão muito bem-vinda. Imam Khalil estava sentado em seu sofá, vestindo um terno marrom macio, as pernas cruzadas no joelho. Na cozinha, havia quatro outros seguidores, a comitiva do imã que o acompanhara da Grécia três dias antes.

Ela sorriu enquanto se apressava para ele, caindo de joelhos e pegando a mão dele.

“Querida menina,” disse ele, apertando suavemente as duas mãos nas suas. “Está terminado?”

“Sim.” fez um gesto para o local onde o motorista sírio Abad entrava no apartamento carregando a caixa de contenção de aço que continha vinte e quatro frascos hermeticamente selados do vírus mutado da varíola. Atrás de Abad vinha Rami, o assassino esguio e magro. Ela não gostava de Rami; sentia prazer na dor dos outros, mas o imã assegurara-lhe que não passava de um meio para um fim e não os seguiria na utopia.

“Você fez tão bem.” Khalil gentilmente acariciou sua bochecha com as costas da mão. “E Adrian?”

“Ele está... também terminado.” Claudette ainda não tinha processado seus sentimentos sobre a morte de Adrian. Ela havia se apaixonado por ele durante o ano que tinham passado juntos; talvez ela até o tivesse amado a seu modo, mas ele perdera a fé. Deu as costas não só ao Imam e a Alá, mas também a ela, e tentou desfazer sua promessa. E isso foi simplesmente imperdoável.

“Abad, a cozinha.” Khalil mudou do francês para o árabe. “Guarde os dois. Tenha cuidado.”

Abad carregou a caixa de aço com as duas mãos ao entrar na pequena cozinha. Sobre o balcão havia uma caixa idêntica, estampada com o símbolo de risco biológico, e duas sacolas de couro marrom. O sírio cuidadosamente abaixou a caixa com o vírus em uma bolsa e a segunda caixa na outra.

Claudette observou-o com curiosidade. “Dois, Imam?”

“Sim, minha querida.” ele se virou para Abad e os outros quatro sírios refletindo na cozinha. “Deixem-nos,” ordenou-lhes. “Esperem lá fora.” os cinco saíram sem palavras, seguidos por Rami.

Depois que se foram, Khalil suspirou e baixou a voz. “Lamentavelmente,” disse ele a Claudette, “as notícias relataram um alarme falso em Atenas. Dois dos nossos foram mortos em uma perseguição.”

Ela ofegou. “Marwan e Hilal? Mortos?”

“Temo que sim. Mas não chore por eles; eles estão com Alé, a paz esteja com ele.”

“Mas... o mapa...” se as autoridades encontrassem os dois homens no hotel, provavelmente encontrariam o mapa dos alvos pretendidos do imã.

“Sim, tenho certeza de que a Interpol tem isso. Não podemos nos preocupar com isso agora. Nosso povo está preparado; o vírus está pronto. O plano continua. Há apenas uma coisa que pode ficar no nosso caminho agora.”

Claudette franziu a testa. “O que é?”

Khalil sorriu tristemente. “Eu, querida menina. Eles virão me procurar e podem até me encontrar. É por isso que preparamos duas caixas idênticas. Vou pegar o vazio e levar as autoridades daqui para o litoral. Você pegará o vírus e cumprirá nosso plano.” Seu olhar quente encontrou o dela. Embora seus olhos fossem um marrom suave, quase do mesmo tom que o terno que ele usava, ela sempre achava difícil manter seu olhar fixo. “Você sabe por quê?”

“Porque eu sou a Imam Mahdi,” disse ela.

“Sim. Você e só você pode trazer a redenção para o mundo. Trazer Adrian Cheval para mim foi o primeiro passo; agora este é o último e só você pode aguentar.” Ele se inclinou para a frente e gentilmente beijou sua testa. “Eu devo sair em breve para desviar as autoridades de você. Esta é a última vez que nos veremos, Claudette. Mas antes de eu ir, você vai orar comigo?”

Ela apertou sua mão com mais força, segurando a ameaça de lágrimas por esse homem altruísta que se entregaria por ela, pela causa. “Sim, imã. Claro.”

Khalil se abaixou do sofá e sentou-se de joelhos diante dela, de frente para ela, enquanto cada um deles fechava os olhos e rezava silenciosamente. Claudette rezou pela força e coragem para fazer o que devia. Ela orou pela segurança do Imam e pelo sucesso de sua missão sagrada.

“Obrigado.” Khalil abriu os olhos e sorriu mais uma vez para ela paternalmente. “Vá com Deus, que a paz esteja com ele e que a paz esteja com você, Claudette.” Levantou-se lentamente e atravessou o tapete até a cozinha onde ergueu uma das duas bolsas marrons que Abad preparara. “Espere trinta minutos depois de eu sair e depois parta. Você irá sozinha; Abad e os outros têm suas instruções. Lembre-se, sob nenhuma circunstância você deve abrir esta caixa. O vírus deve chegar intacto.”

“Claro, Imam. E... e obrigada.” sua voz era quase um sussurro. Ele sorriu para ela mais uma vez, pela última vez e então saiu do apartamento. Claudette permaneceu de joelhos no carpete por vários minutos. Ela nunca mais veria o homem que salvara sua vida, que a trouxera de volta do suicídio e lhe dera um propósito. Mas logo isso não importaria. Eles estariam juntos novamente na utopia.

Por fim, ela se levantou, colocando as mãos no sofá para uma ajuda - e sentiu algo duro entre as almofadas do sofá. Era o celular do imã, um telefone celular simples e ultrapassado que ele usava para se comunicar com seus seguidores. Devia ter caído do bolso quando se sentou, pensou. Por um momento entrou em pânico, pensando que ele poderia precisar, mas ele já tinha ido embora. Não haveria como contatá-lo agora e o plano já estava em ação.

Deixou o telefone do imã na mesinha de centro e o dela ao lado. Nenhum deles precisaria mais disso. Depois subiu as escadas até o sótão, trocou de roupa e se preparou para o último degrau. Quando

estava pronta, ela deu uma última olhada ao redor do apartamento antes de levantar a sacola marrom e deslizar a alça por cima do ombro.

Então ela também saiu pela porta, deixando-a destrancada e indo para o pátio da estrada de ferro onde iria decretar o último estágio do plano.

CAPÍTULO VINTE E UM

“Tudo bem, escutem.” a voz de comando de Riker veio através do alto-falante do telefone de Watson, de modo que os cinco no Gulfstream pudessem ouvi-la. Reid olhou para sua própria tela quando uma atualização apareceu, uma foto de identificação de uma mulher jovem e bonita com cabelo vermelho flamejante.

“Você acabou de receber uma foto de uma senhorita Claudette Minot,” disse Riker. “O sinal de celular do número que você encontrou em Atenas traçou de volta para seu apartamento em Marselha.”

Reid franziu a testa. A jovem não se encaixava no perfil do virologista, além de ser uma cidadã francesa. “O que ela tem a ver com isso?”

“A senhorita Minot é uma ex-Agente humanitária do *Service de l'Action Humanitaire*, uma organização humanitária francesa,” explicou Riker.

“Há alguns anos, ela assinou contrato por um ano e eles a enviaram para a fronteira síria para ajudar na crise de deslocamento. De acordo com seu perfil com a organização, ela testemunhou um ataque com gás sarin em uma escola primária e isso a afetou a ponto de tentar o suicídio. Mas parece que ela se recuperou e se converteu ao islamismo.”

Barnard assentiu conscientemente. “Ela se encontrou com o nosso imã ausente.”

“Isso é correto, doutor,” confirmou Riker. “A senhorita Minot tem um irmão distante em Paris; ele diz que ela voltou da Síria uma pessoa completamente diferente, doutrinada por alguém a quem ela se referia apenas como — o Imam, um autoproclamado homem santo vendendo um ramo do Islã feito sob medida. Minot mencionou o Imam várias vezes ao irmão, até tentou convertê-lo. Quando ele resistiu, pararam de falar.”

“O que quer que o Imam tivesse a dizer deveria ter sido exatamente o que ela queria ouvir,” argumentou Maria. “Sabemos alguma coisa sobre ele?”

“Infelizmente não,” admitiu Riker. “Nada suficiente para continuar e conseguir qualquer coisa do governo sírio é quase impossível.”

“Mas acho que seria seguro supor que o nosso Mahdi e o Imam são provavelmente a mesma pessoa,” Reid referiu. “O elo perdido entre o menino sírio em Barcelona e o virologista.”

“Exatamente,” disse Riker. “E por falar nisso, Minot teve um colega de quarto no último ano - um jovem francês chamado Adrian Cheval, ex-estudante de virologia da Universidade de Estocolmo, que foi expulso por falsificação e práticas inseguras.”

Reid soltou um longo suspiro. O tempo estava acabando, mas as peças estavam começando a se encaixar. “Então o imã doutrina a menina e ela envolve o virologista.” *Havia dois elos perdidos*, pensou.

“Certo. E todos os três telefones estão ativos,” disse Riker. O número misterioso e o rastro de Minot de volta para o apartamento dela. Cheval estará três quarteirões a leste. Estamos fazendo o upload de coordenadas para o GPS atualmente.”

O intercomunicador estalou e a voz do piloto ressoou pela pequena cabine. “Cinco minutos para aterrissar em Marselha.”

“A Interpol tem toda essa informação?” perguntou Carver. “A polícia francesa?”

Riker hesitou. “Demorou um pouco para descobrir isso,” disse ela. “Nós apenas reunimos as informações agora.” Reid entendeu exatamente o que ela estava sugerindo - que estavam propositalmente segurando a informação, mesmo que apenas temporariamente. Mas não precisou dizer em voz alta porque, um momento depois, a voz do subcomandante Cartwright passou pela linha.

“O que aconteceu em Atenas foi um desastre completo,” disse ele. Seu tom não era amigável. “A mídia está tendo um frenesi com isso e o envolvimento terrorista islâmico está na boca de todos. Para resolver problemas, estamos encerrando o transporte coletivo e estabelecendo a presença do CCPD em todas as cidades do seu mapa de destino. A polícia e os serviços de emergência estão no mais alto nível de alerta e isso deixa as pessoas nervosas. Simplificando, as coisas não estão boas aqui. Um monte de gente está em pânico e não podemos nos dar ao luxo de outra bagunça em nossas mãos. Há cinco de vocês e três deles. Entre, imobilize, interrogue. Encontre o vírus. Ponha um fim nisso, rápida e silenciosamente. Perceberam?”

“Sim senhor,” Watson murmurou.

“Sim,” disse Maria.

“Bom.” Cartwright parou por um momento. “Agora, deixem-me falar com Steele.”

Watson passou o telefone para ele. Reid quase gemeu em voz alta; ele sabia que estava prestes a pegar o inferno por sua dublê na Grécia.

Ele pegou o telefone do alto-falante antes de atender. “Sim?”

“Zero.” Cartwright de repente parecia muito menos severo e muito mais cansado. “Você me provoca úlceras. Você sabe disso?”

“Eu sei que Atenas poderia ter sido tratada de outra forma,” disse ele em resposta. Ele se levantou e caminhou até a parte de trás da cabine do avião, à medida que baixava a altitude.

Riker zombou e então sua voz irritada ecoou pelo telefone.

“Poderia ter sido de outra forma? Isso é um eufemismo, Agente.”

“Sinto muito,” ele disse desanimado. “Nós precisávamos de informações e...”

“Você tem alguma ideia,” ela interveio “quão difícil é convencer a Interpol a continuar a cooperação conosco quando estamos matando suspeitos importantes? Você conhece o esforço envolvido

em manter o nome da CIA fora da mídia quando algo assim acontece?”

“Eu... não posso dizer que sim.”

“As pessoas assistem ao noticiário, Agente Steele, e as pessoas falam,” ela continuou duramente. “Nossos perpetradores podem ter visto isso. E quando você deixa um rastro de corpos para trás, é apenas uma questão de tempo antes que eles percebam que a trilha leva de volta para eles. Então entram em pânico. Acho que não preciso descrever o que pode acontecer depois disso.”

Reid rangeu os dentes. Ela estava certa, mas não estava disposto a admitir isso. Ele era professor, Agente da CIA, pai de duas filhas e de modo algum gostava de ser tratado como se fosse um adolescente petulante que havia batido o carro da família.

“Disseram-me para lidar com isso por qualquer meio necessário,” ele começou.

“Não por mim,” Riker interrompeu novamente. “Não vou tolerar esse tipo de comportamento no meu time. Estamos entendidos?”

Reid sentiu seu rosto corar de raiva, mas a sufocou e conseguiu grunhir, “Sim.”

“Bom,” ela disse simplesmente. “Então terminamos aqui. De volta ao trabalho.”

“Espere.” Reid lançou um olhar para a frente do avião. Ninguém parecia estar prestando atenção nele, mas três de seus quatro companheiros eram Agentes da CIA, treinados para fazer com que a espionagem não parecesse espionagem.

Ele mergulhou no pequeno banheiro antes de continuar. “As minhas filhas. Elas foram transferidas para uma casa segura?”

O silêncio reinou na outra extremidade do telefone. Por um momento ele pensou que talvez Riker já tivesse terminado a ligação. “Cartwright?”

O vice-diretor limpou a garganta. “Kent, falei com Thompson pessoalmente. Tudo está bem lá. Mas não temos um Agente de

sobra. Todo o inferno está se soltando aqui e agora temos uma lista de cidades-alvo... nós simplesmente não podemos dispensar os recursos.”

Reid fechou os olhos e novamente conteve a vontade de protestar com raiva. “Mas você está evacuando VIPs, certo? O presidente, o gabinete, altos funcionários... eles estão saindo do Dodge, aposto.” ele sabia que o protocolo para um ataque suspeito em solo americano era primeiro garantir a segurança dos chefes de Estado. “Não seria um grande problema para você colocá-las em um avião...”

“Agente Zero.” Riker falou. “Embora eu aprecie sua preocupação por suas filhas, nosso foco agora precisa estar no bem-estar de todos os americanos. Por mais que eu gostasse de fazer ressalvas para você “ - quase duvidava que ela o fizesse – “seria irresponsável da nossa parte usar recursos para fazer exceções. Seus colegas Agentes têm famílias. Eu tenho pessoas em casa. O vice-diretor Cartwright, diretor Mullen... nenhum de nós espera que alguém saia do seu caminho por nossos entes queridos.”

Reid fechou os olhos e encostou a testa no espelho. Não havia como conseguir que Riker compreendesse que a ameaça às filhas era mais do que apenas uma doença.

Depois de um momento de silêncio, ela disse:

“Você entende?”

“Sim.”

“Bom. Obrigada. Relate suas descobertas.” terminou a ligação abruptamente.

Por um breve momento, Reid sentiu a necessidade intensa de gritar, bater em alguma coisa, encontrar alguma saída rápida e violenta para sua raiva. Não gostava de ser repreendido e parecia ser a especialidade de Riker. Mas ele se forçou a respirar. *Não é quem você é. Você aprendeu a paciência. Você estragou tudo. Aceite isso.* Ele assentiu, como se afirmando para si mesmo.

Quando abriu a porta do banheiro, ficou surpreso ao ver Maria parada diretamente do outro lado.

“Ah,” disse ele. “Desculpe, estava apenas, uh...”

Ela colocou a mão no ombro dele. “Elas vão ficar bem,” ela disse, seus olhos cinzentos fixos nos dele.

“Você ouviu isso.”

Maria assentiu. “Rais não tem como entrar no país. As viagens estão suspensas. A Intel sugere que ele está indo para leste. O vírus é o que é importante agora, Kent. Essa é a ameaça à sua segurança. Então, vamos parar um risco internacional antes de passarmos para o próximo. OK?”

Ele assentiu. “OK.”

O avião saltou quando as rodas pousaram no aeroporto de Marseille-Provence. Reid agarrou o encosto de cabeça do assento ao lado dele para não cair. A sacudida repentina o sacudiu por tempo suficiente para se libertar de seus sentimentos de raiva e desamparo. Maria estava certa, como sempre; o vírus tomou precedência. Rais estava a dois continentes de distância e Thompson era capaz. Era hora de ele se concentrar.

“Tudo bem,” disse ele à sua equipe. “Somos cinco e dois locais. Dr. Barnard, se o vírus estiver aqui em Marselha e não podemos presumir que não, acho que o virologista teria mais chances de possuí-lo. Concorda?”

Barnard assentiu. “Ele seria meu candidato dos dois, sim.”

—“Então Barnard e eu iremos atrás do virologista. Vocês três tomam o apartamento. Como Cartwright disse, rápida e silenciosamente. Ninguém dispara um tiro a menos que seja absolutamente necessário. Se o vírus não estiver aqui, precisaremos de alguém que ainda possa conversar.” Reid voltou-se para Watson e acrescentou:

“E sim, sou eu que estou lhe dizendo isso. Eu vou seguir o meu próprio conselho desta vez.”

Um canto da boca de Watson se contraiu. Reid mal podia acreditar - quase parecia que o Agente Watson ia sorrir.

Muito parecido com o El Prat em Barcelona, o aeroporto francês de Marselha Provence estava completamente vazio e silencioso. Desta vez não havia Agente da Interpol para cumprimentá-los, nenhum carro esperando por eles. Estavam sozinhos nisso.

Os cinco atravessaram a pista apressadamente para uma Agência de aluguel de carros em frente ao terminal principal. Watson abriu o cofre que segurava as chaves e pegou os dois primeiros anéis que encontrou.

O Dr. Barnard olhou nervosamente para uma câmera de segurança diretamente sobre eles. “Isso é legal?” ele perguntou.

“Assunto da segurança internacional, doutor.” Carver sorriu. “Não se preocupe. Nós vamos trazê-los de volta.”

Watson passou um conjunto de chaves para Reid. O chaveiro eletrônico levou-o a um sedan azul-escuro que parecia confiável e rápido. Não que isso importasse; Reid não planejou entrar em outra perseguição de carro em Marselha. Maria, Carver e Watson estavam em um SUV branco de tamanho médio.

“Tenha cuidado,” ela disse para ele antes que se separassem.

“Terei. Mantenha seus rádios ligados.” Reid e o Dr. Barnard entraram no carro e dispararam na direção da costa. Ambos ficaram em silêncio até estarem fora do aeroporto. “Ligue o GPS,” Reid disse a ele.

Barnard examinou a tela do celular. O virologista não se moveu.

“Você acha que isso é um bom presságio para nós?” perguntou Reid.

“Difícil de dizer. Pode significar que ele mora lá ou trabalha lá. Ou... ou ele está trabalhando em outra coisa.” Barnard não precisava dizer mais, porque Reid estava pensando a mesma coisa.

O virologista poderia estar fazendo mais do vírus mortal. Ele poderia estar trabalhando com varíola mutante ativa no coração de

uma área altamente povoada.

“Por que você me escolheu?” Barnard perguntou de repente.
“Para acompanhá-lo, quero dizer.”

Reid encolheu os ombros, surpreso com a pergunta. “Você é virologista e especialista em bioterrorismo. Se vamos apreender um virologista, imaginei que você seria a melhor pessoa para ter comigo.”

“Vi e ouvi muitas coisas estranhas nas últimas vinte e quatro horas,” observou Barnard. “Mas você, Agente Steele, é o mais estranho de todos. Você é como um...” pensou por um momento, procurando pela palavra certa. “Uma polaridade existente dentro de uma única pessoa.”

Reid quase riu. “Você não tem ideia,” ele murmurou.

“Apesar disso, acho que ganhei admiração por você.” o médico colocou um dedo no ar para pontuar sua perspectiva e acrescentou, “Talvez. Ainda é cedo para dizer.”

“Vamos passar por isso vivos e encontrar o vírus e podemos conversar novamente se gostarmos um do outro ou não.” Reid sorriu.

Era provavelmente o mais próximo que ele chegaria de um elogio de Barnard de qualquer maneira. “Aqui.” com alguma dificuldade e dirigindo com uma mão, estendeu-a para o tornozelo e puxou sua arma, o Ruger LC9. “Eu não sei o que esperar aqui e você disse que foi treinado.”

Barnard pegou-a reverentemente com as duas mãos e virou-a, como se estivesse examinando um espécime. “Obrigado, Agente. Eu vou agir com responsabilidade.”

“Tudo o que peço é que você não atire acidentalmente em mim.”

“Vire aqui,” disse Barnard de repente. Ele fez isso e, de repente, a estrada abriu o suficiente para que ambos tivessem uma visão do mar.

Reid soltou um assobio baixo. Marselha era uma cidade absolutamente linda, seus edifícios quase inteiramente brancos e bege com telhados alaranjados ao longo da costa, nenhum deles com mais de seis ou sete andares de altura, como se para não ofuscar nenhum outro. Era o tipo de uniformidade que raramente era vista nos tempos modernos.

Barnard olhou pela janela. “Seria uma pena se isso deixasse de existir,” ele disse baixinho.

“Então... vamos fazer o possível para que exista.”

O médico direcionou-o para o sinal de GPS, várias voltas apertadas enquanto se dirigiam para longe da costa e para o interior, subindo a colina. O sinal levou-os a uma rua particularmente estreita em um distrito de negócios, cercada por todos os lados por pequenas lojas, lojas familiares, pequenos cafés e restaurantes que estavam ali há décadas.

Reid estacionou no primeiro lugar disponível e ambos saíram. O ar cheirava a mar e os transeuntes pareciam geralmente agradáveis. Ele desejava desesperadamente não estar lá em trabalho e “trabalho” era aligeirar a coisa.

Barnard franziu a testa. “É uma loja de alfaiate.”

“Bem, é aqui que o telefone do virologista é rastreado,” disse Reid, “então está aqui, mesmo que não esteja. Vamos lá, vamos dar uma olhada.” ele liderou o caminho para dentro. A porta rangeu e um sino tocou quando entraram.

A loja estreita do alfaiate parecia antiga e cheirava um pouco a mofo, as paredes forradas com prateleiras e prateleiras de roupas clássicas em marrom e preto e bege, camurça e lã e algodão. Eram o tipo de roupa que o professor Reid Lawson teria amado, mas isso parecia uma outra vida no momento.

–“Posso ajudá-lo, senhores?” um velho francês mancou na direção deles pela retaguarda, usando uma camisa branca

engomada e um colete cinza com uma fita métrica ao redor do pescoço enrugado.

“Espero que sim,” Reid respondeu em francês. “Estamos à procura de alguém chamado Adrian Cheval.”

“Oh, Adrian.” o velho alfaiate sorriu. “Um jovem agradável. Ele mora a apenas alguns quarteirões daqui, por esse caminho...”

“Nós sabemos,” disse Reid. “Mas não está em casa. Nos disseram que ele poderia estar aqui.”

“Ah.” o velho se recostou em um banquinho com um grunhido. “Com licença, meus joelhos não são o que costumavam ser. Sim, Adrian usa meu porão para sua pesquisa... algo a ver com genética e DNA. Está tudo muito além de mim.” ele riu. “A entrada está no beco em volta. Eu posso te mostrar...” o alfaiate grunhiu novamente, tentando se levantar.

“Não, tudo bem.” Reid sorriu e estendeu a mão. “Por favor sente-se. Nós vamos encontrar tudo bem.”

Ele assentiu. “Tudo bem então. Tenha um bom dia.”

De volta à rua, Reid sub-repticiamente checkou o clipe de sua Glock 19. Tinha apenas disparado dois tiros em Atenas; ainda estava quase cheio.

“Eu pensei que você disse para dispararmos apenas se necessário,” observou Barnard.

“Eu disse,” confirmou Reid. “Mas pode ser necessário.” ele substituiu a arma em seu casaco e, em seguida, tocou o fone de ouvido em sua orelha esquerda. “Nossa localização é uma loja de alfaiate na Rue de Concorde. O proprietário nos disse que o virologista usa seu porão para “pesquisa”. Estamos prestes a dar uma olhada.”

“Dez-quatro,” Watson respondeu calmamente pelo rádio. “Estamos no apartamento, nos posicionando para nos infiltrarmos.”

“Devemos esperar?” perguntou Maria.

“Não,” respondeu Reid. “Quanto mais cedo isso for feito, melhor. Nós vamos ficar bem.” colocou um dedo nos lábios para indicar silêncio a Barnard e então acenou para ele seguir pelo beco adjacente. Quando se aproximaram da parte de trás do edifício, o coração de Reid novamente começou a acelerar com a emoção da caça.

Contenção, lembrou a si mesmo. *Se o vírus não está aqui, precisamos desse homem vivo*. E embora ele percebesse completamente que era um pensamento insano para qualquer um ter, esperava muito que encontrassem o vírus lá, porque isso significaria o fim de tudo isso.

Eles quase chegaram à boca do beco quando Reid ouviu a porta de um carro bater, virando a esquina deles, seguido pelo latido de uma voz masculina rouca.

“Deixe o corpo. Vamos levar isso por último.”

A voz falou em árabe.

Reid empurrou Barnard para trás contra a fachada de tijolos da alfaiataria. Os olhos do médico se arregalaram de surpresa e sua respiração ficou presa na garganta.

“Shh. Fique bem aqui” Reid disse o mais silenciosamente possível. Ele lentamente tirou a Glock do coldre e apoiou o polegar na fechadura biométrica. O guarda-mato interno se abriu com um pequeno clique.

Ele respirou fundo, o coração batendo forte e depois virou a esquina.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Reid ergueu a pistola enquanto dava a volta na esquina e avistou os dois homens no beco. Nenhum deles, no entanto, reparou nele - não a princípio. Eles eram aparentemente do Oriente Médio, vestindo roupas de rua. O maior dos dois carregava um grande cilindro branco, o que Reid só podia imaginar ser uma centrífuga. O outro levantou um microscópio com as duas mãos enquanto levavam o equipamento para uma van que estava estacionada na diagonal do outro lado do beco, efetivamente bloqueando-o para os carros e bloqueando-os de uma vista para o oeste.

Eles estão esvaziando o laboratório do porão. E mencionaram um corpo. Nenhuma dessas coisas era boa para ele.

“Pare!” Reid disse bruscamente em árabe. Os dois homens se viraram devagar, parecendo mais confusos com a súbita aparição de um anglo-árabe do que com medo da arma. —“Abaxe o equipamento” disse ele cuidadosamente “e ponha as mãos na cabeça.”

Nenhum dos dois falou. Em vez disso, trocaram um breve olhar e fizeram o que ele pediu - largaram o equipamento. As lentes do microscópio quebraram quando atingiram o pavimento e a centrífuga lançou um estrondo no ar.

O maior dos sírios imediatamente alcançou as costas pequenas. Reid não esperou para ver se era uma arma ou não. Ele apontou e disparou um único tiro no quadril do homem, alto o suficiente para evitar sua artéria femoral. Fez o efeito esperado; O homem gritou quando seu corpo girou e desabou no beco. O segundo sírio saiu correndo e pulou atrás da van para se proteger.

Reid avançou; o homem baleado segurava o quadril ensanguentado com uma das mãos, mas ainda se esforçava para soltar a pistola. Ele conseguiu soltá-lo, mas Reid estava em cima dele. Ele chutou a arma da mão do sírio e enviou-a pelo beco e sob uma lixeira.

Ele ouviu os pés batendo contra as escadas e virou para a direita bem a tempo de ver um sírio magro subindo as escadas do porão, abrindo um canivete.

“Kent?” Maria falou em seu fone de ouvido. “Isso foi um tiro?”

Apenas se tornou necessário, pensou, mas teve que ignorá-la por enquanto. Em vez de fugir do sírio que o atacava, Reid o encontrou no meio do caminho; ele desceu os primeiros degraus em direção a ele.

“*Allahu*” o grito do homem sufocou em sua garganta quando Reid plantou uma bota plana em seu peito, chutando-o de volta pelo caminho que ele veio. O sírio desceu as escadas, aterrissando com um estrondo no concreto lá em baixo.

Ele rapidamente voltou sua atenção para os dois no beco. “Fique abaixado,” ordenou o que estava deitado de costas, grunhindo de dor em seu quadril baleado.

“Para o inferno com você, americano,” ele sussurrou entre os dentes cerrados.

Reid continuou abaixado enquanto se aproximava da van branca de carga. Todas as portas estavam fechadas e as janelas estavam tingidas; não podia ver o homem do outro lado. Em vez disso, ele se abaixou até o beco e espiou por baixo da van. Ele podia ver um par de sapatos marrons e a bainha das calças cáqui da Síria, escondidos no outro lado da van logo atrás do pneu do lado do passageiro.

Reid mirou com cuidado e disparou. A bala atravessou o tornozelo direito do homem e ele caiu imediatamente, soltando um grito estridente.

Então ficou no topo da escada e esperou. Um sírio estava atrás do furgão.

Outro, a poucos metros da entrada do porão. O terceiro, no final da escada. Todos os três ainda vivos, mas não tinha ideia se havia mais. Esperou por dez segundos, mas não ouviu nada a não ser os gritos angustiados do sírio e os gemidos de dor dos outros dois.

Ele pressionou um dedo no fone de ouvido. “Tiros disparados,” ele confirmou. “Três feridos, todos de língua árabe. Estamos bem. Nenhum sinal do virologista ainda...”

“*Mon Dieu!*” Reid olhou para cima para ver o velho alfaiate, agora com os olhos arregalados de horror enquanto mancava na esquina de sua loja. Ele sem dúvida ouvira os tiros e viera investigar. “O que está acontecendo aqui?” perguntou em francês.

“Monsieur,” respondeu Reid, “por favor, volte para dentro. Pode não ser seguro para...”

A janela traseira da van explodiu para fora quando uma fuzilaria de balas rasgou o ar, zumbindo perigosamente perto como abelhas furiosas. Reid se jogou de barriga para a frente e cobriu a cabeça com as mãos. *Um quarto, dentro da van, com um automático. Você não limpou a van, gritou consigo mesmo internamente.*

Ele se atreveu a olhar para cima e naquele momento o tempo parecia ter parado. O velho alfaiate encarou-o, a mesma expressão chocada no rosto envelhecido. Sangue lentamente desabrochava de vários lugares no peito do velho.

Então o tempo recomeçou e o alfaiate caiu.

Isso foi sua culpa. Você não limpou a van. Sua morte é sua culpa.

Reid pressionou as palmas das mãos contra o asfalto para se levantar, mas uma voz latiu da van atrás dele. “Sua arma. Afaste-a.” o atacante surpresa na van falou em inglês áspero e acentuado. “Faça isso ou você morrerá lentamente.”

Reid bufou frustrado. Ele estava no chão e encarando a direção errada; o sírio tinha presumivelmente uma arma apontada para suas costas. Após um momento de hesitação, Reid empurrou o Glock a vários metros de distância.

“Nas suas costas,” o atacante latiu. “Não se levante.” Reid fez como lhe foi dito, virando-se devagar para que estivesse deitado de costas. O assaltante estava na parte de trás da van; a janela do lado de trás do motorista foi estourada e o sírio barbudo inclinou-se parcialmente para fora com o estoque de um AK-47 contra seu ombro. “Quem é você?”

Reid balançou a cabeça devagar e não disse nada. *Nós não conversamos nunca.*

“Como você encontrou este lugar?” o irado sírio sacudiu a arma, como se isso pudesse provocar uma resposta. “Me responda!”

Novamente Reid não respondeu. Em vez disso, sua mente disparou. *Eles ainda não terminaram*, percebeu. O sírio não ficaria tão preocupado com quem ele era e como os encontrara a menos que achasse que havia uma chance de que sua trama pudesse falhar. *Eles não terminaram seu plano.*

“Faça do seu jeito,” o sírio rosnou. “Morte aos inf...”

Três tiros ruidosos dividiram o ar de repente, mas não eram disparos automáticos. O corpo do sírio recuou violentamente para trás e bateu contra a parede oposta da van. O Dr. Barnard estava a poucos metros do desafortunado corpo do alfaiate. Sua mão tremia quando abaixou a LC9 fumegante.

Reid saltou de pé, pegou sua Glock e enfiou a pistola na janela para limpar o resto da van. Satisfeito por não haver outros, correu para Barnard.

“Você está bem?”

O médico olhou para o chão. “Eu nunca atirei em ninguém antes,” ele murmurou.

“Ei. Você acabou de salvar minha vida, entende?” Reid agarrou o ombro do médico. O homem estava claramente abalado. “Nós provavelmente não temos mais do que alguns minutos até a polícia

chegar, então eu preciso de sua cabeça clara. Vamos lá.” ele puxou gentilmente o ombro de Barnard e o médico o seguiu até a entrada do porão. “Eu vou primeiro. Fique alerta.”

Cada homem manteve um aperto firme em sua pistola enquanto descia lentamente no laboratório improvisado. O magro sírio na parte inferior das escadas cuspiu em árabe, mas Reid o ignorou. O homem havia quebrado a perna no outono; o osso se projetava em um ângulo nauseante e o sangue encharcava seus jeans logo abaixo do joelho.

Reid limpou cuidadosamente a área primeiro - uma tarefa simples, já que era uma única sala aberta com piso de concreto - e não encontrou mais ninguém. Pelo menos ninguém mais vivo.

Ele correu para o homem de terno amarelo deitado prostrado de costas no concreto. A máscara do respirador estava rachada e, quando Reid a puxou, viu as feições suaves de um jovem francês e a ferida de bala na testa.

“Eu acho que seria seguro assumir que este é Adrian Cheval,” observou sombriamente. “Os sírios terminaram com ele. Eles devem ter o vírus. Devemos verificar novamente a van... Barnard?”

O médico mal ouvia. Olhou ao redor, maravilhado, para o laboratório meio desmontado. “Este homem transformou um dos vírus mais mortíferos conhecidos pela humanidade em um porão sujo da França.” balançou a cabeça tristemente. “Que desperdício de imenso talento. Imagine o que ele poderia ter feito se não tivesse sofrido lavagem cerebral por esses... *animais*.”

De repente, Barnard respirou fundo e correu para a extremidade do porão, onde um laptop fechado estava em cima de uma bancada. Ele abriu a tampa e a tela se abriu, exibindo o trabalho de Cheval: um fio de RNA cíclico inundado em tons vibrantes, rotulado com guias coloridas de anotações em francês.

“Meu Deus,” Barnard suspirou. “Este foi o processo dele, sua mutagênese. Se pudermos transmitir isso para a OMS, isso tornará a produção de uma vacina significativamente mais rápida.” ele se virou na direção de Reid. “A bateria está morrendo. Eu preciso da fonte de energia, do plugue...”

Reid olhou em volta rapidamente, mas não viu nenhum adaptador de energia para o laptop. “Não há tempo. Use isso.” enfiou a mão no paletó e tirou os óculos que Bixby lhe dera. “Há uma câmera nas lentes.” Reid pegou seu telefone e abriu a unidade da CIA. “Coloque isso e grave o que você puder. Ele fará o upload para a CIA.”

Barnard fez o que Reid disse, colocando os óculos sobre seus próprios óculos redondos e clicou freneticamente em todos os arquivos disponíveis que Adrian Cheval havia deixado no computador. Reid colocou o telefone na bancada ao lado do computador e deu uma olhada rápida em volta. Os sírios pegaram a maior parte do equipamento; havia pouco para encontrar além do laptop e alguns itens em uma prateleira além dele.

Ou talvez haja. Reid recuperou o canivete sírio caído, enquanto o homem continuava a atacar seu caminho e usou a lâmina para abrir o lado do traje de descontaminação de Cheval. Ele cuidadosamente enfiou a mão, pegou o celular do virologista e colocou-o em seu próprio bolso.

Quando se levantou de novo, ouviu o grito de aproximação das sirenes. “Hora de ir, Barnard.”

“Só um momento, Agente”

“Agora, Barnard.” Reid pressionou um dedo em seu fone de ouvido. “Encontramos o virologista. Ele está morto. Os sírios têm o vírus.” não houve resposta. “Maria? Watson?” Ninguém respondeu. “Vamos, Barnard...”

Era tarde demais. Ele ouviu os gritos dos pneus acima dele enquanto as sirenes gritavam no beco. Um momento depois, os clamores foram acompanhados por batidas de portas de carros e

pelo menos meia dúzia de vozes urgentes gritando umas com as outras em francês.

“Droga,” Reid murmurou. Eles não podiam se dar ao luxo de perder tempo explicando o que acontecera e verificando sua história. Ele precisava saber o que os outros haviam encontrado - e por que eles não estavam respondendo.

O magro sírio no chão grunhiu. “Você é americano, sim?” ele perguntou em árabe. Com alguma dificuldade, ele se ergueu em um cotovelo, o outro braço preso debaixo dele. “C-I-A?” ele enunciou cada letra com cuidado e em inglês.

Reid o ignorou, mantendo um olho na porta acima no topo das escadas. Uma figura apareceu ali, silhueta pela luz do sol atrás dele. Se alguém estiver lá em baixo, o policial gritou em francês, “mostre-se devagar e suba com as mãos acima da cabeça”.

“Morto,” Barnard murmurou. A bateria do laptop havia esgotado. “Eu acredito que tenho o suficiente para ser útil.”

“Temos outros problemas no momento,” Reid disse a ele. “Vamos lá. Eu falo.”

O magro sírio no chão, com a perna sangrando muito, riu com voz rouca. “Seu povo e os franceses, eles nem sempre são amigáveis.”

“O que ele está dizendo?” Barnard perguntou quando tirou os óculos de alta tecnologia.

“Ignore-o. Ouça, nós mostramos credenciais e dizemos a verdade sobre o que aconteceu aqui. Não *mencione* o vírus. Não está aqui e eu não quero causar pânico...”

“Como eles se sentirão,” continuou o sírio em árabe, quando descobrirem que suas mortes estavam em suas mãos?”

Reid perguntou com raiva. “Do que você está falando? De quem foram as mortes?” Apenas o alfaiate e um único terrorista foram mortos, e nenhum por ele.

O sírio riu novamente enquanto libertava o outro braço debaixo de seu corpo. Agarrado em seu punho estava um celular e seu polegar pairou sobre o botão de envio.

“Não!” Reid se lançou para a frente, mas não a tempo.

O terrorista sírio apertou o botão verde e a van lá fora explodiu.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

A detonação enviou uma onda de choque através do corpo de Reid. Ele sentiu isso antes mesmo de ouvi-lo, uma explosão ensurdecedora que transformou a porta acima deles em uma bola de fogo. Chamas lambiam as escadas e ele sentiu o calor intenso em seu rosto, mesmo quando se cobriu com as mãos e caiu no chão. Detritos caíram pelas escadas do porão.

O Dr. Barnard sentou-se no chão de concreto, balançando levemente e mexendo o queixo como se estivesse tentando falar. Ele estava tentando falar; Reid não podia ouvir nada além de um zumbido em seus ouvidos.

Você está bem? ele perguntou - ou tentou. Não podia ouvir sua própria voz sobre o gemido agudo em sua cabeça. Tentou novamente e tossiu na fumaça escura.

Ele se arrastou até o médico, agarrou seu braço e apontou para cima. Barnard assentiu vagamente e seguiu em frente, tropeçando um pouco, enquanto seguiam para as escadas agora carbonizadas.

O sírio estava inconsciente ou morto. No momento, Reid não se importava com o seu destino. Ele subiu as escadas de madeira com cuidado, temendo que a explosão as pudesse ter enfraquecido.

A van estava armadilhada. Provavelmente, no caso dessa situação exata, se alguma autoridade aparecesse com conhecimento do que estava fazendo. Foi por isso que o sírio na van tentou interrogá-lo. Ele queria saber se esperariam os outros. O terrorista no porão poderia ter detonado antes e matado ele e Barnard, mas ele esperou.

Ele esperou até que tivesse mais baixas. Não muito diferente da jihad criada pelo vírus do imã, atingindo as cidades mais populosas do mundo.

Lenta, mas seguramente ele e Barnard chegaram ao topo da escada, embora Reid imediatamente desejasse que não tivessem. A cena foi absolutamente horrível. A van ainda ardia, envolta em

chamas alaranjadas. Vários corpos jaziam no beco, alguns carbonizados e outros ensanguentados pela força da bomba.

“... Além do hediondo,” Reid ouviu Barnard dizer atrás dele. O zumbido em seus ouvidos estava diminuindo. “Eu não posso acreditar que qualquer pessoa gostasse de fazer isso aos outros.”

“Nós temos que reportar isso,” disse Reid com voz rouca. Ele enfiou a mão no bolso para o celular - mas o aparelho que ele tirou não era dele. Era do virologista. Seu telefone ainda estava no porão, na bancada de trabalho onde o havia colocado enquanto Barnard registrava imagens do computador de Cheval. “Eu tenho que voltar lá...”

“Agente, espere!” Barnard agarrou seu braço. A fachada sul do edifício, a mais próxima da van, fora muito afetada e o segundo andar ameaçava ruir. Madeira gemia ao arder. “Você não pode. Pode ruir. Pegue o meu, mas não volte para lá.”

O prédio gemeu e estremeceu. Desta vez, Reid agarrou o braço do médico, puxando-o para trás enquanto todo o telhado do prédio de dois andares deslizava lentamente do seu pico. Ele bateu na van em chamas, enviando uma chuva de brasas que obrigou ambos os homens a proteger seus rostos.

Se o sírio no porão ainda não estivesse morto, Reid raciocinou, ele logo estaria quando algumas toneladas de escombros desabassem.

“Dê-me o seu telefone.” Barnard entregou-o e Reid ligou o número de Langley. Ele teve que relatar o que acontecera aqui antes que as autoridades francesas ou qualquer outra pessoa, tivesse a ideia errada. Ninguém vivo fora da Virgínia sabia que ele e sua equipe estavam na França.

Ele estava prestes a apertar o botão verde quando um pensamento o atingiu com tanta força que quase deixou cair o telefone.” Jesus,” ele murmurou. *Se a van estava ligada, era porque*

estavam esperando problemas. E se for esse o caso... o apartamento de Claudette Minot também pode estar armadilhado.

Reid desatou a correr imediatamente

“Agente Steele!” Barnard seguiu o melhor que pôde. “Onde você vai?”

Não teve tempo para explicar. Ficava a apenas três quarteirões de distância. “Tente contatá-los no rádio!” disse a Barnard. Ele correu o mais rápido que pôde, lutando para abrir o GPS no telefone do médico ao mesmo tempo que corria.

“Agente Johansson? Agente Watson?” ouviu a voz tensa de Barnard atrás dele enquanto ganhava um avanço no médico do CCPD. Todo o tempo o mantra correu por sua cabeça, *por favor não, por favor não, por favor não...*

Ele virou uma esquina e praticamente derrapou até parar. Maria e Watson estavam lá, de pé na calçada, do lado de fora de uma fileira de casas conectadas, ambos parecendo desorientados. A expressão de Maria se dissolveu em alívio quando o viu - e imediatamente se preocupou.

“Kent, o que foi isso?” ela perguntou rapidamente. “Você está bem?”

“O que acharam?” ele perguntou.

“Não muito. Os dois telefones, mas apenas um homem e nós não achamos que ele seja o imã...”

Um homem. Era o que bastava. *Por que deixariam alguém lá?*

“Que unidade?” ele correu por eles. “Qual?”

“Kent, você vai parar por apenas um segundo e nos dizer o que aconteceu?” ela insistiu.

Não precisava de uma resposta; apenas uma das unidades tinha uma porta da frente aberta. Ele saltou para ver o Agente Carver de pé sobre um homem do Oriente Médio, que estava sentado calmamente no sofá da sala de estar.

Carver olhou para ele e franziu a testa. “Zero, o que diabos foi esse barulho?”

Reid não respondeu. Havia dois telefones celulares na mesinha de centro - e, com a atenção de Carver em Reid, o sírio se adiantou de repente, procurando um deles. Reid saltou e atacou o homem do sofá em um emaranhado de membros. O telefone derrapou pelo chão. Reid subiu para ele enquanto Carver colocava o joelho nas costas do sírio.

Ele abriu o telefone e apagou a bateria. Então, por precaução, fez o mesmo com o outro, um smartphone moderno.

Watson e Maria ficaram parados do lado de dentro e observaram por um momento enquanto ele desmontava os dois telefones. Barnard apareceu na porta, ofegante e encostado na armação.

“O que diabos aconteceu?” perguntou Watson.

“Você tem certeza de que não encontrou mais nada aqui?” ele perguntou.

“Nós revirámos todo o lugar,” disse Maria. “Não havia nada. Nenhum vírus, nenhuma prova...”

“Nenhuma bomba?”

Ela piscou para ele. “Não, Kent. Nós não encontramos nenhuma bomba. Jesus, foi isso que aconteceu lá fora?”

Reid esfregou o rosto e seus dedos voltaram com mechas grisalhas. Não podia imaginar como se apresentava perante eles, meio enlouquecido e coberto de fuligem e poeira. “O virologista está morto. O laboratório estava sendo desmantelado pelos sírios. Eles tinham uma van e ela estava armadilhada. Deve ter sido dois quilos de C-4, talvez mais. Eles detonaram... logo depois que a polícia apareceu.”

Maria cobriu a boca com a mão.

“Quantos?” perguntou Watson em voz baixa.

Reid sacudiu a cabeça. “Eu não tenho certeza. Três, acho... talvez seis pessoas, não incluindo três terroristas.”

“Cristo.” Watson andou de um lado para o outro na sala de estar. “E você não podia detê-los?” perguntou. “Você os deixou detonar a

bomba?”

“Eu *não* deixei!” Reid quase gritou. “Eu não esperava que eles...”

“Não esperava.” Watson zombou. “Você pelo menos os revistou? Deteve-os? Como eles detonariam a bomba se você fizesse o que deveria fazer?”

“Eu fiz o que deveria fazer,” disse Reid lentamente. O punho dele balançou instintivamente. Ele queria muito acertar alguma coisa, encontrar uma saída para suas frustrações, adrenalina e fracasso, e Watson estava bem à sua frente, ereto e agitado.

“Não, Zero, o que você *deve* fazer é evitar crises internacionais quando já temos uma em nossas mãos. Desde que estivemos aqui, você causou dois...”

Reid já não aguentava mais. Ele acabara de ver o alfaiate morrer, a bomba explodir e evitar outro desastre próximo, mas não estavam mais perto de encontrar o vírus. Não tinha paciência ou tolerância para ficar ali e sofrer mais abusos.

Deu um passo em direção a Watson e quase levantou o punho, mas Maria interveio. Ela se colocou entre eles, encarando Reid, e enfiou um dedo na cara dele. “Calma,” ela ordenou.

Seus olhos cinza ardósia perfuraram os dele enquanto ele olhava para ela. Suas narinas se abriram e ele abriu a boca para protestar, mas ela olhou de volta. “Eu disse, acalme-se.”

Ele soltou um longo suspiro que não percebeu que estava segurando. Parte da tensão diminuiu de seus ombros.

“Este não é o momento para tensões,” disse Maria aos presentes. “Agora, obviamente, chegamos a um beco sem saída, então há duas coisas que precisamos fazer: relatar a Langley o que aconteceu e conversar com nossa nova amiga síria.” Ela se virou para Reid. “Alguém vai estar procurando por nós?”

Ele balançou sua cabeça. “Acho que não.”

Maria levantou uma sobrancelha com expectativa. “Você não *acha?*”

“Não. Ninguém vai nos procurar.” Todos que o tinham visto e a Barnard na alfaiataria e no porão estavam mortos.

Do lado de fora, as sirenes de emergência gritaram quando o pessoal de bombeiros e resgate lidou com as consequências da explosão a poucos quarteirões de distância.

“Foi um erro vir aqui,” Watson reclamou. “Devemos sair antes das autoridades francesas chegarem.”

“Eu disse que ninguém sabe que estamos aqui,” disse Reid. “Olha, você não vê? Isto foi um engodo. O Imam é mais esperto do que nós pensávamos. Ele deixou seu telefone no apartamento de Claudette Minot por um motivo. Era a única maneira de rastreá-lo. E se encontrássemos a garota, encontraríamos Cheval. Ninguém se incomodou em remover o celular também. Essa van foi conectada como um fail-safe. Talvez eles não estivessem esperando problemas, mas tinham uma maneira de nos atrasar se viéssemos.”

“Mas nós não encontramos nenhuma bomba aqui,” disse Carver. Ele ergueu o sítio do chão acarpetado e empurrou-o de volta ao sofá. “Só esse cara.”

Reid pensou por um momento. Olhou para as metades dos dois telefones no chão onde os jogara. Se a especulação deles estava certa, um deles pertencia ao Imam e o outro a Claudette Minot.

“E se não estivesse tentando explodir alguma coisa?” Reid sugeriu. “E se ele estivesse tentando avisar alguém? A trilha levou de volta aqui. A van estava carregando explosivos. Talvez eles não esperassem que alcançássemos isso rapidamente. A bomba na van poderia estar destinada a outro lugar.”

“Uma maneira de descobrir.” Maria se inclinou e pegou a bateria e as duas partes do telefone. “Eu posso verificar e ver se há algum número aqui.”

“De jeito nenhum,” interveio Watson. “Nós podemos estar errados. Essa coisa ainda pode ser um gatilho para uma bomba em

outro lugar.”

“Bem, há uma maneira de descobrir.” Reid entrou na cozinha e olhou em volta, procurando entre armários e gavetas.

“Ei.” ele sentiu uma mão em seu ombro e girou para encontrar Maria atrás dele. “Você parece um pouco abalado.”

“Estou bem.” não encontrou muito; um rolo de fita adesiva em baixo da pia, junto com alguns produtos químicos de limpeza e um conjunto de facas no balcão ao lado de um fogão a gás. *Isso é tudo que preciso.*

“Tentamos ligar para você quando a bomba explodiu,” ela disse baixinho ao lado dele. “Você não atendeu.”

“Eu perdi meu telefone.”

“Onde?”

Ele hesitou. “Sob um prédio.”

Ela assentiu lentamente, como se isso explicasse tudo. *Em nossa linha de trabalho, acho que sim.* Então, para sua surpresa, ela pegou o rosto dele em ambas as mãos e o beijou gentilmente. “Nós vamos encontrá-lo, ok?”

“Pode crer que vamos,” disse Reid. “Dê-me dez minutos com esse cara e nós vamos saber tudo o que ele faz.”

“Conseguimos fazer o upload de um vídeo do trabalho do virologista,” Barnard estava dizendo a Carver e Watson. “Assumindo que a CIA o recebeu, deve ajudar consideravelmente na fabricação de uma vacina.”

“Mas você mesmo disse, doutor,” Watson respondeu severamente. “Pode levar meses para produzir em massa e distribuí-lo.”

“Bem... sim” Barnard admitiu. “Eu apenas pensei que... poderia ser útil.”

Reid poderia dizer que Barnard estava tentando, à sua maneira, difundir o clima tenso. Sua pista resultara em um fracasso; eles tinham uma única pessoa para interrogar e nenhuma outra pista. O que quer que o homem no sofá tivesse que lhes dizer teria que ser o

próximo passo, então Reid prometeu certificar-se de que era a verdade - por todos os meios necessários.

“Eu dei uma boa olhada em nosso ex-virologista,” anunciou Reid. “Parece que ele está morto há pouco mais de duas horas. Isso significa que é perfeitamente possível que quem tem o vírus ainda esteja na França. Conversaremos com Langley e deixaremos que decidam se alertam ou não as autoridades francesas. Mas a minha preocupação agora não é como está indo mas para onde está indo. É como se *estivesse a sair* da França.”

“Vou ligar para Cartwright e Riker,” disse Watson.

Reid agarrou o homem sírio com um braço e o colocou de pé. “Vamos,” disse ele em árabe. “Você e eu vamos conversar na cozinha.” ele meio arrastou o homem pela porta. “Dez minutos,” disse ele à sua equipe.

Embora não fosse diretamente responsável pelo que acontecera na loja do alfaiate, esse homem tinha conhecimento disso. E Reid tinha certeza de que ele também sabia de outras coisas.

E vou garantir que você me conte tudo o que sabe.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

“Algumas pessoas podem começar algo assim dizendo que há uma maneira fácil e difícil.” Reid falou em árabe para o benefício de seu prisioneiro enquanto girava o dial para ligar um dos queimadores traseiros do fogão a gás. Ele clicou duas vezes e se acendeu em um anel de chamas azuis. “Eu não vou dizer isso. Só há um caminho: *o meu*.”

O sírio estava sentado em uma das cadeiras da sala de jantar, de costas para a mesa. Suas mãos estavam amarradas aos pulsos por fita adesiva, os tornozelos presos nas pernas de madeira e outra faixa sobre as coxas, amarrando-o à cadeira. No entanto, seu rosto era passivo. Se ele estava preocupado, não demonstrou.

“É assim que funciona o meu caminho,” Reid disse, sua voz baixa. “Eu vou te machucar. E então eu vou te fazer uma pergunta. Então eu vou te machucar um pouco mais, mas pior. Não há maneira de contornar isso e há apenas um caminho para isso. Isso é para você responder de forma rápida e honesta. Você entende?”

Os lábios do sírio se curvaram em um leve sorriso. “Eu não tenho medo de você. Eu não tenho medo da dor ou da morte. Apenas um pode me julgar. E eu vou encontrá-lo em breve.”

Reid se ajoelhou de modo que estava cara a cara com o homem. “Todos dizem isso. Normalmente, logo antes de os gritos começarem. Falando nisso,” ele pegou uma meia enrolada, uma de Adrian que tinha encontrado no sótão no andar de cima e enfiou na boca do sírio. “Nós não queremos acordar os vizinhos.”

A última vez que Reid conseguiu se lembrar de torturar alguém para obter informação fora um homem russo para conseguir informações da organização terrorista Amun. Na época, isso o havia deixado doente. O tempo todo ele continuava pensando: *não é isso que Reid Lawson faria*.

Ele estava errado então e não estava pensando assim agora. Reid Lawson era Kent Steele e vice-versa. Não eram duas mentes no mesmo corpo. Ele era um homem que, até ter suas memórias totalmente restauradas, estava simplesmente confuso sobre quem era. Mas, no momento, ele sabia exatamente quem era e do que era capaz.

Se o mapa que encontraram em Atenas estivesse correto, então Washington, DC, era um alvo. E apesar do fato de que milhões poderiam morrer se o vírus fosse liberado, Reid poderia pensar apenas que suas duas filhas estavam a poucos passos da capital do país.

Este homem e seus companheiros tinham, sem saber, ameaçado sua família. E isso fazia da tortura *exatamente* o tipo de coisa que Reid Lawson faria para protegê-las se fosse necessário.

“Barnard, você provavelmente não vai querer assistir isso,” disse Reid em inglês. O médico parou na porta, possivelmente para satisfazer alguma curiosidade sombria, mas com o aviso de Reid, ele assentiu e se virou. Maria ficou encostada na geladeira com os braços cruzados. Ela não era estranha a esse tipo de trabalho.

Reid pegou uma faca no bloco que encontrou e segurou perto da garganta do homem. Mas não estava cortando a pele. Em vez disso, ele bateu no colarinho da camiseta do sírio e abriu-a, expondo o peito.

“Nnggh.” o homem estava tentando falar, mas Reid não estava interessado no que tinha a dizer - ainda. Ele já havia descrito seu método e o primeiro passo não eram perguntas.

Ele segurou a cabeça de uma colher de chá sobre as chamas azuis no fogão a gás. “Eu não tenho tempo agora para explicar os diferentes graus de queimaduras para você,” disse ele em árabe. “Basta dizer que o que você está prestes a experimentar será uma queimadura de segundo grau.”

Ele pressionou a cabeça da colher no músculo peitoral esquerdo do homem. Seus olhos se arregalaram e a meia em sua boca abafou seu grito. Quando Reid puxou a colher, a pele estava vermelha e já começava a empolar ligeiramente.

Ele puxou a meia da boca do homem. “Qual é o seu nome?”

O homem zombou dele, ofegando ligeiramente. “Seu amigo aí... ele te chamou de 'Zero'.” Embora falasse árabe, ele disse “Zero” em inglês. “Você é o Agente Zero?”

“Sim, sou. E se você conhece esse nome, então você sabe que isso vai ficar muito pior para você.”

“O fato de eu saber isso significa que eu não vou sobreviver a isso de qualquer maneira. Não tenho mais nada a dizer.” o homem abriu bem a boca - mas não para falar. Ele estava convidando Reid para enfiar a meia de volta em sua boca.

Reid fez-lhe a vontade. O sírio parecia confiante, já sabendo que isso ia acabar em sua morte e acreditando que não tinha motivos para falar. *Mas ele vai. Para parar a dor.*

Ele colocou uma luva de forno e segurou a colher sobre as chamas novamente, desta vez mais tempo, até que a cabeça dela brilhou laranja. Quando ele pressionou no peito do homem, a pele chiou e imediatamente borbulhou em bolhas cinzentas e irritadas.

O sírio jogou a cabeça para trás e soltou um grito gorgolejante, afogado pelo pano em sua boca.

“Isso ainda é uma queimadura de segundo grau,” Reid disse a ele, jogando a colher e a luva na pia. “Para chegar ao terceiro grau, temos que fazer algo um pouco mais drástico.” ele abaixou-se de joelhos. “Maria, me dê aquela garrafa de limpador de chão.”

Ela passou a ele um jarro de plástico cor de âmbar e Reid espirrou sobre os sapatos do homem. Fedia a amônia e aroma artificial de pinho.

“Vou incendiá-lo agora,” disse ele sobriamente. “Começando com seus pés. Vai demorar muito tempo. Você vai assistir enquanto o

fogo derrete seus sapatos. Não vai doer - no começo. Não até as chamas comerem a borracha. No momento em que você sentir sua pele escaldante, será tarde demais. Suas calças vão pegar fogo. Suas pernas. Ele vai lentamente subir e engolir você. E eu vou deixar.”

Reid pegou um pedaço de massa que encontrou em um armário e segurou-o sobre as chamas azuis até o final ser pego como um fósforo improvisado. Então ele abaixou a chama em direção aos pés do terrorista.

“Mmm!” o homem gritou. “Nngh!”

Reid piscou para ele. “Eu sinto muito. Você deixou claro que não tinha mais nada a dizer para mim.”

Os produtos químicos se acenderam rapidamente, fogo laranja espalhando-se sobre os sapatos pretos do homem. O sírio gritou de medo. Tentou se debater na cadeira, chutar as pernas, mas a fita adesiva o manteve imóvel. Ele choramingou e sacudiu a cabeça para a esquerda e para a direita enquanto as solas de couro se curvavam e o cheiro acre de borracha queimada enchia a cozinha.

Reid olhou por cima do ombro. O Dr. Barnard ficou na porta de novo, observando, um punho fechado firmemente sobre a boca enquanto as chamas lambiam os topos dos sapatos do sírio, ameaçando se espalhar até a bainha de suas calças. Os ruídos de pânico que saíam de sua garganta eram como os de algum animal moribundo, vacilantes entre zurros, grunhidos e gritos abafados.

Depois de vários segundos, Reid se aproximou do ouvido e repetiu a pergunta anterior.

“Qual é o seu nome?”

Ele puxou a meia da boca do homem. “Por favor! Por favor, pare!”

“Seu nome.”

“Apaga isso, eu te imploro!”

“Você tem menos de um minuto antes de sua carne começar a queimar,” observou Reid. “Seu nome.”

“Abad! Meu nome é Abad!”

“Quem tem o vírus, Abad?”

“Ela, a moça!”

“Um nome, Abad! Qual é o nome dela?!”

“Claudette! Claudette! Por favor, pare com isso...” Abad apertou os olhos, choramingando incoerentemente.

“Onde Claudette está levando isso?”

“Eu não sei! Eu juro por Alá, eu não sei!”

“O que você sabe, Abad?”

“Norte! Eu sei que ela foi para o norte...” Abad estremeceu. O fogo estava queimando através de seus sapatos. “Por favor, dói, faça isso parar...”

“O que você estava tentando fazer com o telefone? Avisá-la?”

“Não!”

“Existe outra bomba?”

“Um carro, fora... preto...”

Reid olhou por cima do ombro para Maria. Ela deu um passo à frente e perguntou em árabe: “E o imã? Qual é o nome dele?”

Abad estava quase hiperventilando, seu peito arfando quando as chamas pegaram suas calças jeans. Cada respiração era um chiado intenso, seus dentes cerrados em agonia. Reid sabia que a dor de uma leve queimadura era intensa, torturante - e Abad nem havia começado a sentir o que poderia realmente acontecer se deixassem o fogo continuar.

“O Imam!” Reid exigiu. “Quem é ele?”

“Khalil! Seu nome é Khalil.”

Reid pegou uma toalha de um suporte pendurado e jogou-a sobre as chamas, apagando-as. O cheiro de borracha queimada e cabelo era atroz. Abad abaixou a cabeça, o suor escorria pela testa enquanto continuava a choramingar baixinho. O terrorista estava indubitavelmente sofrendo muito, mas o dano real causado foi mínimo - muito mais psicológico do que físico.

Reid se inclinou novamente, muito perto do ouvido do homem e sussurrou. “Isso ainda não foi uma queimadura de terceiro grau, Abad. Eu não vou te matar hoje, porque vou conhecer seu rosto. Se eu te ver de novo pelo motivo errado, o que você experimentou hoje parecerá misericórdia .”

Abad resmungou algo incompreensível quando a cabeça dele tombou para o lado. Reid e Maria o deixaram assim, passando pelo Dr. Barnard na porta.

“Claudette Minot tem o vírus,” disse ele a Watson e Carver. “Ela o levou para o norte.”

Watson sacudiu a cabeça. “Toda a França fica ao norte de Marselha.”

“Ela precisa tirar isso do país de alguma forma,” disse Reid. “Os aviões estão todos em terra.”

“Os portos marítimos estão fechados,” acrescentou Maria. “E ela não pode simplesmente atravessar a fronteira.”

“Os trens não estão funcionando,” disse Carver.

“Isso... pode não ser inteiramente verdade.” Todos os olhos se voltaram para Barnard, ainda de pé no limiar entre a cozinha e a sala de estar. “Os trilhos dos *passageiros* estão todos desligados. Mas e as linhas de frete?”

“Os trens de carga exigem apenas um motorista, às vezes dois,” sugeriu Watson. “Eles são todos verificados e avaliados.”

Reid acariciou seu queixo. *Linhas de frete na França. Claro.* Ele se amaldiçoou por não ter visto antes. “Jesus, Barnard, você é um gênio! A linha de Marseille-Ventimiglia!”

“O quê?” perguntou Maria.

“É uma ferrovia estabelecida em 1859,” explicou Reid rapidamente. “Duzentos e sessenta quilômetros de extensão, uma das únicas linhas internacionais que sai de Marselha e vai daqui para a Itália...”

“Mas a Itália tem uma proibição de viagem vigente,” Watson respondeu.

“Certo, mas se Claudette puder andar nos trilhos de carga para o leste, ela teria que continuar até chegar a um país que não tem uma proibição. Ou poderia ser um ponto de encontro. De qualquer maneira, é a nossa melhor chance.”

“Você sabe onde precisamos estar?” perguntou Watson.

Reid assentiu. “Marseille-Saint Charles, a estação ferroviária.”

“Vamos embora.” Watson liderou quando os cinco saíram correndo do apartamento, deixando Abad na cozinha. Eles se amontoaram na SUV branca com Watson ao volante.

Como correram pela rua com Carver dirigindo-o, Reid estendeu a mão para Maria. “Deixe-me usar seu telefone.” Ela o entregou e ele ligou para Langley.

“Riker.” ela parecia exausta.

“É Steele.”

“Você é a última pessoa que eu quero ouvir.”

“Precisamos descobrir se a França fechou linhas de frete,” ele interrompeu. Não estava com disposição para uma palestra. Ainda sentia um incrível remorso pelo que acontecera na alfaiataria.

“Linhas de frete,” ela repetiu. Seu tom sugeriu que entendia. “Vou colocar alguém checando isso.” ele a ouviu estalar os dedos e latir uma ordem para alguém no fundo. “Você acha que quem tem o vírus está se deslocando em um trem de carga?”

“Sim. É a nossa francesa, Claudette Minot.”

“Encontre-a rápido.”

“Sim. O nome do nosso imã desaparecido é Khalil. Não temos ideia de onde ele está ou do que está fazendo, mas parece que tem a intenção de deixar que os outros façam o trabalho sujo por ele.”

“Vamos investigar o mais rápido possível e reunir o que pudermos,” garantiu Riker.

“Tem mais. As autoridades francesas precisam saber que há um carro preto do lado de fora do apartamento de Claudette Minot com

explosivos. Dentro do apartamento há um terrorista envolvido no plano da varíola.”

Riker ficou em silêncio por um momento. Vamos torná-los conscientes. Me conte sobre a outra bomba.

Reid quase gemeu.

“Temos assuntos mais prementes.”

“Sete, Agente Zero. Sete policiais franceses mortos. Isso é *estonteantemente* incompetente. No momento, as autoridades francesas não fazem ideia de nenhum envolvimento da CIA, mas relatos de testemunhas oculares de prédios vizinhos viram dois homens brancos fugindo do local.”

“Ninguém mais falou conosco,” disse ele. “Ninguém mais sabia.”

“Mesmo assim, não podemos continuar mentindo para os aliados para encobrir seus erros, especialmente quando eles envolvem pessoas morrendo.”

“Não fui eu quem acionou a bomba,” argumentou ele.

“Não, mas estava ao seu alcance para pará-lo.”

“Você não estava lá,” disse ele desafiadoramente. “Você não sabe do que está falando.” ele estava ciente de que estava amontoado em um veículo com quatro outras pessoas que poderiam ouvir a conversa. Estava quase com medo que pudessem ouvi-lo pensar. *Você poderia ter parado. Você poderia ter procurado aquele homem.*

“O que eu sei, Agente Steele, é que você é uma responsabilidade. Se pudéssemos nos dar ao luxo, tiraríamos você desse caso. Asseguro-lhe que haverá repercussões para suas ações...”

Reid terminou a ligação, desligando antes que sentisse o desejo de dizer algo que mais tarde pudesse se arrepender. Entregou o telefone de volta para Maria e encolheu os ombros. “A chamada caiu.”

“ETA é de doze minutos,” anunciou Carver.

O joelho de Reid bateu no chão do carro. Era isso, tinha certeza disso. O fim da linha. Eles encontrariam Minot e o vírus e poriam fim à crise. Ele só podia esperar que eles a alcançassem antes que ela chegasse a um trem.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

“Olá, Departamento de Restauração.”

“Sim, bom dia.” Rais fez o melhor para afetar um tom profissional e amigável. “Meu nome é Charles Rothstein, do escritório de advocacia Holbrook & Leary. Estou ligando na esperança de obter algumas informações sobre um empregado passado.”

“Quem?” ele podia ouvir a carranca na voz da mulher.

“Bem, é um assunto delicado,” ele disse a ela. “Este funcionário em particular era uma mulher que faleceu de repente, cerca de dois anos atrás...” parou um pouco e deixou a mulher morder a isca.

“Oh. Você deve se referir a Kate. Kate Lawson.”

“Sim, isso mesmo.” *Kate Lawson*. Não sabia o nome da mulher; apenas sua aparência e que trabalhara no Smithsonian American Art Museum, em Washington, DC.

Na verdade, foi só depois que ele descobriu que ela era a esposa de Kent Steele.

“Que tipo de informação você está procurando, Sr....?”

“Rothstein,” Rais disse agradavelmente. Era nauseante ele agir assim... tão americano, mas era um passo necessário para encontrar o que precisava saber. Ele estava certo de que Kent Steele teria se mudado após os eventos de fevereiro, depois que os membros de Amun se revelaram nos Estados Unidos.

“Você vê, nossa firma foi contratada em um caso de negligência potencial por parte dos técnicos de emergência que chegaram em cena no momento da morte da Sra. Lawson. Tenho certeza de que não preciso dizer por quanto tempo esse tipo de coisa pode ser envolvida em litígios. Mas tenho o prazer de dizer que chegamos a um acordo bastante substancial, que eu tenho certeza que a família apreciaria...”

“Eu tenho certeza que sim,” a mulher concordou. “Essas pobres meninas, perdendo a mãe assim.”

“Sim,” Rais concordou em voz baixa. Soar simpático estava quase além dele. “Mas me deparei com um problema. Parece que os Lawsons mudaram recentemente e não nos forneceram um novo endereço. Suponho que possam ter esquecido que o caso ainda estava pendente.”

“Bem, não é de admirar,” disse a mulher. “Um pai solteiro com duas adolescentes? Eu não posso imaginar o fardo.”

Rais quase sorriu. Essa mulher estava lhe dando tudo - exceto o que ele realmente precisava saber. “Infelizmente,” ele disse, “Eu compreendo. Eu sou um pai solteiro. Na verdade meu filho tem quase a mesma idade da mais velha.”

“Ah, Maya?” a mulher suspirou. “Eu não a vejo desde que ela provavelmente tinha doze anos de idade. Foi num dia ‘leve seu filho para o trabalho’. Uma garota tão inteligente e feliz. Deus, ela deve estar pronta para a faculdade agora.”

“Sim, quase. Eles crescem tão rapidamente,” disse Rais. *Kate Lawson. Maya Lawson. Uma segunda garota mais jovem dos Lawson. Interessante.*

“Bem, Sr. Rothstein, por mais que eu gostasse de ajudar você, temo que, se os Lawsons se mudassem, não teríamos essas informações arquivadas,” disse a mulher. “Você já tentou entrar em contato com o provedor de seguro de vida de Kate?”

“Sim,” Rais disse, um tom de desânimo em sua voz, “mas é um pouco complicado quando você está lidando com alguém morto. A política deles é contra o compartilhamento de detalhes pessoais, a menos que isso seja necessário para processos criminais e infelizmente isso não se enquadra nessa categoria.”

A mulher zombou. “Bem, isso é estranho para mim. Espero que você tenha dito que estava apenas tentando ajudar a família.”

“Eu disse, mas entendo a posição deles. Lidar com tanto dinheiro, você nunca pode ser muito cuidadoso. Você só não sabe quando alguém vai alegar ser alguém que não é para ganho pessoal.” desta

vez, não pôde deixar de sorrir. “Eu sinto muito. Eu não peguei o seu nome.”

“É Cheryl,” a mulher disse a ele.

“Isso é adorável. Eu tive uma tia chamada Cheryl. Eu vou ser honesto com você, Cheryl. Este tem sido o meu caso há quase dois anos e, como mencionei, estou em uma situação semelhante à do Sr. Lawson, então também há um investimento pessoal nisto. Eu só quero que essa família tenha o fechamento de que precisam e o acordo que merecem. Se houver alguma maneira em que você possa me ajudar a encontrá-los, eu agradeceria muito. E eu acho que eles também.”

“Hmm.” a mulher, Cheryl, suspirou no telefone novamente e pensou por um longo momento. “Você sabe que mais, Sr. Rothstein? Talvez haja algo que eu possa fazer. Ainda teríamos todos os registros de emprego de Kate em nosso sistema e o museu precisa de três contatos de emergência. Um deles teria sido seu marido, mas se não me engano, ela tinha uma irmã em Nova York...”

Cheryl ligou para alguém no fundo. “Ben? Ben, lembra do nome da irmã de Kate Lawson?” houve uma breve pausa. “Foi isso? Ok, obrigada.” para Rais ela disse:

“Linda. Eu acredito que era Linda. Se eu puder colocar você em espera por apenas alguns minutos, eu poderia verificar o computador e encontrar um número de contato para você. Se alguém soubesse para onde Reid e as meninas se mudaram, seria ela.”

“Isso seria maravilhoso. Obrigado Cheryl.”

“Só um momento.” houve um clique e a música leve de violino começou quando ela o colocou em espera.

Rais lembrou-se de um velho ditado: *você vai pegar mais moscas com mel do que com vinagre*. Era uma parte de seu trabalho que a maioria em sua posição não conseguia perceber, muito menos nutrir. Uma faca ou uma arma poderia levá-lo a alguns lugares, mas

um tom agradável, forjando uma conexão emocional e encontrando um terreno comum poderia levá-lo a qualquer outro lugar.

Rais fez a ligação no alto-falante enquanto esperava que Cheryl voltasse com a informação. O carro que ele havia alugado no JFK com sua identificação falsa estava estacionado no estacionamento de uma mercearia no nordeste de Maryland a apenas uma hora de distância de DC. Presumiu que não teria sido transferido para muito longe de Langley, por isso absteve-se de ir mais longe até ter um destino.

E essa mulher confiante ia facilitar isso para ele. Rais não tinha arma e seu dinheiro estava acabando, mas tinha um tanque cheio de gasolina e uma lâmina bastante atraente que tinha comprado em uma loja de artigos esportivos no caminho.

Tudo o que ele precisava fazer era puxar esse fio um pouco mais e encontraria Kent Steele.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Reid abriu a porta dos fundos da SUV antes que parasse completamente fora da estação ferroviária de Marselha-Saint Charles. Os quatro Agentes e o Dr. Barnard saíram e subiram correndo as escadas brancas até a entrada.

É isso. Reid tinha certeza disso. Fim da linha. Encontramos o vírus, acabamos com essa crise.

“Minot tem vinte e três anos de idade, um metro e sessenta e dois, cabelo vermelho brilhante,” disse Reid enquanto subiam os degraus. “Vamos nos separar e encontrá-la. Watson e eu vamos para o lado sul da estação...”

“Eu vou com você,” Carver se ofereceu.

Reid assentiu. “Tudo bem, Carver e eu vamos para sul, Watson e Maria, vocês vão para o extremo norte. Barnard, você vem com a gente.”

Eles empurraram as portas da estação para encontrá-la estranhamente vazia e silenciosa. Com a proibição de viagens em vigor, o depósito de trem era uma cidade fantasma, trabalhando com uma pequena equipe de funcionários. Trabalhadores aproveitavam a oportunidade para polir o chão, enquanto alguns seguranças se aproximavam para alertar os possíveis passageiros que não sabiam da paralisação.

“Boa sorte,” Reid disse quando Maria e Watson pararam, indo em direção à seção norte da estação. Ele, Carver e Barnard foram na direção oposta.

“É improvável que ela esteja na estação, mas queremos ser meticolosos,” disse Reid a seus dois companheiros de equipe enquanto caminhavam apressadamente pelo chão vazio. Não queria atrair qualquer atenção indevida dos guardas de segurança no local. “Barnard, faça uma rápida varredura desse lado. Carver e eu vamos para o pátio de carga.”

“E se eu localizá-la?” o médico perguntou nervosamente.

“Use o rádio,” Reid disse. “Não a deixe fora de sua vista, mas não se aproxime dela sozinho.” com o telefone esmagado sob a pilha de entulho, o fone de ouvido de Reid era inútil, mas teria Carver com ele.

“Boa sorte, Agentes.” Barnard correu para um conjunto de escadas para verificar as plataformas enquanto Carver e Reid se dirigiram para uma saída traseira da estação.

“Estou supondo que os pátios de carga estarão atrás dos trilhos de passageiros,” Reid se aventurou quando se retiraram para a luz do sol da tarde novamente. “Só podemos esperar que ela não tenha embarcado em um...”

“Espere um segundo.” Carver parou. “Você ouviu alguma coisa?” Reid balançou a cabeça negativamente. Então ele entendeu o que Carver queria dizer. Não ouviu nada - nenhum barulho de motores, nenhum aviso de alerta, nenhum sinal para indicar um trem em movimento.

“Kent, eu não acho que as linhas de carga estejam funcionando.”

Mas isso tem que estar certo. Tem que estar. Eles haviam chegado longe demais para estarem errados novamente, para serem enganados pelo Imam e seus seguidores. “Estamos aqui. Isso se encaixa. Ainda vamos dar uma olhada.” Ele começou a correr pelos conjuntos de linhas vazias de passageiros em direção ao pátio de carga.

“Kent, espere.” Carver correu atrás dele, colocando um dedo no ouvido. “Langley acabou de confirmar isso com o Watson. Nada está funcionando. Este é um beco sem saída.”

Reid prosseguiu desafiadoramente. Ele se recusou a acreditar. Estavam errados sobre o virologista ser o cérebro por trás do enredo. Estavam errados em encontrar o imã em Atenas e sobre os terroristas que fugiam da França. *Não podemos estar errados novamente. É tarde demais para isso.*

A cerca de setenta e cinco metros da estação de trem e em mais de uma dúzia de pistas vazias havia um pátio de carga, literalmente centenas de vagões multicoloridos, alinhados de ponta a ponta nos trilhos. Como Carver acentuara, nada se movia. Tudo estava quieto e não parecia haver ninguém por perto.

Parou na parede de contêineres de carga amarelos, verdes, alaranjados e azuis. Contorná-los levaria muito tempo, então, ao invés disso, ele caiu de bruços e rastejou para baixo do vagão de trem mais próximo, passando pelo cascalho entre os trilhos. O cheiro de graxa de eixo e combustível se infiltrou em seu nariz.

Ficou do outro lado e esperou por Carver, mas o outro Agente não apareceu. Reid se inclinou e olhou por baixo do carro. Carver foi embora. *Onde diabos ele foi? Por aí? Houve uma chamada de rádio que eu perdi?* Ele entrou ligeiramente em pânico; e se Watson e Maria encontrassem Minot?

Ele deliberou por um momento. Carver se fora e Reid não tinha rádio. Não estava prestes a voltar; ele estava aqui e tinha um propósito.

Os altos vagões de cada lado formavam um corredor comprido e sombrio. Começou a descer pelo comprimento até chegar a uma seção de enormes cilindros largos assentados nos trilhos - vagões-tanque, transportando óleo ou algum outro tipo de combustível. As lacunas entre eles eram largas o suficiente para ele passar. Ele subiu com cuidado sobre o engate de um caminhão-tanque e desceu do outro lado para encontrar outro conjunto de trilhos carregados de vagões.

Este não é um corredor. É um labirinto. Ele correu ao longo do comprimento deles, tentando encontrar outra passagem para o outro lado, enquanto também estava de olho em qualquer sinal de movimento - não apenas de Carver, mas potencialmente de uma garota francesa carregando um filão cataclísmico de varíola.

Jesus, isso não acaba. Ele se espremeu precariamente entre dois vagões e se viu em outro corredor, o sexto consecutivo. Ele nunca estivera em um pátio de carga, pelo menos não que pudesse lembrar, mas ocasionalmente dirigir sobre a ponte de Bayonne de Nova York a Nova Jersey lhe proporcionara a visão do pátio de carga abaixo, e era enorme. Se o estaleiro de Marseille-Saint Charles tivesse metade do tamanho, ele poderia facilmente se perder aqui.

Ele se abaixou do engate de um vagão e estava prestes a soltar um suspiro frustrado quando parou de repente.

A menos de quinze metros dele estava uma figura, sentada no chão, de costas para ele, a cabeça de cabelo vermelho flamejante brilhando apesar das longas sombras dos vagões de trem. Ela tinha os joelhos puxados para o peito e, o mais importante, uma sacola marrom ao seu lado.

O coração de Reid pulou de emoção e ansiedade em igual medida. Ele a encontrou. E o vírus.

Ele levantou a bota para dar um passo na direção dela, mas fez uma pausa. O chão era de cascalho; ela o ouviria se aproximando. *Atire nela. Ela está sozinha e você tem uma chance clara. Uma única bala acabaria com tudo isso.*

Sua mão alcançou o cabo de sua Glock 19.

Então ele ouviu um som, possivelmente o último som que esperaria ouvir no momento. Claudette Minot fungando.

Ela estava chorando.

A mão de Reid deixou seu casaco vazia. *Não. Você já foi responsável por morte suficiente hoje e não vai atirar em uma jovem chorona pelas costas. Ela será detida e nos ajudará a encontrar o imã Khalil.*

Deu alguns passos em direção a ela, suas botas esmagando o cascalho. Ela virou-se de repente e, ao vê-lo, recuou, erguendo-se desajeitadamente.

“Claudette.” Reid colocou ambas as mãos para cima, palmas para fora, num gesto de não-violência. “Por favor, afaste-se da bolsa,” disse ele em francês.

“Fique para trás!” ela se inclinou e pegou a alça da sacola, colocando-a em seu ombro. Seus olhos estavam úmidos e vermelhos. Ela definitivamente estava chorando.

“Olhe a sua volta. Não há para onde ir. Existem outros comigo. Você não pode fugir disso.” Deu mais alguns passos lentos em sua direção.

Claudette olhou freneticamente por cima dele e por cima do ombro. “Eu não vejo mais ninguém.” havia uma tensão nervosa em sua voz. “Você está sozinho.”

“Também você. Não há trem, não há encontro. Não há Imam Khalil.”

Seus olhos se arregalaram em choque com a menção do nome do imã. “Como você sabe sobre ele?”

“Eu sei mais do que você pensa,” disse Reid. Ele manteve sua voz baixa, suave, não ameaçadora. “Eu sei o que está nessa bolsa. Eu sei que você precisa abaixar e se afastar.”

Seus olhos brilhavam com a ameaça de novas lágrimas. “Ele... ele me disse que os trens estariam correndo. Ele me disse para vir aqui, para encontrar o carro...”

O olhar de Reid voou de Claudette para o vagão de trem ao lado do qual ela estava sentada apenas momentos antes. Era um vagão-cisterna e embora tivesse sido pintado sobre cinza, marcas vagas mostravam onde antes fora branco.

Alarmes guincharam em sua cabeça. Algo estava muito errado. Tudo o que o Imam havia planejado até agora sugeria que ele estava um passo à frente da CIA, à frente de Reid. Como poderia fazer tal erro de cálculo?

Ele voltou sua atenção para a garota e a sacola.

“Eu não vou te dizer novamente. Coloque a bolsa no chão e afaste-se dela.” ela era uma fanática e tinha pouca esperança de

chegar até ela. Se ela não desse atenção ao aviso dele, ele teria que atirar nela.

“Você não entende.” ela olhou para o cascalho. “Eu não posso falhar agora. Eu não posso.” sua cabeça levantou lentamente, seu olhar avermelhado encontrando o dele. “Eu sou o Imam Mahdi.”

Reid congelou. *Imam Mahdi*. As mesmas palavras que morreram nos lábios do menino sírio em Barcelona. De repente ele entendeu. *O garoto não estava chamando pelo imã. Ele achava que ele era o imã.*

“Claudette,” disse ele lentamente. “Pense por um momento. O Imam Khalil disse a mais alguém que era o Mahdi?”

Ela balançou a cabeça rapidamente. “Não. Só eu. Sempre fui eu...” ela fungou novamente. “Ele... ele só disse a Adrian para fazê-lo mudar o vírus. Não era verdade.”

Reid suspirou consternado quando entendeu tudo. Este Imam Khalil não era um homem santo; ele era um vigarista, atraindo as pessoas com suas ideologias e convencendo-as de que elas eram importantes, uma figura de redenção, para seus próprios fins - uma jihad contra o mundo ocidental.

Essa garota era uma terrorista, sim. Ela estava na posse do que era atualmente a arma conhecida mais mortal do planeta. Mas ela também era uma jovem vulnerável que tinha sido doutrinada quando estava em seu nível mais baixo, um peão em um jogo que ela mal conseguia entender.

Pior de tudo, Reid sabia que não haveria como mudar de ideia. Ele teria que atirar nela se tivesse alguma chance de lhe tirar a bolsa.

“Eu sinto muito, Claudette. De verdade.” ele enfiou a mão no casaco e puxou a Glock 19.

Ao ver a arma, Claudette engasgou e abaixou a sacola até o chão. Por um momento, Reid pensou que poderia obedecer, mas em vez disso, ela caiu de joelhos e abriu o zíper.

Agora! gritou para si mesmo. *Você tem que fazer isso agora!* engoliu o nó na garganta enquanto apontava e apertava o gatilho.

Nada aconteceu, nem mesmo um clique.
O guarda-mato biométrico estava trancado.
Claudette tirou rapidamente uma caixa de aço da sacola, estampada em cada lado com um símbolo de risco biológico.

O pânico subiu no peito de Reid quando ele reposicionou o polegar e tentou novamente. Nada ainda. Olhou para a Glock; o bloco de polegar estava sujo de fuligem preta da explosão e consequente precipitação. Não estava lendo sua impressão.

Não! trocou a arma para a outra mão e tentou novamente, mas o dano havia sido feito. Não tinha tempo para limpá-lo e esperar que funcionasse. Os dedos da garota estavam soltando os quatro ganchos de metal da caixa.

Havia quarenta pés entre eles. Reid não teve escolha. Ele largou a arma e atacou-a tão rápido quanto suas pernas o permitiram.

Não estava nem na metade do caminho quando ela levantou a tampa. Mais uma vez, sentiu como se o tempo diminuísse, como se estivesse correndo em câmera lenta. Suas pernas não estavam se movendo rápido o suficiente.

Então - o queixo de Claudette se abriu em absoluta incredulidade. Reid esperava que ela alcançasse a caixa, para pegar um frasco e liberar o vírus.

Em vez disso, ela se levantou.

Seus braços caíram flácidos em seus lados.
Seus olhos piscaram rapidamente várias vezes, como se tentassem processar o que quer que estivesse vendo.

Reid derrapou até parar a três metros dela enquanto dava dois passos para trás. Não podia acreditar. *Ela viu e mudou de ideias.*

Seu olhar encontrou o dele e naquele momento ele a viu - não a fanática por lavagem cerebral, mas a verdadeira ela. Uma jovem

suscetível, assustada, desnorteada e completamente sozinha.

“Mas... mas eu sou o Mahdi,” ela disse suavemente.

Um único tiro rachou no ar. Reid agachou-se instintivamente quando o corpo de Claudette Minot convulsionou uma vez e caiu no chão.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Reid não pôde fazer nada além de assistir enquanto Claudette desmoronava de lado no cascalho. Seus olhos estavam arregalados e confusos, seus lábios ainda mostrando alguma expressão final, inaudível.

Cerca de vinte metros atrás dela estava o Agente Carver. Ele lentamente abaixou sua Glock.

Reid sentiu uma estranha mistura de raiva e alívio. Ele sabia que teria feito isso se fosse capaz, mas agora vê-la morta no chão o enchia de remorso.

“Está morta?” Carver perguntou, sua arma ainda no nível da cintura.

“Sim. Está morta.” Reid olhou para o Agente quando ele perguntou:

“Onde você estava?”

“Eu disse a você que estava dando a volta. Você não me ouviu?”

Reid sacudiu a cabeça. “Não. Não ouvi.” não importava agora. Carver tinha feito o que ele fora incapaz de fazer. Acordou de seu estupor e se fixou na caixa de risco biológico para dar uma olhada cuidadosa no que fizera Claudette Minot congelar daquele jeito e se afastar.

Ele segurou a respiração enquanto olhava para dentro. Tinha esperado, no momento, que a parada repentina da mulher significasse uma mudança de ideia, mas estava extremamente duvidoso que esse fosse o caso.

“Droga,” ele disse em um sussurro. A caixa de risco biológico de aço não continha frascos. Não continha um vírus.

A caixa não continha nada. Estava vazia.

“Não é o vírus,” Reid anunciou a Carver.

“Você deve estar brincando. Carver olhou para o corpo de Claudette e balançou a cabeça. “Que desperdício.” ele segurou um dedo em sua orelha. “Encontramos Minot, mas foi outro fracasso. Ela não tinha o vírus. Pátio de carga.” para Reid, ele murmurou:

“Suponho que deveríamos estar felizes por não ser outra bomba.”

“Temos que sair daqui.” Reid levantou rapidamente. “Se Minot foi uma pista falsa, então alguém tem o vírus. Isso foi uma distração, para nos colocar fora do caminho enquanto eles movimentam o vírus.”

Carver acenou com a cabeça e começou a trotar o comprimento dos trilhos de carga. Mas Reid não. Ele fez uma pausa. Algo sobre isso não parecia certo.

Porquê aqui? Por que enviar Minot para um pátio de carga? Por que o Imam a deixaria de lado? Se ela fosse uma manobra de diversão, poderíamos rastreá-lo e encontrá-la assim...

“Kent?” Carver disse lançando um olhar por cima do ombro. “O que se passa?”

“Desligue um segundo.” algo que Claudette dissera poucos momentos antes de ter sido baleada. “*Ele... ele me disse que os trens estariam correndo. Ele me disse para vir aqui, para encontrar o carro...*”

À esquerda, havia um vagão-cisterna cilíndrico, o que Claudette fora instruída a encontrar. Reid usou a manga de sua jaqueta para limpar um pouco da sujeira e graxa do lado.

Ele havia sido repintado, mas o primeiro lado ainda estava ligeiramente legível. As letras brancas que outrora tinham sido grandes e brilhantes no lado do petroleiro curvo diziam PETRÓLEO KHALIL.

Olhou para o caminhão em descrença. *Isto não é uma manobra de diversão. É uma pista. Nós fomos levados até aqui, enquanto o vírus chega onde precisa estar.* Tudo isso era um stratagema, não apenas para mantê-los ocupados, mas para levá-los a uma conclusão inevitável – sendo a mais importante que estavam atrasados.

Mas mais uma vez ele estava falhando uma ligação, entre o Imam Khalil e este vagão-cisterna, este petróleo Khalil.

“Petróleo,” ele murmurou em voz alta.

“O que é isso?” Carver veio trotando de volta para ver o que tinha encontrado.

Mas Reid não respondeu. Uma lembrança veio nadando em sua cabeça, empurrando forte como um peixe lutando contra a corrente.

O local negro da CIA em Marrocos. Designação H-6, também conhecida como —Inferno Seis—. Um interrogatório. Você puxa as unhas de um homem árabe para obter informações sobre o paradeiro de um fabricante de bombas.

Entre gritos e choramingos e insistências que não sabe, algo mais emerge.

Uma guerra pendente. Algo grande vindo.

Não há guerra pendente.

Uma conspiração. Um encobrimento. Projetado pelo governo dos EUA.

Você não acredita nele. Não no começo. Mas você não pode simplesmente deixar passar. Ninguém está sob esse tipo de coação.

Você sabia de algo, naquela época. Você não queria acreditar. Não no começo. Mas você encontrou mais. Outros que tinham pequenos pedaços de informação. Como um quebra-cabeça, você começou a montar.

Então Amun aconteceu. Você se distraiu. Você prometeu retornar a ela.

Você não teve a chance.

Reid respirou fundo quando uma dor de cabeça súbita e intensa invadiu seu crânio. Ele se inclinou para a frente, apoiando-se contra o vagão de caminhão sujo com uma palma. A milhares de quilômetros de distância, em seu escritório na Virgínia, estava a carta de Alan Reidigger. Nela, seu velho amigo lhe dissera que havia algo mais que Kent Steele sabia, algo perigoso. Antes do supressor de memória, o Agente Zero tinha estado envolvido em algo - algo que tinha medo de contar a qualquer outra pessoa, até mesmo Alan.

Você estava construindo um caso.

Você nunca terminou.

Você nunca contou a ninguém.

“Kent? Você está bem?” Carver franziu a testa, observando a expressão confusa, quase dolorida de Reid.

“Eu... eu não sei,” ele disse baixinho. “Eu não posso dizer com certeza, mas... mas eu acho que há algo muito maior acontecendo aqui.”

“Maior do que um vírus para acabar com o mundo?” perguntou Carver, incrédulo.

“Não, não. Maior em perspectiva. Algum tipo de conspiração...”

Uma guerra pendente. Mas não há guerra pendente... Existe?

Os olhos de Carver se estreitaram em preocupação. “Que tipo de conspiração?”

“Algo sobre uma guerra... algo a ver com o petróleo...” Reid se interrompeu. Não queria dizer mais sem saber mais - sem saber mais. “Esqueça,” ele disse rapidamente. “Precisamos descobrir exatamente quem é esse Khalil e onde ele está, antes que o vírus seja liberado no...”

Ainda de frente para o vagão-tanque, Reid sentiu uma pressão na parte de trás de sua cabeça. Era inconfundivelmente o cano de uma arma.

“Eu realmente gostaria que você não tivesse dito isso,” Carver disse calmamente. Sua voz soava genuinamente triste. “Porque agora tenho que fazer isso. Adeus, Kent.”

CAPÍTULO VINTE E OITO

“Por trás, Carver?” Reid disse rapidamente. Foi a primeira coisa que surgiu em sua mente antes que o outro Agente puxasse o gatilho. “Você atiraria em mim na parte de trás da cabeça?”

O momento de silêncio que se seguiu pareceu prolongar-se pela eternidade e Reid esperava que uma bala entrasse em seu crânio a qualquer milésimo de segundo. Mas, felizmente, a pressão do cano aliviou ligeiramente.

“Vire-se,” ordenou Carver.

“Pelo menos me diga por quê.” Reid estava abusando de sua sorte, ele sabia, mas era a única maneira que tinha de atrasar seu assassinato. “Por saber muito?”

“Por lembrar muito,” respondeu Carver. “Eu vi esse olhar em seus olhos. Você se lembra do que sabia naquela época. Agora vire-se.”

Reid entrou ligeiramente em pânico. Não se lembrava o suficiente para saber o que sabia naquela época, mas até mesmo o pouco que ele disse era aparentemente o suficiente para matá-lo. Ele sabia agora por que não dissera nada a Reidigger há dois anos.

“Quem colocou você nisso?” ele perguntou. “Mullen? Riker? A CIA também envolvida?” ele estava falando sério, tentando fazer com que Carver lhe desse nem meio segundo de abertura para reagir. Ele lentamente levantou as mãos, como se estivesse se rendendo. “Pense nisso um segundo. Você também sabe muito. O que você acha que eles farão depois que você fizer isso comigo?”

“Não é assim,” disse Carver. “E eu não vou te dizer de novo.” Reid sentiu uma mão em seu ombro enquanto o outro Agente puxava para girá-lo.

“Carver?”

Ambos se voltaram instintivamente ao som da voz de Maria. Ela estava olhando entre dois dos carros-tanque, subindo o engate e perplexa com o que estava vendo.

O Agente Carver olhou para ela, de volta para Reid, e sua expressão endureceu. No instante em que seu dedo apertou o gatilho, Reid juntou os braços levantados na frente do rosto.

A Glock latiu estrondosamente e uma bala atingiu seu antebraço esquerdo. Dor queimou através dele e o braço caiu inútil ao seu lado. Mas o outro braço já estava balançando para fora. Sua mão em concha atingiu o braço de Carver logo atrás do pulso com força suficiente para mandar a Glock para fora de seu aperto.

Reid preparou-se para o atingir com um chute, mas Carver estava pronto para isso. Ele se desvencilhou da bota que se aproximava, agarrou o pé de Reid e o arrancou do chão. Ele bateu no cascalho com força suficiente para tirar o ar de seus pulmões.

A vários metros dali, Maria desceu da carroça e puxou sua própria pistola. Carver agiu rápido, saltando em um rolo quando disparou um tiro. A bala não atingiu nada além de ar no espaço e ele desapareceu, rolando longitudinalmente sob o vagão do trem.

Maria correu para Reid, pegando sua Glock do chão. “Aqui tem. Você está bem?”

Ele apertou a mão sobre o braço, esperando ter que impedir o fluxo sanguíneo - mas não havia sangue. Ele inspecionou a ferida. Não havia buraco de bala e nem tanto quanto deveria haver.

O grafeno. Ele quase se esquecera que seu casaco fora reforçado. A manga impediu que a bala penetrasse sua pele. Doeu como o inferno e ele definitivamente teria uma contusão desagradável, mas nenhum osso foi quebrado e não houve ferida de entrada. Ele podia flexionar os dedos e mover o pulso.

“Que diabos foi isso?” Maria perguntou.

“Uma memória. Carver virou-se contra mim.” Reid caiu no chão e procurou por baixo do vagão do trem. Não havia sinal do Agente

renegado. “Algum tipo de encobrimento. Não há tempo para explicar.” ele subiu a escada de aço do vagão mais próximo. Não estava disposto a correr por baixo se Carver estivesse do outro lado com uma arma de apoio.

Uma vez em cima do carro, ele se agachou e freneticamente limpou a fuligem de sua Glock com a bainha de sua camisa. Passou o polegar pela língua e depois apertou a fechadura biométrica. A arma clicou; o guarda-mato foi aberto.

Maria começou a subir a escada atrás dele. “Espere,” disse ele. “Ligue para Langley. Fale com o Cartwright. Diga a ele que Minot está morta, que não há vírus aqui e que examine imediatamente o Petróleo Khalil. Há uma conexão com o imã que pode nos ajudar a localizá-lo.”

“O que eu digo a eles sobre Carver?”

“Nada. Nem uma palavra.” *Alguém já sabe.* Tinha certeza de que a hesitação de Carver em matá-lo era porque o Agente não estava trabalhando por sua própria vontade. Ele estava sob ordens.

Reid olhou cuidadosamente para o lado do vagão. Olhou para a esquerda e para a direita, mas não viu Carver. Não o ouviu também. O próximo conjunto de carruagens era demasiado longo para pular, então ao invés disso ele caiu para o lado e rolou quando aterrissou.

Não havia sinal de Carver. Ele fugira, parecia.

Mas eu lembro agora, pelo menos um pouco. Estava trabalhando em algo há dois anos. Recolha de informações. Tentando descobrir isso. O que quer que essa conspiração tenha sido, estava em ação há muito tempo, até mesmo naquela época.

Ele viu um flash de movimento em sua periferia. Não olhou para cima; girou para a direita e caiu de bruços quando dois tiros explodiram sobre sua cabeça. A menos de seis metros de distância, Carver inclinou-se por trás de um vagão-tanque, em pé no engate. Reid deslizou rapidamente por baixo do vagão, quando um terceiro tiro soou.

Não arriscou. Carver estaria esperando por ele e tinha uma segunda arma.

Carver tem o .38 Colt Cobra. Seis tiros. Ele usou três. Reid não queria se arriscar a forçar Carver a disparar os outros três tiros. Ele examinou o chão ao seu redor. Carver ainda estava de pé no engate ou subira em outro vagão; de qualquer forma, tinha a vantagem. Não havia nenhum lugar para onde Reid pudesse ir e não podia se arriscar a se revelar. Mas Carver também não conseguiu. Assim que descesse e mostrasse seus pés, Reid certamente levaria um tiro.

Impasse, pensou amargamente. Seu rádio era inútil, já que havia perdido o telefone no porão do alfaiate. Barnard tinha sua LC9. Reid tinha sua Glock 19, mas isso lhe ajudava pouco.

Espere um segundo. Com alguma dificuldade, ele conseguiu enfiar a mão no bolso do casaco e tirou o outro item que tinha à disposição. Era um cilindro pequeno e liso do tamanho de uma bateria. *A granada sonora.* O que Bixby disse sobre isso?

Se você estiver em risco, pressione os botões em cada extremidade do cilindro. Ele emite uma combinação de altas frequências que causam náusea imediata e perda de equilíbrio para qualquer pessoa dentro de um raio de cinco metros - exceto você, desde que esteja perto.

O técnico da CIA também disse que ainda não havia sido testado em campo e esse parecia um momento tão bom quanto qualquer outro. Ele segurou o aparelho entre o polegar e o dedo indicador. Então prendeu a respiração e apertou as duas extremidades o mais forte que pôde. Os botões pressionados com um pequeno clique.

E então, nada aconteceu. Não ouviu nenhum som, nenhuma frequência. O minúsculo aparelho parecia inerte; não havia indicação de que alguma coisa estava acontecendo.

Alguns segundos se passaram e então algo atingiu o cascalho do outro lado do vagão. Era um revólver calibre 38 e foi quase imediatamente seguido por um corpo.

O Agente Carver bateu no chão com um gemido. Ele rolou para o lado, os olhos apertados e a boca torcida em uma careta.

Tentou se levantar de joelhos e mãos, mas caiu de novo.

Algo acima de Reid também caiu, algo pesado bateu no metal corrugado com um ruído dissonante. *Oh Deus. Maria.* Ela deve ter seguido e subido no vagão. Ele ouviu um gemido suave que confirmou seus medos. Se ela caísse do vagão, poderia quebrar alguma coisa. Um membro ou pior.

Reid saiu debaixo do vagão e ficou parado com a granada sonora ainda na mão. Bixby estava certo; contanto que ele se mantivesse perto, não sofria nenhum dos efeitos nocivos que Carver estava experimentando. O Agente traidor gemeu novamente e vomitou uma pequena quantidade de bÍlis no cascalho.

Reid correu para ele e pegou o revólver Colt, enfiando-o no bolso da jaqueta. Ele percebeu de repente e desesperadamente que não tinha ideia de como desligar a granada sônica. Os botões estavam pressioandos; não parecia haver maneira de desativá-lo.

Carver saltou para ele com um grunhido e atacou Reid no chão. A força do golpe novamente lhe tirou o ar e sua Glock 19 saiu de seu aperto. Os dois homens aterrissaram em uma pilha, mas ele conseguiu manter o punho fechado em torno da granada sônica.

Muito perto. Eu cheguei muito perto dele. Carver montou Reid e o esmurrou com os dois punhos. Era tudo o que Reid podia fazer para manter as mãos para cima e proteger o rosto, mas enquanto Carver estivesse sobre ele, ele também estaria protegido da frequência.

Reid contraiu os quadris e Carver cambaleou para o lado. Ele se firmou com uma mão enquanto a outra balançava no rosto de Reid, faltando uma polegada. Reid respondeu com um gancho de direita que roçou a mandíbula do Agente enquanto ele empurrava a cabeça para trás.

Carver balançou novamente, mas Reid bloqueou o ataque com o antebraço. Ele gritou quando a dor se estilhaçou para cima e para baixo no braço do tiro deflectido. Ele trouxe um cotovelo para cima e conectou com o nariz de Carver. Ele caiu para trás, o sangue desabrochando de ambas as narinas.

Reid recuou para atingi-lo novamente quando uma voz soou atrás dele.

“Pare!”

Os dois se viraram. Maria ficou a uma curta distância atrás deles. Sua respiração estava irregular e havia suor em sua testa. Reid piscou surpreso. A granada sonora ainda estava em seu punho, os botões ainda deprimidos. A arma não testada de Bixby havia funcionado, mas apenas por um momento.

Nas mãos de Maria havia uma arma, mas não sua arma. Era de Reid, sua Glock 19 que caíra no chão enquanto os dois homens lutavam.

“Afastese, Kent.” ela tinha a arma apontada em Carver.

“Maria, espere.” Reid não podia muito bem dizer a ela que a arma não funcionaria para ela, não na frente de Carver. *Talvez ela saiba e está blefando*, ele esperava.

“Afastese,” ela repetiu. Ele afastou-se, ficando de pé com um gemido. “Por que você fez isso?” ela exigiu. “Por que você está tentando matar Kent?”

Carver ficou de joelhos enquanto limpava o sangue dos lábios. “Você não sabe o que ele sabe,” disse ele. “Você não sabe o quão perigoso é.”

“Se você sabe, você vai nos dizer,” disse Reid. “Quem colocou você nisso?”

Carver não respondeu. Olhou para Reid, seus lábios enrolados em um rosnado.

“Não vai dizer.” Maria deu um passo mais perto, ainda mantendo a arma apontada ao Agente. “Levante-se. De pé e se você tentar alguma coisa, eu vou atirar em você.”

Carver assentiu. Ele colocou as mãos para o alto e começou a se levantar. Depois jogou o peso do corpo para a direita, bateu no cascalho e rolou sob o vagão mais próximo.

Maria puxou o gatilho ou tentou. Com o bloqueio biométrico, o gatilho não se moveu. “O que...?”

Reid cambaleou para a frente e tentou agarrar Carver, mas o Agente continuou rolando, em baixo do vagão e indo para o outro lado. Reid lutou para libertar o Colt do bolso de seu casaco enquanto subia rapidamente a escada com uma mão até o topo do vagão. Carver se pôs de pé e correu pelo trilho de carga para longe deles.

Reid mirou com cuidado a perna de Carver. Mesmo que ele tivesse grafeno reforçando suas roupas, o impacto o derrubaria. Ele apertou o gatilho.

A arma clicou. Carver continuou correndo. Não olhou para trás nem hesitou.

Reid abriu o cilindro do revólver e não encontrou nada além de cartuchos usados. Carver tinha apenas três tiros. O Agente vira-casaca desapareceu ao redor de uma curva nos trilhos. Reid queria muito segui-lo, pegá-lo e forçá-lo a dizer-lhes por quê. Mas Carver estava desarmado e fugindo e eles tinham algo muito mais importante para perseguir.

Ele desceu de novo e pegou a arma de volta de Maria. “Biometria,” explicou ele rapidamente. “Na trava do gatilho.”

Ela zombou. “Droga, Bixby.” Então ela franziu a testa e se ajoelhou, pegando algo do chão. Era um pequeno pedaço de plástico, quase transparente - um fone de ouvido.

“Carver,” disse Reid. “Deve ter caído quando eu bati nele...”

“Ou então ele tirou de propósito,” ela respondeu. “Eu aposto que ele vai largar o celular também, então não pode ser rastreado. Aquele traidor filho da puta...”

Reid sacudiu a cabeça. Não queria fazer isso. Não a princípio, de qualquer maneira.

“Kent, ele tentou matar você”

“Eu sei. Não há desculpa para isso. Mas estou dizendo a você, ele estava agindo sob ordens. Estou certo disso. Vamos lá, temos que ir. Agora.” ele liderou o caminho, subindo entre dois vagões, enquanto Maria seguia. “Peço desculpa pela frequência,” disse ele enquanto saíam do pátio de carga como um labirinto. “Você está bem?”

“Estou bem,” disse ela. “Eu perdi minha arma, no entanto. Minot não tinha o vírus?”

“Não, mas tudo foi programado para parecer que tinha.”

“Então quem tem?” Maria perguntou sem fôlego.

“Se eu tivesse que apostar? É o Imam. Seu nome é Khalil. Este deve ser o plano dele, a jihad dele... Minot foi levada a acreditar que ela era o Imam Mahdi, mas não era.” *Nem o menino sírio. Ou o virologista.* “Khalil é. E eu não acho que ele confiaria em mais alguém para fazer o seu golpe de mestre.”

Por fim, libertaram-se dos vagões de carga labirínticos e entraram nos corredores de passageiros vazios que se estendiam entre eles e a estação. O Dr. Barnard e Watson se apressaram em direção a eles.

Watson tinha a arma desembainhada.

Sem hesitar, Reid derrapou até parar e levantou a própria Glock, apontando para a testa de Watson.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

“Pare aí e abaixe a arma, Agente Watson,” Reid ordenou em voz alta.

Watson congelou em total descrença. “Você está fora de si, Steele? Nós ouvimos tiros, nós viemos correndo...”

Reid não vacilou. “Coloque-a para baixo,” ele disse novamente com firmeza. Barnard deu dois passos incertos para trás. Até mesmo Maria parecia insegura sobre o que fazer, mas Reid não tinha escolha. Carver fora ordenado a abatê-lo pelo que sabia. E Watson era o ex-parceiro de Carver.

Watson levantou as mãos lentamente, mas não baixou a arma. “Onde está Carver?” ele exigiu. “O que você fez?”

Reid sacudiu a cabeça. “Ele está vivo. Ele fugiu. Logo depois de tentar me matar.” Teve o cuidado de não mencionar nada sobre sua memória ou a conspiração recentemente redescoberta.

“Não,” disse Watson em voz baixa. “Não, não teria...”

“Ele tentou,” Maria confirmou num tom apologético. “Eu vi acontecer, John.”

“E eu não posso arriscar que você faça o mesmo.” a mão de Reid estava firme, seu olhar inabalável. “Eu não te conheço bem o suficiente para confiar em sua palavra. Eu acredito que você é um bom homem e um bom Agente, mas ainda há alguém lá fora com o vírus. Esse é o meu foco agora. Eu não posso ficar de olho em você e espero que você não atire nas minhas costas quando tiver a chance.”

Watson zombou. “Você acha que eu faria isso, Kent?”

Ele balançou sua cabeça. “Eu não posso arriscar.”

“O que fazemos agora então? Você vai atirar em mim? Porque eu não estou colocando essa arma no chão. Não enquanto você tem uma apontada para mim.”

“Não,” Reid disse, “eu não vou atirar em você. Vamos deixar você aqui.” ele podia confiar em Maria; se ela estivesse sob as mesmas

ordens que Carver, ela teria tido muitas oportunidades para dar um tiro. Além disso, ele a conhecia. Ela não faria isso com ele. E Barnard era um médico do CCPD, não um Agente. “Nós três estamos indo atrás do vírus. Você faz o que quer que seja necessário para concluir essa operação, mas está sozinho.”

Watson sacudiu a cabeça. “Isso seria muito idiota da sua parte. Johansson disse-o. Precisamos nos unir agora mesmo, não nos desmoronar.” ele se virou para Maria. “Você me conhece. Você sabe que eu não faria uma coisa dessas.”

Maria desviou o olhar. “Eu teria dito a mesma coisa sobre Carver vinte minutos atrás.” ela suspirou. “Eu vou ficar.”

Por uma fração de segundo, Reid tirou o olhar de Watson para lhe lançar um olhar incrédulo. “O quê?”

“Eu vou ficar com ele,” ela repetiu. “Nós nos separamos. Você pega Barnard e o carro e vai. Watson e eu vamos encontrar transporte e ver o que Langley encontra no Imam. Se você receber uma ligação, ligue para nós e faremos o mesmo. Você não precisa ficar de olho no Watson. Eu fico.”

Reid mordeu o lábio. Não queria deixar Maria para trás também. Ele a queria ao seu lado. Ele a queria vigiando suas costas. Mas, além de deixar Watson para trás por completo, não conseguia pensar em um jeito melhor.

“Tudo bem,” ele concordou finalmente. “Barnard, dê a ela o Ruger.”

O médico pegou o pequeno LC9 de seu casaco e entregou para Maria.

“Coloque no coldre,” Reid ordenou Watson. O Agente lentamente colocou sua Glock de volta em seu arnês de ombro. Só então Reid baixou sua arma, embora ainda a mantivesse firme em suas mãos. “Se encontrarmos algo, ligaremos. Boa sorte. Barnard, vamos embora.”

Reid correu pelos trilhos com Barnard seguindo. Só quando chegaram à estação novamente ele colocou a arma no coldre. O médico permaneceu em silêncio até chegar à SUV branca estacionada do lado de fora.

“Eu deveria estar preocupado com o que acabei de testemunhar?” ele perguntou quando Reid ligou o motor.

“Sim,” ele respondeu com sinceridade. “Mas se você está me pedindo para dizer a você, eu não vou. *Poderia ser tão perigoso para você como, aparentemente, é para mim.* Pegue seu telefone. Ligue para esse número e coloque-o no viva-voz.” Reid recitou o número do telefone enquanto acelerava, guinchando para longe da estação de Marselha-Saint Charles e em direção à rodovia.

“Agente Baraf,” ele respondeu no segundo toque.

“É Kent,” Reid disse. “Eu preciso saber a atualização mais recente que a CIA forneceu à Interpol.”

“Kent? Onde está você e sua equipe? Não encontramos nada em Atenas...”

“Eu sei,” Reid respondeu apressadamente. “Baraf, o tempo é crucial aqui.” Ele duvidava muito que o vírus ainda estivesse na França. “O que eles te deram?”

“A CIA não nos atualizou nas últimas horas,” Baraf disse.

Reid bateu no volante em frustração. Maria ligou para investigar Khalil, mas a Agência não atualizou a Interpol. Ele já estava bem ciente de que algo estava muito errado por conta de um Agente tentando matá-lo e essa notícia só aumentou suas suspeitas.

“Baraf, faça seu pessoal procurar uma empresa chamada Petróleo Khalil. Isso é K-H-A-L-I-L. Eu preciso do que você conseguir, mas não compartilhe com a CIA. Só comigo.”

Baraf soltou um suspiro exasperado. “Agente Steele, o que está acontecendo?”

Quanto menos você souber, melhor. E eu não sei o suficiente para explicar isso para você.

“Baraf, por favor. Preciso da tua ajuda.”

“Tudo bem,” o Agente da Interpol concordou, embora um tanto hesitante. “Dê-me um minuto.” Baraf gritou instruções em italiano para alguém.

“*Adesso! Velocemente,*” acrescentou ele. Agora. Rapidamente.

“Petróleo?” Barnard perguntou. “O que você encontrou, Agente?”

“Eu não estou convencido de que o nosso imã é um homem santo,” disse Reid.

“Petróleo Khalil,” Baraf disse de repente, voltando à linha, “era uma empresa privada na Síria com uma segunda refinaria no Líbano, de propriedade de um homem chamado Hassan ibn Khalil...”

Imam Khalil, Reid pensou.

“... Ou seja, até 2011, quando foi desativada,” acrescentou Baraf.

“Por que foi desativada? O que aconteceu em 2011?” Reid perguntou enquanto percorria a rodovia. Eles ainda não tinham um destino, mas tinha uma noção de onde deveria estar. Ele virou para o sul.

“Parece que Khalil encontrou algum tipo de brecha no projeto de lei de tarifas de exportação que economizaria milhões,” leu Baraf. “O governo sírio, no entanto, viu isso como roubo. Eles apreenderam os ativos da empresa e os venderam para pagar o que foi considerado sua dívida e Khalil passou os dois anos seguintes na prisão por isso. Atualmente ele reside na Arábia Saudita, fazendo contabilidade para outro empreendimento petrolífero .”

Reid franziu a testa, perplexo. “Espere, o quê?” se esse era o caso, então quem era o Imam deles? “E a família dele?”

“Família...” Baraf parou por um momento antes de dizer: “Vamos ver. A maioria deles se mudou com ele após o advento da crise síria. Mas seu filho mais velho, Assad, permaneceu. Parece que não

tinha interesse no negócio de petróleo. Em vez disso, ele fez um nome para si mesmo causando alguns problemas aos sunitas locais...”

“Chamando-se Imam Khalil,” Reid terminou. Assad ibn Khalil, filho pródigo da família Khalil, era o Imam. Recrutando seguidores para sua causa.

“Correto, Agente Steele.” havia tanto confusão como trepidação na voz de Baraf. “Este Assad... você acredita que ele é o único por trás disso tudo?”

“Acredito,” Reid disse a ele. “E acho que ele tem o vírus. Ou pelo menos tinha. Se não está mais aqui, ele deve ter encontrado uma maneira de sair da França.”

“França?” Baraf repetiu de repente. “É onde você está?”

“Sim, sul da França, em Marselha.”

“Dio!” Baraf exclamou. “Por que você não disse isso? Kent, França era a brecha de Hassan!”

Reid franziu o cenho profundamente. “Desculpa?”

“A brecha que ele usou para explorar as tarifas de exportação,” Baraf disse rapidamente. “Qualquer navio que deixasse a Síria devia passar pela costa sul da França, de modo que Khalil comprou uma instalação de armazenamento no porto de Marselha. Ele descobriu que se alegasse estar exportando para a França em vez dos Estados Unidos e armazenando seu produto lá por pelo menos quatro meses, poderia exportar para os EUA a um custo muito menor e...”

“Baraf,” Reid interrompeu. “Quem é o dono da instalação agora?”

“Uh...” ouviu o barulho das teclas no fundo. “Ninguém, parece. É para locação e atualmente não utilizado.”

As mãos de Reid se apertaram ao redor do volante enquanto ele sentia um arrepio de alegria e medo. “Envie o endereço de sua instalação de armazenamento para este telefone imediatamente. Em quanto tempo você poderia conseguir ter Agentes lá?”

“Uma hora no máximo de helicóptero,” respondeu Baraf.

Isso levaria muito tempo. Ele e Barnard estavam a menos de vinte minutos da costa. “Envie-os,” ele disse de qualquer maneira. Não tinha ideia se a instalação seria um beco sem saída ou não, mas se não fosse, o que poderia estar lá poderia ser demais para um Agente e um médico do CCPD. “E Baraf? Não diga nada sobre isso. Ninguém fora da Interpol, exceto eu, e especialmente a CIA agora. Eu não posso te dizer por uê. Por favor, confie em mim sobre isso.”

Baraf ficou calado por um momento. Reid se sentiu mal por colocar seu amigo em uma situação como essa, mas até que ele soubesse mais sobre isso, não estava prestes a colocar mais ninguém na linha de fogo. “Tudo bem, Agente Steele. Vou avisá-lo quando meus Agentes estiverem próximos.”

Reid terminou a ligação. Só então notou que estava a quase noventa milhas por hora na estrada em direção à costa. Aliviou ligeiramente o acelerador; não podiam chamar atenção das autoridades francesas agora que tinham um destino.

O telefone de Barnard soou. “Eu tenho o endereço. O GPS diz que estamos a dezessete minutos de distância. Devo mandar isso para a Agente Johansson?”

“Sim,” disse Reid. Independentemente das intenções de Watson, ele confiou em Maria para ficar de olho nele. “Diga a ela para chegar lá o mais rápido possível.”

Antes que Barnard pudesse digitar a mensagem de texto, o telefone tocou na mão dele. Ele franziu a testa. “Chamador desconhecido. Devo atender?”

Reid tinha uma boa ideia de quem estava ligando. Não queria envolver mais a CIA e eles tinham um destino, mas uma curiosidade mórbida levou a melhor sobre ele. “Sim. Atenda.” Barnard colocou no viva voz e Reid disse, “É Zero.”

“Kent.” A voz do Subdiretor Cartwright estava baixa, pouco mais do que um sussurro áspero. “Jesus. Watson acabou de reportar. Algo sobre Carver se rebelar e atacar você...?”

“Você lhe deu essa ordem? Reid perguntou à queima-roupa.

“Estou no meu celular pessoal, sussurrando em uma maldita escadaria agora. O que você acha?”

“Deu? Reid perguntou novamente, com mais força desta vez.

“Não! Claro que não,” Cartwright insistiu. “Mas eu também sei que você não era o cara mais confiante antes de tudo isso, então eu não espero que você aceite minha palavra.”

“Bem, alguém deu.” *E há apenas uma outra pessoa liderando esta operação.* Reid não disse em voz alta, mas não precisava. Cartwright pegou no que ele estava sugerindo.

“Olha, quando tudo isso acabar, haverá uma investigação,” disse Cartwright com firmeza. “Se algo estiver podre no reino da Dinamarca, eu vou descobrir. Você me entende?”

Reid franziu a testa. A maneira como o vice-diretor o dizia, fazia parecer uma ameaça, mas a própria linha chamou sua atenção. *Podre na Dinamarca?* Ele conhecia a frase - era pronunciada por Marcelo na peça *Hamlet* -, mas parecia muito pouco característico de Cartwright citar uma peça sobre traição...

Algo se apagou em sua mente. Cartwright não estava falando sobre investigá-lo; ele estava falando de outra pessoa e a única outra pessoa envolvida era a assistente do diretor Ashleigh Riker. Mas não diria isso em voz alta. Reid não teria ficado nem um pouco surpreso se todas as paredes de Langley tivessem ouvidos.

“Eu entendo,” disse Reid. “Por que a CIA não compartilha as informações sobre a Petróleo Khalil com a Interpol? Eles não foram atualizados em horas.”

“Nossa inteligência sugere que é um beco sem saída,” disse Cartwright. “A empresa faliu há anos atrás.” o Dr. Barnard franziu o cenho para Reid. Sua boca se abriu como se quisesse protestar, mas Reid sacudiu a cabeça enquanto Cartwright acrescentava,

“Mas talvez a Interpol saiba algo que nós não sabemos. Olha, o vírus é o que importa aqui. Chegar a isso. E Zero? Continue fazendo o que está fazendo.” ele desligou sem outra palavra, mas Reid entendeu a mensagem.

E aparentemente também o Dr. Barnard. “O seu superior acabou de sugerir que mantivéssemos a CIA fora do circuito?”

“Sim. Eu acho que sim.” Reid mal podia acreditar, mas ele se encontrou realmente apreciando Cartwright. Ele ainda não confiava nele, pelo menos não completamente, mas o vice-diretor parecia estar ciente de que algo estava errado. A CIA estava se esforçando para manter o nome Petróleo Khalil fora do registro e fora das mãos de qualquer outra pessoa. “Então nós vamos. Se você receber uma ligação de Langley, não responda. Envie uma mensagem a Johansson com a localização.”

E esperemos que não seja tarde demais.

CAPÍTULO TRINTA

Maya bocejou ao descer as escadas, descalça e de pijama. Ela ficou na cama mais tarde do que normalmente faria; continuou acordando na noite anterior de terríveis sonhos com seu pai. Ela se preocupou com ele e até teve um forte desejo de enviar-lhe uma mensagem para ter certeza de que estava bem, onde quer que estivesse. Mas não o fez. Ela lhe dissera que só entraria em contato com ele se fosse necessário e uma mensagem dela poderia fazê-lo se preocupar desnecessariamente quando tinha problemas maiores com que se preocupar.

Ela acompanhava as notícias o melhor que podia sobre o que estava acontecendo na Europa. Vários canais usaram o termo “terrorismo”, apesar da posição oficial da Casa Branca de que não podiam confirmar que Barcelona era um ataque. Maya duvidava disso; afinal, seu pai havia sido enviado na mesma hora em que o surto começou.

Desde então, mais casos do vírus apareceram na Espanha, partes da França e até no norte de Portugal. Não só os Estados Unidos haviam barrado temporariamente as viagens internacionais, mas agora várias cidades estavam em alerta máximo, incluindo DC, a apenas vinte minutos de sua casa em Alexandria. Foi quase surreal ver as filmagens; seu bairro parecia o mesmo de sempre, calmo e tranquilo, enquanto a uma curta distância as pessoas entraram em pânico e deixaram a cidade aos montes.

Ela se perguntou se teriam até a escola na segunda-feira.

Maya entrou na cozinha para encontrar o Sr. Thompson, já completamente vestido e de olhos brilhantes, sentado no balcão e - *claro que estava* - limpando o revólver.

“Bom dia!” ele disse, um pouco alegre demais para o gosto dela.

“Bom dia.” ela foi direta para a cafeteira.

“Dormiu bem?”

“Nem por isso,” ela respondeu categoricamente. Maya se serviu de uma xícara e acrescentou uma grande quantidade de açúcar. Ela não se importava com o gosto naturalmente amargo e nunca admitiria em voz alta, mas beber café a ajudava a se sentir mais adulta. “Já teve notícias do meu pai?”

“Não,” respondeu Thompson com um sorriso. “Deveria ter?”

Certo. Thompson estava acompanhando a charada de que seu pai estava em uma escapada de fim de semana com sua nova amiga Maria. Não tinha ideia de que era uma mentira que Maya havia inventado. Ela resistiu ao impulso de contar ao velho que sabia de seu pai ou pelo menos sabia algumas coisas. Em vez disso, ela disse, “Estava apenas um pouco preocupada, com tudo acontecendo na cidade. Espero que ele possa chegar em casa bem.”

“Tenho certeza que ele vai ficar bem. Seu pai é um cara muito engenhoso.” Thompson começou a remontar seu revólver. Suas ações eram bem ensaiadas, parecendo quase instintivas. Maya não pôde deixar de assistir com um leve fascínio. Ela nunca tinha segurado uma arma antes, quanto mais disparar. “Que tal um café da manhã? Eu faço uma boa torrada francesa. E aposto que tiraria sua irmã da cama antes do meio dia.”

Maya sorriu maliciosamente. Ela não podia imaginar o ex-fuzileiro naval grisalho, com as pontas dos dedos escorregadias com óleo lubrificante, fazendo o café da manhã. “Você faz torrada francesa? Mesmo?”

“Claro.” Thompson encaixou o cilindro no revólver. “Faço isso para o meu neto o tempo todo.”

“Você é avô?”

Ele sorriu. “Eu nunca te disse isso? Sim, o garotinho tem sete anos agora. Seu nome é Mathew. Deixe-me lavar minhas mãos, mostrarei algumas fotos no meu celular.” Thompson levantou-se do banco com um grunhido e foi até a pia da cozinha.

Maya sorriu. Foi uma boa mudança de ritmo falar com o vizinho sobre algo diferente do que o Corpo de Fuzileiros Navais.

Ela reparou em movimento em sua periferia, algo passando pelas persianas abertas da janela da sala de jantar. Virou-se rapidamente, mas não havia nada.

Provavelmente apenas um pássaro.

O Sr. Thompson secou as mãos num pano. “Matt acabou de fazer uma festa de aniversário algumas semanas atrás. Sua mãe fez um bolo separado para que ele pudesse mergulhar a cara nele primeiro.” o velho riu. “Eu tenho fotos da bagunça que ele fez.”

De repente, Thompson ficou atento, com o olhar focado na janela mais distante da sala de estar.

Maya engoliu em seco. Ela sentiu um ligeiro nó de ansiedade se formando em sua barriga.

“Eu também vi,” ela disse baixinho. Algo ou alguém definitivamente tinha acabado de passar. E ela estava certa de que não era apenas um pássaro.

Thompson pegou sua Smith & Wesson e abriu o cilindro.

“Provavelmente não é nada,” ela disse, mais para seu próprio benefício do que para o dele. Ainda assim, sua voz mostrava receio.

“Maya, eu sei o que você provavelmente pensa de mim,” ele disse rapidamente. Enquanto falava, colocou seis balas no revólver. Levou apenas alguns segundos, o polegar e os dedos trabalhando com muito mais destreza do que Maya imaginaria ser possível. “Eu sou o velho louco do vizinho que carrega uma arma por toda parte. Mas acredite em mim quando digo que vivi uma vida perigosa e a única razão pela qual ainda estou aqui é por uma regra simples.” ele sacudiu o revólver para o lado e o cilindro se encaixou.

“Você *nunca* pode ser muito cuidadoso. Agora vou fazer uma verificação de perímetro. Eu quero que você suba as escadas, acorde sua irmã e desça ao porão. Entendeu?”

Ela assentiu.

“Sim.”

“Bom. Eu já volto.” ele empurrou a porta deslizante de vidro que levava ao convés, o revólver na mão apontado para o nível da cintura.

Maya não se conseguia mexer. *Não é nada*, ela disse a si mesma. *Poderia ter sido um animal. Uma entrega. Um trabalhador da concessionária. Ninguém sabe que estamos aqui.* Sua curiosidade levou a melhor sobre ela. Ela se esgueirou até a janela da sala e olhou através das persianas. Ela viu o Sr. Thompson quando ele virou a esquina do quintal, a arma em ambas as mãos.

Seu coração batia no peito. *Não vê nada. Ainda. Vá acordar Sara. Vá para o porão. Pegue seu telefone...*

Um braço serpenteou ao redor de seus ombros. Ela soltou um suspiro de choque quando foi puxada para trás contra o corpo de alguém. Então ela congelou em terror abjeto quando algo fino, afiado como navalha, pressionava contra sua garganta.

Era uma sensação que ela já sentira antes, mas isso não facilitava; no mínimo, piorou, quando o pânico e o pavor de ter uma faca no pescoço voltaram.

“Não grite,” sussurrou uma voz masculina. “Não faça um som que não seja responder a minhas perguntas ou eu vou cortar sua garganta.” o homem era incrivelmente silencioso. Ela nem ouvira a porta de correr se abrir. “Agora ande para trás.” deu um passo para trás e puxou-a com ele, mantendo-a apertada contra o peito. Ela fez o que ele disse, dando pequenos passos para trás com medo de que a faca pudesse deslizar contra sua pele.

“Você é Maya?” perguntou ele em voz baixa enquanto se moviam da sala para a cozinha.

Sua respiração era acelerada, sibilando pelo nariz. “Sim.”

“O seu pai está em casa?” ele continuou dando pequenos passos da cozinha para o corredor que levava ao vestíbulo.

“Sim,” Maya disse suavemente. “Ele está no porão. E há outros três Agentes aqui também...”

Seu agressor parou no foyer, pouco antes da escadaria. “Não minta para mim,” ele sussurrou. “Estou aqui há vinte minutos. Há um homem velho com um Smith & Wesson Modelo 19 Classic. Tem você. Provavelmente sua irmã está lá em cima.”

Sara. O pânico de Maya duplicou com o pensamento de sua irmã, adormecida e inconsciente. *Eu tenho que mantê-la segura.*

“Eu matei muitas pessoas, algumas delas mulheres e crianças. Não gosto de fazer isso, mas às vezes é necessário, especialmente quando se pretende atingir um objetivo. Se você mentir novamente, vou abrir sua garganta e depois farei o mesmo com sua irmã mais nova.”

Lágrimas brotaram nos olhos de Maya. “Não toque nela.” ela pretendia que suas palavras parecessem desafiadoras, mas em vez disso pareciam um apelo.

“Seu pai está em casa?”

“...Não.”

“Ele está no país?”

“Eu... eu não sei.”

“Você disse que havia outros Agentes. Então você sabe quem é? O que ele faz?”

Maya ouviu a porta de vidro se abrir. Uma onda de alívio tomou conta dela quando o Sr. Thompson chamou. “Maya?” um momento depois, ela ouviu o rangido familiar da porta do porão. “Maya, você está aí em baixo?” Passos “então o Sr. Thompson virou a esquina.”

Seu revólver levantou-se em um instante. “Largue a faca e vá embora,” ele ordenou com firmeza.

“Essas são 357 rodadas.” o assaltante soou estranhamente calmo. “Você arriscaria matá-la para atirar?”

“Eu sou muito bom atirador,” disse Thompson, com voz baixa e rouca.

“Então deveria tê-lo feito agora.” Maya sentiu a pressão da faca aliviar sua garganta ligeiramente. “Não se preocupe. Não tenho intenção de ferir a garota. Na verdade, eu vou devolvê-la a você.” o agressor se adiantou, forçando-a com ele. Deu outro passo.

Thompson manteve a arma apontada, seu alvo apenas sobre o ombro direito de Maya.

O homem de repente a empurrou rudemente. Ela tropeçou, agitando os braços em busca de apoio e colidiu com o Sr. Thompson. Ele a pegou e ao mesmo tempo torceu seu corpo, deixando-a em segurança no chão e fora do caminho.

Mas o assaltante avançou logo atrás dela. Ele balançou a faca em um arco apertado na garganta do homem mais velho. Mr. Thompson foi enganosamente rápido; ele saiu do caminho da lâmina e falhou por uma polegada. Quando tentou levantar a arma novamente, o agressor cortou para cima, cortando o antebraço de Thompson. Ele gritou e a arma caiu no chão. O estranho chutou para trás, para o foyer e para longe dos três.

Enquanto os dois homens se agarravam, Maya arrastou-se desesperadamente em suas mãos e joelhos, em direção à cozinha. Ela usou um banquinho para se levantar - seus membros ainda pareciam trêmulos e fracos com o medo de ter uma faca em sua garganta novamente. Ela pegou o celular no balcão.

Plano de emergência. Enviar mensagem a papai. Chamar a polícia. Seus polegares tremiam quando ela respondeu à mensagem de texto do pai, a do número de telefone desconhecido. *Responda aqui se precisar me contatar*, dissera. Então ela fez.

Socorro

Enviou. Então ela abriu o teclado e discou 9-1...

O assaltante se lançou para ela e passou um braço. O celular voou violentamente de suas mãos e caiu no chão. Naquele instante, ela olhou para cima e teve a primeira boa olhada nele desde que entrou na casa deles. Ele era magro, o rosto anguloso, as bochechas raspadas e lisas. Ele sangrava de um lábio. Seu cabelo

era escuro e cortado perto do couro cabeludo. Mas o mais inquietante eram os olhos dele, um verde profundo e vibrante que era ao mesmo tempo selvagem e animalesco.

Ele pegou o celular e enfiou no próprio bolso.

Atrás dele, o sr. Thompson lutou para se levantar. Ele estava de quatro no chão da cozinha, a cabeça baixa e um fio de saliva sangrenta pendendo de seus lábios.

Maya respirou com dificuldade, sem se atrever a se mexer. O assaltante não parecia estar com pressa; ele caminhou até o vestíbulo e pegou o Smith & Wesson, colocando-o na parte de trás do jeans. Então ele pegou sua faca de caça curva, aquela com que havia pressionado na garganta de Maya e parou sobre Thompson.

“Meu trabalho,” ele disse suavemente, olhando diretamente para Maya, “era mais do que apenas assassino. Também era mensageiro. Eu vou te mostrar como eu mandei mensagens. Você vai assistir e desta forma você saberá que estou falando sério.”

“Por favor, não...” sua voz foi silenciada, praticamente um sussurro.

O assassino empurrou Thompson com um chute rápido de sua bota. O velho grunhiu e cambaleou de costas. Um dos olhos estava inchado até a metade e o sangue saía do nariz.

Maya colocou a mão sobre a boca. *Ele vai matar o Sr. Thompson. Eu tenho de fazer alguma coisa. Eu tenho que...*

“Maya.” Thompson grunhiu novamente de dor. “Vai.”

O agressor montou em Thompson. Ele levou a faca para cima com as duas mãos e depois a baixou.

A mão de Thompson voou para cima para encontrá-lo. A faca afundou na palma da mão e saiu do outro lado. Ele soltou um grito gutural, mas segurou a faca, empurrando-a com a mão furada e a outra. O assassino rangeu os dentes e se inclinou na faca, empurrando o mais forte que podia. Seu corpo estremeceu quando

balançou sobre a faca, empurrando-a para a frente centímetro por centímetro, enquanto suspiros e rosnados selvagens escapavam de sua garganta como algum tipo de fera selvagem.

“Vá!” gritou Thompson, alto o suficiente para colocar Maya em ação. Ela pulou e correu passando por eles, no vestibulo e nas escadas. Ela parou por um momento e então enfiou a mão no bolso do casaco de couro do seu pai que estava pendurada perto da porta.

Saiu novamente segurando uma pistola preta. Sua mão tremia. Ela nunca havia segurado uma arma antes e isso a aterrorizou.

No foyer atrás dela, o assassino apoiou o peso do corpo na faca, cuja ponta estava posicionada diretamente sobre o coração do Sr. Thompson. A força do homem mais velho estava falhando e. Se ela não fizesse nada, ele estaria morto em instantes.

Maya não podia deixá-lo morrer.

Não houve tempo para examinar a arma ou verificar se estava carregada. Em vez disso, ela agarrou o cano em seu punho e levou o cabo rapidamente pela parte de trás da cabeça do assassino. O baque surdo de aço contra osso ressoou em seu braço, revirando seu estômago quando o assassino grunhiu e caiu de lado.

“Eu lhe disse para ir!” Thompson lutou para se levantar em seus cotovelos, a faca ainda perfurada em sua mão. Ele tossiu e sangue manchou seus lábios. “Pegue sua irmã...”

O assassino sentou-se novamente com a mesma rapidez com que caíra. Seu rosto estava vermelho brilhante e rosnando quando ele estendeu um braço e golpeou Maya na boca. A dor aguda picou seus lábios e ela quase caiu. O agressor tentou se levantar, mas Thompson conseguiu encontrar uma onda de força e envolveu-o por trás, pela cintura, puxando-o de volta ao chão.

Os dois homens se agarraram no chão, espalhando sangue pelo azulejo. Maya só podia assistir o emaranhado de membros, pés

chutando, punhos voando. Do tumulto vinha apenas uma palavra, na voz rouca de Thompson.

“Sara!” ele gritou.

Sara. Mantenha-a segura. Maya forçou as pernas a se moverem para se levantar. Seus pés bateram nas escadas quando os dois homens grunhiram e ofegaram da cozinha.

Sua irmã estava acordada, sentada de olhos arregalados na cama enquanto Maya entrava em seu quarto. “Eu ouvi batidas e gritos...” ela viu a pistola preta na mão da irmã e ofegou. “O que está acontecendo?”

“Sara, me escute.” Maya se ajoelhou ao lado da cama. “Alguém está na casa. Você precisa fazer o que eu digo, não importa o quê. Certo?”

Os olhos de sua irmã pequena imediatamente se encheram de lágrimas e seu lábio tremeu, mas ela assentiu rapidamente. Seu pai, superprotetor como costumava ser, instalara uma escada de mão em uma janela de cada um de seus quartos. Foram dois comprimentos de correntes de vinte e cinco pés com degraus entre eles que se abriram em uma escada no caso de ocorrer um incêndio ou outra emergência. Elas poderiam descer, correr para a rua, fazer muito barulho...

Maya correu para a porta e ouviu. Ela ouviu os grunhidos de esforço dos dois homens no andar de baixo. Então um grito gutural profundo - não, dois.

Então parou. Maya congelou, ouvindo o mais intensamente que podia. Alguém ofegou, respirando com dificuldade pelo esforço.

Ela não podia hesitar. Abriu a janela e empurrou a escada de incêndio para fora. Desdobrou-se com barulho, a extremidade mais distante batendo contra o chão no quintal.

Passos firmes nas escadas alcançaram seus ouvidos e ela congelou novamente. *Se fosse Thompson, ele teria nos chamado.*

Nos disse que era seguro. Ela não podia arriscar. Se fosse o assassino, elas não teriam tempo para fugir pela janela.

“Sara,” ela sussurrou rapidamente. “Eu quero que você entre no seu armário. Eu vou afastá-lo de você. Assim que você conseguir, desce as escadas e chega ao quarto de segurança. Compreende?”

“Maya, não vá”

“Não espere por mim. Tranque a porta atrás de você e ligue para a polícia. Agora vá. Vá!” ela praticamente empurrou sua irmã para fora da cama. Sara correu para o armário e fechou a porta atrás dela.

Maya segurou a arma em seu punho e se escondeu entre a porta aberta do quarto e a parede. Ela mal se espremeu atrás dela a tempo; um segundo depois, o assassino entrou no quarto. Ela ouviu as botas suaves dele contra o carpete quando ele foi até a janela.

Ela se atreveu a olhar em torno da borda da porta. O assassino enfiou a cabeça pela janela, olhando para o quintal em busca de sinais das garotas. Em seu punho estava a faca, sua lâmina coberta de sangue. Seu estômago revirou-se ao vê-lo.

Sr. Thompson... Suas últimas palavras foram para ela - para ela salvar sua irmã. Maya saiu de trás da porta e saiu correndo do quarto, batendo os pés intencionalmente no chão de madeira.

O assassino a perseguiu, mas ela tinha uma pista. Ela passou pelo seu próprio quarto e entrou no quarto do pai, batendo a porta atrás dela. Ela rapidamente olhou por cima da arma em suas mãos; havia uma segurança em algum lugar e o pai era do tipo de a manter. Ela encontrou um pequeno botão preto logo acima do gatilho e apertou-o.

A maçaneta girou devagar e a porta se abriu, o assassino em pé. Ele piscou duas vezes, quase uma expressão de surpresa, para se

encontrar cara a cara com o cano de uma Glock.

Então ele sorriu.

“Você sabe como usar isso?”

Ambas as mãos tremiam, enroladas na pistola.

“Se você sabe quem é meu pai, então você sabe que eu sei.”

Por cima do ombro, Maya viu Sara deslizar silenciosamente escada abaixo. A menina mais nova hesitou por um momento, boquiaberta quando viu a irmã com o agressor sob a mira de uma arma, mas fez o que Maya pediu e desceu as escadas apressadamente. Seus pés descalços mal fizeram um som.

“Eu tive a sensação de que poderia morrer aqui hoje,” disse o assassino. “Mas na sua mão? Isso seria... inesperado.”

Ambos ouviram um pequeno grito de terror vindado andar de baixo.

Maya havia esquecido de avisar sua irmã sobre o que poderia ver lá em baixo.

O assassino não tirou os olhos dela. “Uma manobra de diversão? Bem feito. Mas não precisaria se você fosse me matar.”

Faça isso, disse a si mesma. Puxe o gatilho. Seus dentes batiam nervosamente. De repente, ela sentiu muito frio. Esse homem matou Thompson. Ele veio aqui para matar seu pai. Ele ameaçou sua irmã. Ele segurou uma faca na sua garganta.

Maya apertou os olhos e depois apertou o gatilho.

Nada aconteceu.

Sua boca se abriu em total descrença. Ela havia tirado a segurança, ela tinha certeza disso...

“Você tem que armar,” ele disse a ela. Ele parecia divertido. “Este escorrega de cima, bem aqui.” ele apontou, estendendo a mão e tocando a arma. “Continue. Puxe de volta.”

Maya deu um rápido passo para trás, para longe dele e puxou o escorregador de cima. Ele mal se mexeu; foi difícil puxar. Ela deu outro passo para trás, desesperadamente tentando erguer a arma.

O assassino se adiantou. “Eu suponho que nem mesmo Kent Steele deixaria um na câmara quando suas meninas pudessem encontrá-lo.”

Por favor, ela implorou. *Por favor, funcione*. Ela lutou e puxou, esforçando-se, até que houve um clique sólido quando uma bala deslizou para dentro da câmara. Quando ela ergueu a pistola novamente, o agressor levantou uma das mãos e tirou-a facilmente de seu aperto.

“Você tem alma. Não haja dúvida que é sua filha.” rápido como um flash, mais rápido do qualquer reação, ele socou o lado de sua cabeça. Seus dedos ficaram logo atrás de sua mandíbula. Ela sentiu o impacto, mas sem dor, enquanto as estrelas nadavam em sua visão.

Maya estava inconsciente antes de cair no tapete.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Reid dirigiu a SUV lentamente ao longo do largo asfalto do porto de Marselha. O porto industrial era uma enorme extensão de guindastes, docas secas, silos, instalações de armazenamento e pilhas de contêineres de carga coloridos. Apesar de estarem fechados pelo governo, ainda havia uma quantidade surpreendente de atividade, já que os trabalhadores descarregavam o frete das embarcações ancoradas e pilotavam os guindastes para mudar lentamente os enormes contêineres de aço dos navios para as pilhas.

Ele estacionou entre dois silos acobreados e desligou o motor, deixando as chaves na ignição. Não mais que cem metros além do para-brisa, ficava a instalação de armazenamento que outrora pertencera à Petróleo Khalil, uma estrutura retangular de tijolos com janelas divididas a meio caminho das paredes. Uma faixa larga sobre um par de baias de porta de garagem anunciava que o prédio era para locação em francês e inglês.

“Tente contatar Maria no rádio,” disse ele ao médico.

Barnard pressionou um dedo no ouvido dele. “Agente Johansson? Agente Watson? Alguém pode me ouvir?” ele se virou para Reid. “Nada.”

Então eles ainda estão a pelo menos dois quilômetros de distância, fora do alcance do rádio. Tudo certo. “Tente pegá-la no telefone e obter um ETA.” ele pegou a maçaneta da porta.

“Espere, Agente Steele, você não vai a sério sozinho, vai?”

Reid assentiu. “Se ele estiver lá, não vou esperar pelo apoio. Diga para Maria se aproximar cuidadosamente e pela parte de trás.”

“Eu deveria ir com você.”

“Não,” Reid disse a ele. “Você fica aqui. Eu não sei o que vou encontrar lá, mas fique de olho. Se eu precisar de você, farei o que puder para avisá-lo.”

Barnard hesitou, mas assentiu. “Boa sorte, Agente Steele.”

Reid fechou a porta e foi direto para o depósito. Se alguém estivesse olhando, eles claramente o veriam se aproximando, com as mãos no bolso do casaco, tentando parecer o mais casual possível enquanto caminhava em direção à entrada, mas não havia como fazer uma abordagem furtiva. A área ao redor da instalação estava escancarada.

Seu ritmo cardíaco acelerou quando se aproximou. *Estará aqui, pensou. Khalil e o vírus. Não contava com isso. Não planejou isso. Ele achava que Claudette Minot seria o fim da linha para nós.*

Chegou à entrada, uma porta no canto sudoeste do edifício e parou para desembainhar sua Glock 19. Não havia janelas a uma altura que ele pudesse usar para ver o interior. Ele estaria entrando as cegas.

Reid tentou a maçaneta. Estava aberta. Ele sabia que não era um bom sinal.

Sabia que deveria pelo menos esperar por Watson e Maria, se não pelos Agentes de Baraf também.

Pensou em suas filhas em casa. Ainda não estava fora há dois dias, mas já parecia uma semana. Sentia muita falta delas e faria qualquer coisa para mantê-las seguros. Se houvesse mesmo uma chance de impedir que o vírus chegasse às costas dos Estados Unidos, ele faria isso sem pensar duas vezes.

Empurrou a porta e entrou no armazém, com a arma nivelada na mão direita.

A instalação de armazenamento vazio era enorme e cavernosa, os pisos de concreto varriam as colunas de aço largas e redondas que sustentavam o teto a cerca de nove metros acima de sua cabeça. Estava escuro por dentro; a única luz vinha das janelas divididas acima dele, em ângulo para reduzir a quantidade de luz do sol.

Pisou com cuidado, levando com sua arma. Seu coração desacelerou, mas sua ansiedade não. O lugar parecia estar vazio. Não havia ninguém e nada aqui.

Ainda assim ele cruzou o chão até o outro lado, só para ter certeza. Quando chegou à entrada oposta, de frente para o porto, uma voz soou clara, masculina e ecoando no espaço vazio.

“Você está sozinho?” perguntou a voz. Ele falava inglês, mas seu sotaque era claramente do Oriente Médio - na verdade, sírio.

Reid girou, rastreando o cano para a esquerda e para a direita, mas não viu ninguém. *As colunas.* Era o único esconderijo no prédio. Havia oito ao todo e não tinha ideia de onde a voz tinha vindo. Ele andou o mais silenciosamente possível para a direita, para poder ver os quatro no lado oeste do prédio.

“Abaixe a arma, por favor.” a voz era surpreendentemente gentil, calma até.

“Mostre-se,” Reid exigiu. “Mãos na sua cabeça.”

Lentamente, um braço passou por trás de uma das colunas ocidentais, a segunda da fila. Dedos castanhos enrolados em torno de um objeto.

Um telefone celular. Com o polegar no botão de envio verde.

Reid sabia imediatamente o que isso significava. Seu olhar voou para cima e para baixo, mas não viu fios, nem bombas. *Onde então?*

“Largue isso,” Reid ordenou. “E apareça.”

“Você está sozinho?” a voz perguntou novamente.

Reid ficou frustrado. “Aqui sim. Mas o edifício está cercado. Existem dezenas lá fora. Não há para onde ir.”

“Eu vou sair,” disse o homem. “Mas você deveria saber o que é isso e o que significa. Se você apertar o gatilho, pressionarei este botão e metade de Marselha explodirá. A porta inteira está conectada. Seus amigos do lado de fora morrerão.”

“Eu não vou atirar,” disse Reid. *Pelo menos não até saber onde está o vírus.* “Mas não vou baixar a arma também.” mesmo que estivesse mentindo sobre a instalação estando cercada, não sabia se o homem estava blefando. Havia trabalhadores inocentes no porto, para não mencionar o Dr. Barnard. Maria e Watson chegariam em breve. Agentes da Interpol estavam a caminho.

A figura saiu detrás da coluna. Ele era sírio, com feições suaves e uma barba escura e bem aparada nas bochechas. Usava um terno bege limpo com uma gravata vermelha.

O homem não era nada do que Reid esperava. Achava que encontraria um homem barbado, bravo e militante em uma taqiyah ou turbante, gritando sobre a glória de Alá e a morte dos infiéis. O homem diante dele parecia ter acabado de sair de uma reunião de acionistas. Ele parecia muito mais o filho de um rico magnata do petróleo do que um homem santo.

No entanto, sua aparência não o tornava menos perigoso.

“Assad ibn Khalil,” disse Reid lentamente.

O olhar suave de Khalil brilhou quando balançou a cabeça. “Não mais. Hoje em dia me chamo imã...”

“Você não é um imã,” Reid interrompeu. “Você é um golpista. Você explora pessoas fracas para realizar sua vontade.” Reid tinha-o na mira; a essa distância ele poderia enterrar uma bala no crânio de Khalil num instante. Mas aí arriscaria ele detonar as bombas e Reid precisava saber onde o vírus estava.

“Não é minha vontade. A vontade de Alá, louvado seja para ele,” Khalil disse claramente. “E com quem tenho o prazer de falar?”

“Me chamam de Agente Zero,” Reid disse a ele. Deu um passo lento e cuidadoso, quase imperceptivelmente deslizando o pé esquerdo para a frente.

Os lábios de Khalil se curvaram em um sorriso.

“O Agente Zero? Bem! É uma honra. Eu ouvi seu nome sussurrado em reverência e terror.” olhou Reid para cima e para baixo. “Embora eu tenha que dizer, estava esperando mais.”

Chega de conversa fiada.

“Onde está o vírus?” Reid exigiu.

Os olhos de Khalil voaram para a esquerda e para a direita. “Você veio sozinho, não é Agente Zero? Eu não acredito que o prédio esteja cercado. Pelo que ouvi, você é muito do tipo lobo solitário.”

“Onde está o vírus?” Reid gritou. E apertou com força sua Glock.

“Você não a encontrou?” Khalil perguntou, tentando soar inocente.

“Encontrámos. Claudette Minot está morta.”

Khalil sacudiu a cabeça.

“Que pena. Ela era uma garota tão adorável e leal.”

“Ela morreu confusa e sozinha,” disse Reid. “Carregando uma caixa vazia.”

“Ela morreu por uma causa grande e nobre,” retrucou Khalil, “a serviço do único Senhor verdadeiro”

“Chega,” Reid interrompeu. “Eu sei porque você está realmente fazendo isso. Isso é vingança, não é? A empresa da sua família foi tirada à força. Seu pai foi preso por dois anos. Não há jihad; apenas a sua vingança seminal contra as pessoas erradas.”

Khalil sorriu. Apesar da luz fraca do armazém, seus olhos brilhavam. “É nisso que você acredita, Agente Zero? A narrativa que você inventou para mim? Você não sabe nada. Eu nunca quis nada deles. A ganância e a opulência de minha família me deixaram doente...”

“E no entanto aqui está você, usando seu dinheiro e recursos para concretizar o seu plano,” Reid respondeu.

“Um meio para um fim, Agente. Isso é tudo.”

“Como convencer vários dos seus seguidores de que eles eram o Imam Mahdi, o Redentor? Você mentiu para eles. Você é responsável pelas mortes deles, assim como os pesquisadores na

Sibéria e as centenas em Barcelona.” Reid balançou a cabeça desgostoso. “Isso não é algo que um homem santo faria.”

Khalil lambeu os lábios. “Não? Você não conhece sua história, Agente Zero? Porque os precedentes para tais coisas são abundantes .”

Reid engoliu em seco. Khalil estava, infelizmente, certo; mais mortes, guerras e atrocidades foram realizadas em nome da religião do que qualquer outra motivação na história.

Mas ainda assim nada o justificava.

“Então porquê?” Reid insistiu. Se não por vingança, se não pela sua família, então por que você está fazendo isso?”

“Você sabe porquê,” respondeu o imã. “Essa é a jihad. A grande luta. A batalha contra os inimigos do Islã. Eu terei sucesso onde tantos outros falharam.”

Reid não podia acreditar no que estava ouvindo. Ele achava que devia haver uma motivação, um elo perdido que alimentava o plano de Khalil, sua raiva, seu desejo de ver tantos mortos. E havia, se poderia ser chamado de ideologia ou espiritualidade ou religião.

Para Reid, isso simplesmente parecia uma loucura.

“Você não terá sucesso. Acabou.”

Khalil balançou a cabeça tristemente. “Não, Agente. Receio que o vírus já esteja a caminho das suas costas.”

O coração bateu descompassadamente. O mapa que encontraram na Grécia sugeria que os alvos estavam em todo o mundo ocidental, em toda a Europa e nas Américas. “Encontramos o seu mapa em Atenas...”

“Uma farsa,” disse Khalil. “Uma distração. Barcelona não era um alvo; foi um campo de testes para garantir a eficácia do vírus. Quando se espalhou para a França, nós desenhamos esse mapa para causar pânico. Incitar desligamentos. Não há vinte e cinco alvos. Há apenas um. Nós vamos destruir os Estados Unidos por dentro.”

O cano da Glock tremeu ligeiramente. “Não,” Reid disse em descrença. “Você não tinha como sair do porto. Ainda está aqui em algum lugar. Você está blefando.”

“Não estou, Agente Zero. Eu te prometo isso. Meu povo está preparado. Eles sabem o que fazer e como obtê-lo. Eu planejei isso por anos e finalmente está chegando a bom termo. E a única razão pela qual estou dizendo isso é porque não há nada que você possa fazer para impedir isso. Assim que o vírus for liberado, não haverá mais a América.”

O sangue de Reid esfriara. *E com as viagens internacionais fechadas, o vírus seria contido em um país. Fronteiras para os Estados Unidos permanecerão fechadas, apenas nos outros lados. A totalidade da América se tornaria uma zona de isolamento se a infecção não pudesse ser interrompida...*

“Diga-me onde está o vírus,” ameaçou Reid, “ou vou atirar em você.”

Atire nele, gritou para si mesmo em sua cabeça. *Atire nele agora.*

Khalil riu amargamente. “Eu sei que vou morrer hoje. Faz parte do meu plano. O resto já está em movimento.” seu olhar suave encontrou Reid. “Mas eu não estaria dizendo nada disso se você não fosse morrer comigo.” ele desabotoou o casaco bege e abriu-o.

Reid deu um passo instintivo para trás, alarmado.

Não era o porto que estava programado para explodir - era Khalil. Vários quilos de C-4 estavam amarrados a um colete em volta do seu tronco em longos tijolos cinzentos.

Ele bateu em uma caixa preta no colete, logo acima do umbigo. “Tudo o que tenho a fazer é fazer a ligação e enviar o sinal para esse transmissor e nós dois vamos pegar fogo, junto com o edifício inteiro,” Khalil disse, passivamente. “Eu aceitei meu destino. Eu te disse que era uma honra, Agente Zero, e é dessa forma que o sinto. É uma honra levá-lo para a vida após a morte comigo.”

Reid manteve o homem na mira. Sabia que a saída traseira do prédio não estava a mais de cinco metros atrás dele, mas duvidava que pudesse chegar antes que Khalil apertasse o botão. Não ousou sequer olhar por cima do ombro.

Mas ele poderia ter explodido a qualquer momento. Esta era sua intenção, matar-se a si mesmo e quem pudesse com ele. No entanto, ele esperou. Ele me contou sua história e não poderia ter sido apenas por catarse.

“Você está empatando,” disse Reid. Sua mente racional gritava, percebendo completamente que era insano fazer algo a Khalil com o dedo no botão. “Você está esperando por algo.”

Khalil estreitou os olhos. “Você está interessado, Agente Zero.”

“O que você está esperando?” Reid deu um pequeno passo para trás. “É a última parte do seu plano, não é? Você precisa se certificar de que o vírus chegue onde precisa. É isso?”

Khalil lambeu os lábios nervosamente. “Meu plano é impecável. A única razão pela qual você chegou até aqui é porque eu deixei você chegar tão longe...”

“Não,” Reid interveio. “Você não acha que conseguiríamos mais do que Minot, mas você precisava de uma contingência. Você ainda está aqui porque precisa estar. O que significa que ainda há uma chance de pararmos isso...”

De repente, a entrada do sudoeste do prédio se abriu com um baque surdo. Maria e o Agente Watson avançaram, com as armas erguidas e as duas voltadas para Khalil.

“Parado!” gritou Watson. “Mãos no ar!”

A cabeça do imã girou instintivamente.

Reid queria gritar para eles, avisá-los da bomba, mas não tinha tempo. Ele caiu sobre um joelho e mirou com cuidado. Uma oração silenciosa passou por sua cabeça.

Ele disparou.

Khalil apertou o botão.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

O único disparo da Glock 19 de Reid trovejou no depósito vazio, soando três vezes mais alto. Até ele se assustou, cada músculo tenso enquanto esperava pela explosão subsequente - a bomba amarrada ao peito de Assad ibn Khalil.

O rosto de Khalil se contorceu em uma confusão abjeta. Seu polegar estava firmemente pressionado contra o botão verde. Então o telefone escorregou de seus dedos e caiu no chão. Sua outra mão tocou seu estômago, logo acima do umbigo, enquanto o sangue corria sobre os nós dos dedos.

Reid tinha apontado para o transmissor no colete. Sua bala encontrara sua casa e a inutilizara um instante antes que o polegar do imã encontrasse o botão.

Khalil caiu de joelhos, segurando o estômago.

“Jesus, isso é uma bomba?” perguntou Watson, incrédulo, seu objetivo ainda fixo em Khalil.

Reid soltou um longo suspiro que não percebera estar segurando. “Era.”

Watson piscou para ele, espantado. Então ele assentiu. “Bom trabalho, Zero.”

“Não é bem assim. O vírus não está aqui. Ainda precisamos encontrar...” parou quando o telefone tocou no chão.

Khalil olhou para baixo, sua respiração entrecortada. Seus lábios se contraíram quando sorriu fracamente. “Ainda chegaram... tarde demais.” ele tombou de lado com um gemido.

Reid pegou o aparelho. A tela exibia uma mensagem de texto que dizia apenas uma palavra: *Recebido*.

“Confirmação,” Reid disse baixinho. Ele estava certo; Khalil estava esperando por uma confirmação de que o vírus chegara onde precisava estar. *Não pode estar longe*. Ele correu para fora do depósito, deixando Khalil morrendo lentamente no chão.

“Kent, espere!” Maria e Watson seguiram enquanto ele abria o celular e removia a bateria. Não arriscava que não houvesse outras bombas no porto como Khalil alegara.

“Onde está Barnard?” olhou em volta freneticamente. O médico estava trotando em direção a ele da SUV que esperava.

“Agente Steele, o que aconteceu?” perguntou enquanto se aproximava.

“O vírus não está aqui. Khalil enviou para algum lugar,” Reid disse rapidamente para sua equipe. “Ele veio aqui por um motivo. Como poderia ter conseguido sair da França?”

Barnard sacudiu a cabeça. “Agente, o porto está fechado. Ninguém tem permissão para entrar ou sair.”

“Mas você ouviu o que Baraf disse. Khalil conhece esse lugar. Esta instalação pertencia a sua família. Ele deve saber algo... as rotas de navegação...”

“Através do Mediterrâneo,” Barnard terminou seu pensamento por ele. “Você está sugerindo que não precisa de um navio para vir ou sair daqui.”

“Ele só precisa de um para passar,” disse Maria. “Dr. Barnard, o que o plano do CCPD ditaria para a ameaça de uma pandemia?”

“Neste caso particular? Fechamento de aeroportos, portos e fronteiras terrestres, é claro,” Barnard recitou rapidamente.

“Aumentaria a segurança entre TSA, do pessoal de emergência e da aplicação da lei. Possível implantação da Guarda Nacional.”

“Mas e a indústria?” Reid interrompeu. “E o comércio? Especificamente, qual é a única coisa que os Estados Unidos provavelmente *não* impediriam a entrada?”

“Petróleo,” disse Watson. “Você está falando de transporte de petróleo.”

A expressão de Barnard afrouxou quando chegou à conclusão. “Meu Deus, eu deveria ter percebido... Na reunião de emergência com o presidente, os receios foram explicitamente expressos sobre o custo potencial de encerrar o comércio.”

Reid assentiu. “Você sabe quantas pessoas em posições de poder têm as mãos nesses bolsos. Inferno, até mesmo o nosso próprio presidente.” não era segredo que, embora o Presidente Pierson tivesse oficialmente renunciado aos seus negócios quando assumiu o cargo, ele ainda tinha muito a ver com a administração deles.

“Você acha que o plano de Khalil é guardar o vírus em um petroleiro que passa pelo Mediterrâneo?” Barnard perguntou.

“Ele já provou ser esperto o suficiente,” Reid disse com tristeza. “Eu não duvido que ele encontre um caminho. Ele examinou o porto industrial. A questão é, podemos?”

“É mais que certo de que não encontraremos lanchas por aqui,” disse Watson.

“Ligue a Cartwright. Veja se ele pode arranjar um...” Reid foi interrompido por um som familiar, fraco no começo, mas se aproximando rapidamente. Olhou para o céu e protegeu os olhos com a mão, enquanto o constante ruído dos rotores ficava mais alto.

Um helicóptero negro desceu do céu, aterrissando a cerca de vinte e cinco metros deles em um claro vão de asfalto no porto. Quatro Agentes da Interpol saltaram, seguidos por um quinto homem - Vicente Baraf.

Reid sorriu enquanto se apressava. Seu casaco voava descontroladamente com as lâminas hélices ainda girando acima. “Encontramos Khalil,” ele gritou sobre o barulho. “No armazém. Ele foi baleado e tem um explosivo amarrado a ele. Pode haver outros ao redor do porto. Mande seu pessoal entrar em contato com as autoridades francesas e conseguir um esquadrão de bombas aqui imediatamente.”

Baraf transmitiu rapidamente a mensagem e seus quatro Agentes correram em direção ao depósito. “E o vírus?” perguntou a Reid.

“Vamos precisar pegar emprestado seu helicóptero. Precisamos sair para o mar e depressa.”

A princípio, Baraf franziu a testa como se tivesse ouvido mal. Então assentiu uma vez. “Entrem.”

Reid parou por um momento, esperando por respostas ou perguntas, mas Baraf sorriu. “Estou aprendendo rapidamente a não duvidar de seus instintos, Agente. Vamos embora.” Baraf voltou a subir no cockpit quando Maria e Barnard se sentaram nos bancos de passageiro voltados para trás atrás dele.

Watson hesitou, olhando para Reid. Eles não precisaram trocar nenhuma palavra. Reid gesticulou com a cabeça e Watson subiu. Ele ainda não confiava totalmente no outro Agente, não depois do que aconteceu com Carver – mas percebeu, não confiava em ninguém além de Maria. Agora não era a hora. Ele precisava de Watson com eles.

Baraf girou o dedo em movimentos circulares para o piloto, e o helicóptero imediatamente decolou. Reid se amarrou e colocou fones de ouvido, abafando o vento chicoteando em torno de suas orelhas vindo da porta aberta.

“Siga para o sul até que tenhamos um rumo,” disse Reid quando o helicóptero levantou voo de Marselha e sobre o Mar Mediterrâneo. “Informem Sawyer do Comando em Barcelona.”

Baraf acenou com a cabeça e digitou o número em um console de comunicação entre ele e o piloto.

“Aqui é Sawyer.” a voz britânica familiar e ainda exausta entrou pelo fone de ouvido do rádio.

“É Baraf. Estou com o Agente Steele e sua equipe da CIA. Aguarde.” Ele deu a Reid um polegar para cima.

“Sawyer, aqui é Steele,” disse Reid. “Precisamos saber se há algum petroleiro no Mar Mediterrâneo, perto de Port Marseille Fos.”

“Peço desculpa, Agente, mas você precisa definir ‘perto’,” disse Sawyer. “Provavelmente, há uma frota inteira deles no...”

“Os petroleiros *mais próximos* de Marselha,” Reid esclareceu com óbvia irritação. “Qualquer um que possa ter passado na última hora.”

“E rapidamente, Sawyer,” acrescentou Baraf.

“Sim senhor, conferindo já. Me dê só um minuto.” Reid podia ouvir o barulho frenético das teclas no fundo.

“Você pode fazer isso?” perguntou o Dr. Barnard.

“Satélites,” disse Watson em seu fone de ouvido. “Podemos rastrear qualquer coisa que tenha GPS - telefones, carros e até navios.”

“Eu não tenho nada,” disse Sawyer. “Nenhum petroleiro passou perto de Marselha recentemente. Além disso, qualquer um que estivesse lá fora estaria sob ordens da UE para ancorar no mar até os portos estarem abertos novamente .”

Reid bateu com o punho contra o lado do helicóptero em frustração. Ele estava certo de que Khalil teria usado um tanque - mas não. Essa seria a escolha óbvia, dada a sua formação. Além disso, um petroleiro poderia ser facilmente parado se o identificassem como o portador do vírus.

Podemos rastrear qualquer coisa que tenha GPS. Mas quem quer que estivesse carregando o vírus não gostaria de ser rastreado, argumentou. “Sawyer, que tal algo que não podemos rastrear?” Reid perguntou de repente.

“Desculpe?” disse o técnico britânico no rádio.

“Algo menor, talvez...” Reid pensou em voz alta. “Ou... ou algo invisível, pelo menos para nós...”

Baraf franziu a testa. “Agente Steele, receio que isso não faça sentido.”

Reid estalou os dedos. “E que tal algo que estava lá antes, mas não está lá agora? Algo inexplicado?”

“Me dê um momento.” Sawyer ficou em silêncio por quase um minuto inteiro. Então ele disse baixinho, quase inaudível sobre os rotores zumbindo do helicóptero, “Bem, o que...”

“Sawyer,” Baraf estalou.

“Um navio de cruzeiro norueguês com destino à Itália saiu do radar apenas vinte e cinco minutos atrás,” Sawyer anunciou rapidamente. “Parece que eles já deixaram o porto quando o vírus foi lançado em Barcelona; suas ordens eram permanecer no Mediterrâneo, perto da Córsega, até novo aviso.”

“A tripulação comunicou desde que partiram?” perguntou Maria.

“Sim... o capitão relatou a falha como um mau funcionamento em seu sistema de posicionamento.”

“A que distância daqui eles foram vistos pela última vez?” Reid exigiu.

“Cerca de quarenta e cinco milhas,” Sawyer respondeu instantaneamente. “Enviando as coordenadas agora.”

Quarenta e cinco milhas, Reid pensou. Soava longe, mas este era um NH-90, um helicóptero bimotor multi-função construído através de uma parceria entre a aeronáutica francesa e alemã.

Provavelmente desativado das forças armadas, a julgar pela falta de armas e alterações óbvias. Mas ainda tem tolerância balística e alta resistência ao choque. E com uma velocidade máxima de 188 milhas por hora, estaremos lá em doze minutos, no máximo.

Reid voltou sua atenção para o piloto do helicóptero. “Quando você chegar às coordenadas, continue para oeste.”

“Oeste? A direção oposta?” perguntou Baraf.

Reid assentiu. “Se eu estiver certo, esse navio foi sequestrado. Eu aposto que as pessoas de Khalil já estavam a bordo antes de deixar o porto, e...” parou. De repente ele entendeu o ataque de Barcelona. *Não foi apenas um campo de testes para o vírus. Era para impedir que o navio de cruzeiro chegasse ao porto.* “E o seu povo vai deslocar a rota, em direção aos Estados Unidos.”

“Então, por que não deixamos?” perguntou Maria. “Os EUA podem detê-los no porto. Eles não teriam para onde ir.”

“Pense nisso,” disse Reid. “Khalil pode estar fora de cena, mas ele tem uma contingência a cada passo do caminho até agora. Precisamos estar preparados para qualquer coisa.”

“O que poderia incluir alguma coisa?” perguntou o Dr. Barnard nervosamente.

Reid não queria dizer isso em voz alta. “Sawyer, quantas pessoas estão nesse navio?”

“Deixe-me verificar.” um momento depois, o técnico respondeu. “O navio é chamado de Estrela de Jade e está carregando uma carga de passageiros de cerca de mil e duzentos.”

Reid segurou a respiração. Mil e duzentas pessoas. Isso *deve ser a salvaguarda de Khalil*, pensou - se o vírus em si não pudesse chegar à costa, os portadores chegariam.

“ETA para coordenadas, onze minutos,” disse o piloto no rádio.

Se eles estivessem em qualquer outra situação e não a caminho de encontrar um vírus que fosse destinado a destruir os Estados Unidos da América, Reid poderia ter rido em voz alta. Ele sabia como pilotar esta máquina. Enquanto observava as mãos do piloto se moverem habilmente sobre alavancas e interruptores, ele conhecia cada movimento preciso antes de ser feito.

Olhou para cima, sobre a porta de correr à sua esquerda. O sistema de rapel fora removido; o helicóptero teria que pousar no navio de cruzeiro.

“Sawyer pode nos colocar navio,” disse Baraf. “Nós poderíamos ordená-los a desacelerar, pode tornar a nossa abordagem mais rápida...”

Reid sacudiu a cabeça. “Nós não queremos que eles saibam que estamos chegando. Isso só lhes dará tempo para se prepararem para nós.” ele se virou para sua equipe. “Não confiem em ninguém nesse navio. Alguns membros da tripulação podem ser o pessoal de Khalil. Contem que estejam armados. Com base no que vimos, parte do navio pode estar ligada a explosivos.” as palavras de Khalil

de alguns minutos atrás passaram pela sua cabeça. *A única razão pela qual estou lhe dizendo tudo isso é porque não há nada que você possa fazer para impedir isso.* Aquele era um homem que planejava aparentemente todos os cenários. “E, possivelmente, infecção,” acrescentou.

A cor sumiu do rosto de Barnard. “Você acha que eles arriscariam liberar o vírus prematuramente?”

“Se a alternativa fosse tirá-lo deles? Sim. Acho.”

“Mas... eles estariam mortos muito antes de chegarem aos Estados Unidos,” argumentou o médico.

“E nós também,” Maria disse baixinho no rádio. “E o vírus?” Barnard sacudiu a cabeça. “Não, não estaria.”

“Estejam prontos para tudo,” repetiu Reid.

Ninguém falou durante vários minutos enquanto o NH-90 disparava em direção à Estrela de Jade. O joelho de Reid balançou involuntariamente contra o chão. Os minutos custavam a passar.

Em frente a ele, Maria tirou o fone de ouvido e gesticulou para ele fazer o mesmo. O rugido dos rotores era quase ensurdecedor, mas ela se inclinou e falou diretamente em seu ouvido.

“Escute,” ela disse, “apenas no caso de algo dar errado lá, tem algo que você deveria saber...”

Tinha a sensação de que sabia o que ela ia dizer. Seus dedos encontraram os dela e apertaram. “Eu sei. E eu sinto o mesmo.”

“Não, Reid. Você não sabe.”

Ele franziu a testa. “Você acabou de me chamar de Reid.”

“Esse é o seu nome real, não é?”

Ele assentiu. “Sim.” *Eu disse a ela isso? Eu devo ter.*

Seus lábios roçaram sua orelha, movendo-se, mas sem dizer nada. Havia mais que ela queria dizer, mas parecia hesitante em fazê-lo.

“Ei,” ele disse a ela. “Vamos sair disso. Então, o que quer que você queira me dizer, que tal você guardar para o nosso segundo encontro?”

Ela gentilmente beijou sua bochecha. “Ok.” então ela se inclinou para trás e colocou o fone de ouvido. Ele sorriu para ela, tentando parecer reconfortante, mas ela olhou pela porta aberta com uma expressão distante em seus olhos.

Ele seguiu o olhar dela. Não havia nada além de água azul em todas as direções, um vasto mar atravessando a distância entre dois continentes enquanto o helicóptero avançava para oeste.

Mas então, algo apareceu - uma forma longa, inteiramente branca, crescendo a cada momento.

O deck do *Jade Star* era oblongo e longo, o arco chegando a um ponto agudo na frente do barco. Na popa, havia um cockpit levantado, branco e fechado. Reid olhou enquanto se aproximavam; havia oito decks ao todo. Muitos deles seriam cabines para convidados. Encontrar o vírus não seria uma tarefa simples.

“Baraf, binóculos.” Reid estendeu a mão e o Agente da Interpol passou-lhe um grande par preto, militar e pesado. Reid olhou através das lentes e se inclinou para a frente para ter uma visão melhor do navio enquanto se aproximavam.

No convés superior havia uma piscina, cercada por espreguiçadeiras, banheiras de hidromassagem, um bar e... e para sua surpresa dezenas de turistas descansando. Ele examinou o convés devagar, para a esquerda e para a direita, incrédulo.

Ninguém estava em pânico. Ninguém parecia estar nas garras do terror.

Por um momento sentiu um toque de alarme na espinha. Ele estava errado; este navio não fora sequestrado. *Mas está indo na direção errada*, lembrou. Essas pessoas, os passageiros do navio

de cruzeiro, não tinham ideia do que estava acontecendo. As pessoas de Khalil devem ter cumprido seu plano em silêncio.

Ele dirigiu seu olhar para a torre branca crescente da sala de controle, mas as janelas ao redor estavam escuras. Não conseguia ver o que poderia estar acontecendo além deles.

Ele ajustou seu foco e olhou baixo, abaixo da cabine, e avistou um trio de figuras amontoadas em torno de um objeto de aparência bizarra. Reid não sabia o que era. Ele ajustou os binóculos e fixou o olhar nele. O objeto era pequeno e pintado de azul celeste. Quando se aproximaram, ele viu que tinha a forma de um X...

Não, ele pensou, não um X. Essas são asas. E uma cauda.

Ele abaixou o binóculo. *Foi assim que eles chegaram ao navio de cruzeiro.* “Estou vendo um UAV,” disse ele no rádio. Um veículo aéreo não tripulado - o que a maioria chamaria de drone, embora este em particular fosse de asa fixa, construído para distância. *E para carregar uma carga.* “Foi assim que eles pegaram o vírus do Porto de Marselha até aqui. Estou certo disso.”

“Eles vão nos ouvir chegando,” advertiu Baraf. “Estejam prontos, Agentes. Precisamos agir assim que pousarmos.”

Reid assentiu. “Maria, Watson, mantenham o console em segurança. Não sei se o capitão está nisso ou não, mas precisamos que esse barco pare. Certifiquem-se de procurar por armas, telefones, detonadores, qualquer coisa parecida. Baraf, carregue no alarme de emergência e, em seguida, acione a evacuação. Parece que os botes salva-vidas estão afixados no deck quatro. E tenha cuidado; os homens de Khalil querem que essas pessoas permaneçam no barco.”

“E você?” perguntou Maria.

“Eu vou atrás do vírus.” Reid olhou através dos binóculos novamente. Os três homens ainda estavam lá, cercando o drone

perto da parte traseira do convés. *O vírus está lá*, ele pensou. *Eu não posso perder eles de vista.*

O NH-90 mergulhou de sua baixa altitude e se aproximou do navio de cruzeiro. Muitos dos turistas olhavam para o céu ao som das hélices, protegendo os olhos do sol em confusão enquanto o helicóptero se aproximava. As pessoas se levantavam das espreguiçadeiras ou deixavam seus assentos no bar da piscina para assistir ao helicóptero militar que se aproximava.

Havia pouco que pudessem fazer para ganhar mais algum elemento de surpresa. Reid dirigiu os binóculos para o drone novamente - mas os três homens que haviam se amontoado ao redor tinham desaparecido.

Para onde eles foram? Ele rastreou a esquerda e a direita rapidamente, examinando o convés, mas não viu nada. *Eles não poderiam ter simplesmente desaparecido. Eles correram para se esconder. Ou para guardar o vírus. Ou pior...*

Ele viu movimento e se concentrou quando duas figuras apareceram novamente a partir da base do cockpit. Cada um deles tinha algo em suas mãos. Reid quase percebeu tarde demais.

“Vem aí!” ele gritou quando o tiroteio se lançou contra o helicóptero.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Reid se abaixou o mais baixo que pôde enquanto estava amarrado e cobriu a cabeça com as duas mãos enquanto as balas golpeavam e batiam contra o lado do helicóptero.

“Se aguentem!”. O NH-90 girou noventa graus, agora se movendo para os lados enquanto continuava a descer em direção ao navio de cruzeiro.

Watson enfiou a mão no casaco para pegar o Glock 19, mas uma bala perdida atingiu-o no ombro. Ele grunhiu com os dentes cerrados enquanto o sangue espirrava contra o encosto do banco.

“Watson foi atingido!” Reid gritou.

“Estou bem,” ele sussurrou, segurando seu ombro. “Apenas nos ponha para baixo!”

A fuzilaria de balas cessou, pelo menos por um momento, e Reid lançou um olhar através dos binóculos. Os dois homens estavam cada um carregando uma submetralhadora Sig Sauer MPX - *metralhadora operada a gás, balas de nove milímetros, trinta e quatro caixas destacáveis.*

Estavam recarregando. A tolerância balística do NH-90 poderia aguentar mais sessenta rodadas, mas as pessoas dentro não.

Um pandemônio explodiu no convés superior, com pessoas correndo de todas as maneiras, abaixo do convés, atropelando-se umas às outras. Alguns mergulharam atrás de qualquer coisa enquanto outros simplesmente corriam.

Reid arrancou o fone de ouvido e se soltou da cadeira, puxando a Glock ao mesmo tempo. Enfiou uma das mãos em uma cinta de nylon pendurada no teto e depois se inclinou para a porta aberta, mirou com cuidado e disparou sobre os dois assaltantes.

Os sírios se dispersaram para se proteger. Deu ao piloto os preciosos segundos que precisava para fazer uma descida abrupta em direção ao vão agora aberto do convés do navio. A súbita perda

de altitude fez os ouvidos de Reid explodirem, mas ele sacudiu a cabeça. Eles não estavam a mais de vinte e cinco pés da superfície.

“Pousando!” o piloto anunciou. Assim que ele disse isso, mais uma sessão de tiroteio arrancou o ar, rasgando a lateral do helicóptero. O piloto puxou o cíclico e o helicóptero girou novamente.

Os pés de Reid se levantaram do chão com a rotação inesperada e por um momento seu corpo estava meio fora da cabine, balançando por um braço. Sua pistola caiu de suas mãos. Ele assistiu à descida a curta distância das tábuas do convés abaixo.

Não é tão longe, pensou. Eu já caí mais longe.

Ele soltou a alça quando o helicóptero se aproximou. Por um momento ele se sentiu sem peso, movendo-se pelo ar em uma direção indiscernível; no instante seguinte, essa direção era definitivamente a descer.

Ele miraculosamente atingiu o convés com os pés em primeiro lugar e imediatamente rolou. A dor subiu e desceu pelo joelho machucado, mas ele conseguiu voltar a subir e se colocar atrás de uma coluna branca e redonda. O helicóptero rugiu no alto, mas não alto o suficiente para abafar os gritos frenéticos dos passageiros enquanto corriam como loucos em todas as direções.

As balas pararam novamente. Trinta rodadas terminaram rapidamente em uma submetralhadora. Esses homens não eram militares; eles eram amadores, ele sabia, ou então eles estariam alternando e recarregando um de cada vez.

Ele saltou de sua posição e rolou de novo, desta vez agarrando sua pistola caída enquanto se encolhia. Reid se aproximou menos de cinco metros dos dois assaltantes.

O par de homens árabes congelou no meio da recarga, encarando-o em total perplexidade.

Reid levou apenas meio segundo para se certificar de que ninguém estava em sua linha de fogo. Ele apertou o gatilho duas vezes e ambos os sírios caíram.

Atrás dele, o helicóptero pousou no convés e seus companheiros de equipe saltaram para se juntar a ele. Ele pegou as duas submetralhadoras e passou uma para Maria. “Proteja o topo e pare este barco!” para Baraf ele disse, “Comece a evacuar!” apontou para Barnard. “Você fica no helicóptero!”

Watson gemeu quando desceu da cabine. Reid franziu a testa, mas o Agente acenou com a mão. “Nem diga nada. Não é tão ruim assim e estou cansado de você ser o único que consegue se mostrar. Vai. Encontre o vírus.”

Reid assentiu. Ele desceu pelo convés enquanto os passageiros empurravam e encontravam esconderijos. Ele havia visto três homens de cima. Dois estavam em baixo. Não tinha dúvidas de que o terceiro estava de posse do vírus. *Mas onde tinha ido?*

“Saíam daqui!” Reid gritou e acenou com as mãos. “Evacuar! Vão para os botes salva-vidas!” seus gritos eram quase inaudíveis pelo caos no convés superior. As poucas pessoas que prestaram atenção às advertências se encolheram de medo e correram na direção oposta - Reid segurava uma das duas metralhadoras.

Reid parou de tentar implorar a eles e, em vez disso, empurrou o caminho para a escada mais próxima. O terceiro terrorista sem dúvida desapareceu abaixo do convés, pensou, para se esconder. E aquele era um grande navio.

Ele passou correndo pela piscina e pelo bar que havia visto do helicóptero, segurando a arma no alto, o cano apontado para cima. A maioria dos passageiros só ouvira o helicóptero e os tiros; eles não tinham visto a fonte, então apenas a visão da arma lhe dava um amplo espaço sem ser pisoteado pelos turistas em pânico.

Ele assistiu com desânimo quando um homem pulou no mar, literalmente mergulhando sobre a divisória de vidro que separava o convés e uma queda de quase quinze metros até o mar. Outro passageiro infeliz foi empurrado para o vidro e depois para o lado.

Ele esperava que Baraf chegasse ao alarme em breve ou o barco inteiro seria tomado nesse caos.

As escadas que levavam aos decks do navio de cruzeiro eram acarpetadas, as paredes eram feitas de madeira de cerejeira e iluminadas por luzes quentes no teto.

Ele fora projetado para ser aconchegante e convidativo, como o interior de uma casa - um contraste estranho, não pôde deixar de notar, para o tumulto que acontecia naquele momento. Ficou o mais próximo possível do corrimão de ouro, com a MPX em uma mão e a Glock na outra, gritando o tempo todo.

“Fora do caminho! Vão para os botes salva-vidas! Mexam-se!”

As pessoas lotavam as escadas, ou lutando para derrubá-las ou interpretando mal a origem dos tiros e lutando para se levantar. Seria impossível para ele correr ou se mover rapidamente, e sobretudo porque não estava familiarizado com o layout...

Por mais que não quisesse ameaçar ninguém, não poderia lidar com esse tipo de desordem.

Reid lutou até o centro da escada e disparou sua Glock, apenas uma vez, direto para o ar. O enxame de passageiros se abaixou quando um coro de gritos ecoou.

“Baixem-se!” ordenou. “Todos se baixem! Para os botes salva-vidas, agora!”

Isso resultou. Ninguém queria estar perto do pistoleiro enlouquecido ou mesmo no mesmo navio que ele. A inundação de corpos correu para baixo, drenando para longe dele.

Assim que teve espaço para se mover, desceu as escadas e olhou pelo longo corredor acarpetado. Dezenas de portas marrons o encaravam de ambos os lados do corredor; ele estava no convés de uma cabine.

Ele gemeu em desânimo. Levaria muito tempo para procurar todo o navio pelo vírus. *Pense Reid. Se você fosse eles, onde você o colocaria?*

Ele obteve sua resposta apenas um momento depois. Um tom estridente e severo soou alto o suficiente para fazê-lo pular instintivamente e nivelar as duas armas. Tocou de novo, ritmicamente, acompanhado de luzes piscantes no teto.

O alarme. Baraf ligara o alarme de emergência.

De repente, o salão estava cheio de atividade, com as portas do camarote abertas e os passageiros enchendo o corredor. Murmúrios de confusão se misturavam com gritos - até que uma mulher próxima a Reid notou as armas em suas mãos e gritou.

“Polícia!” ele gritou no breve espaço entre os anéis de alarme. Não teve tempo para explicar a presença deles a bordo do barco. Em vez disso, ergueu as duas mãos, as armas ainda nelas e gritou, “Botes salva-vidas! Vão!”

Ele se encostou contra uma parede enquanto os passageiros passavam rapidamente por ele, empurrando-se para chegar aos pontos de evacuação. Enquanto ele estava lá, sendo empurrado pelos cotovelos e agredido por perguntas gritadas que ignorou, percebeu.

Os pontos de evacuação. Se ele fosse o terrorista que maneja o vírus era para onde iria - impedir que as pessoas deixem o navio enquanto mantêm a vantagem para mantê-las afastadas.

E se fosse lançado prematuramente, todas as pessoas naquele navio morreriam.

Ele seguiu a multidão, movendo-se com ela, mantendo as armas apontadas para cima e mantendo os olhos abertos, escaneando enquanto se dirigia de volta para as escadas. As pessoas eram uma mistura de nacionalidades, parecia, a julgar pela conversa ansiosa que podia ouvir - alguns escandinavos, outros do Reino Unido, alguns americanos, um punhado de asiáticos.

Por muito que lhe custasse admitir, não conseguia deixar de analisar; qualquer um com uma pele mais escura que pudesse ser árabe recebeu uma segunda olhada, mas os poucos que viu pareciam estar tão em pânico quanto os outros passageiros.

Enquanto a multidão descia as escadas para o próximo convés, Reid notou um grupo lotado de pessoas ao redor de um par de elevadores, pessoas desesperadamente esmagando o botão. Ele sabia que em uma situação de emergência como essa os elevadores parariam de funcionar; essas pessoas estavam esperando por elevadores que nunca chegariam.

“Não há elevadores,” gritou para eles. “Desçam as escadas, vamos lá.” antes que alguém pudesse perguntar sobre suas duas armas, ele acrescentou, “Polícia americana. Vamos sair daqui de uma forma ordenada...”

“O que está acontecendo?” uma mulher perguntou a ele, sua voz alta e estridente. Ela era americana, de meia-idade, com o cabelo em um coque tão apertado quanto suas palavras tensas. “O navio está afundando? Estamos em perigo?”

“Não teria armas se o navio estivesse afundando!” gritou uma voz masculina, britânica, de algum lugar atrás de Reid. “E tenho certeza que ouvi tiros disparados!”

Os olhos da mulher se arregalaram em choque. Várias pessoas na vizinhança ofegaram audivelmente. “Terroristas?” perguntou ela.

“Por favor, não há tempo para isso,” ele implorou. “Apenas desça para os botes salva-vidas. Você estará segura.”

A mulher americana era claramente desconfiada, mas sabendo que os elevadores não funcionavam, ela não parecia interessada em ficar por perto. Ela se juntou à multidão que os pressionava enquanto desciam as escadas.

Alguém tocou o cotovelo de Reid. Ele girou, ficando irritado com a hesitação dos turistas. Sem mais perguntas... Parou e piscou surpreso. “Barnard? O que diabos você está fazendo?” ele assobiou. “Eu lhe disse para ficar no...”

“Eu sou um médico,” disse Barnard, em voz baixa, mas com firmeza. “Sou especialista e sou treinado. A única razão pela qual estou aqui é para ajudá-lo a encontrar o vírus e é o que pretendo fazer.”

Reid teve que admitir que admirava a coragem do médico. Mas descer ali não era uma tarefa fácil. Ele entregou o MPX. “É um clipe completo, trinta rodadas, mas elas são rápidas. Use com cuidado.”

Barnard levantou a arma com um movimento fluido. “Temos muito navio para cobrir. Você já procurou nesse deck?”

Reid sacudiu a cabeça. “Estou indo para o deck quatro. Se eu fosse os sírios, gostaria de interromper a evacuação. Eles podem precisar de pessoas - como reféns ou como portadores .”

“Lidere o caminho.” Barnard pendurou o MPX por cima do ombro por sua alça e seguiu de perto enquanto Reid empurrava seu caminho através da multidão agitada. Nas escadas, um homem idoso perdeu o equilíbrio e desapareceu debaixo de pés em fuga. Reid empurrou as pessoas para fora do caminho e ajudou-o a levantar-se por um cotovelo.

“Mesmo se pudermos colocar essas pessoas nos botes salva-vidas,” disse Barnard, “não podemos prometer que consigam chegar à costa.”

“Enão vamos,” Reid disse de volta, tão silenciosamente quanto foi capaz sobre o barulho da multidão. “Você disse que o perfil do vírus era de seis a oito horas, certo? Eles terão que ficar nos botes salva-vidas por pelo menos esse tempo, até que estejam liberados para entrar no porto de Marselha.” nesse momento, ele estaria fora de suas mãos e chegaria até as autoridades da OMS e da França.

Se ele achava que os decks superiores eram caóticos, o deck 4 era uma anarquia total. Em qualquer outro dia, o deck destinava-se ao lazer - ao longo de uma ampla avenida no centro havia lojas duty-free, um café, dois restaurantes e uma série de outros estabelecimentos comerciais, não muito diferente de um shopping americano. Mas atualmente toda a área estava sufocada por mais de mil pessoas que se contorciam, zangadas e ansiosas, brigando umas com as outras, entrando em disputas de empurrão e, em mais de um lugar, brigas de verdade.

Na popa do convés havia o ponto de evacuação, uma única porta dupla que dava para uma varanda externa e, mais abaixo, para os botes salva-vidas. Cada barco era um longo veículo amarelo, totalmente fechado e capaz de acomodar cento e vinte corpos - não muito diferente de um ônibus escolar sem rodas.

Reid agarrou-se à parede e passou pelos passageiros, gritando ao seu lado. Ele rapidamente descobriu que “polícia” era a melhor identificação para a multidão multicultural, então ele gritou, “Polícia! Afastem-se!”

Barnard correu atrás dele. “Meu Deus,” ele murmurou. “Essas pessoas vão se matar...”

Ao se aproximarem das portas de saída, Reid viu Baraf ajudando os membros da tripulação a colocar as pessoas à frente da multidão o mais ordenadamente possível. Baraf gritava, levando duas ou três pessoas de cada vez pelas portas, literalmente segurando os que tentavam passar por ele.

“Baraf!” Reid acenou com um braço para chamar a atenção do Agente da Interpol. Eles precisavam de ajuda para encontrar o vírus; a tripulação poderia tratar da evacuação segura. “Baraf...”

Quando o Agente se virou para ele, o homem ao lado de Baraf torceu o rosto em uma careta feia. Antes que Reid pudesse imaginar o que estava acontecendo, o homem vomitou no chão.

A multidão imediatamente empurrou para trás, afastando-se dele, formando uma pequena clareira ao redor do homem doente.

Reid foi empurrado para trás pelo súbito recuo, suas costas batendo com força contra a parede atrás dele. Mas não conseguia tirar os olhos do homem doente.

Tinham chegado tarde demais. O vírus já havia sido lançado no navio.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Reid não podia fazer nada além de olhar em choque. Não havia como os terroristas não terem notado o alarme da buzina soando em todo o navio. Eles sabiam que tinham sido descobertos. Eles tinham liberado o vírus.

E se a varíola mutante tivesse sido liberada, todos a bordo - inclusive ele próprio - já estavam mortos.

Enquanto se manteve no local, Barnard entrou em ação. Ele empurrou a multidão apressadamente e se agachou ao lado do homem doente. “Senhor? Senhor, olhe para mim.” Barnard forçou a cabeça do homem um pouco para trás. Ele sentiu a testa, a garganta, os gânglios linfáticos. O médico inspecionou cada olho rapidamente e fez o homem abrir a boca.

No momento em que terminou o exame superficial, Reid se juntou a ele. “Barnard? É ...?”

“Não.” o Dr. Barnard balançou a cabeça com fervor. “Não, não é. Não tem febre. Não há sangue em sua bÍlis.”

“Claustrofóbico,” o homem disse fracamente em inglês. “Eu sinto muito.”

“Não faz mal.” Barnard estalou os dedos em direção ao membro da tripulação mais próximo. “Dê um pouco de água a este homem e um lugar para se sentar enquanto o resto dos barcos são carregados.”

O membro da tripulação não se mexeu. Reid olhou para cima, seus olhos se estreitaram. O homem vestia calças cáqui plissadas e uma camisa polo azul com o logo da linha de cruzeiro - o uniforme casual de um membro da equipe -, mas seus olhos escuros corriam para a esquerda e para a direita. Em suas bochechas havia uma barba fina e sua pele era um pouco mais escura que a de Reid.

“Você me ouviu?” Barnard disse novamente. “Por favor, ajude esse homem!”

“Ajude-o.” desta vez, Reid disse - mas em árabe.

Reconhecimento se acendeu na expressão do homem ao ouvir sua língua nativa. Imediatamente ele entendeu que fora descoberto. Uma mão o agarrou pelas costas.

Reid ergueu o Glock em um instante. Não hesitou. Dois tiros trovejaram no corredor cavernoso. O primeiro atingiu a massa central, logo à esquerda do coração do homem árabe. O segundo entrou em sua testa. Sua cabeça se virou quando uma nuvem de sangue se espalhou atrás dele.

A multidão gritou freneticamente durante os tiros. Reid correu para frente e puxou uma Sig Sauer da calça do homem.

Membros do grupo. Foi assim que eles conseguiram controlar o console. Eles teriam acesso a quase qualquer parte do navio que precisassem.

“O pessoal de Khalil está vestido como membros da tripulação.” ele entregou a arma para Baraf e depois se virou para a mulher ao lado dele que estava ajudando na evacuação. Ela era baixa e loira, vestindo a mesma calça cáqui e polo que o sírio, e estava claramente petrificada. Sua boca estava aberta e ela não conseguia tirar o olhar do homem morto no chão. “Onde ficam os alojamentos da tripulação?” ele perguntou a ela.

“Eu... eu...”

“Olhe para mim.” ele se colocou entre ela e o corpo, forçando-a a desviar os olhos. “Os quartos da tripulação. Onde estão?”

“Deck d-dois,” ela gaguejou. Seu sotaque soava islandês. Ela engoliu em seco e depois acrescentou, “Eu não o conhecia...”

“Eu sei. Esse homem aqui é um agente da Interpol e precisa de ajuda. Você precisa de tirar essas pessoas do navio e colocar esses barcos na água nos próximos dez minutos, ok?”

“Há... há o protocolo,” disse ela, voltando ao seu estado normal. “Há uma ordem, de agrupamentos...”

“Esqueça o protocolo,” Reid disse. “Tire essas pessoas deste barco” ele apontou para o corpo para dar ênfase – “vai acontecer com as pessoas erradas.”

Ela assentiu, esfregou o rosto com as duas mãos e depois voltou para a multidão para levar mais pessoas para os botes salva-vidas.

“Vou para o segundo andar,” Reid disse a Baraf. “Eu não acho que eles guardariam o vírus em qualquer lugar onde os hóspedes o pudessem encontrar.”

“Eu vou com você,” disse ele imediatamente.

“Não, você deveria ficar aqui. Pode haver mais atiradores. Essas pessoas vão precisar de você.” por mais que ele pudesse precisar de ajuda, não queria que sucedesse uma situação de reféns no navio - ou um massacre.

Barnard se levantou e ergueu a MPX em seu ombro. “Estou contigo.”

Reid assentiu. “Siga de perto.” mais uma vez ele empurrou o caminho de volta através da multidão, gritando para que a evacuação decorresse de forma calma e ordeira. Ficou desanimado, embora não totalmente surpreso, ao olhar pela janela e ver mais pessoas saltando dos convés para a água. Ele esperava que os botes salva-vidas chegassem a eles a tempo; caso contrário, sem dúvida se afogariam.

Era mais fácil percorrer as com a maioria dos passageiros no convés quatro esperando para evacuar. Ainda assim, ele e Barnard passaram por hóspedes que demoravam, pessoas que tinham voltado para buscar bagagens ou para encontrar entes queridos. Ele gritou para cada pessoa por quem passavam, insistindo que fossem direto para o ponto de evacuação. Manteve os olhos abertos para qualquer suspeita e manteve a Glock firmemente agarrada em ambas as mãos.

O convés dois era o segundo mais baixo do navio e o primeiro acima do nível da água. Estava muito longe dos balaústres dourados e dos degraus acarpetados dos níveis acima deles; esse convés era de paredes brancas, o piso sob os pés estava coberto de azulejos, com canos nus percorrendo o comprimento dos corredores apertados. As portas à esquerda e à direita davam acesso a áreas comuns da tripulação - um pequeno bar, uma sala de recreação com mesa de sinuca, depósitos, uma cozinha e uma lanchonete.

“Precisamos verificar todos os quartos,” disse Reid, “incluindo as cabines da tripulação.”

“Nós devemos nos separar,” Barnard sugeriu. Sua voz soava alta demais no salão silencioso. Nos ouvidos de Reid ainda ressoavam tiros e o barulho da multidão. “Vou verificar essas áreas se você começar com as cabines.”

Não queria mandar o médico sozinho, mas Barnard estava certo. “Quando o alarme disparou, a tripulação deveria ir imediatamente para as estações designadas. Não deveria haver ninguém aqui em baixo. Se você vir alguém, assuma o pior. Boa sorte, Barnard.”

O médico acenou com a cabeça e recuou, correndo em direção à porta aberta da sala de recreação por onde haviam passado. Reid observou até que ele virou a esquina e então continuou seu caminho. O corredor apertado virou para a esquerda e ele recuou. Havia portas brancas que se estendiam a cada dois metros por todo o comprimento do corredor. *Estas devem ser as cabines da tripulação*, pensou.

Notou com preocupação que podia sentir o barulho profundo dos motores do navio sob seus pés neste convés. O barco ainda não havia parado. Esperava que Maria e Watson estivessem bem.

Reid abriu a primeira porta e entrou, com a arma levantada. Era um quarto com dois beliches, um sobre o outro e sem espaço suficiente para um adulto se deitar. Mas o quarto estava vazio. Ele

deixou a porta aberta para mostrar que havia sido checado, para o caso de ter de voltar.

A porta ao lado já estava parcialmente aberta,. Ele respirou fundo e depois chutou para a abrir, a Glock apontada.

Um jovem aterrorizado olhou para ele, deitado no beliche de baixo. Ao ver a arma, ele levantou as duas mãos lentamente. Era muito bronzeado ou de pele escura, e parecia que tinha seus vinte e poucos anos na melhor das hipóteses.

“Khalil,” disse Reid. Ele examinou o rosto do garoto em busca de qualquer sinal de reconhecimento, um vislumbre ou mesmo contração involuntária e não viu nenhum. “Levante-se,” disse em inglês. O menino fez isso apressadamente, saindo da cama com as mãos ainda levantadas.

Reid revistou-o rapidamente e não encontrou nada. “O que você está fazendo aqui em baixo?” perguntou.

“Eu ouvi tiros,” o menino respondeu rapidamente. Não tirou os olhos da arma de Reid.

“Vá para o convés quatro,” ele ordenou. “Se apresse. Eles precisam de ajuda.” o rapaz assentiu freneticamente e correu pelo corredor por onde Reid tinha vindo. Ele observou até que o menino virou a esquina que levava às escadas.

Então continuou seu caminho.

O ladrilho sob suas botas fez pouco para abafar seus passos. Qualquer um que estivesse escondido provavelmente o ouviria, mas ele ouviria alguém que estivesse em movimento. Verificou todos os cômodos dos dois lados do corredor no decorrer de apenas alguns minutos, cada um sem vida, antes de o corredor virar à esquerda e continuar com mais cabines.

Antes que pudesse chutar a porta ao lado, ouviu um som enquanto os motores diminuía e morriam. Maria e Watson haviam parado o barco. Pelo menos isso era algo a favor deles; eles não

arriscaram entrar no porto, em qualquer porta, com o vírus ativo a bordo.

Reid ficou tenso quando ouviu passos de algum lugar próximo. Clack-clack-clack-clack - alguém andando rapidamente e se aproximando. Agachou-se, com a arma pronta, enquanto um homem virava a esquina no final do corredor.

Por um breve momento, ambos congelaram em suas posições. O tripulante tinha cabelo escuro e encaracolado, uma barba espessa e usava macacão azul, sugerindo que era um trabalhador de saneamento.

Mas o mais importante, tinha uma caixa em seus braços, a sugestão de um sinal de risco biológico verde brilhante estampado no lado.

Era uma réplica exata da caixa que Claudette Minot estava carregando.

O *vírus*. O homem estava carregando em suas mãos diante dos olhos de Reid.

O tripulante chocado piscou uma vez para Reid antes de notar a arma em suas mãos. Então o homem se virou e correu de volta pelo caminho por onde viera.

“Pare!” Reid gritou, mal percebendo que havia gritado em árabe. Ele saltou de pé e começou a perseguição. Quando chegou à esquina, pegou outro vislumbre do macacão azul que contornava outro canto.

Este lugar é um maldito labirinto! Ele pensou em frustração. Pior ainda era que, mesmo se ele pegasse o terrorista, não ousaria arriscar; não tinha ideia do que aconteceria se a caixa caísse no chão duro. Se qualquer um dos frascos quebrasse ou se o homem agisse de forma impetuosa, poderia condená-los a todos.

Reid virou na próxima esquina e parou de repente. O homem não estava em lugar algum a vista. O corredor se dividia em duas

direções, esquerda e direita, e a frente havia uma escada de aço que levava aos convés dos hóspedes.

Em vez de escolher aleatoriamente, parou por um momento e ouviu atentamente o som de passos. Não ouviu nada. Começou a suar. Com o corte do motor, os convés inferiores do navio estavam esquentando rapidamente. Ele apertou as palmas úmidas ao redor da arma e pressionou, ouvindo outro som além de seus próprios passos e respiração.

Ele se escondeu. À sua direita, havia uma cabine, a porta aberta apenas alguns centímetros e as luzes apagadas do lado de dentro. Reid respirou fundo e empurrou para dentro do quarto, a arma levantada. Não conseguia ver nada.

Sua mão livre procurou o interruptor de luz. Seus dedos encontraram uma alavanca fina que se alternava paralelamente à parede. Ele puxou.

As luzes se ligaram a tempo de ver a faca descendo. Não teve tempo de reagir quando a lâmina bateu em seu peito, logo acima de seu peitoral direito. Ele gritou quando sentiu a pressão aguda do seu músculo.

O rosto de seu agressor era uma máscara de raiva, um rosnado selvagem e retorcido. “Glória ao Imam Mahdi,” o homem rosnou em árabe.

Então olhou para baixo e sua expressão se contorceu em confusão.

A lâmina atingiu o peito de Reid - mas não penetrou. O grafeno em seu casaco e camisa a impediram de entrar.

Reid se curvou, colocando toda a parte superior do corpo em uma cabeçada viciosa na boca do homem. Os lábios se feriram e os dentes quebraram quando o terrorista árabe tropeçou para trás. Reid virou a Glock em sua mão e passou a pistola pela têmpora. O homem bateu na parede atrás dele e caiu no chão.

Mas não era o homem de macacão azul e a caixa contendo o vírus não estava em lugar algum.

Reid deixou o homem inconsciente lá. Ele fechou a porta atrás de si e girou a Glock para baixo pelo cano, quebrando a maçaneta de aço.

Seu peito doía como se tivesse sido atingido por um projétil chato, mas ele viveria. Ele desejou ainda ter o telefone e o rádio, para que pudesse entrar em contato com Barnard e aqueles do convés acima, para ver o que estava acontecendo em outro lugar no navio...

Uma curta explosão de tiros automáticos ecoou pelo convés. Reid se agachou instintivamente enquanto tentava localizar a fonte do som. *Barnard. Esse foi o MPX.* Ele estava certo disso.

Ele correu pelo corredor o mais rápido que pôde, pelo caminho de volta.

Na entrada do corredor, quase tropeçou em um par de tênis brancos e sujos. O homem de macacão tinha vindo por ali - ele havia tirado os sapatos para abafar seus passos. Reid ficou parado por um momento, escutando, esperando por outro som, qualquer coisa que pudesse lhe dizer qual caminho seguir.

Sua paciência se esgotou rapidamente. "Barnard!" ele gritou. Em resposta, ouviu outra rajada rápida da metralhadora, apenas quatro ou cinco tiros. Ele praguejou e correu pelo corredor em direção à sala de recreação, o último lugar onde tinha visto Barnard ir.

Mas antes de chegar, viu a arma, a MPX, colocada no chão, do lado de fora de uma porta.

Reid correu na sua direção preocupado. Alguém tinha conseguido derrubar Barnard. Olhou para a porta. Era a lanchonete, um aposento amplo e austero, com mesas, cadeiras e um layout em estilo bufê de bandejas de aço.

Entrou na ponta dos pés no refeitório com a arma levantada, mas não havia sinal de Barnard. Nem sons. Reid se abaixou atrás da fila da lanchonete e entrou na cozinha da tripulação, um espaço estreito que parecia mais apertado do que o da cozinheira.

-“Agente Steele.” ele ouviu a voz de Barnard e ergueu os olhos para ver o médico do outro lado da porta - um depósito de comida, parecia ser, como uma despensa cheia de caixas e sacolas indescritíveis.

Mas Barnard não estava olhando para Reid. O rosto do médico estava branco como um lençol enquanto ele olhava sem piscar para outra coisa, obscurecido pela porta parcialmente aberta.

“Por favor, afaste-se, Agente,” disse o médico lentamente.

Reid não deu atenção ao conselho. Em vez disso, deu um passo para dentro da despensa.

Atrás da porta estava o terrorista no macacão azul. Seus olhos eram selvagens e seu cabelo estava penteado para trás com o suor. Apertado em seus dentes estava um único frasco de vidro da varíola mortal.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

O primeiro instinto de Reid foi levantar a Glock e atirar, mas lutou contra isso. Qualquer ação súbita e violenta poderia fazer o homem morder e a varíola seria liberada no navio de cruzeiro, colocando em risco não só quem ainda estava a bordo, mas também todo mundo que Reid considerava amigos.

Em vez disso, ele lentamente guardou sua Glock e mostrou ao terrorista suas mãos.

“Eu lhe disse para se afastar,” disse Barnard. Não desviou o olhar do homem ou talvez do frasco em seus dentes. O médico estava preso no local com as mãos para cima, as palmas voltadas para fora.

A caixa de risco biológico estava aberta nos pés do homem. Dentro havia um suporte de tubos com quatro fileiras de seis frascos cada, exceto pela quarta fileira, que continha apenas cinco, já que a sexta estava firmemente presa na mandíbula do homem.

Reid ignorou Barnard. Em vez disso, falou em árabe para o homem de macacão azul. “Não há razão para fazer isso,” disse ele lentamente. “Khalil foi pego. Ele mentiu para você, seus seguidores. Não há guerra santa, nem jihad.”

O libanês reposicionou o frasco em seus molares para poder falar. “Você diria qualquer coisa para me impedir de fazer o que preciso.”

“Ele vai morder,” Barnard disse. Não tinha ideia do que Reid estava dizendo em árabe, mas ele podia ler a tensão no rosto do homem.

“Você pode estar certo,” disse Reid ao homem. “Talvez eu falasse alguma coisa, mas vou dizer isso. Ele lhe disse que você é o Imam Mahdi, não é? O Redentor, aquele que salvará o mundo de seus pecados?”

O homem não disse nada, mas sua testa franziu profundamente.

“Por favor, não o incite,” Barnard disse com firmeza.

Reid pressionou. “Eu sei disso porque ele disse aos outros a mesma coisa. Ele lhes disse que eles eram o Mahdi também. Ele disse a um garoto sírio que trouxe o vírus para Barcelona. Ele disse a uma mulher francesa que achava que estava carregando o vírus. Ele disse a um virologista, que criou o que você tem na sua frente...”

“Você mente!” o homem rosnou. Seus dentes raspavam contra o frasco de vidro. Barnard se encolheu.

“A varíola é uma doença transmitida pelo ar,” disse o médico rapidamente. “Transmitida através de gotículas no ar para as membranas nasais, orais ou mucosas... geralmente através de contato próximo... às vezes em ambientes fechados, como o ventre de um navio de cruzeiro...”

Reid sabia que Barnard estava em pânico, divagando, mas ele manteve a compostura da melhor maneira possível. “Eu não estou mentindo,” ele disse ao homem segurando o vírus mortal em seus dentes. “Fui eu quem encontrou Khalil. Ele admitiu tudo isso. Desculpe, mas você tem sido um peão no jogo dele. Mas você não precisa ser. Tudo o que você precisa fazer é colocar isso no chão e fechar a caixa.”

O olhar do homem voou de Reid para Barnard.

Barnard se arrepiou quando os dedos do terrorista se moveram. Lentamente, o homem estendeu a mão e arrancou o frasco de seus dentes com dois dedos.

Barnard soltou um suspiro audível de alívio. Reid baixou as mãos para o nível da cintura. “Agora, por favor, coloque de volta na caixa e se afaste.”

O homem olhou para o frasco na ponta dos dedos por um momento. Então ele levou-a aos lábios e, sem hesitação, abocanhou-a. Lascas de vidro choveram de sua boca quando o tubo quebrou.

“Glória a Alá!” o homem jogou a cabeça para trás e gritou, saliva e sangue jorrando de seus lábios. “Louvado seja ele!”

Reid parou de respirar. O vírus foi liberado - e bem perto dele.

Naquele momento, ele sabia que provavelmente ia morrer. Mas não foi sua vida que brilhou diante de seus olhos; eram suas filhas, seus rostos, seus sorrisos. Todo momento difícil e impetuoso e todo feliz e alegre.

E não estava disposto a dar a esse terrorista a satisfação de saber que ele era responsável pela morte de qualquer pessoa, exceto pela sua própria.

Reid tirou sua Glock do coldre e disparou um único tiro na testa do homem. Sangue e cérebro espirraram na parede atrás dele e ele caiu ao lado da caixa aberta do vírus da varíola.

Para surpresa de Reid, Barnard também reagiu. Não percebeu até que o médico estava em cima dele, agarrando-o por um braço e puxando-o pela porta aberta da despensa. Ele empurrou Reid para o refeitório e fechou a porta, empurrando a alavanca para trancá-la.

Reid caiu, aparentemente tendo perdido o controle de suas pernas. Foi só então que ele soltou a respiração, um longo *uuchhh* que ele mais uma vez não conseguia se lembrar de segurar.

Barnard se ajoelhou ao lado dele. “Você respirou?”

“O quê?”

“Você respirou isso?” perguntou o doutor.

“Eu... eu não sei...”

Barnard estava frustrado. “Eu te disse, é transmitido através de gotículas no ar sobre as membranas nasais, orais ou mucosas.” Com um pesado grunhido de esforço, ele rasgou as mangas do casaco e entregou uma a Reid. Envolve isso ao redor do seu nariz e boca.

Reid fez como lhe foi dito, amarrando a manga ao redor de seu rosto como uma máscara. Barnard fez o mesmo e depois estendeu a mão para ajudar Reid a se levantar. “Vamos. Depressa!” e Ele

seguir o caminho, voltando rapidamente para o corredor e na direção dos aposentos da tripulação. “Aqui.” gesticulou para uma cabine vazia.

Reid olhou para dentro, incerto do que Barnard estava sugerindo. O médico empurrou-o para dentro. “Temos que nos colocar em quarentena por pelo menos três horas. Se não estivermos infectados, não exibiremos nenhum sintoma.” O médico começou a fechar a porta atrás de si.

“Espere!” Reid gritou. “E se estamos?”

Barnard fez uma pausa. Seu olhar triste encontrou o de Reid. “Então foi um prazer genuíno conhecer você, Agente Steele. Não saia.” ele fechou a porta. Alguns segundos depois, Reid ouviu o barulho de outra porta quando Barnard se colocou em quarentena em outra cabine.

Por um longo momento, Reid só pôde ficar ali, tentando processar o que acontecera no último minuto. Então notou algo - pendurado na parede, perto dos beliches, havia um telefone branco com uma corda enrolada. Presa à parede ao lado, havia uma única folha de papel, um diretório para outras partes do navio, desbotado, mas legível.

Ele puxou a manga do casaco amarrado em torno de seu rosto. Ele teria que ligar e tentar localizar alguém de sua equipe, Maria, Watson ou Baraf, para avisá-los que o vírus havia sido liberado no convés dois.

Além disso, tudo o que podia fazer era esperar para morrer ou esperar para ver a luz do dia novamente.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Maya Lawson acordou com uma dor no crânio e na mandíbula, irradiando dos dois pontos em toda a cabeça. Ela abriu os olhos devagar e logo os fechou novamente sob a luz branca brilhante.

Pensamentos voltaram para ela lentamente. *Um intruso, na casa. Sr. Thompson, morto. Sara...*

Ela entrou em pânico e se sentou. Uma dor fresca e sacudida atravessou sua testa e ela estremeceu, esfregando-a. Ela rodou sua mandíbula lentamente. Doeu, mas não estava quebrada.

Ela precisava chegar a sua irmã. *Mantenha Sara em segurança.* Isso era tudo o que importava.

Maya olhou para a esquerda e para a direita, confusa. Ela estava no porão da casa deles em Spruce Street, em Alexandria. O assassino a deixou inconsciente e a trouxe aqui para baixo. A porta do quarto improvisado do pânico estava diretamente à sua frente e, esperançosamente, Sara estava em segurança atrás dele.

Mas o assassino não estava em lugar algum visível.

Maya teve esperança. *Sara chegou ao quarto do pânico. Ela ligou para a polícia. Ele fugiu.*

Ela tentou se levantar, mas pareciam estar presos. Seus tornozelos estavam amarrados com fita isolante, enrolados pelo menos uma dúzia de vezes ao redor da bainha de suas calças de pijama. Ela o rasgou com os dedos enquanto se esforçava para separar os tornozelos.

Passos pesados ressoaram acima de sua cabeça. Um par de botas firmes pisou lentamente sobre o que seria o corredor curto entre o foyer e a cozinha. Apenas um par.

A esperança de um momento atrás se dissolveu. Ele ainda estava aqui.

Maya rasgou a fita freneticamente enquanto o homem aparecia na porta no topo da escada. Ele os levou um de cada vez,

lentamente, como o sempre paciente assassino em um filme de terror sobrenatural. Maya grunhiu em frustração quando puxou a fita isolante, mas só tinha retirado algumas camadas quando o homem chegou ao final da escada.

Ele se ajoelhou ao lado dela e a observou por um momento. Sua paciência era tão exasperante quanto aterrorizante. Maya gritou de frustração e puxou suas amarras com as duas mãos. Lágrimas incharam nos olhos dela. Por que a polícia não estava aqui? Por que ninguém aparecera?

“Shh,” disse o homem. Pare. Ele colocou a própria mão sobre a dela. Ela se encolheu ao toque dele. Suas mãos estavam geladas.

“Não,” ela avisou, sua voz rouca. “Não me toque. Onde está Sara?”

O homem apontou para a porta reforçada, a que o pai instalara para mantê-los seguros. Ela fora projetado para ser à prova de balas e à prova de fogo, com um núcleo de aço e três aberturas pesadas que trancam por dentro. Não havia nada que o assassino pudesse fazer para chegar a sua irmã.

“A polícia estará aqui a qualquer segundo,” Maya disse rapidamente. Há um telefone naquela sala e Sara já deve ter ligado para o 911...”

“Eu cortei o telefone fixo.” a expressão do homem era passiva, quase curiosa, enquanto ele observava o lábio inferior de Maya tremer.

“Ela tem um celular...”

O assassino levantou um telefone prateado em um estojo rosa-choque. “Ela o deixar a carregar em seu quarto quando fugiu. Algo mais?”

A respiração de Maya ficou irregular e pesada. Thompson estava morto. Ninguém estava vindo.

“Sim,” disse o assassino, como se estivesse lendo sua mente. “Você está sozinha.” ele pegou o cinto e soltou a faca de caça,

agora limpa do sangue do Sr. Thompson. O coração de Maya pulou ao ver a lâmina brilhante.

Com um movimento suave, o assassino cortou a fita que prendia seus tornozelos. “Levante-se,” ele ordenou. Ela fez isso, lentamente, com as pernas trêmulas e os joelhos fracos. O assassino apontou para uma caixa branca retangular montada sobre a porta, apontada para baixo para eles. “Essa câmera. Tem áudio?”

Maya quase se esquecera das câmeras. O pai dela tinha duas instaladas, uma na porta e outra na garagem do lado de fora, direcionadas para a calçada e a calçada da frente. Ambas tinham monitores dentro da sala do pânico para que qualquer pessoa dentro pudesse ver quem entrava na casa ou quem poderia estar do lado de fora da porta.

“Maya,” o homem disse novamente. Sua voz era estranhamente gentil. Isso fez sua pele arrepiar. “Tem áudio? Sara pode nos ouvir agora?”

Ela assentiu uma vez. Sara teria ouvido toda a conversa.

“Bom.” O assassino agarrou o braço direito de Maya tão de repente que ela gritou de surpresa. Ele girou seu pulso para fora e o braço dela para trás, para longe de seu corpo, de modo que seu torso se curvasse em um ângulo estranho. Ela gritou novamente quando a tensão enviou dor irradiando em seu ombro.

“Sara,” disse o homem com firmeza, seu olhar dirigido para a câmera. “Primeiro você deve saber que ninguém está vindo. Nenhuma polícia está a caminho. Seu guarda-costas está morto. Você não tem como entrar em contato com ninguém fora dessa sala. Seu pai não vai entrar pela porta da frente, não há ninguém que possa ajudá-lo. E acredite em mim, era exatamente isso que eu gostava que acontecesse.”

Parou por um momento antes de aumentar a tensão no braço de Maya. Ela engasgou de dor quando seus músculos gritaram,

esticados até o limite.

“Meu nome é Rais,” disse ele à câmera. “Isso está acontecendo com você por causa do que seu pai fez. Não nutro ressentimentos pessoais ou vingança contra você ou sua irmã; para mim, vocês são instrumentos, os meios para o meu fim. Se você fizer o que eu digo, não prejudicarei você nem sua irmã. Se você não fizer isso, haverá um dano imensurável. Eu não quero isso. Nenhuma de vocês é valiosa para mim ferida ou morta.”

“Sara, não escute, *ah!*” Maya gritou quando o assassino se virou um pouco mais. Seu ombro queimava quando os músculos começaram a se rasgar. Apenas um pouco mais de pressão e seu pulso partiria.

“Sara,” o assassino Rais disse para a câmera. “Eu quero que você abra esta porta e saia. Eu não vou te machucar. Eu vou parar de machucar sua irmã. Se você não sair, ficarei aqui em frente a essa câmera e quebrarei cada um dos membros da sua irmã, um de cada vez. Se você acha que estou blefando, não faça nada e assista.”

“Não,” Maya engasgou, mal conseguindo falar. “Não.” ela não achou que o assassino estivesse blefando. *Não abra a porta.* Tudo o que Sara tinha que fazer era ficar parada.

Ossos podem se curar. Mas ela não acreditou nem por um segundo que nenhum dano lhes ocorreria.

Desconecte o áudio. Não assista. Maya tinha a nítida sensação de que não sobreviveriam ao que ele tinha planejado fazer com elas.

“Assim seja,” o assassino disse baixinho.

Maya rangeu os dentes e esperou que os ossos em seu braço se quebrassem. Ela já quebrara o braço, quando tinha oito anos, ao cair da bicicleta.

Ela não chorou então. Ela não daria a satisfação ao psicopata agora.

Ele torceu ainda mais. Sua boca se abriu amplamente, os olhos cerrados com força, mas ela não gritou. Ela não gritou.

Houve um estalo pesado quando uma das trancas deslizou para o lado da porta.

Não!

A pressão no braço dela aliviou ligeiramente, apenas o suficiente para impedir que o pulso se quebrasse. Vários segundos se passaram em completo silêncio. Então, um segundo ferrolho se abriu.

“Sara, não!” Maya chorou.

O terceiro ferrolho bateu de lado e a porta foi empurrada lentamente para fora. De pé estava Sara. Seus lábios tremeram e lágrimas correram pelas duas bochechas. Seus olhos estavam vermelhos e inchados. Seu olhar amplo e medroso estava fixo em Maya.

O assassino soltou o braço de Maya e ela caiu de joelhos. Seu ombro queimava e seu pulso doía terrivelmente, mas nada fora quebrado. Ela ficou de pé e abraçou a irmãzinha com o braço bom, puxando-a para perto enquanto Sara soluçava. Maya queria repreendê-la, dizer-lhe que nunca deveria ter aberto a porta, mas no momento tudo o que podia fazer era abraçá-la.

“Obrigado,” o assassino disse baixinho atrás delas. “Para andar de cima agora. O caminhão do seu vizinho já está na garagem.”

Maya virou-se para ele. *Como ele sabia que o Sr. Thompson era nosso vizinho?*

Rais pendurou um conjunto de chaves no ar. O chaveiro. Ele deve ter pegado as chaves do Sr. Thompson e encontrado o seu veículo.

Ele puxou a faca de caça novamente e mostrou a lâmina. “Eu tenho duas armas, graças ao seu vizinho e seu pai,” disse ele. “Mas eu prefiro isso. Eu limpei-a do sangue. Eu odiaria ter que fazer isso de novo. Nós três estamos indo para o andar de cima. Vocês duas

vão calçar sapatos. Então nós vamos para fora e diretamente para o caminho sem um som.”

Ele se ajoelhou de modo a estar ao nível dos olhos com Maya. “Você se importa com a sua irmã, o suficiente para tentar algo impetuoso. Se você fizer isso, ela vai pagar por isso. Se você fizer um barulho, eu vou cortar alguma coisa dela. Se você tentar fugir ou deixá-la correr, eu a pegarei, não você. Você vai ficar assim, perto dela, e se você separar até uma polegada, será ela que eu machuco. Entendido?”

As narinas de Maya se dilataram quando sentimentos de fúria e medo tomaram conta dela. Este homem tinha feito isso antes, talvez várias vezes. Ele parecia saber que Maya tentaria alguma coisa; mesmo quando as ameaçou, ela estava formulando um plano em sua mente, para pular nele e deixar Sara correr.

Sua irmã soluçou mais forte, pressionada contra o peito. Ela não podia arriscar. Onde ele poderia levá-las, ela não sabia, mas encontraria uma oportunidade. Aguarde e pense num plano.

Maya acenou com a cabeça uma vez. Ela abraçou Sara com mais força ao pensar em sua mensagem de texto enviada ao pai - apenas uma palavra, *socorro*. Ele recebeu-a. Ela sabia. Ele estava a caminho agora.

“Shh,” ela sussurrou para sua irmã. “Papai vai nos encontrar. Eu prometo.”

“Sim.” o assassino disse baixinho, mais um silvo do que uma palavra. “Estou contando com isso.”

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Reid limpou o suor da testa com uma meia e gemeu. Ele se sentia horrível. Mesmo sem se mexer, ainda estava suando e uma leve náusea subiu em seu estômago. Ele passara a maior parte do tempo no pequeno alojamento da tripulação pensando em suas garotas em casa, imaginando o que estavam fazendo naquele exato momento e se também estavam pensando nele. Ele queria desesperadamente ouvir suas vozes. Mas não podia. Não tinha nenhuma linha de comunicação com elas.

O telefone branco desbotado na parede tocou com dois tons eletrônicos que realmente tinham conseguido irritá-lo. Ele respondeu rapidamente.

“Steele.”

“Ei.”

Ele sorriu.

“Acabamos de conversar quinze minutos atrás.”

“Eu sei,” disse Maria. “Eu só queria checar novamente e ver se você estava morto.”

Ele riu.

“Ainda mexendo as pernas, pelo menos por enquanto. “Mas alguém tem que me trazer um pouco de água. Eu acho que a desidratação está se estabelecendo.”

Por seis horas ele foi colocado em quarentena nos aposentos da tripulação. As primeiras duas horas foram tensas e estressantes, mas como não desenvolveu nenhuma febre ou náusea depois das três horas, sua tensão diminuiu. Sua respiração ficou presa na garganta quando o terrorista no macacão azul mordeu o frasco. Não tinha respirado nada e o sistema de ventilação do navio de cruzeiro tinha desligado quando os motores foram parados. O vírus da varíola foi isolado na despensa e no refeitório.

Mas enquanto o sistema de ventilação permanecia desligado, o ar ficou abafado e sufocantemente quente. Não havia janelas nem outros pontos de saída na minúscula cabine. Reid tinha tirado a

camisa e a cueca e ainda estava suando, enxugando a testa com as meias. Foi torturante, mas a OMS exigiu que permanecesse onde estava até que tivessem varrido o navio e limpo qualquer rastro do vírus.

“O mínimo que eles poderiam ter feito era nos colocar na mesma sala,” Maria reclamou. “Estou morrendo de tédio aqui.”

“Tenho certeza que isso derrotaria o propósito de uma quarentena,” comentou Reid. Depois que Maria e Watson pararam o barco, eles enviaram uma mensagem de rádio à Interpol, que enviou um helicóptero de cientistas da OMS para a localização deles.

Naquele momento, os passageiros e a maior parte da tripulação foram transportados nos botes salva-vidas amarelos fechados, que estavam dando voltas no navio inerte. Para aqueles que ainda estavam a bordo, a OMS exigiu que todos fossem colocados em quarentena separadamente para garantir que ninguém exibia sintomas do vírus ativo.

Felizmente, Reid tinha o telefone branco do serviço em seus aposentos, um sistema interno de comunicação para a maioria dos compartimentos do navio. Maria achava isso particularmente útil, ligando-lhe pelo menos seis vezes nas últimas três horas. Ela havia se fechado em uma sala no convés sete, logo abaixo do andar de cima - uma cabine espaçosa e agradável.

—“Como está o Watson?” perguntou Reid.

“Ele está bem. Eles não serão capazes de consertar seu ombro até a quarentena terminar, mas ele vai reclamar de qualquer maneira.” ela riu levemente.

“Acho que devo a ele um pedido de desculpas,” Reid disse baixinho.

“Não. Ele entende” disse Maria. “Ele pode ter ficado confuso e irritado no momento, mas depois do que aconteceu com Carver, você estava certo em desconfiar dele. Eu não teria culpado você se você não confiasse em mim depois disso.”

“Você é a única em quem posso confiar. Se eu não tivesse você, acho que poderia ficar louco.” E era a verdade. Desde que redescobrira sua identidade na CIA, Reid sentia-se extremamente desconfiado de quase todos ao seu redor. Não podia deixar de pensar se isso era um sintoma de sua origem e situação únicas ou de ser um Agente secreto em geral.

Queria muito falar com Maria sobre suas memórias fragmentadas, a conspiração, a suposta guerra pendente e a motivação de Carver para atacá-lo - mas não se atreveu a falar abertamente sobre isso. Aparentemente, sua desconfiança se espalhou para mais do que apenas pessoas.

Em vez disso, perguntou:

“A propósito, o que você queria me dizer no helicóptero? Você parecia um pouco incomodada com isso. Agora é um momento tão bom quanto qualquer outro para me contar.”

“Hmm.” ele podia ouvir o sorriso na voz de Maria.

“Como você disse, acho que pode esperar até o nosso segundo encontro.”

Reid olhou de repente quando ouviu um clique. Um momento depois, a porta de sua cabine se abriu e uma figura em uma roupa amarela de descontaminação apareceu. “Ei... eu tenho que ir. Alguém está na porta.”

“Tudo certo. Vejo você em breve, espero.” ela desligou.

A figura deu um passo para dentro da sala, segurando um pacote retangular selado em plástico em uma mão e uma garrafa de água na outra. Reid não conseguiu ver além da máscara do respirador; as luzes brancas no alto brilhavam no vidro. Mas quando a figura falou, Reid sorriu.

“Agente Steele” disse o Dr. Barnard. “Eu acredito que você pode ser meio humano meio gato.”

Reid levantou uma sobrancelha.

“Nove vidas?”

“Eu ia dizer que você sempre cai de pé. Mas suponho que de qualquer forma funcione.” ele jogou a garrafa de água para ele e depois o pacote de plástico.

“Roupa de descontaminação. Coloque-a e vá até o andar de cima.”

Reid desenroscou a parte de cima e esvaziou o conteúdo da garrafa em alguns segundos. *Muito melhor*, pensou.

“Por que a roupa? Já faz seis horas. Não estou doente.”

“O vírus ativo ainda está no navio,” disse Barnard. “Você pode não estar exibindo sintomas, mas até que este barco esteja livre e limpo, ninguém está acima de suspeitas. Ainda existe a possibilidade de infecção.”

*

Mais nove horas se passaram antes que Reid sentisse uma brisa no rosto. Às seis da manhã, hora local, ele empurrou a entrada dupla da porta de vidro da instalação quadrada da OMS e respirou fundo o ar fresco.

Apesar da hora adiantada, o lugar já estava lotado de pesquisadores e médicos de casacos brancos. Reid sentiu-se estranhamente fora de lugar com as roupas que eles tinham dado a ele com o plástico escorregando em seus pés. Isso o fazia se sentir mais como um paciente do que como um Agente, mas isso era bastante necessário devido ao que ele havia passado.

Tinha sido autorizado a subir ao convés superior do *Estrela de Jade*, vestindo o terno de descontaminação, e tinha assistido com seus companheiros de equipe quando um rebocador puxou o navio de cruzeiro em direção a Valência. Eles ancoraram a cerca de um quilômetro e meio da costa sul da Espanha, para que a Organização Mundial de Saúde pudesse facilitar o transporte do equipamento necessário para limpar o navio do vírus.

Reid, Baraf, Maria, Barnard e Watson foram levados de helicóptero, sob a cobertura da noite, para uma instalação da OMS

no norte da Espanha. Foram levados para salas limpas separadas, onde tiraram os trajes de proteção amarelos e se esfregaram completamente com água quase escaldante, emulsificantes e descontaminantes.

Suas roupas reforçadas com grafeno foram deixadas para trás no navio, junto com seus sapatos, armas e telefones. Reid recebeu o uniforme branco e, em seguida, amostras de sangue e saliva foram coletadas. Finalmente ele foi levado a uma sala toda branca com três paredes de vidro. Apesar de sua aparência brilhante e limpa, parecia uma gaiola.

Mas a cama era confortável o suficiente, então ele pegou algumas horas de sono muito necessário e bem merecido. Quando acordou, foi ao som de sua porta deslizando para o lado quando um jovem técnico lhe disse:

“Parabéns, Agente. Você foi liberado.” quando o técnico se afastou, ele acrescentou:

“Embora você esteja um pouco hipoglicêmico. Você deveria comer alguma coisa.”

Foi um bom conselho; Reid estava morrendo de fome. Mas a primeira coisa que fez foi encontrar a saída mais próxima, inspirar um pouco de ar fresco e aproveitar o nascer do sol espanhol. Não era uma manhã quente, mas o frio no ar era bem-vindo depois das últimas quinze horas. Ele se esticou enquanto vagava pelo terreno. Ao longo da lateral do edifício, encontrou alguns bancos de pedra e, enquanto se dirigia para eles, ficou surpreso ao ver que a única pessoa ali sentada era um rosto muito familiar - e muito bem-vindo.

Maria vestia roupas à paisana, não as roupas brancas que ele havia recebido, e sentou-se no banco cutucando aleatoriamente um telefone enquanto se aproximava. Havia uma mochila preta em baixo do banco, atrás de seus pés. Parecia que ela estava de partida.

“Oi.”

Ela olhou para cima e sorriu largamente.

“Oi.”

“Eles deixaram você sair antes de mim?”

Ela encolheu os ombros.

“Não fui eu a ser apanhada na despensa com um terrorista portador de vírus.”

Ele riu.

“Você conseguiu uma atualização? Sobre o que está acontecendo lá fora?”

“Eu falei com Cartwright.” ela suspirou. “Por onde começo?”

“O vírus...?”

“Selado e remetido com segurança para a sede da OMS em Genebra,” ela disse. “A essa altura, provavelmente está trancado em um cofre subterrâneo, aposto. Eles vão trabalhar em uma vacina, no caso de haver mais.”

“Bom.” Reid sentou-se ao lado dela. “E quanto ao surto?”

“Contido. Ainda há alguns casos relatados recentemente, há algumas horas, mas a OMS está nisso. Desde que encontramos o vírus, vários países da Europa Oriental suspenderam suas proibições de viagens, com maior segurança nos portos de entrada. Os EUA ainda não reabriram, mas é apenas uma questão de tempo.”

“E Khalil?” Reid perguntou. Queria saber se o Imam sobrevivera ao tiro no estômago.

“Ele está...?”

“Em custódia. Eles o têm no Marrocos, nos dando tudo.”

Marrocos. O lugar obscuro da CIA, Hell-Six. Reid sabia o tipo de tática de interrogatório que acontecia ali e apesar do quão horríveis elas poderiam ser, não tinha remorso por Khalil. Não depois do que ele fizera, do que tentara fazer.

“Com base em suas informações,” continuou Maria, “a Interpol invadiu uma instalação libanesa cerca de três horas atrás e deteve

mais nove seguidores do Imam. E em breve devemos ter a localização de qualquer terrorista associado nos Estados Unidos.”

“Uhu.” parecia que enquanto Reid estivera em quarentena, as Agências ao redor do mundo tinham estado bastante ocupadas. “Então... tudo está bem quando acaba bem?”

“Você não parece feliz para alguém que vai para casa,” observou ela.

Casa. Ele queria desesperadamente voltar, mal podia esperar para ver suas filhas novamente.

“Mas não é para onde você está indo,” disse ele, apontando para a bolsa em baixo deles.

“Eu ia lhe contar,” disse Maria em voz baixa. “Rais ainda está lá fora. A Rússia não fechou suas fronteiras terrestres.”

Reid zombou.

“Eu não posso acreditar que eles vão lhe mandar de volta depois de tudo que passamos...”

“Eu me ofereci,” ela disse a ele. “É importante. Para você e para mim também. Enquanto ele estiver lá fora, não importa onde esteja, ainda é uma ameaça.”

“Deixe-me ir com você.” ele disse rapidamente, quase reflexivamente.

“Não.” ela sorriu. “Você precisa ir para casa para junto de suas filhas. Eu posso ver isso em seus olhos.”

Ele assentiu, sem dizer nada. Ela estava certa. Não estava pronto para entrar em outra operação.

“Você vai ligar para elas?” ela perguntou.

“Eu não posso. Um prédio caiu no meu celular.”

Ela sorriu e estendeu o dela.

“Ligue. Você sabe que quer ouvir as vozes delas.”

“Obrigado.” Reid pegou o telefone e discou o número de Maya. A linha tocou uma vez, duas vezes, três vezes e depois foi para o correio de voz. Ele franziu a testa - mas depois se lembrou de que prometera não ser tão autoritário. Havia mil razões pelas quais ela

não estaria bem perto de seu telefone naquele momento. Ele resistiu ao desejo de ligar novamente e, em vez disso, digitou uma mensagem.

É o papai. Estou bem. Chegando em casa em breve. Amo vocês duas.

Quando devolveu o telefone para Maria, algo soou com uma nova mensagem. Ela leu para ele.

“Fico feliz em ouvir isso. Estamos bem aqui. Espero que esteja tudo bem.” Maria franziu o nariz.

“O que isso significa, 'espero que tudo esteja bem'?”

Reid franziu a testa. Maya sabia, pelo menos parcialmente, por que tinha que partir - mas não podia admitir isso para Maria.

“Bem, elas, é...” ele limpou a garganta. “Elas acham que estou em uma escapada de fim de semana com você.”

Maria riu.

“Boa desculpa. Talvez em algum momento possamos fazer isso realmente?”

“Sim. Isso seria legal.”

O telefone dela tocou novamente. Ela verificou e disse:

“É a minha carona. Eu tenho que ir. Mas eu vou ver você por aí, Reid.” ela se inclinou e o beijou, apenas brevemente.

“Você vai manter contato, certo?” ele perguntou. “Especialmente sobre Rais?”

“Claro que vou.”

Quando ela se levantou e se dirigiu para a frente do edifício, ele gritou para ela. Não podia deixá-la sair sem pelo menos mencionar a coisa que estava roendo as profundezas de sua mente.

“Ei... eu lembrei de algo.”

Ela fez uma pausa questionadora.

“E é algo que... bem, pode significar problemas para muitas pessoas. Talvez mais para mim.”

Maria o olhou.

“Este trabalho ensina muitas coisas,” disse ela por fim.

“Mas a principal é que você não pode confiar em ninguém além de você mesmo.”

“Nem em você?” Reid perguntou.

Ela encolheu os ombros como se isso fosse uma resposta.

“Mas... e se eu encontrar algo que valha a pena dizer?”

“Então você vá direto até alguém que possa fazer algo sobre isso,” ela disse a ele. “Dois anos atrás você sabia de tudo isso. Agora estou apenas lembrando você. Não fale com ninguém sobre isso. Se você for a fundo, faça isso sozinho. E se você encontrar alguma coisa, tenha a certeza de que as pessoas para quem você conta estão do seu lado.”

Hesitou em perguntar, mas precisava saber.

“Você está do meu lado?”

“Sempre.” ela piscou, deu-lhe um pequeno aceno e desapareceu ao redor do edifício.

Reid engoliu o nó na garganta. Não queria mais nada nas últimas quinze horas de quase isolamento do que falar com alguém, Maria ou Watson ou mesmo Cartwright, sobre a conspiração, sobre sua memória e sobre as ações de Carver.

Mas mais uma vez ele se sentiu sozinho.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Os calcanhares de Ashleigh Riker batiam ritmadamente contra o concreto da garagem enquanto andava devagar, esperando pelo encontro. Ela estava na extremidade mais distante do terceiro convés, onde havia o menor número de carros e um conveniente ponto cego das câmeras.

Ela ouviu passos ecoando e olhou para cima para ver o diretor caminhando na direção dela. Deu um tempo, intencionalmente não parecendo como se estivesse com pressa de chegar a algum lugar.

“Acabei de desligar o telefone com o DNI Hillis,” disse o diretor Mullen como saudação. Ele manteve a voz baixa para não reverberar no espaço quase vazio.

“O Presidente agradece pessoalmente pelo seu envolvimento. O Grupo de Operações Especiais é seu. Parabéns, vice-diretora.”

Riker sorriu. “A promoção foi bem-vinda, mas nada inesperada. Obrigada, senhor.”

“Mas estou supondo que não é por isso que você me pediu para te encontrar aqui e deixar o meu telefone para trás,” ponderou Mullen. Esta não era a primeira vez que eles se encontravam assim.

“O Agente Carver ligou,” ela disse a ele. “Na minha linha pessoal. Ele afirma que Steele se lembra.”

Se Mullen teve alguma reação, não demonstrou. “De que se lembra?”

“Não é claro.”

O diretor ficou em silêncio por um momento. “Vamos ficar alertas para qualquer rumor. Temos alguns amigos na NSA que podem ajudar com isso. Deixe Carver ficar no escuro até podermos limpar a área - algumas semanas, talvez mais. Onde está o Zero agora?”

“No caminho de volta para cá com Watson e o médico do CCPD.” Mullen assentiu solenemente.

“Veja se ele vai falar sobre isso.”

“E se não o fizer? Se ele ficar quieto e cavar mais fundo?”

“Faça uma contingência,” Mullen disse a ela. “Algo aqui, em nosso território, algo que podemos controlar.” o diretor encolheu os ombros. “Acidentes terríveis acontecem todos os dias.” ele se virou e foi embora, de volta ao caminho por onde tinha vindo.

*

Os outros dois homens já estavam com os cintos colocados quando Reid embarcou no Gulfstream. Ele se sentou do outro lado do corredor de Watson e na frente de Barnard. Os motores zumbiram quando ele colocou o cinto.

“Como está o ombro?” gesticulou para a tipoia azul ao redor do pescoço e do braço de Watson.

“Já estive pior.”

Reid assentiu. Então ele se inclinou novamente.

“Escute... acho que lhe devo desculpas.”

Watson levantou abruptamente a mão boa.

“Você não me deve nada. Não um pedido de desculpas, nem uma explicação.” ele se acomodou em seu assento e fechou os olhos.

“E você, Barnard?” Reid virou-se em seu assento. “Fizemos uma equipe muito boa. Nós te inspiramos a ser voluntário para mais operações de bioterrorismo com a CIA?”

“Na verdade, Agente Steele” Barnard respondeu, enquanto se mexia na cadeira “considerando os acontecimentos das últimas quarenta e oito horas, pretendo me candidatar à próxima posição de laboratório do CCPD. Com alguma sorte, vou passar o resto da minha carreira em condições muito tranquilas e sem surpresas.”

Reid riu. Ele se acomodou na cadeira luxuosa e convidativa e fechou os olhos.

Estava indo para casa. Ainda seria domingo quando voltasse; mesmo com o interrogatório, o salto de seis horas para os fusos horários provavelmente o colocaria em casa - e voltaria para as filhas - na hora do almoço.

*

Maria abriu a porta do banheiro feminino do Aeroporto Internacional de Boryspil, em Kiev, na Ucrânia. Foi uma breve parada para reabastecer o avião; ela havia fugido sob o pretexto de conseguir algo para comer. E estava faminta, mas esse não foi o motivo de sua visita ao terminal principal.

Ela entrou e abriu sua bolsa, removendo seu telefone da CIA e um saquinho de plástico à prova de água. Ela fechou o telefone dentro dele e colocou-o gentilmente no tanque traseiro do toalete, por segurança. Seria apenas por alguns minutos.

Então, casualmente, dirigiu-se ao portão dezenove e sentou-se, escolhendo uma cadeira de plástico a uma distância decente dos passageiros que esperavam para embarcar no voo.

Menos de um minuto depois, sentiu uma pressão nas costas quando alguém se sentou na cadeira oposta a ela. O homem pigarreou alto e abriu um jornal diante do rosto.

“Marigold.” ele falou em ucraniano e sua voz era rouca, como se estivesse perpetuamente ficando mais resfriado.

“Não me chame assim,” ela murmurou na língua estrangeira. O homem riu para si mesmo suavemente.

“Relatório.”

“Ele se lembra,” ela disse simplesmente.

Houve uma pausa antes de o homem perguntar:

“Steele? Você tem certeza?”

“Ele não disse nada. Não abertamente. Mas eu pude ver em seus olhos. E outro Agente o atacou do nada.”

O homem suspirou.

“Isso pode significar problemas para nós.”

Maria hesitou.

“Ou... ele poderia ser um aliado.”

O homem atrás dela zombou alto.

“Ele quase tinha descoberto antes,” disse Maria em um sussurro áspero. “Ele só precisa se lembrar e refazer seus passos...”

“Ele é da CIA.”

“Não confiava neles antes e menos ainda agora,” ela argumentou. “Não tem lealdade a eles.”

“E onde estão suas lealdades, hmm?” perguntou o ucraniano.

“Com você, suponho?”

Maria bufou.

“Possivelmente.”

“Você está deixando suas emoções levarem a melhor de você,” o homem avisou.

Ela sentiu seu rosto ficar quente de raiva.

“Estou perfeitamente no controle das minhas emoções,” ela sussurrou. “E eu vou lembrá-lo que cheguei muito mais longe do que qualquer outra pessoa.” ela respirou fundo, calmamente. “Olha, estou no rastro do assassino. Se eu o trouxer, acredito que vou ganhar a confiança de Steele. Ele já acredita que estou fazendo isso por ele, para ajudar a manter sua família segura.”

Você não vê? ela imaginou. Mas manteve isso para si mesma.

O homem não falou por um longo momento.

“Primeiro prove que você pode fazer isso,” disse ele finalmente.

“Então vamos considerar isso. Mas se falhar, custará a sua cabeça.” ele abruptamente dobrou o jornal, levantou-se e afastou-se.

Maria ficou sentada sozinha por um minuto inteiro. Ela suspirou.

“Eu sinto muito, Kent.” *Mas tem que ser assim.*

Então ela se levantou e apressadamente foi buscar seu telefone.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Reid entrou em seu carro no estacionamento da CIA e ficou sentado por um momento com as mãos no volante. Seus membros doíam. Seu antebraço doeu onde ele quase foi baleado e seu peito doeu onde quase fora esfaqueado. Ambas as marcas estavam muito machucadas, particularmente seu braço, que estava roxo e inchado. Tinha tanta coisa correndo em sua cabeça que temia que seu crânio pudesse se dividir em dois.

O interrogatório com Riker durou duas horas e meia. Tudo começou bem - uma ligação do Presidente Pierson para agradecer pessoalmente e parabenizar o Agente Steele por um trabalho bem feito - mas logo em seguida foi um interrogatório profundo de Ashleigh Riker. Ele meticulosamente detalhou toda a provação duas vezes para ela, por causa do ataque bizarro do Agente Carver.

Reid teve o cuidado de não fazer qualquer menção à sua memória ou a qualquer teoria da conspiração. Ele simplesmente afirmou e reafirmou que as tentativas de Carver foram súbitas, misteriosas e injustificadas. Riker garantiu a ele que encontrariam o Agente renegado e o levariam à justiça.

Apesar de suas promessas, Reid estava bastante certo de que Riker, pelo menos, sabia sobre o encobrimento e possivelmente estava envolvida nisso. De qualquer forma, não era confiável. Ela estaria mantendo seus olhos nele, ele sabia.

E no futuro previsível, ele teria que desconfiar.

Considerou apenas arrumar as malas novamente, pegar suas filhas e ir embora. *Não conte a ninguém. Apenas vá para algum lugar.* Mas ele sabia que não podia fazer isso. A Agência não teria dificuldades em encontrá-lo.

E ele precisava de respostas para as dezenas de perguntas que estavam em sua cabeça.

Reid suspirou enquanto ligava seu celular pessoal, o que deixara em Langley antes da operação, pela primeira vez em dois dias e esperou um minuto para que ligasse. Tinha alguns e-mails de alunos - *certo*, ele lembrou, *eu tenho que dar uma palestra amanhã* - e apenas um correio de voz, da irmã de Kate, Linda, em Nova York.

Realmente não sentia vontade de falar com Linda no momento, mas escutou a mensagem de voz enquanto saía, para o caso de ser algo urgente.

“Ei, Reid!” a voz alegre de Linda disse através do telefone. “Só queria que soubesse que recebi uma ligação de um advogado de Nova York, alguma coisa Rothstein, que disse que você tinha direito a algum tipo de acordo desde o falecimento de Katie...”

Reid sorriu tristemente. Linda teve dificuldade em dizer a palavra ‘morte’ quando se tratava de sua irmãzinha. Também ele, mesmo depois de dois anos.

“Não podia compartilhar detalhes, mas era sobre o pessoal médico que cuidava dela. Aparentemente algum dinheiro está vindo em sua direção. Soou como uma boa notícia, então eu dei a ele seus dados. Eu queria acompanhar e me certificar de que ele entrasse em contato. Me ligue quando puder e mande um beijo meu para as garotas. Tchau!”

“Hmm.” Não conseguia se lembrar de nada sobre um acordo. *Uma ação judicial, talvez?* Teria ele optado por alguma coisa na época em que Kate faleceu e agora havia se esquecido disso? Era inteiramente possível; tudo tinha acontecido tão rapidamente que tudo era um borrão em sua mente. E não tinha passado muito tempo depois que o supressor de memória foi instalado em sua cabeça.

De qualquer maneira, não tinha nenhuma chamada perdida ou correio de voz de nenhum advogado. Além disso, era fim de semana; se ele ia ouvir alguma coisa, provavelmente seria na segunda-feira.

Mas quando chegou na estrada, pegando a rota mais rápida para casa, descobriu que não conseguia tirar a ideia de Kate de sua mente - e a memória que ele quase esquecera nos últimos dois dias.

“Por que você tem isso, Reid?”

Isso é o que ela perguntou em sua memória sobre a arma que encontrara. Não parou tempo suficiente para pensar sobre isso enquanto estava à caça de Khalil e do vírus, mas agora voltava, junto com a pergunta que estava dando voltas em sua consciência há três dias. *Ela sabia tudo sobre mim?*

“É só por segurança,” você mentiu para ela.

“Sinto muito, Katie,” você disse a ela.

Depois que ela saiu para o trabalho naquela manhã, você recuperou as outras onze armas escondidas pela casa.

Com angústia, Reid apertou o volante. Não havia muito trânsito, mas ele sentiu a tensão se formando em seu peito.

Era culpa.

Você manteve três. Encontrou melhores pontos para elas.

Naquela noite, quando ela chegou em casa, você preparou sua refeição favorita e acendeu velas. Você beijou sua testa e se desculpou. Ela tentou ficar brava.

Ela não conseguia. Ela sorriu.

“Imagine isso,” brincou ela. “Você, disparando uma arma.” Ela riu. Você sorriu.

“Eu sei. Foi uma ideia idiota.”

“Seu coração estava certo.” Ela colocou a mão na sua. “Mas nós não precisamos disso.”

“Você está certa.”

“Elas causam mais mal do que bem. Você sabe disso, certo?”

“Eu sei.”

Ele sabia disso. Ela definitivamente estava certa.

Reid soltou um longo suspiro e relaxou os dedos no volante enquanto a memória se desvanecia. Ela não sabia. Kate não sabia sobre ele, porque mentiu para ela. E ele manteve essa mentira até o final. E agora ele continuava com suas filhas - ou uma delas, de qualquer maneira.

“Era para mantê-las seguras,” disse ele para si mesmo em voz alta. *Você só mentiu para mantê-las seguras. E você continua mentindo. Isso as manteve seguras em fevereiro?*

Ele sacudiu o pensamento de sua cabeça. Isso era fadiga, nada mais. Virou-se para a Spruce Street e desceu o quarteirão até que uma visão familiar e muito bem-vinda apareceu. Entrou na garagem e estacionou.

Pegou a maçaneta da porta, mas fez uma pausa, franzindo a testa. O caminhão de Thompson não estava na garagem. *Talvez tenham ido a algum lugar?* Era pouco antes do meio-dia de um domingo; para onde teriam ido?

Reid riu de si mesmo. Não prometeu não ser tão superprotetor? Thompson, obviamente, fora a algum lugar. *Bom, talvez eu possa surpreender as garotas sem um Smith & Wesson sendo puxado.*

Empurrou a chave o mais silenciosamente possível na porta da frente e a girou. Entrou no foyer e fechou a porta novamente com a palma da mão. Não precisava se preocupar com o alarme enquanto alguém estivesse na casa e o tivesse configurado...

Suas chaves caíram de suas mãos ao ver o sangue no vestíbulo.

Ele correu, deslizando para a lateral do corpo enquanto seus joelhos enfraqueciam.

Ele checkou um pulso. Mas já sabia pela expressão do rosto que não havia pulso por horas. Thompson estava morto. Havia sido espancado e esfaqueado no peito.

“Não,” disse Reid com voz rouca. “Não, não, não, não, não...” estava de pé novamente, correndo os degraus do porão o mais rápido que podia, meio tropeçando e segurando o corrimão em busca de apoio.

O celular de Sara estava no chão do patamar inferior.

A porta do quarto do pânico estava aberta.

Ninguém dentro.

“Deus, não, por favor, não...” seus dedos tremiam enquanto discava 911 em seu próprio telefone, manchando a tela com o sangue de Thompson.

“Sim, meu nome é Reid Lawson, 241 Spruce Street. Há... houve um assassinato...”

Disse-lhes que suas duas filhas adolescentes haviam sido sequestradas, mesmo com lágrimas nos olhos. Mesmo que tremendo tanto que o telefone ameaçou cair de sua mão.

Não se lembrava de subir as escadas, mas de repente estava no quarto de Maya, arrancando o edredom da cama, olhando por baixo, abrindo o armário, porque estava ali. Ela não fora embora.

Ela estava aqui em algum lugar. Ela era esperta. Ela havia se escondido. Tinha que estar.

No quarto de Sara, ele viu a janela aberta, a escada de incêndio aberta e seu coração disparou. *Elas saíram. Elas usaram a escada. Thompson deu sua vida para salvá-las. Estão lá fora, seguras, em algum lugar.*

Ele se convenceu disso. Estava certo disso. Quando seu cérebro lhe disse que o teriam contatado, ligado para seu celular, mandado uma mensagem, chamado Linda, chamado a polícia, ele bateu no ar à sua frente como se pudesse afastar fisicamente esses pensamentos.

Elas estão seguras. Estão bem. Fugiram.

O celular de Sara vibrou em sua mão.

Não percebeu que ainda estava com o celular na mão.

Sua respiração veio em goles irregulares enquanto passava pela tela para desbloqueá-lo e checava a mensagem que acabara de receber.

Era uma foto. E vinha do número de Maya.

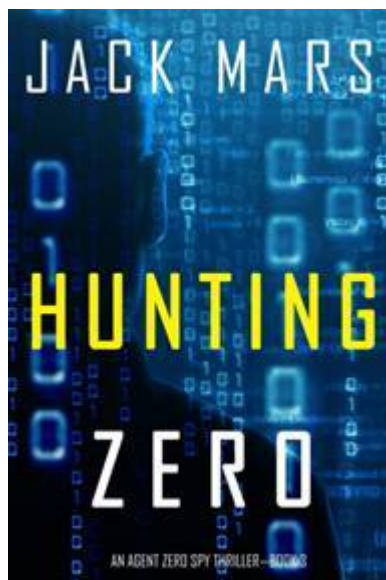
A foto era de suas filhas. Estavam de pijama, amontoadas no banco de trás de um veículo. Maya estava segurando sua irmãzinha. Ambos os rostos estavam vermelhos, inchados de chorar.

Havia uma mensagem. *Elas ainda estão vivas. Por enquanto. Venha me encontrar.*

Ele deixou cair o telefone como se estivesse em chamas. A tela se quebrou.

Quando as sirenes do lado de fora gritaram, Reid fez o mesmo.

DISPONÍVEL AGORA!



CAÇADOR ZERO

(Uma Série de Suspenses do Espião Agente Zero — Livro 3)

—Você não vai conseguir dormir até terminar o livro AGENTE ZERO. Um excelente trabalho que cria um conjunto de personagens muito bem elaborados e muito agradáveis. A descrição das cenas de ação nos transporta para uma realidade que é quase como sentar na frente de uma tela de cinema com som surround e 3D (daria um incrível filme de Hollywood). Eu mal posso esperar pela continuação.

- Roberto Mattos, Livros e Análises de Filmes

Em CAÇADOR ZERO (Livro nº3), quando o Agente Zero da CIA descobre que suas duas filhas foram sequestradas e estão destinadas a um esquema de tráfico na Europa Oriental, ele embarca em uma perseguição de alta intensidade pela Europa, deixando um rastro de devastação, quebrando todas as regras, arriscando a própria vida e fazendo tudo o que pode para recuperar suas filhas.

Kent, convidado pela CIA a se retirar, recusa tal ordem. Sem o apoio da Agência, com espiões inimigos e assassinos por todos os lados, com uma namorada em que ele mal pode confiar, e sendo um alvo, o Agente Zero deve lutar contra vários inimigos para recuperar suas filhas.

Contra a rede de tráfico mais mortal da Europa, com conexões políticas por todo o processo até o topo da escala, é uma batalha improvável - um homem contra um exército – uma batalha que apenas o Agente Zero pode travar.

E, no entanto, sua própria identidade, ele percebe, pode ser o segredo mais perigoso de todos. CAÇADOR ZERO (Livro nº3) é um thriller indecifrável de espionagem que fará você virar páginas e páginas até tarde da noite.

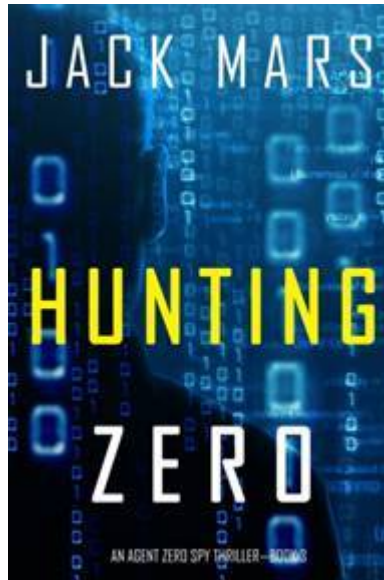
—Suspense de verdade.

- Avaliação Midwest (*Alerta Vermelho: Confronto Letal*)

—Um dos melhores suspenses que li este ano.

- Livros e resenhas de filmes (re *Alerta Vermelho: Confronto Letal*)

Também está disponível o best-seller de Jack Mars, série LUKE STONE (7 livros), que começa com *Alerta Vermelho: Confronto Letal* (Livro nº1), um download gratuito com mais de 800 avaliações cinco estrelas!



CAÇADOR ZERO

(Uma Série de Suspenses do Espião Agente Zero — Livro 3)

Jack Mars

Jack Mars é o autor da série best-seller LUKE STONE, que inclui sete livros (com outros a caminho). Ele também é o autor do novo livro FORGING OF LUKE STONE, e da série de suspenses do espião AGENTE ZERO.

Jack adora ouvir seus leitores, por favor, fique à vontade para visitar o site www.jackmarsauthor.com. Entre na lista de e-mails e receba amostras grátis, conecte-se no Facebook e no Twitter para manter contato!

LIVROS DE JACK MARS

UM THRILLER DE LUKE STONE

ALERTA VERMELHO: CONFRONTO LETAL (Livro #1)

O PREÇO DA LIBERDADE (Livro #2)

GABINETE DE CRISE (Livro #3)

UMA SÉRIE DE SUSPENSES DO ESPIÃO AGENTE ZERO

INFILTRADO (Livro #1)

ALVO ZERO (Livro #2)

CAÇADOR ZERO (Livro #3)